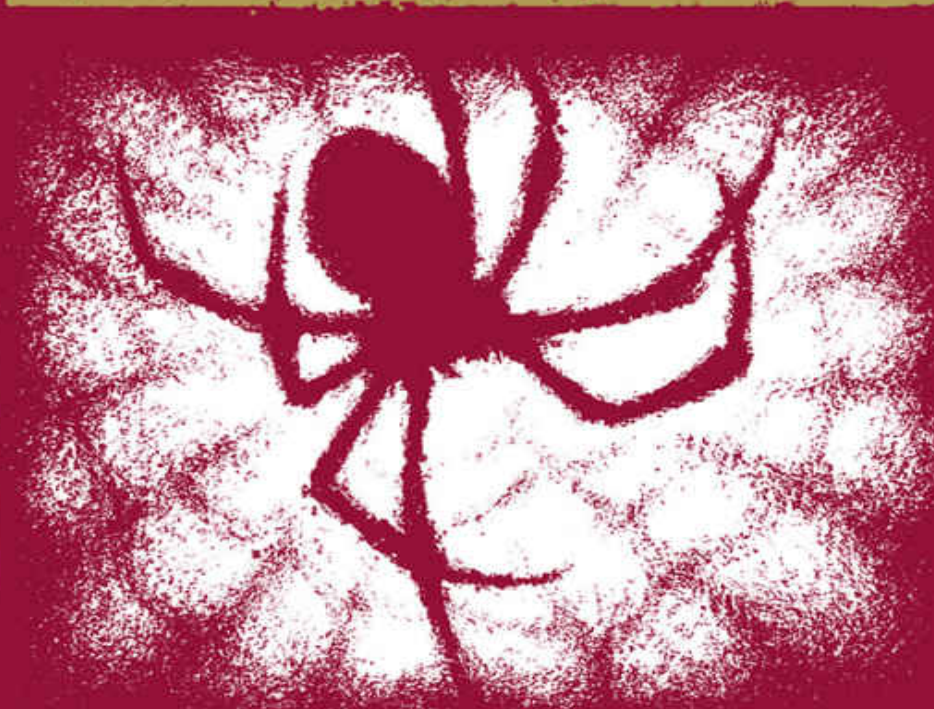


NEIL GAIMAN

AUTOR DE O OCEANO NO FIM DO CAMINHO



“Sensacional, divertido e emocionante.” — *The Washington Post*

OS FILHOS DE ANANSI

intrínseca



NEIL
GAIMAN

OS FILHOS
DE
ANANSI

Tradução de Edmundo Barreiros



Copyright © 2005 by Neil Gaiman

Imagem da aranha no capítulo 14 © by Neil Gaiman

A música “Some of These Days” teve permissão da Jerry Vogel Company, Inc para ser reproduzida neste livro

TÍTULO ORIGINAL

Anansi Boys

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

REVISÃO

Ulisses Teixeira

Flora Pinheiro

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Houston Trueblood

ADAPTAÇÃO DE CAPA E LETTERING

ô de casa

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB

Intrinseca

E-ISBN

978-85-8057-700-6

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Capítulo um, que discorre principalmente sobre nomes e relações familiares

Capítulo dois, que discorre principalmente sobre as coisas que acontecem depois dos funerais

Capítulo três, no qual há uma reunião de família

Capítulo quatro, que termina com uma noite de vinho, mulheres e música

Capítulo cinco, no qual examinamos as muitas consequências da manhã seguinte

Capítulo seis, no qual Fat Charlie não consegue chegar em casa nem de táxi

Capítulo sete, no qual Fat Charlie faz uma longa viagem

Capítulo oito, no qual um bule de café acaba sendo bastante útil

Capítulo nove, no qual Fat Charlie atende à porta e Spider encontra flamingos

Capítulo dez, no qual Fat Charlie vê o mundo e Maeve Livingstone fica irritada

Capítulo onze, no qual Dosie aprende a dizer não para estranhos e Fat Charlie ganha um limão

Capítulo doze, no qual Fat Charlie faz várias coisas pela primeira vez

Capítulo treze, que acaba sendo desfavorável para alguns

Capítulo catorze, que chega a várias conclusões

Uma cena cortada e duas questões

As aventuras de Spider

Como você ousa?

De onde você tira suas ideias?

Agradecimentos

Sobre o autor

Conheça outros títulos do autor

Leia também

Sabe como é, você pega um livro, procura a dedicatória e descobre que, mais uma vez, o autor o dedicou a outra pessoa, não a você.

Mas não desta vez.

Porque nunca nos vimos/nos conhecemos apenas de vista/somos loucos um pelo outro/não nos vemos há muito tempo/temos algum tipo de ligação/ jamais vamos nos conhecer, mas, apesar disso, tenho certeza de que pensaremos com carinho um no outro...

Este livro é para você.

Você sabe com o quê, e deve saber por quê.

NOTA: o autor gostaria de aproveitar a oportunidade para tirar o chapéu, respeitosamente, para os espíritos de Zora Neale Hurston, Thorne Smith, P. G. Wodehouse e Frederick "Tex" Avery.

CAPÍTULO

UM

QUE DISCORRE
PRINCIPALMENTE
SOBRE
NOMES
E RELAÇÕES
FAMILIARES

ESTA HISTÓRIA COMEÇA assim como a maioria das coisas: com uma canção.

Afinal, no princípio existiam as palavras, e elas vinham com uma melodia. Foi assim que o mundo foi feito, foi assim que o vazio se dividiu, que as terras, as estrelas, os sonhos, os pequenos deuses e os animais surgiram no mundo.

Eles foram cantados.

As grandes criaturas foram cantadas para a vida depois que o Cantor terminou os planetas, as montanhas, as árvores, os oceanos e os animais menores. Os penhascos que limitam a existência foram cantados, assim como os campos de caça e a escuridão.

As canções permanecem. Elas duram. A canção certa pode transformar um imperador em motivo de piada, pode derrubar dinastias. Uma canção pode continuar a existir muito tempo depois de os eventos e pessoas nela cantados terem virado pó, depois sonhos e, então, terem desaparecido. Esse é o poder das canções.

Há outras coisas que se pode fazer com canções. Elas não apenas constroem mundos ou recriam existências. O pai de Fat Charlie Nancy, por exemplo, as estava usando apenas para ter o que ele queria e esperava que fosse uma noite maravilhosa.

Antes de o pai de Fat Charlie entrar no bar, o barman achava que aquela noite de karaokê seria um fracasso total. Mas aí o velhinho entrou no salão com um andar afetado e passou pela mesa de várias loiras com seus sorrisos de turista e pele avermelhada de sol sentadas perto do palco improvisado no canto. Cumprimentou-as tocando a aba do chapéu — pois ele usava chapéu, um fedora verde imaculado, além de luvas cor de lima —, e em seguida caminhou até a mesa onde estavam as mulheres, que deram risada.

— Estão se divertindo, senhoritas? — perguntou.

Elas continuaram a rir e disseram que se divertiam muito, obrigada, e que estavam ali de férias. Ele respondeu que a noite ainda ia melhorar, era só esperarem para ver.

Ele era mais velho que elas, muito, muito mais velho, mas era extremamente charmoso, parecia saído de uma era perdida, quando boas maneiras e gestos corteses valiam alguma coisa. O barman relaxou. Com alguém como ele no bar, seria uma noite boa.

Havia karaokê. Havia dança. Naquela noite, o velho cantou no palco improvisado não uma, mas duas vezes. Ele tinha uma bela voz, um sorriso contagiante e pés que reluziam ao dançar. Na primeira vez que subiu no palco, cantou “What’s New Pussycat?”. Na segunda, acabou com a vida de Fat Charlie.

* * *

Fat Charlie só foi gordo por algum tempo. Desde pouco antes dos dez anos de idade — quando sua mãe anunciou para o mundo que se havia alguma coisa que ela já não aguentava mais (e se o cavalheiro em questão tivesse algum problema com isso, podia simplesmente enfiá-lo você sabe onde) era o casamento com aquele bode velho com quem cometera o erro infeliz de se desposar

e que partiria na manhã seguinte para algum lugar bem distante e era melhor que ele não tentasse segui-la — até os catorze anos, quando Fat Charlie cresceu um pouco e se exercitou um tanto mais. Ele não era gordo. Para falar a verdade, não era nem mesmo gordinho, apenas tinha as extremidades arredondadas e de aparência macia. Mas o apelido Fat Charlie grudou como um chiclete na sola de um tênis. Ele se apresentava como Charles, ou, quando tinha vinte e poucos anos, Chaz, ou, por escrito, C. Nancy, mas não adiantava: o apelido penetrava e se infiltrava na nova fase de sua vida da mesma maneira que baratas invadem as rachaduras e o mundo atrás da geladeira em uma cozinha nova. E aí, gostando ou não, e ele não gostava, Charlie virava Fat Charlie outra vez.

Ele sabia, em um nível irracional, que aquilo acontecia porque seu pai lhe dera o apelido, e quando o pai dava nomes às coisas, eles pegavam.

Havia um cachorro na casa em frente, na Florida Street, onde Fat Charlie crescera. Era um boxer castanho, de pernas longas e orelhas cortadas, com um focinho que dava a impressão de que o bicho, quando filhote, havia batido de cara na parede. Mantinha a cabeça erguida e o coto da cauda ereto. Era com certeza um aristocrata entre os caninos. Participara de exposições. Tinha medalhas de Melhor da Raça, Melhor da Classe, e até uma medalha de Melhor da Exposição. Esse cão respondia pela graça de Campbell's Macinrory Arbuthnot, o Sétimo, mas seus donos, na intimidade, o chamavam de Kai. Isso durou até o dia em que o pai de Fat Charlie, sentado na velha cadeira de balanço da varanda da frente, bebendo cerveja, notou o cachorro que caminhava lentamente de um lado para outro no jardim do vizinho, em uma guia que ia de uma palmeira a um moirão de cerca.

“Mas que cachorro pateta”, comentou o pai de Fat Charlie. “Parece aquele amigo do Pato Donald. Ei, Pateta!”

E aquele que já tinha sido o Melhor da Exposição de repente deixou de ser. Para Fat Charlie, foi como se ele passasse a ver o

cão pelos olhos do pai, e, nossa, como aquele cachorro era pateta, afinal de contas. Parecia de borracha.

Não demorou para o nome se espalhar pela rua inteira. Os donos de Campbell's Macinrory Arbuthnot, o Sétimo, lutaram contra isso, mas enfrentado e discutido com um furacão teria o mesmo efeito. Completos estranhos acariciavam a cabeça do até então orgulhoso boxer e diziam: "Olá, Pateta. Como vai, garoto?" Os donos do cachorro pararam de inscrevê-lo em competições pouco depois disso. Não tinham mais coragem. "Cachorro com cara de pateta", anunciavam os juízes.

Os nomes que o pai de Fat Charlie dava pegavam. Funcionava assim, e ponto final.

Isso estava longe de ser a pior coisa sobre o pai de Fat Charlie.

Quando Fat Charlie estava crescendo, houve uma série de candidatas ao posto de pior coisa sobre seu pai: os olhares descarados e os dedos igualmente aventureiros, pelo menos segundo as moças da região, que reclamavam com a mãe de Fat Charlie — e aí o pai ficava encrocado —, as pequenas cigarrilhas pretas que ele fumava e insistia em chamar de charutos, cujo fedor impregnava tudo que ele tocava; o gosto por uma forma peculiar de sapateado arrastado que, Fat Charlie desconfiava, tinha sido moda por apenas meia hora no Harlem, nos anos 1920, e a ignorância total e insuperável sobre os assuntos do mundo atual, combinada com uma aparente convicção de que os seriados de comédia da TV eram reflexões de meia hora sobre a vida e a luta de pessoas reais. Sozinhos, na opinião de Fat Charlie, nenhum desses pontos era a pior coisa sobre seu pai, apesar de cada um ter contribuído para a pior coisa.

A pior coisa sobre o pai de Fat Charlie era simplesmente isto: ele era constrangedor.

Claro, todo mundo tem vergonha dos pais. Faz parte. É da natureza dos pais constranger apenas por existir, assim como é da natureza das crianças de certa idade morrer de constrangimento, vergonha e mortificação se os pais sequer falarem com elas na rua.

O pai de Fat Charlie, é claro, tinha elevado isso a uma forma de arte, e o fazia com prazer, assim como adorava pegadinhas, que iam desde as mais simples — Fat Charlie jamais se esqueceria da primeira vez em que tentara deitar em uma cama com o lençol dobrado de um jeito que ele não conseguia entrar embaixo das cobertas — às absurdamente complexas.

— Como o quê? — perguntou Rosie, a noiva de Fat Charlie, certa noite, quando ele, que não costumava falar sobre o pai, tentara, de forma atrapalhada, explicar por que achava que convidá-lo para o casamento que se aproximava era uma ideia terrível.

Estavam em um pequeno bar de vinhos em South London. Fat Charlie há muito era da opinião de que seis mil quilômetros e o oceano Atlântico eram uma boa distância para manter entre ele e o pai.

— Bem... — começou Fat Charlie, e lembrou-se de um desfile de indignidades, cada uma capaz de fazer seus dedos dos pés se contorcerem involuntariamente. Escolheu uma delas. — Bem, quando troquei de escola, ainda criança, meu pai fez questão de dizer como, quando ele era novo, sempre ficava ansioso para o Dia dos Presidentes. Isso acontecia porque, segundo a lei, no Dia dos Presidentes as crianças que vão à escola vestidas como seus presidentes favoritos ganham um grande saco cheio de doces.

— Ah, é uma bela lei — comentou Rosie. — Gostaria que tivéssemos algo assim aqui na Inglaterra.

Rosie nunca tinha saído do Reino Unido, sem contar uma viagem de férias do Club 18-30 a uma ilha que, ela estava quase certa, ficava no mar Mediterrâneo. Rosie tinha olhos castanhos cálidos e um bom coração, ainda que geografia não fosse seu forte.

— Não é uma boa lei — retrucou Fat Charlie. — Nem mesmo é uma lei. Ele inventou tudo. A maioria dos estados nem tem aula no Dia dos Presidentes, e, mesmo nos que têm, não existe essa tradição de ir à escola fantasiado do seu presidente favorito. Crianças vestidas de presidente não ganham grandes sacos cheios de doces por causa de uma lei do Congresso, nem sua

popularidade pelos anos seguintes, durante todo o ensino fundamental e médio, é definida pelo presidente que você escolheu. Não é como se as crianças pouco populares se vestissem como os presidentes óbvios, os Lincolns, Washingtons e Jeffersons, enquanto as que se tornariam muito populares se vestissem como John Quincy Adams ou Warren Gamaliel Harding, ou alguém assim. E dá azar falar sobre isso antes do dia. Ou melhor, não dá, mas ele disse que dava.

— Meninos e meninas se vestem de presidente?

— Ah, sim. Meninos e meninas. Por isso passei a semana inteira antes do Dia dos Presidentes lendo tudo o que havia para ler sobre eles na *Enciclopédia Mundial*, tentando escolher o certo.

— Em nenhum momento você desconfiou de que ele estivesse lhe pregando uma peça?

Fat Charlie balançou a cabeça.

— Não é o tipo de coisa em que você pensa quando meu pai começa a fazer sua cabeça. Ele é um grande mentiroso. E é convincente.

Rosie tomou um gole do Chardonnay.

— Então, de que presidente você foi?

— Taft. Ele foi o vigésimo sétimo presidente. Vesti um terno marrom que meu pai tinha encontrado em algum lugar, dobrei as barras da calça várias vezes e enfiei um travesseiro na barriga. Pintei um bigode. Meu pai me levou pessoalmente à escola nesse dia. Eu estava todo orgulhoso. As outras crianças começaram a gritar e apontar, e em algum momento no meio disso tudo eu me tranquei em uma das cabines do banheiro masculino e chorei. Eles não quiseram me deixar voltar para casa para trocar de roupa. Passei o dia inteiro daquele jeito. Foi um inferno.

— Você devia ter inventado alguma coisa — sugeriu Rosie. — Devia ter dito que iria a uma festa a fantasia depois, ou algo assim. Ou apenas contado a verdade.

— É — respondeu Fat Charlie, pensativo e sombrio, perdido em lembranças.

— O que seu pai disse quando você chegou em casa?

— Ah, ele caiu na gargalhada. Riu, fez piada, deu muita risada e tal. Depois falou que talvez não fizessem mais aquilo de Dia dos Presidentes. Ora, por que não íamos juntos à praia procurar sereias?

— Procurar... sereias?

— Nós íamos à praia e ficávamos andando por lá, e ele me fazia passar mais vergonha do que qualquer outro ser humano na face da Terra. Começava a cantar e a fazer uma espécie de dança na areia arrastando os pés, e falava com as pessoas que passavam. Pessoas que ele nem conhecia, pessoas que nunca tinha visto, e eu odiava isso. Só que ele me dizia que havia sereias no Atlântico, e que, se eu olhasse rápido e com atenção, conseguiria ver uma. “Ali!”, dizia ele. “Viu aquela? Era uma ruiva das grandes, com rabo verde.” E eu olhava e olhava, mas nunca via.

Fat Charlie balançou a cabeça. Então pegou um punhado do mix de castanhas da tigela na mesa e começou a jogá-las na boca, mordendo-as como se cada noz fosse uma indignidade de vinte anos atrás que nunca poderia ser apagada.

— Bem — disse Rosie, animada. — Acho que ele parece ser um doce, uma figura! Temos que convidá-lo para o casamento. Ele seria a alma da festa.

O que, explicou Fat Charlie depois de um breve momento engasgado com uma castanha-do-pará, era a última coisa que alguém poderia querer no casamento, não era? O pai aparecer e se tornar a alma da festa? Ele disse que o pai ainda era, sem sombra de dúvida, a pessoa mais constrangedora nesta terra maravilhosa criada por Deus. Acrescentou que estava perfeitamente feliz sem ver o bode velho por tantos anos, e que a melhor coisa que a mãe tinha feito na vida foi ter abandonado o pai e ido para a Inglaterra morar com tia Alanna. E completou o argumento declarando, categórico, que nem que a vaca tussa, nem que o rebanho inteiro tussa, nem que todos os bichos da fazenda morram de tanto tossir, ele convidaria o pai. Na verdade, continuou Fat Charlie, para

encerrar o assunto, a *melhor* coisa de se casar era *não* ter que chamar o pai para a cerimônia.

E então Fat Charlie viu a expressão no rosto de Rosie, o brilho gelado em seus olhos normalmente amistosos, e se corrigiu depressa, explicando que quisera dizer que na verdade aquela era a segunda melhor coisa, mas aí já era tarde demais.

— Você vai ter que se acostumar à ideia — respondeu Rosie. — Afinal de contas, um casamento é uma oportunidade maravilhosa para reaproximações e reconciliações. É sua chance de mostrar a ele que não há ressentimentos.

— Mas *há* ressentimentos — retrucou Fat Charlie. — Muitos.

— Você tem o endereço dele? Ou o telefone? Acho que você deveria ligar. Cartas são um pouco formais demais quando seu único filho está se casando... Você é o único filho dele, não é? Ele tem e-mail?

— É, sou o único filho dele. Não tenho a menor ideia se ele tem e-mail. Acho que não — respondeu Fat Charlie.

Cartas são uma boa opção, pensou. *Para começar, os correios podem perdê-las.*

— Bem, você deve ter um endereço ou um número de telefone.

— Não tenho — retrucou Fat Charlie, sendo sincero.

Talvez o pai tivesse se mudado. Podia ter deixado a Flórida e ido para algum lugar onde não houvesse telefones. Nem endereços.

— Bem — inquiriu Rosie, com rispidez. — Quem tem?

— A sra. Higgler — respondeu Fat Charlie, desistindo de discutir com a noiva.

Rosie deu um sorriso carinhoso.

— E quem é a sra. Higgler?

— Uma amiga da família. Era nossa vizinha quando eu era criança.

Ele tinha falado com a sra. Higgler vários anos antes, quando a mãe estava morrendo. Tinha, a pedido da mãe, ligado para que ela avisasse ao pai e pedisse a ele que entrasse em contato. E, alguns dias depois, havia uma mensagem na secretária eletrônica de Fat

Charlie, deixada quando ele estava no trabalho, com uma voz que era inconfundivelmente de seu pai, mesmo que soasse um tanto mais rouca e um pouco bêbada.

O pai dizia que não era uma boa hora, que alguns negócios o impediam de deixar os Estados Unidos. Depois acrescentava que, apesar de tudo, a mãe de Fat Charlie era uma mulher incrível. Alguns dias depois, um vaso com flores variadas foi entregue na enfermaria do hospital. A mãe bufou ao ler o cartão.

— Seu pai acha que pode me enrolar assim tão fácil? — perguntou. — Ele está aprontando alguma, aposto.

Mas a mãe pediu à enfermeira que pusesse as flores em um lugar de honra ao lado da cama e depois, várias vezes, perguntou a Fat Charlie se ele ouvira alguma coisa sobre o pai visitá-la antes que ela morresse.

Fat Charlie dizia que não. Começou a odiar a pergunta, a resposta e a expressão no rosto dela quando ouvia que não, o pai não viria.

O pior dia, na opinião de Fat Charlie, foi quando o médico, um homem baixo e taciturno, o puxou para um canto e lhe disse que não ia demorar muito, a mãe estava piorando rápido e era apenas uma questão de mantê-la confortável até o fim.

Fat Charlie assentiu e foi vê-la. Ela segurou sua mão e estava perguntando se ele tinha lembrado de pagar a conta de gás quando o barulho no corredor começou. Um som cheio de batidas altas, estrondos, buzinas, chocalhos, passos, o soar de pratos metálicos e tambores, o tipo de som que não costuma ser ouvido em hospitais, onde as placas nas escadas exigem silêncio e são reforçadas pelos olhares gelados das enfermeiras.

O barulho aumentava.

Por um instante, Fat Charlie pensou que pudessem ser terroristas. Mas sua mãe deu um leve sorriso ante aquela cacofonia.

— “Yellow Bird” — sussurrou.

— O quê? — perguntou Fat Charlie, com medo de que ela tivesse perdido a lucidez.

— “Yellow Bird” — repetiu ela, mais alto e com mais firmeza. — É o que eles estão tocando.

Fat Charlie abriu a porta e olhou para fora.

Avançando pelo corredor do hospital, ignorando os protestos dos enfermeiros e os olhares dos pacientes de pijama acompanhados de suas famílias, havia o que parecia ser uma banda muito pequena de jazz de Nova Orleans. Havia um saxofone, uma tuba e um trompete. Havia um homem enorme com o que parecia ser um baixo acústico pendurado no pescoço grosso. Outro tocava tambor. E, à frente do grupo, em um elegante terno xadrez, usando um chapéu fedora verde e luvas cor de lima, estava o pai de Fat Charlie. Ele não tocava instrumento algum, mas vinha sapateando de um jeito arrastado pelo linóleo encerado do chão do hospital, tirando o chapéu para todos os membros da equipe médica de plantão, apertando a mão de qualquer pessoa que chegasse perto o bastante para falar com ele ou tentar reclamar do barulho.

Fat Charlie mordeu o lábio e rezou a quem quer que o estivesse ouvindo. Pedia que a terra se abrisse e o engolisse, ou, se isso não fosse possível, que sofresse um ataque cardíaco fulminante, piedoso e absolutamente fatal. Não teve tanta sorte. Permaneceu entre os vivos, a banda continuava a se aproximar, e o pai ainda dançava, apertando mãos e sorrindo.

Se há alguma justiça neste mundo, pensou, meu pai vai passar direto por nós e continuar por esse corredor até o setor de urologia. Entretanto, não houve justiça, e o pai chegou à entrada da enfermaria da oncologia e parou.

— Fat Charlie — cumprimentou ele, alto o suficiente para que todos na enfermaria, no andar, no hospital, fossem capazes de entender que aquele era alguém que o conhecia. — Fat Charlie, saia do caminho. Seu pai chegou.

Ele saiu do caminho.

A banda, regida pelo pai, entrou na enfermaria e fez um caminho sinuoso até chegar à cama da mãe. Ela olhou para eles, enquanto se aproximavam, e sorriu.

— “Yellow Bird” — disse, sem forças. — Minha música favorita.

— E que tipo de homem eu seria se me esquecesse disso? — perguntou o pai de Fat Charlie.

Ela balançou a cabeça de leve, estendeu a mão e apertou a dele, dentro da luva cor de lima.

— Com licença — chamou uma mulher branca e baixinha, com uma prancheta. — Essas pessoas estão com o senhor?

— Não — respondeu Fat Charlie, corando. — Não estão. Não mesmo.

— Mas essa é *sua* mãe, certo? — inquiriu a mulher, com um olhar mortal. — Preciso pedir para que essas pessoas deixem a enfermaria agora mesmo, e sem provocar maiores tumultos.

Fat Charlie murmurou uma resposta.

— O quê?

— Disse que tenho quase certeza de que não vou conseguir obrigá-los a nada.

Quando Fat Charlie achava que as coisas não poderiam ficar piores, seu pai pegou uma bolsa com o baterista e começou a tirar latas de cerveja escura e distribuir para a banda, para a equipe de enfermagem, para os pacientes. Em seguida, acendeu um charuto.

— Com licença — disse a mulher com a prancheta ao ver a fumaça, então se lançou pela sala na direção do pai de Fat Charlie como se fosse um míssil Scud teleguiado.

Fat Charlie aproveitou o momento para ir embora. Pareceu a decisão mais sábia.

Naquela noite, ficou sentado em casa esperando o telefone tocar ou baterem à porta, tão animado quanto um homem ajoelhado na guilhotina espera que a lâmina beije seu pescoço. Mesmo assim, o aparelho não tocou.

Ele mal dormiu. Entrou discretamente no hospital, na manhã seguinte, preparado para o pior.

A mãe, na cama, parecia mais feliz e confortável do que jamais estivera em meses.

— Ele se foi — explicou ela, quando Fat Charlie chegou. — Não podia ficar. Preciso dizer que preferia que você não tivesse ido embora daquele jeito. Acabamos fazendo uma festa por aqui. Nós nos divertimos muito.

Fat Charlie não podia pensar em nada pior do que estar em uma festa dada pelo pai na ala de oncologia do hospital com uma banda de jazz. Mas não respondeu.

— Ele não é um homem mau — continuou a mãe, com um brilho nos olhos. Em seguida, franziu a testa. — Ora, isso não é bem verdade. Ele com certeza não é um homem bom. Mas me passou muitas energias positivas ontem à noite. — E ela sorriu, um sorriso de verdade, e por apenas um instante pareceu jovem outra vez.

A mulher com a prancheta estava parada à porta e o chamou com o dedo indicador. Fat Charlie foi rastejando pela enfermaria na direção dela, desculpando-se antes mesmo que ela conseguisse ouvir. A expressão da mulher, percebeu ele, ao se aproximar, não era mais de uma serpente com dor de barriga. Agora ela se parecia muito com um gatinho.

— Seu pai — disse ela.

— Sinto muito — respondeu Fat Charlie.

Era o que ele sempre dizia, desde criança, toda vez que mencionavam o pai.

— Não, não, não — retrucou a ex-serpente. — Não há nada pelo que se desculpar. Eu só estava curiosa. Seu pai. Caso a gente precise entrar em contato com ele, não temos número de telefone nem endereço no arquivo. Eu devia ter pedido a ele ontem à noite, mas esqueci completamente.

— Acho que ele não tem telefone — respondeu Fat Charlie. — É a melhor maneira de encontra-lo é ir à Flórida e dirigir até a autoestrada A1A. É a estrada que percorre boa parte da costa leste do estado. À tarde, a senhora pode encontrá-lo pescando em uma ponte. À noite, ele estará em um bar.

— Que homem charmoso — comentou ela, desejosa. — O que ele faz da vida?

— Já falei. Ele diz que é o milagre da multiplicação dos peixes e da criação do vinho.

Ela encarou Fat Charlie sem expressão, e ele se sentiu um idiota. Quando o pai dizia aquilo, as pessoas riam.

— Hum, que nem na Bíblia. Jesus multiplicou os peixes e transformou a água em vinho. Meu pai costuma dizer que não faz nada, só pesca e bebe, e é um milagre que ainda ganhe dinheiro. É uma piada.

Um olhar sonhador.

— É. Ele conta piadas muito engraçadas. — Então a mulher estalou a língua e voltou a falar sério. — Bem, preciso que o senhor volte aqui às cinco e meia.

— Por quê?

— Para pegar sua mãe e as coisas dela. O dr. Johnson não contou que ela vai receber alta?

— Vocês vão mandá-la para casa?

— Sim, sr. Nancy.

— Mas e... E o câncer?

— Parece ter sido alarme falso.

Fat Charlie não conseguia entender como podia ter sido alarme falso. Na semana anterior estavam falando sobre mandar a mãe para uma casa de repouso com assistência permanente. O médico usava expressões como “semanas, não meses” e “deixá-la o mais confortável possível enquanto aguardamos o inevitável”.

Apesar disso, Fat Charlie voltou às cinco e meia e apanhou a mãe, que não pareceu nada surpresa ao descobrir que não estava mais morrendo. No caminho de casa, ela contou a Fat Charlie que usaria o que economizara durante toda a vida para dar a volta ao mundo.

— Os médicos diziam que eu tinha três meses — explicou ela. — E me lembro de pensar que, se saísse daquela cama de hospital, ia conhecer Paris, Roma e lugares assim. Vou voltar a Barbados e a Saint Andrews. Talvez vá à África. E à China. Gosto de comida chinesa.

Fat Charlie não tinha certeza do que estava acontecendo, mas, o que quer que fosse, a culpa era do pai. Ele acompanhou a mãe e uma mala enorme até o Aeroporto de Heathrow e se despediu dela no portão de embarque internacional. Ela estava com um enorme sorriso ao entrar, agarrada ao passaporte e às passagens, e parecia mais jovem do que ele se lembrava em muitos anos.

A mãe enviou cartões-postais de Paris, Roma e Atenas, e também de Lagos e da Cidade do Cabo. No cartão-postal de Nanquim estava escrito que ela com certeza não gostava do que eles consideravam comida chinesa na China, e que mal podia esperar para voltar a Londres e comer comida chinesa *decente*.

Ela morreu dormindo em um hotel em Williamstown, na ilha de Saint Andrews, no Caribe.

No funeral, em um crematório de South London, Fat Charlie passou o tempo inteiro esperando ver o pai. Talvez o velho fosse fazer uma entrada triunfal à frente de uma banda de jazz, ou avançar pelo corredor da igreja seguido por uma trupe de palhaços ou meia dúzia de chimpanzés andando de velocípedes e fumando charutos. Fat Charlie não parou de olhar para trás, na direção da porta da capela, nem mesmo durante a cerimônia. Mas o pai não estava lá, só os amigos da mãe e parentes distantes, a maioria mulheres gordas de chapéu preto, que assoavam o nariz, enxugavam os olhos e balançavam a cabeça.

Foi durante o cântico final, depois que já tinham apertado o botão e a mãe de Fat Charlie havia deslizado lentamente pela esteira rolante até sua recompensa final, que Fat Charlie percebeu um homem mais ou menos da sua idade de pé no fundo da capela. Não era seu pai, obviamente. Era alguém que ele não conhecia, alguém que talvez nem tivesse percebido, lá no fundo, nas sombras, se não estivesse à procura do pai... até ver o estranho, de terno preto e elegante, com os olhos baixos e as mãos entrelaçadas.

O olhar de Fat Charlie se demorou um pouco mais do que devia, e o estranho olhou para ele e deu um sorriso sem graça, do tipo que sugeria que os dois estavam naquela juntos. Não era o tipo de

expressão que se vê no rosto de estranhos, mas, mesmo assim, Fat Charlie não conseguiu identificar o homem. Ele virou o rosto de volta para a frente da capela. Cantaram “Swing Low, Sweet Chariot”, uma canção que Fat Charlie tinha quase certeza de que a mãe detestava, e o reverendo Wright os convidou a ir à casa de sua tia-avó, Alanna, para comer alguma coisa.

Não havia ninguém na casa da tia-avó de Fat Charlie que ele já não conhecesse. Nos anos que se seguiram à morte da mãe, ele às vezes pensava naquele estranho. Perguntava a si mesmo quem era e por que estava lá. Às vezes, Fat Charlie achava que tinha apenas imaginado o homem...

— Então — continuou Rosie, terminando o Chardonnay. — Você vai ligar para a sra. Higgler e passar o número do meu celular. Conte a ela sobre o casamento e a data... Aliás, você acha que devíamos convidá-la?

— Podemos, se quisermos — respondeu Fat Charlie. — Acho que ela não virá. É uma velha amiga da família. Conheceu meu pai ainda na era medieval.

— Bem, dê uma sondada. Descubra se devemos enviar um convite.

Rosie era uma pessoa naturalmente boa. Havia nela um pouco da essência de Francisco de Assis, Robin Hood, Buda e Glinda, a Fada Boa do Norte. Saber que estava prestes a unir seu amor verdadeiro e o pai dele, com quem não tinha mais contato, dava ao casamento iminente uma dimensão extra, concluiu ela. Não era mais apenas um casamento: era praticamente uma missão humanitária. E Fat Charlie conhecia Rosie havia tempo suficiente para saber que nunca devia ficar entre a noiva e sua necessidade inata de Fazer o Bem.

— Vou ligar para a sra. Higgler amanhã.

— Sabe de uma coisa — retrucou Rosie, com uma ruguinha no nariz. — Ligue para ela esta noite. Afinal de contas, ainda não é muito tarde nos Estados Unidos.

Fat Charlie assentiu. Eles saíram juntos do bar de vinhos. Rosie avançava com passos alegres, e Fat Charlie como um homem indo

para a força. Ele disse a si mesmo que deixasse de ser bobo: afinal de contas, talvez a sra. Higgler tivesse se mudado, ou o telefone estivesse desligado. Era possível. Tudo era possível.

Eles foram até a casa de Fat Charlie, o segundo andar de uma casinha pequena na Maxwell Gardens, perto da Brixton Road.

— Que horas são na Flórida? — perguntou Rosie.

— Fim da tarde — respondeu Fat Charlie.

— Bem, então ligue.

— Talvez fosse melhor esperar um pouco. Ela pode ter saído.

— E talvez fosse melhor ligar agora, antes que ela comece a jantar.

Fat Charlie encontrou a velha agenda telefônica de papel e, na letra H, havia um pedaço de envelope velho com a letra da mãe em que estava anotado um número de telefone e, embaixo, *Callyanne Higgler*.

O telefone chamou várias vezes.

— Ela não está — disse a Rosie, mas, naquele momento, alguém atendeu, e uma voz feminina disse:

— Alô? Quem fala?

— Hum... É a sra. Higgler?

— Quem está falando? — inquiriu a sra. Higgler. — Se é um desses malditos atendentes de telemarketing, pode me tirar da sua lista agora mesmo, ou eu vou abrir um processo. Conheço meus direitos.

— Não. Sou eu. Charles Nancy. Eu era seu vizinho.

— Fat Charlie? Que coincidência. Passei a manhã inteira procurando seu telefone. Virei este lugar de cabeça para baixo atrás disso, e acha que consegui encontrar? Devo ter anotado nos meus cadernos de despesas velhos. Revirei tudo. E disse a mim mesma: Callyanne, essa é uma boa hora para rezar e torcer para que o Senhor escute suas preces, por isso eu me ajoelhei... Bem, quer dizer, meus joelhos já não são mais os mesmos, sabe, por isso só uni as mãos, mas, enfim, não consegui achar seu telefone. Então, veja só, você me ligou, e isso é até melhor, de certo modo, ainda

mais porque dinheiro não cresce em árvore e não posso me dar ao luxo de ficar ligando para outros países desse jeito, nem por motivos como esse. Mas eu ia ligar para você, pode ficar tranquilo, dadas as circunstâncias...

E ela parou de repente para tomar fôlego ou para dar um gole na grande caneca de café quente demais que sempre carregava na mão esquerda, e, durante o breve silêncio, Fat Charlie disse:

— Quero convidar meu pai para vir ao meu casamento. Vou me casar. — Houve silêncio do outro lado da linha. — Mas é só no fim do ano — continuou. Silêncio. — O nome dela é Rosie — acrescentou, tentando ajudar. Estava começando a se perguntar se a ligação tinha caído. As conversas com a sra. Higgler em geral eram atividades sociais que tendiam muito para um dos lados, quase sempre com ela respondendo às próprias perguntas, e lá estava ela, deixando-o dizer três frases inteiras sem interromper. Ele decidiu tentar a quarta. — A senhora também está convidada, se puder vir.

— Meu Deus, meu Deus, meu Deus — começou a sra. Higgler. — Ninguém contou a você?

— Contou o quê?

Então ela contou, tudo e em detalhes, enquanto Fat Charlie ficava ali parado, sem falar nada. Quando ela terminou, ele disse:

— Obrigado, sra. Higgler. — Ele escreveu algo em um pedaço de papel, depois repetiu: — Obrigado. Não, de verdade, obrigado.

E desligou o telefone.

— E então? — perguntou Rosie. — Conseguiu o telefone dele?

— Meu pai não vem ao casamento. Preciso ir à Flórida.

Sua voz estava inexpressiva e sem emoção. Ele podia muito bem estar dizendo: preciso pedir um talão de cheques novo.

— Quando?

— Amanhã.

— Por quê?

— Funeral. Do meu pai. Ele morreu.

— Ah. Sinto muito. Sinto muito mesmo. — Rosie passou os braços ao redor dele e o abraçou. Fat Charlie ficou parado em seus braços, como um manequim de vitrine. — Como foi que, como ele... Ele estava doente?

Fat Charlie balançou a cabeça.

— Não quero falar sobre isso — respondeu.

Então Rosie o apertou forte, balançou a cabeça em solidariedade e o deixou em paz. Achou que ele estivesse tomado por uma tristeza grande demais para falar sobre o assunto.

Ele não estava. Não era nada disso. Na verdade, ele estava muito constrangido.

* * *

Devia haver cem mil maneiras respeitáveis de morrer. Pular de uma ponte para salvar uma criança que estava se afogando, por exemplo, ou ser atingido por uma saraivada de balas enquanto invadia, sozinho, um covil de criminosos. Modos perfeitamente respeitáveis de morrer.

Para falar a verdade, havia até maneiras menos respeitáveis que não teriam sido tão ruins. Combustão espontânea: é questionável, de acordo com a medicina, e improvável, de acordo com a ciência, mas, mesmo assim, as pessoas insistem em virar fumaça, sem deixar nada além de uma mão carbonizada agarrada a um cigarro não terminado. Fat Charlie tinha lido sobre isso em uma revista. Não teria se importado se o pai tivesse morrido assim. Ou mesmo se sofresse um ataque cardíaco enquanto corria pelas ruas atrás do homem que roubara seu dinheiro da cerveja.

Foi assim que o pai de Fat Charlie morreu:

Ele tinha chegado cedo no bar e aberto a noite de karaokê cantando “What’s New Pussycat” a plenos pulmões, segundo a sra. Higgler, que não estava lá. A música foi cantada de um jeito que teria feito Tom Jones parecer um maricas de calcinha rendada e que valeu ao pai de Fat Charlie o prêmio de uma cerveja de cortesia,

oferecido por várias turistas loiras do Michigan, que acharam que ele era a coisa mais fofa que já tinham visto.

— Foi culpa delas — disse a sra. Higgler, com amargura, pelo telefone. — Elas o *encorajaram*!

As mulheres tinham se enfiado em tops tomara que caia e estavam com a pele vermelha de tanto pegar sol, e todas tinham idade para ser filhas dele.

E logo o pai de Fat Charlie estava sentado à mesa delas, fumando seus charutos e dando a entender que tinha sido da inteligência do exército durante a guerra, apesar de ter o cuidado de omitir qual guerra, e que podia, sem o menor esforço, matar um homem de dez maneiras diferentes usando só as mãos.

Então ele pegou a turista mais loira e peituda e a puxou para a pista de dança, como sempre fazia, enquanto uma das amigas dela desafinava “Strangers in the Night” no palco. O homem parecia estar se divertindo, apesar de a turista ser um pouco mais alta, e o sorriso dele estar na altura dos peitos dela.

E então, quando a dança terminou, o pai de Fat Charlie anunciou que era a vez dele de cantar de novo. E, se havia uma coisa que se podia afirmar com certeza sobre o pai de Fat Charlie era a total segurança que tinha sobre sua sexualidade, então ele cantou “I Am What I Am” para o bar, mas em especial para a turista mais loira na mesa logo abaixo do palco. Ele deu tudo o que tinha. Quando chegou a parte de explicar a todos os que ouviam que, na opinião dele, a vida não valeria droga nenhuma se ele não pudesse dizer a todo mundo que era quem era, o pai de Fat Charlie fez uma careta, pressionou uma das mãos contra o peito, estendeu a outra e caiu do palco improvisado, devagar e com tanta graça quanto um homem pode cair, bem em cima da turista mais loira, e de cima dela para o chão.

— Foi como ele gostaria de ter morrido. — A sra. Higgler suspirou.

E então contou a Fat Charlie como o pai dele tinha, em seu gesto final, enquanto caía, estendido a mão e agarrado alguma coisa, que por acaso foi o top da turista loira. Por isso, a princípio, algumas

peessoas acharam que ele tinha saltado do palco de forma lasciva, com o único objetivo de expor os seios em questão, já que ela ficou lá, gritando, os peitos à mostra para todo o salão, enquanto a música “I Am What I Am” continuava a tocar, só que, depois disso, sem ninguém cantando.

Quando as pessoas que observavam perceberam o que tinha acontecido de fato, fizeram dois minutos de silêncio, e o pai de Fat Charlie foi levado para fora e colocado em uma ambulância, enquanto a turista loira tinha um ataque histérico no banheiro feminino.

Fat Charlie não conseguia tirar os peitos da cabeça. Em sua mente, eles o seguiam acusadoramente pela sala, como olhos em uma pintura. A vontade de se desculpar com um monte de gente que ele não conhecia não passava. E saber que o pai teria achado tudo muito divertido só o deixava ainda mais mortificado. É pior quando você fica constrangido por algo que nem estava presente para ver: a mente não para de aumentar os acontecimentos e voltar a eles, nem de revirá-los e examiná-los por todos os ângulos. Bem, talvez isso não aconteça com você, mas com Fat Charlie sem dúvida era assim.

Em geral, Fat Charlie sentia a vergonha nos dentes e na boca do estômago. Se algo que tivesse uma mínima chance de parecer constrangedor estivesse prestes a acontecer na TV, Fat Charlie se levantava e a desligava. Se isso não fosse possível, digamos, se outras pessoas estivessem presentes, ele arrumava um pretexto para sair da sala e esperava até ter certeza de que o momento constrangedor passara.

Fat Charlie morava em South London. Ele se mudara para lá aos dez anos, com um sotaque americano que fora motivo permanente de provocações, e se esforçara muito para perdê-lo, finalmente extirpando as últimas consoantes suaves e os Rs enrolados enquanto aprendia o uso e o contexto corretos das gírias locais. Ele conseguiu perder de vez o sotaque ao fazer dezesseis anos, quando seus colegas de escola decidiram que precisavam falar

como se tivessem saído dos guetos americanos. Logo todos eles, menos Fat Charlie, começaram a falar como pessoas que queriam falar como Fat Charlie falava ao chegar à Inglaterra. Só que ele nunca poderia usar aquela linguagem em público sem a mãe lhe dar um tapa na orelha.

Tudo estava na voz.

Quando a vergonha pelo método que o pai escolhera para morrer começou a passar, Fat Charlie apenas se sentiu vazio.

— Não tenho mais família nenhuma — disse para Rosie, quase irritado.

— Você tem a mim — respondeu ela. O que fez Fat Charlie sorrir. — E você tem minha mãe — acrescentou, o que matou o sorriso no meio do caminho.

Ela o beijou no rosto.

— Você podia passar a noite aqui — sugeriu. — Para me confortar e tal.

— Podia — concordou ela. — Mas não vou.

Rosie não ia dormir com Fat Charlie antes do casamento. Ela explicou que era decisão dela, e que a havia tomado aos quinze anos. Não que conhecesse Fat Charlie na época, mas havia decidido. Então Rosie lhe deu outro abraço, um demorado, e disse:

— Você precisa fazer as pazes com seu pai, sabe?

E então foi para casa.

Fat Charlie passou uma noite conturbada, às vezes dormia, depois despertava, pensava muito e aí dormia de novo.

Ao amanhecer, estava de pé. Quando as pessoas chegassem ao trabalho, ligaria para o agente de viagens e perguntaria sobre as tarifas especiais de luto para uma viagem até a Flórida, então ligaria para a Agência Grahame Coats e informaria que, devido a uma morte na família, precisava tirar uns dias de folga, e, sim, sabia que teria que descontar de sua quota de licença médica ou das férias. Mas, por enquanto, sentia-se grato pelo fato de o mundo estar tranquilo.

Ele seguiu pelo corredor até o quartinho nos fundos da casa e olhou para os jardins abaixo. A luz coral do amanhecer tinha surgido, dava para ver melros e pequenos pardais pulando pela cerca viva, e um tordo de peito pintado estava parado, solitário, nos galhos de uma árvore próxima. Fat Charlie pensou que um mundo no qual os passarinhos cantavam pela manhã era um mundo normal, um mundo sensato, um mundo do qual ele não via problemas em fazer parte.

Mais tarde, quando os pássaros se tornaram algo a ser temido, Fat Charlie ainda se lembraria daquela manhã como algo bom e puro, mas também como o momento em que tudo havia começado. Antes da loucura. Antes do medo.

CAPÍTULO

DOIS

QUE DISCORRE

PRINCIPALMENTE

SOBRE AS

COISAS

QUE ACONTECEM

DEPOIS DOS

FUNERAIS

FAT CHARLIE AVANÇAVA, ofegante, pelo Memorial Jardim do Repouso, os olhos semicerrados contra o brilho do sol da Flórida. Manchas de suor se espalhavam pelo terno, concentrando-se nas axilas e no peito. O suor começou a escorrer pelo rosto enquanto ele corria.

O Memorial Jardim do Repouso parecia mesmo um jardim, mas um jardim muito estranho, onde todas as flores eram artificiais e cresciam em vasos de metal que saíam de placas metálicas presas ao chão. Fat Charlie passou por uma placa que dizia: “Sepulturas GRATUITAS para todos os veteranos dispensados com honras!” Passou pela Bebelândia, onde moinhos de vento multicoloridos e ursinhos de pelúcia azuis e cor-de-rosa encharcados se juntavam às flores artificiais no gramado da Flórida. Um Ursinho Pooh em destroços admirava, inerte, o céu azul.

Fat Charlie já conseguia ver onde se realizava o funeral, e mudou de rumo ao encontrar uma trilha que lhe permitiu correr direto até lá. Havia trinta pessoas, talvez mais, paradas ao redor do túmulo. As

mulheres usavam vestidos escuros e chapéus pretos grandes enfeitados com renda negra no formato de flores fabulosas. Os homens vestiam ternos sem manchas de suor. As crianças pareciam solenes. Fat Charlie reduziu o passo para uma caminhada respeitosa, ainda tentando ir rápido, mas sem querer deixar ninguém perceber que ele na verdade estava com pressa. Ao alcançar o grupo enlutado, tentou abrir caminho até as fileiras da frente sem atrair muita atenção. Como àquela altura estava arfando como uma morsa que acabara de subir um lance de escada, pingando de suor, e como pisou em vários pés ao passar, a tentativa foi um fracasso.

Recebeu olhares irritados, que tentou fingir não perceber. Todos entoavam um cântico que ele não conhecia. Ele moveu a cabeça no ritmo da música e tentou dar a impressão de que estava cantando junto. Moveu os lábios de um jeito que podia indicar que cantava mesmo, só que em um tom mais baixo, ou que talvez murmurasse uma oração, ou que, quem sabe, fossem apenas movimentos labiais aleatórios. Aproveitou a oportunidade para olhar para o caixão. Ficou feliz em notar que estava fechado.

O caixão era glorioso, feito do que parecia aço pesado e reforçado, grafite.

Na eventualidade de uma gloriosa ressurreição, pensou Fat Charlie, quando Gabriel soprar sua poderosa trompa e os mortos escaparem dos caixões, meu pai ficaria preso no túmulo, socando a tampa sem resultado, desejando que tivesse sido enterrado com um pé de cabra e, talvez, um maçarico de acetileno.

Um último “aleluia” profundamente melódico foi perdendo a intensidade. No silêncio que se seguiu, Fat Charlie ouviu alguém gritar do outro lado do Memorial Jardim, perto de por onde ele entrara.

O pastor perguntou:

— Alguém tem algo a dizer em memória desta pessoa querida que partiu?

Pelas expressões nos rostos dos que estavam mais perto do túmulo, era óbvio que vários deles tinham planejado dizer alguma coisa. Mas Fat Charlie sabia que esse era um daqueles momentos agora-ou-nunca. *Você precisa fazer as pazes com seu pai, sabe?* Certo.

Ele respirou fundo e deu um passo à frente, ficando bem na beira do túmulo. Então disse:

— Hã. Com licença. Certo. Eu acho que tenho algo a dizer.

Os gritos ao longe estavam ficando mais altos. Vários dos presentes começaram a olhar para trás, para ver de onde vinham. O restante encarava Fat Charlie.

— Eu nunca fui muito próximo do meu pai — explicou Fat Charlie. — Acho que, na verdade, nós não sabíamos como fazer isso. Não fiz parte da vida dele por vinte anos, e ele não fez parte da minha. Há muitas coisas difíceis de perdoar, mas um dia você olha em volta e percebe que não tem mais família. — Ele passou a mão na testa. — Acho que nunca disse “eu te amo, pai” em toda a minha vida. Todos vocês deviam conhecê-lo melhor do que eu. Alguns podem tê-lo amado. Vocês eram parte da vida dele, e eu, não. Por isso não tenho vergonha de que alguém aqui me ouça dizer isso. De que alguém me ouça dizer, pela primeira vez em pelo menos vinte anos. — Ele baixou os olhos para a tampa inexpugnável de metal. — Eu te amo. E nunca vou esquecê-lo.

Os gritos ficaram ainda mais altos, agora altos e nítidos o bastante, no silêncio que se seguiu à declaração de Fat Charlie, para todos conseguirem identificar as palavras que eram berradas através dos jardins do cemitério:

— Fat Charlie! Pare *agora mesmo* de incomodar essas pessoas e arraste esse seu corpo mole até aqui!

Fat Charlie encarou o mar de rostos desconhecidos, as expressões eram uma mistura fervilhante de choque, perplexidade, raiva e horror. Com as orelhas queimando de vergonha, ele percebeu a verdade.

— Hã. Sinto muito. Funeral errado — disse.

Um garotinho com orelhas de abano e um sorriso enorme anunciou, com orgulho:

— Essa era minha avó.

Fat Charlie recuou, passando pela pequena multidão e ainda balbuciando desculpas pouco coerentes. Queria que o mundo acabasse naquele momento. Sabia que não era culpa do pai, mas também sabia que ele teria achado aquilo engraçadíssimo.

Parada na trilha com as mãos nos quadris estava uma mulher gorda de cabelos grisalhos e expressão severa. Fat Charlie caminhou na direção dela da mesma maneira que teria atravessado um campo minado, sentindo-se outra vez com nove anos de idade e muito encrencado.

— Você não me ouviu berrar? — perguntou ela. — Andou, andou e nem me viu. Que situação embaraçosa em que você se meteu! — Ela falou *embaraçosa* de um jeito que a palavra parecia começar na letra *R*. — É por aqui — informou. — Perdeu a cerimônia e tudo o mais. Mas ainda tem uma pá de terra esperando por você.

A sra. Higglar quase não mudara nas últimas duas décadas: estava um pouco mais gorda, um pouco mais grisalha. Seus lábios estavam contraídos, e ela ia na frente, guiando Fat Charlie por uma das muitas trilhas do Memorial Jardim. Ele desconfiou de que não causara a melhor das primeiras impressões. A mulher indicava o caminho, e, sentindo-se péssimo, ele a seguia.

Um lagarto passou correndo por uma das barras da cerca de metal que limitava o Memorial Jardim, então se posicionou em uma das extremidades afiadas, saboreando o ar denso da Flórida. O sol entrara atrás de uma nuvem, mas, mesmo assim, a tarde estava ficando mais quente. O lagarto inflou o pescoço, um balão laranja colorido.

Duas garças de pernas compridas que Fat Charlie pensara ser enfeites de jardim o encararam quando ele passou. Uma delas enfiou a cabeça na água e a levantou com um grande sapo pendurado no bico. Ela começou a sacudir a cabeça em uma série

de golpes no ar para tentar engolir o bicho, que se debatia e sacudia.

— Vamos — incentivou a sra. Higgler. — Pare de se arrastar. Já é bem ruim ter perdido o enterro do próprio pai.

Fat Charlie conteve-se para não comentar que viajara seis mil quilômetros naquele dia, alugara um carro em Orlando, pegara a saída errada, e que, afinal, de quem fora a ideia de enfiar um cemitério atrás de um Wal-Mart bem na periferia da cidade? Os dois continuaram andando, passaram por um grande prédio de concreto que fedia a formol e chegaram a uma sepultura aberta na extremidade mais distante do terreno. Não havia nada depois dela, apenas uma cerca alta e, depois, uma floresta de árvores, palmeiras e mato. Na cova, havia um modesto caixão de madeira. Vários montinhos de terra jaziam sobre a tampa. Havia uma pilha de terra e uma pá ao lado da sepultura.

A sra. Higgler pegou a pá e a entregou a Fat Charlie.

— Foi uma cerimônia bonita — comentou. — Vieram alguns dos velhos amigos de bar do seu pai e todas as mulheres da rua. Mesmo depois que ele se mudou, mantivemos contato. Ele teria gostado. Mas é claro que teria gostado mais se você estivesse presente. — A mulher balançou a cabeça. — Agora jogue essa terra aí em cima. E, se você tiver algo a dizer para se despedir, pode dizer enquanto coloca essa pá para trabalhar.

— Achei que fosse para eu jogar só uma ou duas pás de terra — retrucou Fat Charlie. — Um gesto simbólico.

— Dei trinta pratas pro sujeito ir embora — explicou a sra. Higgler. — Disse que o filho do morto tava vindo de avião da Inglaterra e que queria honrar o pai. Fazer o que é certo, não um *gesto simbólico*.

— Está bem — respondeu Fat Charlie. — Tem razão. Entendi.

Ele tirou o paletó do terno e o pendurou na cerca. Soltou a gravata, puxou-a por cima da cabeça e a enfiou no bolso do paletó. Jogou a terra negra dentro da cova aberta enquanto respirava o ar da Flórida, denso como sopa.

Após algum tempo, começou a chover, o que quer dizer que caiu o tipo de chuva que você nunca consegue decidir se é mesmo chuva ou não. Se estivesse dirigindo, você nunca teria certeza se era para ligar ou não os limpadores de para-brisa. Debaixo dela, mexendo na terra, você só ficaria mais suado, mais molhado e mais desconfortável. Fat Charlie continuou a jogar a terra, e a sra. Higgler ficou ali, os braços cruzados nos seios colossais, a quase-chuva umedecendo o vestido negro, e o chapéu de palha enfeitado com uma única rosa de seda preta, observando-o encher o buraco.

A terra virou lama, o que só serviu para deixá-la mais pesada.

Depois do que pareceu uma vida inteira, e uma vida muito desconfortável, Fat Charlie bateu a pá para assentar o último bocado de terra.

A sra. Higgler caminhou até ele. Pegou seu paletó na cerca e o entregou.

— Você está encharcado até os ossos e coberto de terra e suor, mas cresceu. Bem-vindo ao lar, Fat Charlie — disse, então deu um sorriso e o abraçou contra o peito farto.

— Não estou chorando.

— Shh, fique quietinho — respondeu a sra. Higgler.

— É a chuva no meu rosto — explicou Fat Charlie.

A sra. Higgler não disse uma palavra. Apenas o abraçou e se balançou para a frente e para trás. Depois de algum tempo, ele disse:

— Está tudo bem. Estou melhor agora.

— Tem comida lá em casa — comentou a sra. Higgler. — Vamos, você precisa comer.

Ele limpou a lama dos sapatos no estacionamento, entrou no carro cinza alugado e seguiu a sra. Higgler, em uma perua marrom, por ruas que não existiam vinte anos antes. A mulher dirigia como alguém que tinha acabado de arrumar uma caneca enorme e muito necessária de café, alguém cuja principal missão era beber o máximo de café que conseguisse enquanto dirigia o mais rápido possível. Fat Charlie ia atrás dela, acompanhando-a o melhor que

podia, avançando a toda a velocidade de sinal em sinal enquanto tentava identificar mais ou menos onde estavam.

Então eles entraram em uma rua e, com crescente apreensão, Fat Charlie percebeu que a reconhecia. Aquela era a rua onde morara quando criança. Até as casas pareciam mais ou menos as mesmas, apesar de a maioria agora ter adquirido impressionantes cercas de aramado ao redor dos jardins.

Já havia vários carros estacionados diante da casa da sra. Higgler. Ele parou atrás de um velho Ford cinza. A sra. Higgler caminhou até a porta da frente e a abriu com a chave.

Fat Charlie olhou para si mesmo, enlameado e ensopado de suor.

— Não posso entrar aí assim — disse.

— Já vi coisa pior — retrucou a mulher, e então sugeriu: — Vamos fazer o seguinte. Você entra lá, vai direto para o banheiro, lava as mãos e o rosto, se limpa e, quando estiver pronto, encontra a gente na cozinha.

Ele foi para o banheiro. Tudo cheirava a jasmim. Tirou a camisa enlameada e lavou o rosto e as mãos em uma pia pequena, usando um sabonete que também cheirava a jasmim. Pegou uma toalha, secou o peito e limpou as partes mais sujas da calça do terno. Olhou para a camisa, que era branca quando a vestiu naquela manhã, mas que se transformara em um marrom especialmente sujo, e resolveu não vesti-la outra vez. Tinha outras camisas na bolsa, no banco traseiro do carro alugado. Sairia da casa de fininho, vestiria uma camisa limpa e depois enfrentaria as pessoas lá dentro.

Destrancou a porta do banheiro e a abriu.

Quatro senhoras idosas estavam paradas no corredor, o olhar fixo nele. Fat Charlie conhecia todas elas.

— O que você está fazendo? — perguntou a sra. Higgler.

— Trocando de camisa — respondeu Fat Charlie. — Camisa no carro. É. Volto logo.

Ele ergueu bem o queixo, atravessou o corredor a passos largos e saiu pela porta da frente.

— Que idioma foi esse que ele falou? — perguntou a pequena sra. Dunwiddy depois que ele se virou, bem alto.

— Isso não é algo que se vê todo dia — comentou a sra. Bustamonte, apesar de estarem na Flórida, na Treasure Coast, e de que, se há algo que se vê todo dia por lá, são homens sem camisa, apesar de eles raramente combinarem isso com calças compridas enlameadas.

Fat Charlie trocou de camisa no carro e voltou para a casa. As quatro senhoras estavam na cozinha, ocupando-se com o trabalho de guardar em potes de plástico o que até pouco tempo parecia ter sido uma grande quantidade de comida.

A sra. Higgler era mais velha do que a sra. Bustamonte, e as duas eram mais velhas do que a srta. Noles, mas nenhuma era mais velha que a sra. Dunwiddy. A sra. Dunwiddy era velha, e aparentava a idade que tinha. Deviam existir eras geológicas mais jovens do que a sra. Dunwiddy.

Quando criança, Fat Charlie imaginara a sra. Dunwiddy na África Equatorial, lançando um olhar de reprovação para hominídeos recém-erectos por trás dos óculos de armação grossa.

— Saia do meu jardim — diria ela para um recém-evoluído e bastante ansioso espécime de *Homo habilis* —, ou vou arrastá-lo pela orelha para fora, juro que vou.

A sra. Dunwiddy cheirava a água de violetas, e por baixo daquilo, tinha cheiro de uma mulher muito, muito velha. Era uma senhorinha que podia ser mais assustadora do que uma tempestade, e Fat Charlie, que, mais de duas décadas antes, entrara em seu quintal atrás de uma bola de tênis perdida e quebrara um dos enfeites de jardim, ainda ficava aterrorizado ao vê-la.

Naquele exato momento, a sra. Dunwiddy comia com as mãos alguns bocados de curry de cabrito em um dos potinhos de plástico.

— Acho um desperdício — disse, e jogou os pedaços de osso de cabrito em um pires de porcelana.

— Está com fome, Fat Charlie? — perguntou a srta. Noles.

— Estou bem — respondeu ele. — Sério.

Quatro pares de olhos o encararam com reprovação por trás de quatro pares de óculos.

— Não é bom passar fome quando se está de luto — argumentou a sra. Dunwiddy, lambendo a ponta dos dedos e pegando outro pedaço de carne marrom e gordurosa de cabrito.

— Não estou fazendo isso. Só estou sem fome. Só isso.

— A tristeza o fará definhar e deixará você só pele e ossos — comentou a srta. Noles, com uma satisfação lúgubre.

— Acho que não.

— Vou servir um prato para você — anunciou a sra. Higgler. — Vá se sentar à mesa. Não quero ouvir nem mais uma palavra. Sobrou muita comida, então não se preocupe com isso.

Fat Charlie sentou-se no lugar que ela indicou, e, em segundos, viu diante de si um prato com uma pilha alta de ensopado de ervilha com arroz, pudim de batata-doce, carne de porco, curry de cabrito, curry de frango, banana-da-terra frita e mocotó em conserva. Fat Charlie já podia sentir a azia, e ainda nem tinha colocado uma garfada na boca.

— Onde está todo mundo? — perguntou.

— Os amigos de bebedeira do seu pai foram beber. Saíram para uma pescaria comemorativa na ponte, em memória dele. — A sra. Higgler derramou na pia o resto de café da caneca de viagem do tamanho de um balde e o substituiu pelo conteúdo fumegante de um bule de café fresco.

A sra. Dunwiddy lambeu e limpou os dedos com a língua pequena e roxa e foi arrastando os pés até onde Fat Charlie estava sentado, a comida ainda intocada. Quando era pequeno, ele realmente acreditava que a sra. Dunwiddy era bruxa. Não uma bruxa boa, mas o tipo que as crianças tinham que empurrar dentro do forno se quisessem sobreviver. Aquela era a primeira vez que a encontrava em mais de vinte anos, e ainda precisava resistir ao impulso de gritar e se esconder embaixo da mesa.

— Vi muita gente morrer na minha vida. Fique muito velho e você também verá. Todas as pessoas um dia morrem, é só dar tempo a

elas. — A sra. Dunwiddy fez uma pausa. — Mesmo assim, nunca achei que isso fosse acontecer com seu pai.

Ela balançou a cabeça.

— Como ele era? — perguntou Fat Charlie. — Quando era novo?

A sra. Dunwiddy olhou para ele por trás dos óculos muito, muito grossos, comprimiu os lábios e balançou a cabeça.

— Isso foi antes da minha época. — Foi tudo que ela disse. — Coma o mocotó.

Fat Charlie deu um suspiro e começou a comer.

* * *

Era fim de tarde, e os dois estavam sozinhos na casa.

— Onde você vai dormir hoje? — perguntou sra. Higgler.

— Pensei em procurar um quarto de motel — respondeu Fat Charlie.

— Mesmo tendo um quarto muito bom aqui? E uma casa muito boa nesta mesma rua? Você ainda nem foi vê-la. Se quer saber o que eu acho, diria que seu pai gostaria que você ficasse lá.

— Eu prefiro ficar sozinho. E não acho que seria certo dormir na casa do meu pai.

— Bem, não é meu dinheiro que está sendo jogado fora — retrucou a sra. Higgler. — De qualquer jeito, você vai ter que resolver o que fazer com a casa do seu pai. E com todas as coisas dele.

— Não me importo com isso — respondeu Fat Charlie. — Podemos fazer uma venda de garagem. Anunciar no e-Bay. Levar tudo para um lixão.

— Mas que negócio é esse? — Ela remexeu em uma gaveta na cozinha e pegou uma chave com uma grande etiqueta de papel colada. — Ele me deu uma cópia quando se mudou — explicou. — Caso perdesse a dele, ou ficasse trancado do lado de fora, ou algo assim. Costumava dizer que podia esquecer a cabeça em algum lugar, se ela não estivesse grudada no pescoço. Quando vendeu a

casa ao lado, ele me disse: *Não se preocupe, Callyanne, não vou para longe*. Seu pai morava naquela casa desde que eu me entendia por gente, mas, de repente, resolveu que ela era grande demais e que ele precisava se mudar... — E, sem parar de falar, ela o arrastou até a calçada, o enfiou na perua marrom e dirigiram por várias ruas até chegarem a uma casa de madeira de apenas um andar.

Ela abriu a porta da frente, e os dois entraram.

O cheiro era familiar: levemente adocicado, como se cookies com gotas de chocolate tivessem sido feitos na última vez em que a cozinha foi usada, mas isso tinha sido muito tempo atrás. Estava quente demais ali. A sra. Higgler o conduziu até a pequena sala de estar e ligou um aparelho de ar-condicionado encaixado na janela. Ele sacudiu com um estrondo, além de feder como um cachorro molhado, e fez o ar quente circular.

Havia pilhas de livros ao redor de um sofá decrepito que Fat Charlie se lembrava de sua infância, e também havia fotos em porta-retratos. Uma delas era uma foto em preto e branco da mãe de Fat Charlie quando nova, o cabelo preso no alto da cabeça, preto e reluzente, usando um vestido brilhante. Ao lado dessa, havia uma foto do próprio Fat Charlie, talvez com cinco ou seis anos, parado ao lado de uma porta espelhada, então parecia, à primeira vista, que havia dois Fat Charlies lado a lado, os dois encarando o observador com muita seriedade.

Fat Charlie pegou o livro no alto da pilha. Era um livro sobre arquitetura italiana.

— Ele se interessava por arquitetura?

— Era apaixonado pelo assunto. Sim.

— Eu não sabia.

A sra. Higgler deu de ombros e tomou um gole de café.

Fat Charlie abriu o livro e viu o nome do pai escrito com muito cuidado na primeira página. Logo depois, o fechou.

— Eu nunca o conheci — comentou Fat Charlie. — Não de verdade.

— Ele nunca foi um homem fácil de conhecer — respondeu a sra. Higgler. — Eu o conheci por quanto tempo? Quase sessenta anos? E não o conhecia.

— Você deve tê-lo conhecido quando ele era garoto.

A sra. Higgler hesitou. Parecia estar se lembrando. Então disse, bem baixinho:

— Eu o conheci quando era menina.

Fat Charlie achou que deveria mudar de assunto, então apontou para a foto da mãe.

— Ele tem uma foto da mamãe aqui — comentou.

A sra. Higgler tomou um gole de café.

— Tiraram em um barco — contou. — Bem antes de você nascer. Um desses barcos em que as pessoas saíam para jantar e navegavam até uns cinco quilômetros além das águas territoriais, então os jogos de azar eram permitidos. Depois voltavam. Não sei se esses barcos ainda existem. Sua mãe disse que foi a primeira vez que ela comeu um bife na vida.

Fat Charlie tentou imaginar como eram seus pais antes de ele nascer.

— Ele sempre foi um homem bonito — recordou a sra. Higgler, como se estivesse lendo sua mente. — Dos pés à cabeça. Tinha um sorriso capaz de levar uma garota à loucura. E se vestia sempre muito bem. Todas as moças o adoravam.

Fat Charlie sabia a resposta antes mesmo de fazer a pergunta.

— A senhora...?

— Que tipo de pergunta é essa para se fazer a uma viúva respeitável? — Ela bebeu o café. Fat Charlie esperou a resposta. Ela disse: — Eu o beijei. Há muito, muito tempo, antes mesmo de ele conhecer sua mãe. Ele beijava muito, muito bem. Eu torcia para que ele me chamasse para sair, me levasse para dançar de novo, mas, em vez disso, ele desapareceu. Sumiu por quanto tempo, um ano? Dois? E, quando voltou, eu estava casada com o sr. Higgler, e ele estava com sua mãe. Ele a conheceu nas ilhas.

— A senhora ficou chateada?

— Eu era uma mulher casada. — Outro gole de café. — E era impossível odiá-lo. Não dava nem para sentir raiva direito. E o jeito como ele olhava para ela... Droga, se ele algum dia olhasse para mim daquele jeito, eu morreria feliz. Sabe que fui madrinha do casamento deles?

— Não sabia.

O aparelho de ar-condicionado estava começando a soltar ar frio. Ainda fedia a cachorro molhado.

Ele perguntou:

— A senhora acha que eles foram felizes?

— No início. — Ela ergueu a enorme caneca térmica, pareceu prestes a dar um gole e então mudou de ideia. — No início. Mas nem mesmo ela conseguiu prender a atenção dele por muito tempo. Ele tinha tanta coisa para fazer. Seu pai era muito ocupado.

Fat Charlie tentou descobrir se a sra. Higgler estava brincando ou não. Não soube dizer. Mas ela não sorriu.

— Tanta coisa para fazer? Como o quê? Pescar em uma ponte? Jogar dominó na varanda? Esperar a invenção inevitável do karaokê? Ele não era ocupado. Acho que ele não trabalhou um só dia durante o tempo em que moramos juntos.

— Não diga essas coisas sobre seu pai!

— Ora, é verdade. Ele era um lixo. Um péssimo marido e um péssimo pai.

— Claro que era! — concordou a sra. Higgler. — Mas você não pode julgá-lo como julgaria um homem. Fat Charlie, você não pode esquecer que seu pai era um deus.

— Um deus entre os homens?

— Não. Um deus, só isso. — Ela falou aquilo sem qualquer ênfase, de modo tão trivial e natural como se dissesse que “ele era diabético” ou apenas “ele era negro”.

Fat Charlie quis fazer uma piada sobre aquilo, mas havia um brilho nos olhos da sra. Higgler, e de repente não conseguiu pensar em nada engraçado para dizer. Por isso falou, com muita delicadeza:

— Ele não era um deus. Deuses são especiais. Míticos. Fazem milagres e coisas do tipo.

— Isso mesmo — disse a sra. Higglar. — Não podíamos contar a você enquanto ele era vivo, mas, agora que ele se foi, não deve fazer mal.

— Ele não era um deus. Ele era meu pai.

— Dá para ser os dois — retrucou ela. — Acontece.

É como discutir com uma louca, pensou Fat Charlie. Percebeu que devia se calar, mas a boca não parava quieta. Naquele mesmo instante, ia dizendo:

— Veja bem, se meu pai fosse um deus, teria poderes divinos.

— Ele tinha. Nunca fez muita coisa com eles, é verdade. Mas ele era velho. Afinal, como você acha que ele se virava sem trabalhar? Sempre que precisava de dinheiro, jogava na loteria ou ia a Hallendale e apostava nos cachorros ou nos cavalos. Nunca ganhava o suficiente para atrair atenção. Só o bastante para ir levando.

Fat Charlie nunca ganhara nada na vida. Nada, mesmo. Nos vários bolões em que apostara no escritório, só podia contar com a certeza de que o cavalo escolhido nem passaria pelos portões de largada, ou que o time perderia para algum outro de uma divisão desconhecida vinda de algum lugar do limbo do esporte. Era irritante.

— Se meu pai era um deus, e devo dizer que não acredito nem por um instante nisso, de jeito nenhum, então por que é que *eu* também não sou um deus? Quer dizer, a senhora está afirmando que sou filho de um deus, não está?

— É óbvio.

— Então por que é que eu não posso apostar nos cavalos vencedores ou fazer milagres, mágicas e coisas do tipo?

Ela fungou.

— Seu irmão ficou com toda a parte boa.

Fat Charlie percebeu que sorria. Então respirou, aliviado. Aquilo tudo não passava de uma piada.

— Ah, sabe, sra. Higgler, eu não tenho irmão.

— Claro que tem. Vocês dois estão naquela foto.

Apesar de saber o que estava retratado, Fat Charlie olhou para a foto. A mulher estava mesmo louca. Completamente pirada.

— Sra. Higgler — começou, no tom mais delicado possível. — Na foto só tem *eu*. Sou eu quando era criança. É uma porta espelhada. Estou parado ao lado dela. É só eu e meu reflexo.

— É você. E também é seu irmão.

— Eu nunca tive irmão.

— Claro que teve. Eu não sinto muita falta dele. Você sempre foi o bonzinho, sabia? Ele era uma criança muito difícil, quando ainda estava por aqui. — E, antes que Fat Charlie pudesse dizer qualquer outra coisa, acrescentou: — Ele foi embora quando você era pequeno.

Fat Charlie se inclinou para a frente. Então colocou sua mão grande sobre a mão ossuda da sra. Higgler, a que não estava segurando a caneca de café.

— Não é verdade — disse.

— Louella Dunwiddy o mandou embora — explicou a mulher. — Seu irmão tinha medo dela. Mas ele voltava de vez em quando. Sabia ser muito agradável quando queria.

Ela terminou o café.

— Eu sempre quis um irmão — comentou Fat Charlie. — Alguém com quem brincar.

A sra. Higgler se levantou.

— Este lugar não vai se limpar sozinho — comentou. — Eu trouxe sacos de lixo, estão no carro. Acho que precisaremos de muitos sacos.

— É — concordou ele.

Fat Charlie passou aquela noite em um motel. Pela manhã, ele e a sra. Higgler se encontraram de novo na casa do pai e encheram grandes sacos de lixo pretos com um monte de tranqueira. Separaram alguns sacos com objetos para serem doados. Também encheram uma caixa com coisas que Fat Charlie quis guardar por

razões sentimentais, a maioria fotos de sua infância e de coisas anteriores a seu nascimento.

Tinha um baú antigo, que mais parecia uma pequena arca de tesouro pirata, cheio de documentos e papéis velhos. Fat Charlie se sentou no chão para examiná-los. A sra. Higgler veio do quarto com outro saco de lixo cheio de roupas comidas por traças.

— Foi seu irmão quem deu esse baú a ele — comentou, do nada.

Era a primeira vez que ela mencionava algum dos delírios da noite anterior.

— Como eu gostaria ter tido um irmão — retrucou Fat Charlie, e não percebeu que tinha falado em voz alta até a sra. Higgler responder:

— Eu já disse: você *tem* um irmão.

— Então — insistiu ele —, onde eu poderia encontrar esse irmão mítico?

Mais tarde, ele pensaria no motivo de ter feito aquela pergunta. Será que foi só para agradá-la? Era provocação? Ou foi apenas porque precisava dizer algo para preencher o silêncio? Qualquer que tenha sido a razão, ele *fez* a pergunta. E a sra. Higgler mordeu o lábio inferior e balançou a cabeça.

— Você precisa saber. É sua herança. Sua linhagem. — Ela caminhou até ele e curvou o indicador, chamando-o mais para perto. Fat Charlie se inclinou. Os lábios daquela senhora tocaram seu ouvido de leve, enquanto ela sussurrava:

— ... *precisar dele... conte para...*

— O quê?

— Estou dizendo — continuou ela, com a voz normal — que se precisar dele, é só contar para uma aranha. Ele virá correndo.

— Contar para uma aranha?

— Foi o que eu disse. Acha que eu estou falando por falar? Que estou exercitando os pulmões? Nunca ouviu falar em conversar com abelhas? Quando eu era menina, em Saint Andrews, antes dos meus pais virem para cá, contávamos todas as boas notícias para

as abelhas. Bem, é a mesma coisa. Conte para uma aranha. Era assim que eu mandava recados para seu pai, quando ele sumia.

— ... Sei.

— Não me venha com esse “sei”.

— Como assim?

— Você fala como se eu fosse uma velha maluca que não diz coisa com coisa. Acha que estou gagá?

— Hã. Para ser sincero, tenho quase certeza de que está, sim.

A sra. Higgler não se acalmou. Ela não estava nem um pouco satisfeita. A mulher pegou a caneca de café na mesa e a sacudiu em reprovação. Fat Charlie tinha passado dos limites, e a sra. Higgler estava determinada a garantir que ele soubesse disso.

— Eu não tenho a menor obrigação de fazer isso, sabia? — reclamou. — Não tenho que ajudar você. Só estou fazendo isso porque seu pai era especial, e sua mãe, uma boa mulher. Estou contando coisas importantes. Você devia me ouvir. Devia acreditar em mim.

— Eu acredito na senhora — respondeu Fat Charlie, do modo mais convincente possível.

— Não, você só está tentando agradar uma velha.

— Não — mentiu ele —, não estou. De verdade, juro que não estou.

As palavras soavam honestas, sinceras e verdadeiras. Ele estava a milhares de quilômetros de Londres, na casa do falecido pai, acompanhado de uma mulher maluca à beira de um ataque apoplético. Teria dito até que a lua é só uma espécie de fruta tropical exótica se isso fosse acalmá-la, e teria dito com toda a sinceridade que conseguisse reunir.

Ela fungou.

— Esse é o problema com vocês, jovens — resmungou. — Vocês acham que, por não estarem aqui há muito tempo, sabem de tudo. Durante a vida, já me esqueci de mais do que você algum dia vai sequer pensar em saber. Você não sabe nada sobre seu pai, garoto,

não sabe nada sobre sua família. Eu revelo que seu pai é um deus, e você nem me pergunta de que deus estou falando.

Fat Charlie tentou se lembrar do nome de alguns deuses.

— Zeus? — sugeriu.

A sra. Higgler soltou um chiado que parecia o de uma chaleira prestes a ferver. Fat Charlie teve bastante certeza de que Zeus não era a resposta certa.

— Cupido?

Ela fez outro barulho, um que começou como uma fungada e terminou em uma risada.

— Até consigo imaginar seu pai usando só uma fralda gigante e fofa, segurando um arco e flecha. — Ela riu mais um pouco. Então bebeu mais um gole de café. — Na época em que ele era um deus... Naquela época, o chamavam de Anansi.

* * *

Bem, você deve conhecer algumas histórias de Anansi. No mundo inteiro, não deve existir uma única pessoa que não conheça alguma história dele.

Anansi era uma aranha, isso quando o mundo era jovem, e todas as histórias estavam sendo contadas pela primeira vez. Ele se metia em muitos problemas, e também saía desses problemas. Sabe a história do boneco de piche, aquela que contam dizendo que foi com um macaco? Ela antes foi uma história de Anansi. Tem quem pense que Anansi era um macaco. Mas essas pessoas estão enganadas. Ele não era um macaco. Era uma aranha.

As histórias de Anansi são tão antigas quanto o costume de contar histórias. Na África, onde tudo começou, mesmo antes de as pessoas pintarem leões-das-cavernas e ursos nas paredes de pedra, mesmo naquela época, já se contava histórias. Eram sobre macacos, leões e búfalos: grandes histórias de sonhos. As pessoas sempre foram propensas a isso. Era assim que davam sentido ao mundo em que viviam. Tudo que corria, rastejava, balançava ou

serpenteava teve parte nessas histórias, e tribos de povos diferentes veneravam criaturas diferentes.

Mesmo naquela época, o Leão era o rei dos animais, a Gazela, o bicho de patas ligeiras, o Macaco, o mais bobo, e o Tigre, o mais terrível. Mas as pessoas não queriam ouvir histórias sobre eles.

Anansi deixou sua marca nas histórias. Toda história é dele. Em algum tempo, antes que as histórias fossem de Anansi, elas pertenciam ao Tigre (que é o nome que o povo da ilha dá a todos os grandes felinos). As histórias eram sombrias, malignas e cheias de sofrimento, e nenhuma delas tinha final feliz. Mas isso foi há muito tempo. Hoje em dia, as histórias são de Anansi.

Já que acabamos de sair de um funeral, vou contar uma história sobre Anansi, de quando a avó dele morreu. (Não fique triste: ela era uma mulher muito velha e morreu dormindo. Acontece.) Ela morreu muito longe de casa, então Anansi atravessou a ilha inteira empurrando um carrinho de mão, pegou o corpo da avó, colocou-o no carrinho e a levou de volta para casa. Ele queria enterrá-la debaixo de uma figueira-de-bengala que ficava nos fundos da cabana em que morava, veja só.

Depois de passar a manhã inteira empurrando o corpo da avó, Anansi estava passando pela aldeia e pensou: *Preciso de um pouco de uísque*. Então entrou na loja, já que havia uma loja lá, uma loja que vendia de tudo e que tinha, inclusive, um vendedor muito impaciente. Anansi entrou e bebeu um gole de uísque. Bebeu outro gole de uísque e pensou: *Vou pregar uma peça nesse sujeito*. Então virou para o comerciante e disse:

— Vá lá fora e leve um pouco de uísque para minha avó, ela está dormindo no carrinho de mão. Talvez você tenha que acordá-la; ela tem um sono muito pesado.

O comerciante saiu com uma garrafa e se virou para a senhora, deitada no carrinho.

— Ei, aqui está seu uísque. — Mas a velha não disse nem uma palavrinha em resposta. O comerciante foi ficando com cada vez

mais raiva, pois era um homem muito irritadiço, e já foi dizendo: — Levante-se, velha, levante-se e beba este uísque.

Mas a velha não respondia. Então ela fez uma coisa que os mortos às vezes fazem quando o dia está quente: liberou gases barulhentos. Bem, o comerciante ficou com tanta raiva daquela mulher que tinha acabado de peidar na cara dele que deu uma porrada nela. E depois bateu nela outra vez, e de novo, até que ela caiu do carrinho e foi parar no chão.

Anansi saiu correndo e começou a gritar e a chorar, abraçado ao corpo da avó, balançando para a frente e para trás:

— Minha avó, ela está morta, olhe só o que você fez! Assassino! Monstro!

Então o comerciante pediu a Anansi para não contar a ninguém o que ele tinha feito. Para se certificar de que a testemunha iria embora e ficaria de bico calado, o comerciante deu a Anansi cinco garrafas de uísque, um saco de ouro e um saco de bananas, além de abacaxis e mangas.

(Veja bem, ele achava que tinha matado a velha.)

Então Anansi empurrou o carrinho de mão até sua casa e enterrou a avó embaixo da figueira-de-bengala.

Bem, no dia seguinte, o Tigre estava passando pela casa de Anansi e sentiu o cheiro de comida no fogão. Por isso se convidou para entrar e deu de cara com Anansi, que preparava um banquete. Já que Anansi não tinha outra opção, convidou o Tigre para a ceia.

O Tigre perguntou:

— Irmão Anansi, onde foi que você conseguiu toda essa comida maravilhosa? Não minta para mim. E onde conseguiu essas garrafas de uísque e esse grande saco cheio de moedas de ouro? Se você mentir para mim, vou rasgar sua garganta.

Então Anansi respondeu:

— Não posso mentir para você, Irmão Tigre. Ganhei isso tudo porque levei minha avó morta até a aldeia em um carrinho de mão. O dono da loja me deu essas coisas todas por levar minha avó morta até ele.

Bem, o Tigre não tinha nenhuma avó viva, mas sua esposa tinha mãe, então ele foi para casa e chamou a mãe da esposa, dizendo:

— Vovó, saia agora, você e eu precisamos ter uma conversa.

A velha saiu, olhou ao redor e perguntou:

— O que foi?

Bem, foi aí que o Tigre a matou, apesar de sua esposa amar a mãe, e colocou o corpo em um carrinho de mão. Ele foi até a aldeia empurrando o carrinho com a sogra morta.

— Quem quer um cadáver? — gritava o Tigre. — Quem quer uma avó morta?

Mas todo mundo apenas zombava e ria, e, quando viram que o Tigre estava falando sério e que não ia sair dali, começaram a atirar frutas podres nele até ele fugir.

Não foi a primeira vez que Anansi fez o Tigre de bobo, e nem seria a última. A mulher do Tigre nunca o deixou esquecer que ele matara sua mãe. Alguns dias, o Tigre achava que seria melhor se ele nunca tivesse nascido.

Essa é uma história de Anansi.

Mas é claro que todas as histórias são histórias de Anansi.

Nos velhos tempos, todos os animais queriam histórias com seus nomes, na época em que as canções que cantavam o mundo ainda estavam sendo entoadas, na época em que ainda estavam cantando o mar, o arco-íris e o oceano. Foi naquela época, quando os animais eram gente e animais ao mesmo tempo, que Anansi, a Aranha, enganou todos eles. Especialmente o Tigre, que queria que todas as histórias fossem sobre ele.

Histórias são como aranhas, com todas aquelas pernas compridas. E histórias também são como teias, coisas em que os homens acabam se embolando, mas que parecem lindas quando as vemos sob uma folha coberta pelo orvalho da manhã, além de terem a mesma forma elegante de se conectarem uma com as outras, todas juntas.

O que foi? Você quer saber se Anansi tinha aparência de aranha? Mas é claro que sim, só que ele também parecia um homem.

Não, ele nunca mudava de forma. É só uma questão de como a história é contada. Só isso.

CAPÍTULO

TRÊS

NO QUAL HÁ UMA

REUNIÃO DE FAMÍLIA

FAT CHARLIE PEGOU o avião de volta para casa, para a Inglaterra. Ou melhor, para o lugar mais parecido com uma “casa” que ele conhecia.

Rosie estava esperando quando ele saiu da alfândega trazendo uma mala pequena e uma enorme caixa de papelão fechada com fita adesiva. Ela lhe deu um abraço bem apertado.

— Como foi? — perguntou.

Fat Charlie deu de ombros.

— Podia ter sido pior.

— Bem — começou ela —, pelo menos você não precisa mais se preocupar em convidar seu pai para o casamento e passar vergonha por causa dele.

— É verdade.

— Minha mãe disse que devíamos adiar o casamento por alguns meses, em sinal de respeito.

— Sua mãe quer é que o casamento seja adiado, só isso.

— Bobagem. Ela acha que você é um ótimo partido.

— Sua mãe não descreveria nem mesmo uma mistura de Brad Pitt, Bill Gates e o príncipe William como “ótimo partido”. Não há

ninguém neste mundo bom o suficiente para assumir o posto de genro dela.

— Ela gosta de você — retrucou Rosie, meio que por obrigação e sem soar muito convencida.

A mãe de Rosie não gostava de Fat Charlie, e todos sabiam disso. A mãe de Rosie era um emaranhado de preconceitos infundados, preocupações e intrigas. Ela morava em um apartamento magnífico na Wimpole Street, junto com uma enorme geladeira vazia, exceto por garrafas de água vitaminada e biscoitos de centeio. Frutas de cera repousavam em cestas sobre os aparadores antigos e eram limpas duas vezes por semana.

Em sua primeira visita à casa da mãe de Rosie, Fat Charlie mordeu uma das maçãs de cera. Ele estava muito nervoso, tão nervoso que pegou a maçã — em sua defesa, era uma maçã muito realista — e deu uma mordida. Rosie tinha começado a gesticular freneticamente. Fat Charlie cuspiu o pedaço de cera na mão e até considerou fingir que gostava de comer frutas de cera, ou pelo menos que sabia que a maçã era de mentira e que fizera aquilo só de brincadeira. Mas a mãe de Rosie ergueu uma sobrancelha, foi até ele, pegou os restos da maçã, deu uma breve explicação sobre como frutas de cera realistas eram caras hoje em dia, isso quando conseguia encontrar uma boa, e jogou a maçã no lixo. Fat Charlie passou o restante da tarde sentado no sofá, com um gosto forte de vela na boca, enquanto a mãe de Rosie o encarava fixamente, tentando se assegurar de que ele não tentaria morder qualquer outra fruta de cera de sua preciosa coleção ou roer a perna de uma cadeira Chippendale.

Grandes fotos coloridas expostas em porta-retratos de prata descansavam sobre o aparador do apartamento. Eram retratos de Rosie quando menina e também da mãe e do pai, e Fat Charlie as analisou com atenção, procurando pistas para o mistério que era sua noiva. O pai dela, que morreu quando Rosie tinha quinze anos, era um homem enorme. Ele primeiro tinha sido cozinheiro, depois chef e, por fim, dono de um restaurante. Estava impecável em todas

as fotos, como se uma equipe de figurinistas o produzisse antes de cada sessão, e sempre rotundo e sorridente, o braço arqueado para que a mãe de Rosie o segurasse.

— Ele era um cozinheiro maravilhoso — comentou Rosie.

Nas fotos, a mãe de Rosie era curvilínea e sorridente. Mas, doze anos depois, parecia uma Eartha Kitt esquelética, e Fat Charlie nunca a vira sorrir.

— Sua mãe cozinha? — perguntou Fat Charlie, depois do primeiro encontro.

— Não sei. Eu nunca a vi cozinhando.

— O que ela come? Quer dizer, ela não pode viver de biscoitos e água.

— Acho que ela pede comida por telefone — respondeu Rosie.

Fat Charlie achava muito provável que a mãe de Rosie saísse à noite em forma de morcego para sugar o sangue de inocentes adormecidos. Já tinha mencionado essa teoria para a noiva, mas ela não achava a menor graça.

A mãe dissera a Rosie que tinha certeza de que Fat Charlie estava casando com ela pelo dinheiro.

— Que dinheiro?

A mãe de Rosie gesticulou, indicando o apartamento — um gesto que abrangeu as frutas de cera, a mobília antiga e os quadros nas paredes — e comprimiu os lábios.

— Mas isso tudo é seu — retrucou Rosie.

Ela se sustentava com o salário de seu emprego em uma instituição de caridade de Londres — um salário que não era alto. Para complementá-lo, Rosie gastara o dinheiro da herança do pai para comprar um pequeno apartamento, que ela dividia com uma sucessão de australianas e neozelandesas, e um Golf de segunda mão.

— Eu não vou viver para sempre — retorquiu a mãe, torcendo o nariz de uma maneira que sugeria que ela tinha, sim, intenção de viver para sempre, cada vez mais severa, mais magra e mais

parecida com uma pedra, e comendo cada vez menos, até conseguir sobreviver apenas de ar, frutas de cera e rancor.

Enquanto dirigia, depois de buscar Fat Charlie no Heathrow para levá-lo para casa, Rosie decidiu mudar de assunto. Ela anunciou:

— Estou sem água no meu apartamento. Está faltando no prédio inteiro.

— Teve algum problema?

— A sra. Klinger, do andar de baixo. Disse que alguma coisa provocou um vazamento.

— E essa coisa deve ter sido a própria sra. Klinger.

— *Charlie*. Então, eu estava pensando... Será que eu podia tomar banho na sua casa, hoje à noite?

— Quer que eu esfregue as suas costas?

— *Charlie*.

— Claro. Sem problema.

Rosie encarava a traseira do carro à frente, mas tirou a mão da alavanca de câmbio, estendeu o braço e apertou a enorme mão de Fat Charlie.

— Logo estaremos casados — disse ela.

— Eu sei — respondeu Fat Charlie.

— Bem, o que estou dizendo — continuou ela — é que teremos bastante tempo para isso, não é?

— Bastante — concordou Fat Charlie.

— Quer saber uma coisa que minha mãe me disse, certa vez?

— Hã... Tem a ver com trazer de volta a pena de morte por enforcamento?

— Não tem, não. Ela disse que se um casal recém-casado guardar uma moeda em um jarro cada vez que fizer amor durante o primeiro ano e, nos anos seguintes, tirar uma moeda a cada vez que fizer amor, o jarro nunca vai esvaziar.

— E isso quer dizer que...?

— Bem — retrucou ela —, é interessante, não é? Eu e meu patinho de borracha chegaremos na sua casa às oito. Como está a situação das suas toalhas?

— Hã...

— Eu levo a minha.

Fat Charlie achava que não seria o fim do mundo se uma moeda ou outra acabasse entrando no pote antes de eles dizerem sim e cortarem o bolo, mas Rosie tinha outra opinião sobre o assunto, e a discussão parava por aí. O pote permanecia absolutamente vazio.

* * *

Assim que chegou em casa, após desembarcar em Londres depois de uma breve viagem, Fat Charlie percebeu que o problema é que, se a chegada for de manhã cedo, não há muito para fazer no restante do dia.

Fat Charlie era o tipo de homem que preferia trabalhar. Para ele, ficar deitado no sofá assistindo *Countdown* era um lembrete da época em que era membro do clube dos desempregados. Então decidiu que o mais razoável a fazer era voltar ao trabalho um dia antes. Ele se sentiria parte do movimento universal se estivesse dentro dos escritórios da Aldwick, na Agência Grahame Coats, que ficava no quinto e último andar. Teria conversas interessantes com os colegas de trabalho na sala de chá. Todos os espólios da vida se desenrolariam diante dele, uma tapeçaria majestosa, um empreendimento engenhoso, implacável e inflexível. As pessoas ficariam satisfeitas em vê-lo.

— Era para o senhor voltar só amanhã — comentou Annie, a recepcionista, quando Fat Charlie chegou. — Eu disse às pessoas que você só voltaria amanhã. Quando telefonaram.

Ela não estava muito feliz.

— Não consegui ficar longe por muito tempo — explicou Fat Charlie.

— É óbvio que não — retrucou ela, com uma expressão de escárnio. — O senhor precisa retornar as ligações de Maeve Livingstone. Ela telefonou todos os dias.

— Achei que ela fosse cliente do Grahame Coats.

— Bem, ele quer que o senhor fale com ela. Espere um momento. Annie pegou o telefone.

Sempre se falava de Grahame Coats assim, com os dois nomes juntos. Não era sr. Coats. E nunca era apenas Grahame. Era a agência dele, um lugar que representava pessoas e, pela gentileza de representá-las, cobrava como comissão um percentual do que elas ganhavam.

Fat Charlie foi para o escritório, uma salinha que dividia com vários arquivos. Havia um post-it amarelo grudado na tela do computador com a mensagem: “Venha me ver. GC.” Então Fat Charlie seguiu o corredor até o enorme escritório de Grahame Coats. A porta estava fechada. Ele bateu, e, sem ter certeza se tinha ouvido alguém falar alguma coisa, abriu a porta e enfiou a cabeça na sala.

O lugar estava vazio. Não havia ninguém ali.

— Hã, olá? — chamou Fat Charlie, não muito alto. Não houve resposta. Mas a sala estava uma bagunça: a estante de livros estava afastada da parede em um ângulo peculiar, e, do espaço atrás dela, dava para ouvir o som de batidas surdas que podiam muito bem ser marteladas.

Ele fechou a porta fazendo o mínimo de barulho possível e voltou para sua sala.

O telefone tocou. Ele atendeu.

— Aqui é Grahame Coats. Venha falar comigo.

Dessa vez, Grahame Coats estava sentado atrás da mesa, a estante encostada na parede. Ele não pediu a Fat Charlie que se sentasse. Era um homem branco de meia-idade com cabelos bem claros e entradas pronunciadas. Você não seria a primeira pessoa a olhar para Grahame Coats e, na mesma hora, pensar em uma fuinha albina de terno caro, caso isso acontecesse.

— Vejo que você voltou — comentou Grahame Coats. — Tudo está como antes.

— É — concordou Fat Charlie. Então, já que Grahame Coats não parecia muito satisfeito com o retorno antecipado, acrescentou: — Desculpe.

Grahame Coats apertou os lábios em um bico, olhou para um papel na mesa e ergueu os olhos outra vez.

— Pelo que entendi, era para você só voltar amanhã. Estamos um pouco adiantados, não é mesmo?

— Estamos... Quer dizer, eu... cheguei hoje de manhã. Da Flórida. E pensei em vir para cá. Tenho muito o que fazer. Queria parecer diligente. Se não tiver problema.

— Claro que de jeito nenhum — respondeu Grahame Coats. A expressão, uma colisão automobilística entre *claro que sim* e *de jeito nenhum*, sempre deixava Fat Charlie muito incomodado. — O funeral é seu.

— Na verdade, foi do meu pai.

Ele inclinou a cabeça, igualzinho a uma fuinha.

— Mesmo assim vou contar como uma das folgas por motivo de saúde.

— Certo.

— Maeve Livingstone, a viúva de Morris, está preocupada. Precisa ser tranquilizada. Belas palavras e belas promessas. Roma não foi construída em um dia. Então a tarefa de fazer um inventário das propriedades de Morris Livingstone e fornecer dinheiro à viúva continua em progresso. Ela me liga quase todos os dias em busca de informações. Nesse meio-tempo, vou deixar o serviço com você.

— Certo — respondeu Fat Charlie. — Está na hora de arregaçar as mangas.

— É preciso garantir o leite das crianças — retrucou Grahame Coats, balançando o indicador erguido com ar de sabedoria.

— Então é para eu botar a mão na massa? — sugeriu Fat Charlie.

— Mãos à obra — concordou Grahame Coats. — Bem, foi ótimo conversar com você. Mas nós dois temos muito trabalho a fazer.

Estar perto de Grahame Coats sempre fazia Fat Charlie (A) falar em clichês e (B) começar a sonhar acordado com enormes helicópteros negros abrindo fogo sobre a Agência Grahame Coats e depois jogando baldes de napalm em chamas sobre os escritórios. Fat Charlie nunca estava no escritório nesses devaneios. Ele ficava

sentado em uma cadeira, na varanda de uma cafeteria do outro lado da Aldwych Street, bebendo um café cheio de espuma e volta e meia vibrando quando um balde de napalm era arremessado de um modo excepcionalmente eficiente.

Sabendo disso, é de se pensar que há pouco para se saber sobre o emprego de Fat Charlie, bastava a ciência de que ele estava infeliz. No geral, esse pensamento é correto. Fat Charlie tinha uma habilidade com números que o mantinha empregado, além do constrangimento e de uma modéstia que o impediam de dizer aos outros o que de fato fazia e o quanto realmente trabalhava. Fat Charlie sempre via os outros ascenderem de forma implacável de acordo com seus níveis de incompetência, mas ele permanecia em um cargo subalterno, desempenhando funções básicas. Até o dia em que retornava à massa dos desempregados e voltava a assistir aos programas vespertinos da TV. Ele nunca ficava muito tempo sem trabalho, mas isso já tinha acontecido vezes demais na última década para que Fat Charlie se sentisse confortável em qualquer cargo. Apesar de tudo, ele nunca achava que o problema fosse algo pessoal.

Fat Charlie telefonou para Maeve Livingstone, viúva de Morris Livingstone, que tinha sido o comediante baixinho de Yorkshire mais famoso da Grã-Bretanha, cliente de longa data da Agência Grahame Coats.

— Alô — cumprimentou. — Aqui é Charles Nancy, do departamento de contabilidade da Agência Grahame Coats.

— Ah — respondeu uma voz feminina do outro lado da linha. — Achei que o próprio Grahame fosse ligar.

— Ele está um pouco ocupado. Foi por isso que, hã, delegou a tarefa — respondeu Fat Charlie. — Para mim. Então. Como posso ajudá-la?

— Não tenho certeza. Eu estava querendo saber... Bem, o gerente do banco estava querendo saber, na verdade... Quando é que o restante do dinheiro do espólio de Morris vai entrar. Na última vez, Grahame Coats me explicou... Bem, acho que foi na última vez que

nos falamos... Ele me explicou que estava investindo, quer dizer, entendo que essas coisas levam tempo... Ele disse que, do contrário, eu poderia perder muito dinheiro...

— Bem — interveio Fat Charlie. — Tenho certeza de que ele está trabalhando nisso. Mas essas coisas levam tempo mesmo.

— É — respondeu ela. — Acho que sim. Liguei para a BBC, e eles disseram que fizeram vários pagamentos desde a morte de Morris. Sabia que eles lançaram todo o *Eu sou Morris Livingstone* em DVD? E vão lançar as duas séries de *Piadinhas de baixo calão* no Natal.

— Eu não sabia — admitiu Fat Charlie. — Mas tenho certeza de que Grahame Coats sabe. Ele está sempre ciente desse tipo de coisa.

— Eu tive que comprar meu próprio DVD — continuou ela, melancólica. — E, mesmo assim, todas as memórias voltaram. O brilho da maquiagem, o cheiro do estúdio. Veja só, aquilo me deu saudades dos holofotes. Foi assim que conheci Morris, sabia? Eu era dançarina. Tinha uma carreira.

Fat Charlie explicou que informaria Grahame Coats sobre como o gerente do banco estava preocupado, então desligou o telefone.

Ele se perguntou como alguém podia sentir falta dos holofotes.

Em seus piores pesadelos, um holofote descia de um céu escuro e apontava para ele, que estava em um enorme palco, enquanto figuras invisíveis tentavam obrigá-lo a ficar sob a luz e cantar. E não importava o quão longe ou quão depressa corresse nem quão bem se escondesse, eles sempre o encontravam e o arrastavam para o palco, diante de dezenas de rostos à sua espera. Ele sempre acordava antes de chegar a hora de cantar, suando e tremendo, o coração batendo forte como um canhão.

Um dia de trabalho passou. Fat Charlie trabalhava ali havia quase dois anos. Era o funcionário mais antigo, sem contar o próprio Grahame Coats, pois a rotatividade na Agência Grahame Coats era alta. E, mesmo assim, ninguém parecia feliz em vê-lo.

Fat Charlie às vezes se sentava diante da escrivaninha e ficava olhando pela janela, observando a chuva cinza e sem graça que

fustigava o vidro, imaginando-se em uma praia tropical em algum lugar onde as ondas de um mar incrivelmente azul arrebatassem nas areias incrivelmente amarelas. Era comum Fat Charlie ficar pensando se as pessoas que observavam as rajadas de espuma branca se agitando na direção da areia e ouviam as aves tropicais piando nas palmeiras de sua praia imaginária algum dia sonhavam que estavam na Inglaterra, em um dia chuvoso, em uma sala do tamanho de um armário dentro de uma empresa no quinto andar, a uma distância segura do tédio de uma areia dourada e do fastio infernal de um dia tão perfeito que nem mesmo um drinque cremoso com um leve excesso de rum e um enfeite de guarda-chuva pode aliviar. Isso o confortava.

Ele parou na loja de bebidas e comprou uma garrafa de vinho branco alemão, foi ao pequeno mercado ao lado da loja e comprou uma vela com aroma de patchuli, então pediu uma pizza em uma pizzeria próxima.

Rosie ligou da aula de ioga às sete e meia para avisar que ia se atrasar um pouco, depois telefonou do carro, às oito, para avisar que estava presa no trânsito, e às nove e quinze para dizer que estava bem na esquina. A essa altura, Fat Charlie tinha bebido a maior parte do vinho branco e consumido toda a pizza, menos uma fatia.

Mais tarde, ele se perguntou se foi o vinho que o levou a dizer aquilo.

Rosie chegou às nove e vinte com toalhas e uma sacola de supermercado cheia de xampus, sabonetes e um pote grande de creme de cabelo. Ela recusou a taça de vinho branco e a fatia de pizza de forma ríspida, mas animada. Explicou que tinha comido no engarrafamento. Pedira comida pelo telefone. Então Fat Charlie se sentou na cozinha, serviu-se da última taça de vinho branco e beliscou o queijo e o pepperoni da cobertura da pizza fria enquanto Rosie tomava seu banho. Até que, de repente, ela começou a gritar bem alto.

Fat Charlie chegou ao banheiro antes que o som do primeiro grito parasse de ecoar, e Rosie já enchia os pulmões para dar o segundo. Estava convencido de que a encontraria jorrando sangue. Para sua surpresa e alívio, ela não estava sangrando. Estava de sutiã e calcinha azuis, apontando para a banheira, no centro da qual havia uma enorme aranha-de-jardim marrom.

— Desculpe — gemeu ela. — Ela me pegou de surpresa.

— Elas são boas nisso — comentou Fat Charlie. — Vou ligar a água, aí ela desce pelo ralo.

— Não se atreva — retrucou Rosie, veemente. — É um ser vivo. Leve-a lá para fora.

— Está bem.

— Vou esperar na cozinha. Me avise quando voltar.

Depois de ter bebido uma garrafa inteira de vinho branco, convencer uma aranha-de-jardim um pouco arisca a entrar em um copo de plástico transparente usando apenas um cartão de aniversário velho vira um desafio maior do que o normal para a coordenação motora. Um desafio que não fica mais fácil com a ajuda de uma noiva seminua à beira de um ataque de nervos que, apesar de ter anunciado que esperaria na cozinha, preferiu se debruçar sobre seu ombro e dar palpites.

Mas, apesar da ajuda, em pouco tempo ele conseguiu prender a aranha dentro do copo, cuja boca deixou firmemente coberta por um cartão que recebera de um velho colega de escola. No cartão estava escrito SABIA QUE VÁRIAS PESSOAS FAMOSAS FAZEM ANIVERSÁRIO HOJE? (o que era pontuado com uma piadinha: PENA QUE VOCÊ NÃO É UMA DELAS — FELIZ ANIVERSÁRIO!).

Ele desceu as escadas com a aranha, levando-a para fora da casa, até o jardim, que consistia em uma cerca viva, um lugar para as pessoas vomitarem e várias lajotas de pedra enfileiradas, a grama crescendo entre elas. Fat Charlie ergueu o copo. Sob a luz amarela do poste, a aranha ficava negra. Ele imaginou que ela o encarava.

— Desculpe por isso — falou para a aranha, e, como o vinho branco se agitava dentro dele de um jeito muito agradável, falou em voz alta.

Ele colocou o cartão e o copo sobre uma pedra rachada, levantou o copo e esperou que a aranha saísse correndo. Em vez disso, ela ficou ali parada, imóvel, diante do urso de pelúcia animado desenhado no cartão de aniversário. Homem e aranha se observaram com atenção.

Foi então que ele se lembrou de algo que a sra. Higglers dissera, e as palavras saíram de sua boca antes que ele conseguisse impedi-las. Talvez fosse o diabinho em seu ombro. Talvez fosse o álcool.

— Se encontrar meu irmão — começou Fat Charlie, falando com a aranha —, diga a ele para passar por aqui e dar um alô.

A aranha ficou parada por um tempo e levantou uma pata, quase como se estivesse pensando no assunto, então saiu correndo pela lajota de pedra na direção da cerca viva e desapareceu.

* * *

Rosie tomou banho e deu um beijo carinhoso no rosto do noivo, então foi para casa.

Fat Charlie ligou a TV, mas estava quase caindo de sono, então a desligou e foi para cama, onde sonhou um sonho tão vívido e peculiar que nunca mais conseguiria esquecê-lo.

Uma maneira de saber que está sonhando é notar que o sonho se passa em um lugar onde nunca esteve na vida real. Fat Charlie nunca fora à Califórnia. Nunca fora para Beverly Hills. Já tinha visto a paisagem várias vezes em filmes e na TV, o suficiente para sentir uma vibração confortável de reconhecimento. Estava rolando uma festa.

As luzes de Los Angeles cintilavam e tremeluziam abaixo deles.

As pessoas na festa pareciam bem divididas entre as que carregavam bandejas de prata cobertas de canapés perfeitos e as que pegavam ou recusavam a comida nas bandejas de prata. As

que estavam sendo alimentadas circulavam pela casa enorme fofocando, sorrindo e conversando, todas seguras de sua relativa importância no mundo de Hollywood, assim como os cortesãos na antiga corte japonesa — e, tal como na antiga corte japonesa, todos tinham a certeza de que bastava galgar mais um degrau para estarem em segurança. Havia atores que queriam ser astros, astros que queriam ser produtores independentes, produtores independentes que ansiavam pela segurança de um emprego em um estúdio, diretores que queriam ser astros, chefes de estúdios que queriam ser chefes de estúdios menos precários, advogados de estúdios que queriam ser apreciados pelo que eram ou, se isso não fosse possível, serem apenas apreciados.

No sonho de Fat Charlie, além de se ver por dentro e por fora ao mesmo tempo, ele não era ele mesmo. Se fosse um sonho habitual, havia grandes chances de que estivesse acabando de se sentar para fazer uma prova sobre o método das partidas dobradas em contabilidade, uma prova para a qual se esquecera de estudar. Além disso, estaria em uma situação tão embaraçosa que, com certeza, quando finalmente se levantasse, descobriria que estava nu da cintura para baixo. Em seus sonhos, Fat Charlie sempre era ele mesmo, só que mais desajeitado.

Não naquele sonho.

Naquele sonho, Fat Charlie era descolado, muito descolado. Era maneiro, era bacana, era esperto — era a única pessoa na festa sem uma bandeja de prata que não tinha convite. E (o que era espantoso para o Fat Charlie adormecido na cama, que não conseguia pensar em nada mais embaraçoso do que ir a algum lugar sem convite) estava se divertindo horrores.

A cada pessoa que perguntava, ele contava uma história diferente sobre quem era e por que estava lá. Depois de meia hora, a maioria dos convidados estava convencida de que ele era o representante de uma empresa estrangeira de investimentos que desejava adquirir o controle total das ações de um dos estúdios. Depois de outra meia

hora, era de conhecimento geral que ele faria uma oferta pela Paramount.

Sua risada era rouca e contagiante, e ele obviamente parecia estar se divertindo mais do que qualquer outra pessoa naquela festa. Ensinou o barman a preparar um coquetel que chamou de “Double Entendre”, uma bebida que, apesar de parecer começar com uma base de champanhe, na verdade já tinha sido comprovada cientificamente como não alcoólica. Continha um pouco disso e um pouco daquilo, até ficar de um roxo vivo. Ele ofereceu o drinque aos convivas, insistindo com alegria e entusiasmo, até que mesmo as pessoas que bebericavam água com gás com muita delicadeza, como se ela estivesse prestes a explodir, começaram a entornar os drinques roxos com muito prazer.

E então, seguindo a lógica dos sonhos, ele estava conduzindo todos até a piscina, propondo uma aula sobre o truque de Caminhar Sobre as Águas. Explicou que era uma simples questão de autoconfiança, de atitude, de abordagem, de saber como fazer. E, para todos na festa, parecia que caminhar sobre a água seria um belo truque para aprender, algo que, bem lá no fundo de suas almas, sempre souberam fazer, mas que tinham esquecido. E lembrariam a técnica graças àquele homem.

“Tirem os sapatos”, disse a todos, e todos obedeceram.

Sergio Rossis, Christian Louboutins e Renè Caovillas foram alinhados lado a lado com Nikes, Dr. Martens e sapatos de salto de couro preto sem marca. Então ele os conduziu em uma espécie de trezinho de conga, dando a volta na beira da piscina, depois por sobre a superfície. A água estava fria ao toque e tremia como gelatina dura sob os pés. Algumas mulheres e vários homens morreram de rir com aquilo, e alguns dos agentes mais jovens começaram a pular para cima e para baixo na superfície da piscina, como crianças em uma cama elástica. Muito abaixo deles, as luzes de Los Angeles brilhavam através das nuvens e da poluição, parecendo galáxias distantes.

Em pouco tempo, cada centímetro da piscina estava tomado pelos convidados — alguns parados, outros dançando, se sacudindo ou pulando para cima e para baixo na água. A multidão estava tão embolada que o cara maneiro, o Charlie-do-sonho, voltou para o chão de concreto para pegar uma bolinha de sashimi e falafel em uma bandeja de prata.

Uma aranha caiu de um pé de jasmim bem no ombro do cara maneiro. Ela desceu correndo pelo braço até chegar à palma da mão, onde foi cumprimentada com um “E aíííí” animadíssimo.

Houve um momento de silêncio, como se ele estivesse escutando a aranha dizer alguma coisa, algo que só ele pudesse ouvir. Em seguida, ele respondeu:

“É só pedir e seu desejo será concedido. Não é verdade?”

Ele colocou a aranha com cuidado em uma folha de jasmim.

Naquele momento, cada uma das pessoas descalças sobre a superfície da piscina lembrou que a água era líquida, não sólida, e que havia uma razão para não andarem e muito menos dançarem ou pularem sobre ela: a impossibilidade.

Aquelas pessoas eram as engrenagens e botões da máquina de sonhos, e de repente estavam se debatendo, completamente vestidas, mergulhadas em uma profundidade que variava de um a três metros de água, todas molhadas, desesperadas e apavoradas.

O cara maneiro atravessou a piscina a pé, na maior tranquilidade, pisando nas cabeças de algumas pessoas e nas mãos de outras, sem perder o equilíbrio nem uma vez. Então, quando chegou do outro lado, onde o terreno acabava em uma encosta íngreme, deu um grande salto e mergulhou nas luzes noturnas de Los Angeles, que brilharam e o engoliram como um oceano.

As pessoas na piscina saíram depressa, todas com raiva, nervosas, confusas, molhadas e, em alguns casos, quase afogadas...

Era manhã cedo em South London. A luz era de um azul acinzentado.

Fat Charlie saiu da cama agitado por causa do sonho e caminhou até a janela. As cortinas estavam abertas. Dava para ver o sol começando a surgir, uma enorme toranja no céu matinal cercada de nuvens cinzentas tingidas de escarlate. Era o tipo de céu que faz até a pessoa mais prosaica descobrir uma necessidade profunda de começar a estudar pintura a óleo.

Fat Charlie examinou o alvorecer. *Céu vermelho de manhã, pensou. Lá vem tempestade.*

O sonho tinha sido muito estranho. *Uma festa em Hollywood. O segredo de Caminhar Sobre as Águas. E aquele homem, aquele homem que era ele e não era...*

Fat Charlie percebeu que *conhecia* o homem do sonho, conhecia de algum lugar, e também percebeu que, se deixasse o assunto de lado, ficaria incomodado com aquilo até o fim do dia. Era como um pedaço de fio dental preso entre os dentes, ou como a diferença precisa entre as palavras *lúbrico* e *lascivo*: aquilo permaneceria lá e o deixaria irritado.

Ele olhou pela janela.

Mal tinha dado seis da manhã, e o mundo estava em silêncio. No fim da rua, uma pessoa que levava o cachorro para passear bem cedo encorajava um lulu-da-pomerânia a defecar. Um carteiro ia de casa em casa, bem devagar, depois voltava para a van vermelha. E então algo se moveu na calçada diante de sua casa, e Fat Charlie olhou para baixo.

Havia um homem parado junto à cerca viva. Quando ele viu que Fat Charlie o encarava, ainda de pijamas, sorriu e acenou. Houve um momento de reconhecimento que deixou Fat Charlie completamente chocado: tanto o sorriso quanto o aceno eram familiares, apesar de, na hora, ele não ter entendido por quê. Algo do sonho ainda pairava em sua mente, deixando-o desconfortável, fazendo com que o mundo parecesse irreal. Ele esfregou os olhos, e a pessoa perto da cerca viva desapareceu. Fat Charlie torceu para que o homem tivesse seguido seu rumo, avançado pela rua entre os

resquícios da névoa matinal que ainda persistiam, levando embora quaisquer esquisitices, irritações e loucuras que tivesse trazido.

Então, a campainha tocou.

Fat Charlie vestiu o roupão e desceu as escadas.

Ele nunca passara a corrente da trava antes de abrir a porta, nem uma única vez, mas, antes de girar a maçaneta, botou a extremidade da corrente no lugar e abriu a porta de entrada apenas dez centímetros.

— Pois não? — inquiriu, desconfiado.

O sorriso que atravessou a fresta da porta podia ter iluminado uma pequena aldeia.

— Você me chamou, e eu vim — anunciou o estranho. — Vai abrir a porta para mim, Fat Charlie?

— Quem é você? — Enquanto falava, ele lembrou onde vira o homem: no funeral da mãe, na pequena capela no crematório. Tinha sido a última vez que vira aquele sorriso. E soube a resposta, soube antes que o homem pudesse dizer as palavras.

— Sou seu irmão — anunciou o estranho.

Fat Charlie fechou a porta. Então tirou a corrente de segurança e a abriu por completo. O homem ainda estava lá.

Fat Charlie não tinha muita certeza de como cumprimentar o que poderia ser um irmão imaginário no qual ele antes não acreditava. Por isso os dois ficaram ali, parados, um de cada lado da porta, até que o irmão disse:

— Pode me chamar de Spider. Vai me convidar para entrar?

— Sim. Vou. Claro que vou. Por favor, entre.

Fat Charlie o conduziu para o andar de cima.

Coisas impossíveis acontecem. E, quando acontecem, a maioria das pessoas apenas lida com elas. No dia de hoje, como em todos os dias, cerca de cinco mil pessoas na face da Terra vão experimentar coisas que acontecem uma vez em um milhão, e nenhuma delas vai se recusar a acreditar nas provas que seus sentidos lhe oferecem. A maioria vai dizer, em sua própria língua, o equivalente a: Que mundo estranho, não é? E depois vai seguir em

frente. Então, embora parte de Fat Charlie tentasse encontrar explicações lógicas, sensatas e sãs para o que estava acontecendo, a outra parte muito maior simplesmente se acostumava à ideia de que um irmão que ele não sabia ter estava subindo a escada atrás dele.

Os dois entraram na cozinha e ficaram ali parados.

— Quer uma xícara de chá?

— Você tem café?

— Acho que só tem instantâneo.

— Tudo bem.

Fat Charlie ligou a chaleira.

— Então, você veio de longe? — perguntou.

— Los Angeles.

— Como foi o voo?

O homem se sentou à mesa da cozinha. Então deu de ombros. Foi o tipo de gesto que podia significar qualquer coisa.

— Hum. Você está planejando ficar muito tempo?

— Na verdade, não pensei muito nisso. — O homem, Spider, olhou para a cozinha de Fat Charlie como se nunca tivesse entrado em uma cozinha antes.

— Como é que você gosta do café?

— Negro como a noite, doce como o pecado.

Fat Charlie pôs a caneca diante do irmão e pegou um açucareiro.

— Sirva-se.

Enquanto Spider botava uma colherada de açúcar atrás da outra no café, Fat Charlie se sentou de frente para o irmão e o observou.

Havia traços muito semelhantes entre os dois homens, isso era inquestionável. Mas não explicava a intensa familiaridade que Fat Charlie sentiu ao ver Spider. O irmão era muito parecido com o que Fat Charlie gostaria de ser, sem as inibições do sujeito um tanto decepcionante que ele via no espelho do banheiro com regularidade monótona. Spider era mais alto, mais magro e mais descolado. O irmão estava usando um casaco de couro preto e vermelho e calças justas também de couro e parecia à vontade naquelas roupas. Fat

Charlie tentou lembrar se eram as roupas que o cara maneiro estava usando no sonho. Ele possuía algo de grandioso: só o fato de estar do outro lado da mesa com aquele homem fazia Fat Charlie se sentir esquisito, desajeitado e também um pouco tolo. Não eram as roupas que Spider vestia, e sim a noção de que, se as vestisse, Fat Charlie pareceria estar com uma espécie de fantasia nada convincente. Não era o modo como Spider sorria — despreocupado e satisfeito —, mas a certeza fria e absoluta de que ele poderia praticar diante do espelho até o fim dos tempos, mas nunca conseguiria dar sequer um sorriso com metade daquele charme, jovialidade, brilho e confiança.

— Você estava na cremação da nossa mãe — comentou Fat Charlie.

— Pensei em falar com você depois da cerimônia — respondeu Spider. — Só não tinha certeza se seria uma boa ideia.

— Gostaria que você tivesse feito isso. — Fat Charlie pensou em uma coisa. Então falou: — Achei que você estaria no enterro do nosso pai.

— O quê?

— O enterro. Foi na Flórida, há uns dois dias.

Spider balançou a cabeça.

— Ele não morreu — declarou. — Tenho quase certeza de que eu saberia se ele estivesse morto.

— Ele morreu. Eu o enterrei. Bem, eu enchi a cova de terra. Pode perguntar para a sra. Higgle.

— Como foi que aconteceu? — perguntou Spider.

— Parada cardíaca.

— Isso não quer dizer nada. Só significa que ele morreu.

— Bem, sim. Ele morreu.

Spider tinha parado de sorrir. Estava olhando para o café como se achasse que a resposta estava ali.

— Vou verificar isso — anunciou. — Não é que eu não acredite em você. Mas, quando se trata do seu pai... Mesmo quando seu pai é o meu pai. — Ele fez uma careta. Fat Charlie sabia o que aquela

expressão significava. Ele a fizera, em pensamento, várias vezes, sempre que falavam no pai. — Ela ainda mora no mesmo lugar? Perto de onde crescemos?

— A sra. Higgler? Sim. Ainda está lá.

— Você não tem nada de lá, tem? Uma imagem? Talvez uma foto?

— Trouxe uma caixa delas para casa.

Fat Charlie não tinha aberto a enorme caixa de papelão. Ela ainda estava no meio do corredor. Ele levou a caixa para a cozinha e a apoiou em cima da mesa. Pegou uma faca e cortou a fita adesiva que a envolvia. Spider enfiou a mão com dedos finos na caixa, passando pelas fotos como se fossem cartas de baralho, até tirar uma da mãe com a sra. Higgler, as duas sentadas na varanda da sra. Higgler, vinte e cinco anos antes.

— Essa varanda ainda existe?

Fat Charlie tentou lembrar.

— Acho que sim — respondeu.

Mais tarde, ele não conseguia lembrar se a foto ficara muito grande, ou se Spider é que ficara muito pequeno. Podia jurar que nenhuma dessas coisas acontecera de verdade. Mesmo assim, foi indiscutível que Spider caminhou para dentro da fotografia, que tremeluziu, ondulou e o engoliu.

Fat Charlie esfregou os olhos. Estava sozinho na cozinha às seis da manhã. Tinha uma caixa cheia de fotografias e papéis na mesa da cozinha, junto com uma caneca vazia, que ele botou na pia. Ele caminhou pelo corredor, foi até o quarto, deitou na cama e dormiu até o despertador tocar, às sete e quinze.

CAPÍTULO

QUATRO

QUE TERMINA COM UMA NOITE DE VINHO, MULHERES E MÚSICA

FAT CHARLIE ACORDOU.

Lembranças de sonhos de um encontro com um irmão astro do cinema se misturavam com um sonho no qual o presidente Taft tinha chegado para ficar, trazendo consigo todo o elenco de *Tom & Jerry*. Ele tomou banho e pegou o metrô para o trabalho.

Durante todo o dia, algo o incomodava no fundo da sua mente, e ele não sabia o que era. Perdia coisas. Esquecia coisas. Em determinado momento, começou a cantar, sentado à mesa, não porque estava feliz, mas por ter esquecido de que não deveria fazê-lo. Só percebeu o que estava fazendo quando o próprio Grahame Coats abriu a porta e enfiou a cabeça no armário de Fat Charlie para repreendê-lo.

— Nada de rádios, Walkmans, MP3 ou instrumentos musicais similares no escritório — reclamou Grahame Coats, com olhar de fuinha. — Isso demonstra uma atitude desleixada, do tipo abominável no mundo profissional.

— Não era o rádio — admitiu Fat Charlie, as orelhas quentes de vergonha.

— Não? Então, por favor, explique: o que era?

— Era eu.

— Você?

— Sim. Eu estava cantando. Sinto muito...

— Eu podia jurar que era o rádio. Mas, mesmo assim, me enganei. Meu Deus. Bem, com tamanha riqueza de talentos à sua disposição, com tanta habilidade, talvez você devesse nos trocar pelos palcos, entreter as multidões, quem sabe fazer umas apresentações na rua, em vez de ocupar uma mesa em um escritório onde outras pessoas estão tentando trabalhar. Hein? Um lugar onde as pessoas estão tentando administrar suas carreiras.

— Não — respondeu Fat Charlie. — Não quero ir embora. Só não estava pensando direito.

— Então — continuou Grahame Coats —, você precisa aprender a se controlar e não cantar. Espere até estar no chuveiro, ou quem sabe na arquibancada, quando estiver torcendo por seu time de futebol. Eu, por exemplo, torço pelo Crystal Palace. Ou você vai acabar tendo que procurar um emprego remunerado em outro lugar.

Fat Charlie sorriu, depois percebeu que sorrir não era nem um pouco parecido com o que queria fazer, então ficou sério, mas, àquela altura, Grahame Coats já saíra da sala. Então Fat Charlie praguejou baixinho, cruzou os braços em cima da mesa e apoiou a cabeça neles.

— Era você cantando? — Era uma das garotas novas do departamento de Agenciamento de Artistas. Fat Charlie nunca conseguia decorar os nomes. As pessoas sempre iam embora antes.

— Sinto muito, era eu, sim.

— O que você estava cantando? Era bonito.

Fat Charlie percebeu que não sabia.

— Não tenho certeza. Eu não estava prestando atenção.

Ela riu, mas bem baixinho.

— Ele tem razão. Você devia estar gravando discos, não perdendo tempo aqui.

Fat Charlie não soube o que dizer. Com o rosto quente de vergonha, começou a comparar números, fazer anotações e recolher bilhetes em post-its e colocá-los na tela até ter certeza de que a garota tinha ido embora.

Maeve Livingstone telefonou: será que Fat Charlie podia, *por favor*, garantir que Grahame Coats telefonasse para o gerente do banco? Ele disse que faria o possível. Ela respondeu com um pedido de que ele se esforçasse bastante para fazer o possível.

Rosie ligou para o celular dele às quatro da tarde, avisando que a água tinha voltado no apartamento e contando as boas novas: sua mãe tinha resolvido mostrar interesse pelo casamento que se aproximava e a chamara para fazer uma visita naquela noite para discutir a cerimônia.

— Bem — comentou Fat Charlie —, vamos economizar uma fortuna em comida, se ela decidir organizar o jantar.

— Isso não tem a menor graça. Ligo para você hoje à noite para contar como foi.

Fat Charlie disse que a amava e desligou o telefone. Alguém o encarava. Ele se virou para descobrir quem.

Grahame Coats disse:

— Quem faz ligações pessoais no horário de trabalho colhe tempestades. Sabe quem disse isso?

— O senhor?

— Fui eu mesmo — respondeu Grahame Coats. — Fui eu mesmo. E nunca palavras mais verdadeiras foram ditas. Considere isso uma advertência formal. — Então ele sorriu, soltando o tipo de sorriso presunçoso que obrigava Fat Charlie a refletir sobre os vários possíveis resultados de enfiar o punho no tronco bem recheado de Grahame Coats. Resolveu que o resultado seria um empate entre a demissão e um processo por agressão. Nos dois casos, pensou, seria um bom resultado...

Fat Charlie não era violento por natureza. Mesmo assim, podia sonhar. Seus devaneios costumavam ser modestos e trazer conforto. Ele gostaria de ter dinheiro o bastante para comer em bons

restaurantes sempre que quisesse. Queria um emprego no qual ninguém pudesse dizer a ele o que fazer. Queria poder cantar sem sentir vergonha, em algum lugar onde nunca houvesse gente por perto para ouvi-lo.

Entretanto, naquela tarde, os devaneios assumiram uma forma diferente: ele podia voar, para começar, e balas ricocheteavam em seu peitoral viril enquanto ele descia do céu em alta velocidade e resgatava Rosie de um bando de bandidos e marginais que a haviam sequestrado. Ela o abraçava forte enquanto os dois saíam voando sob o pôr do sol, em direção à Fortaleza do Descolado. Lá, ela ficaria tomada por tantos sentimentos de gratidão que decidiria, muito apaixonadamente, não se importar com toda aquela história de esperar-até-estarem-casados e começaria a descobrir quão depressa e até onde as moedas se acomodariam no jarro...

Os devaneios aliviavam o estresse da vida na Agência Grahame Coats, de dizer às pessoas que seus cheques estavam no correio ou de cobrar dinheiro devido à agência.

Às seis da tarde, Fat Charlie desligou o computador e desceu cinco lances de escada até a rua. Não tinha chovido. No céu, os estorninhos iam de um lado para outro, piando: o coral noturno de uma cidade. Todos na calçada corriam para chegar depressa a algum lugar. A maioria, como Fat Charlie, subia a Kingsway na direção do metrô da Holborn. Estavam de cabeça baixa e tinham a aparência de pessoas que queriam chegar em casa para passar a noite.

Entretanto, havia um homem na calçada que não estava indo a lugar algum. Ele ficou ali parado, encarando Fat Charlie e o restante das pessoas que voltava para casa. A jaqueta de couro se agitava ao vento. Ele não estava sorrindo.

Fat Charlie o viu do fim da rua. Enquanto caminhava na direção dele, tudo se tornava irreal. O dia inteiro se desmontou em sua mente, e ele se deu conta do que tinha passado o dia tentando se lembrar.

— Oi, Spider — cumprimentou ao se aproximar.

Parecia que no interior de Spider rugia uma tempestade. Podia ser que ele estivesse prestes a chorar. Fat Charlie não sabia. Havia emoção demais naquele rosto, no modo como ele se portava, o que fazia as pessoas desviarem o olhar, envergonhadas.

— Fui até lá — disse ele. A voz saiu embotada. — Vi a sra. Higgler. Ela me levou até o túmulo. Meu pai morreu, e eu não sabia.

— Ele também era meu pai, Spider. — Fat Charlie se perguntou como podia ter se esquecido de Spider, como podia ter sido tão fácil dispensá-lo como se tivesse sido um sonho.

— Verdade.

O céu do crepúsculo era riscado por estorninhos, voando de telhado em telhado por todos os lados.

Spider se endireitou de repente, ajustando a postura. Pareceu ter tomado uma decisão.

— Você tem razão — disse. — Precisamos fazer isso juntos.

— Isso mesmo — concordou Fat Charlie. Depois perguntou: — Fazer o quê?

Mas Spider já tinha chamado um táxi.

— Somos homens com problemas — disse Spider, para o mundo. — Não temos mais pai. Nossos corações pesam no peito. A tristeza cai sobre nós como o pólen polvilha pelo mundo na temporada de rinites. As trevas são nosso domínio, e o infortúnio, nossa única companhia.

— Certo, cavalheiros — começou o taxista animado —, para onde devo levá-los?

— Para onde possamos encontrar os três remédios para uma alma enegrecida — respondeu Spider.

— Que tal um pouco de curry? — sugeriu Fat Charlie.

— Há três coisas, apenas três, que podem aliviar a dor da mortalidade e remendar as ruínas da vida — explicou Spider. — Essas coisas são vinho, mulheres e música.

— Curry também é bom — observou Fat Charlie, mas ninguém lhe deu ouvidos.

— Alguma ordem em particular? — perguntou o taxista.

— Primeiro o vinho — anunciou Spider. — Rios, lagos e vastos oceanos de vinho.

— O senhor é quem manda — respondeu o taxista, se juntando ao tráfego.

— Tenho uma sensação particularmente ruim em relação a tudo isso — comentou Fat Charlie, querendo ajudar.

Spider assentiu.

— Uma sensação ruim. Sim. Nós dois temos uma sensação ruim. Esta noite, vamos pegar essas sensações ruins, compartilhá-las e enfrentá-las. Vamos chorar. Beber o resíduo amargo da mortalidade no fundo do copo. Dor compartilhada, mano, não é dor em dobro, e sim dividida. Nenhum homem é uma ilha.

— Não queira saber por quem os sinos dobram — declamou o taxista —, eles dobram por ti.

— Uau — comentou Spider. — Isso aí é um *koan* e tanto, hein?

— Obrigado — respondeu o taxista.

— É assim mesmo que termina o poema. Você é uma espécie de filósofo. Eu sou Spider. Este é meu irmão, Fat Charlie.

— Charles — corrigiu Fat Charlie.

— Steve — apresentou-se o taxista. — Steve Burridge.

— Sr. Burridge — começou Spider —, o que acha de ser nosso motorista particular esta noite?

Steve Burridge explicou que já era o fim de seu turno e que estava prestes a encerrar o expediente e ir embora para casa, onde o jantar com a sra. Burridge e os pequenos Burridges o esperava.

— Ouviu isso? — perguntou Spider. — Um homem de família. Meu irmão e eu somos toda a família que nos resta. E esta é a primeira vez que nos encontramos.

— Parece uma história e tanto — comentou o taxista. — Houve alguma briga?

— Nenhuma. Ele simplesmente não sabia que tinha irmão.

— Você sabia? — perguntou Fat Charlie. — Sabia sobre mim?

— Talvez soubesse — retrucou Spider. — Mas é muito fácil esquecer uma coisa dessas.

O taxista parou junto ao meio-fio.

— Onde estamos? — indagou Fat Charlie.

Não tinham ido muito longe. Achou que estavam em algum lugar perto da Fleet Street.

— Onde tem o que ele pediu — respondeu o taxista. — Vinho.

Spider saiu do carro e olhou para o exterior de carvalho sujo e de vidro imundo do velho bar de vinhos.

— Perfeito — disse. — Pague o homem, irmão.

Fat Charlie pagou o taxista. Eles entraram: desceram os degraus de madeira até um porão onde advogados rubicundos bebiam lado a lado com gerentes de investimentos do mercado financeiro. O chão estava coberto de serragem, e havia uma lista de vinhos com uma letra ilegível escrita a giz em um quadro-negro atrás do balcão.

— O que você vai beber? — perguntou Spider.

— Só uma taça do vinho tinto da casa, por favor — disse Fat Charlie.

Spider o encarou com muita seriedade.

— Somos os últimos descendentes da linhagem de Anansi. Não choraremos a morte de nosso pai com o vinho tinto da casa.

— Hã. Certo. Bem, então vou beber o mesmo que você.

Spider foi até o bar, abrindo caminho entre a multidão como se as pessoas sequer estivessem ali. Depois de vários minutos, ele voltou carregando duas taças, um saca-rolha e uma garrafa bastante empoeirada. Spider abriu a garrafa com uma facilidade que impressionou muito Fat Charlie, que sempre acabava tendo que catar fragmentos de cortiça que caíam no vinho. O irmão serviu da garrafa um vinho tão fulvo que era quase negro. Ele encheu as duas taças e colocou uma diante do irmão.

— Um brinde — propôs — à memória de nosso pai.

— Ao nosso pai — concordou Fat Charlie, e bateu sua taça na de Spider, conseguindo, como que por milagre, não derramar nem uma gota. Então provou o vinho. Era de um amargor peculiar, e também herbáceo, e salgado. — O que é isso?

— Vinho de funeral, o tipo que se bebe pelos deuses. Não é produzido há muito tempo. É amadurecido com aloé, alecrim e lágrimas de virgens com o coração partido.

— E vendem isso em um bar de vinhos na Fleet Street? — Fat Charlie pegou a garrafa, mas o rótulo estava desbotado e empoeirado demais para ler. — Nunca ouvi falar nesse vinho.

— Esses lugares antigos têm coisas boas, é só pedir — respondeu Spider. — Ou talvez eu apenas ache que eles têm.

Fat Charlie deu outro gole no vinho. Era poderoso e pungente.

— Não é vinho para se beber aos golinhos — explicou Spider. — É um vinho de luto. É para ser bebido de uma vez só. Assim. — Ele deu um gole enorme. Então fez uma careta. — Isso também faz o gosto ficar melhor.

Fat Charlie hesitou, então deu um grande gole no vinho estranho. Podia imaginar que era capaz de sentir o gosto do aloé e do alecrim. E se perguntou se o sal era mesmo de lágrimas.

— Eles botam o alecrim para ativar a memória — explicou Spider, e começou a encher as taças. Fat Charlie abriu a boca para explicar que não estava disposto a beber vinho demais naquela noite e que tinha que trabalhar no dia seguinte, mas Spider o interrompeu: — É sua vez de fazer um brinde.

— Hã. Está bem — concordou Fat Charlie. — À nossa mãe.

Eles beberam em memória da mãe. Fat Charlie percebeu que começava a gostar do sabor do vinho amargo. Sentia os olhos formigarem e foi tomado por uma sensação de perda, profunda e dolorosa. Sentia saudades da mãe. Sentia saudades da infância. Sentia saudades até do pai. Do outro lado da mesa, Spider balançava a cabeça. Uma lágrima escorreu pelo rosto do irmão e pingou na taça de vinho. Ele pegou a garrafa e serviu mais aos dois.

Fat Charlie bebeu.

Enquanto bebia, foi sendo tomado pelo pesar, enchendo a cabeça e o corpo com a perda e a dor da ausência, crescendo dentro dele como as ondas no oceano.

Suas próprias lágrimas escorriam pelo rosto, gotejando na bebida. Ele procurou um lenço de papel nos bolsos. Spider serviu o que restava do vinho negro para os dois.

— Eles vendiam mesmo este vinho aqui?

— Havia uma garrafa guardada que eles não sabiam que tinham. Só precisaram ser lembrados.

Fat Charlie assoou o nariz.

— Não fazia ideia de que tinha um irmão.

— Eu sabia — respondeu Spider. — Sempre quis procurar você, mas me distraía. Você sabe como é.

— Na verdade, não sei.

— As coisas surgem.

— Que tipo de coisas?

— Coisas. Elas surgem. É o que as coisas fazem. Surgem. Não dá para esperar que eu consiga acompanhar todas.

— Bem, dê um exemplo.

Spider bebeu mais vinho.

— Está bem. Na última vez em que decidi que devíamos nos conhecer, eu, bem, passei dias planejando. Queria que tudo saísse perfeito. Tive que escolher o que vestir. Depois tive que decidir o que diria quando nos encontrássemos. Eu sabia que o encontro de dois irmãos é... Bem, é tema de épicos, não é mesmo? Resolvi que o único modo de tratar o encontro com a seriedade apropriada seria fazê-lo em verso. Mas que tipo de verso? Ia cantar um rap? Declamar? Quer dizer, eu não ia saudá-lo com um poeminha qualquer. Tinha que ser algo sombrio, poderoso, com ritmo, épico. Então eu encontrei o primeiro verso perfeito: *O sangue chama pelo sangue como sereias na noite*. Diz tanta coisa. Sabia que conseguiria botar tudo ali: pessoas morrendo em becos, suor e pesadelos, o poder indestrutível dos espíritos livres. Tudo estaria nele. Então tive que escrever o segundo verso, e foi aí que tudo foi por água abaixo. O melhor que consegui foi: *Blá-blá-blá tem medo da foice*.

Fat Charlie piscou.

— Quem é *Blá-blá-blá*?

— Não é ninguém. Só está aí para indicar onde deveriam estar as palavras. Mas nunca consegui avançar mais do que isso, e não podia aparecer só com o primeiro verso, um blá-blá-blá e três palavras de um poema épico, não é mesmo? Isso teria sido muito desrespeitoso com meu irmão.

— Bem...

— Exatamente. Por isso, fui passar a semana no Havaí. Como eu disse, surgiu uma coisa.

Fat Charlie bebeu mais do vinho. Estava começando a gostar. Às vezes, os sabores fortes combinam com as emoções fortes, e aquele era um desses momentos.

— Mas não pode ter sido *sempre* o segundo verso de um poema — insistiu.

Spider pôs a mão magra em cima da mão de Fat Charlie, mais larga.

— Chega de falar de mim — disse —, quero saber de você.

— Não tenho muito a dizer.

Ele contou ao irmão sobre sua vida. Sobre Rosie e a mãe de Rosie, sobre Grahame Coats e a Agência Grahame Coats. O irmão assentia. Não parecia exatamente com uma vida, agora que Fat Charlie a descrevia em palavras.

— Mesmo assim — continuou Fat Charlie, filosofando —, eu me lembro dessas pessoas sobre as quais lemos nas páginas de celebridades dos jornais. E elas sempre dizem que suas vidas são chatas, vazias e sem sentido.

Ele ergueu a garrafa de vinho acima da taça, na esperança de que tivesse restado bebida suficiente para mais um gole, mas não havia nem uma gota. A garrafa estava vazia. Havia durado mais do que tinha direito de durar, mas agora não restava nem um traço.

Spider se levantou.

— Conheci essas pessoas — comentou. — Essas das revistas de celebridades. Já circulei entre elas. Vi em primeira mão as vidas vazias e imaturas que elas levam. Já as observei entre as sombras,

quando elas pensavam estarem sozinhas. E posso garantir: não há uma delas que trocaria de vida com você, nem mesmo com uma pistola na cabeça, irmão. Vamos.

— Hein? Aonde você está indo?

— Nós estamos indo. Completamos a primeira parte da missão tríplice da noite. Vinho foi bebido. Faltam duas.

— Hã...

Fat Charlie seguiu Spider, torcendo para que o ar frio noturno clareasse sua mente. Não adiantou. Parecia que a cabeça de Fat Charlie sairia flutuando se não estivesse bem presa ao pescoço.

— Agora, mulheres — anunciou Spider. — Depois, música.

* * *

Talvez deva ser mencionado que as mulheres não surgiam do nada no mundo de Fat Charlie. Era preciso ser apresentado a elas, era preciso reunir coragem para falar com elas, encontrar um assunto sobre o qual conversar, quando a coragem viesse, e, então, depois de atingir esses patamares, havia picos mais altos a escalar. Era preciso ousar perguntar a elas se queriam fazer alguma coisa no sábado à noite, e, diante da pergunta, a maioria dizia que precisava lavar o cabelo, atualizar os diários, cuidar da calopsita, ou apenas que precisavam esperar ao lado do telefone enquanto outro homem não ligava.

Mas Spider vivia em outro mundo.

Os dois caminharam na direção do West End, parando quando chegaram a um bar lotado. Os fregueses se espalhavam pela calçada, e Spider parou e cumprimentou o grupo do que se revelou ser a festa de aniversário de uma jovem chamada Sybilla, que ficou muito lisonjeada quando Spider insistiu em pagar uma rodada de bebidas de aniversário para ela e as amigas. Então contou piadas (“... e o pato respondeu: *‘Não estou sentindo nada: não sinto a asa, não sinto o bico...’*”) e riu das próprias piadas, soltando uma risada sonora e cheia de alegria. Consequia lembrar os nomes de todos ao

redor. Conversava com as pessoas e prestava atenção no que elas diziam. Quando Spider anunciou que era hora de procurar outro bar, todo o grupo da festa de aniversário resolveu, como uma só mulher, que ia acompanhá-lo...

Quando chegaram ao terceiro bar, Spider parecia saído de um clipe de rock. Estava cercado de garotas. Elas o abraçavam. Várias tinham trocado beijos com ele, meio que de brincadeira, meio a sério. Fat Charlie observava com um misto de horror e inveja.

— Você é o guarda-costas dele? — perguntou uma das garotas.

— O quê?

— O guarda-costas dele. É você?

— Não — respondeu Fat Charlie. — Sou o irmão.

— Uau — começou ela —, não sabia que ele tinha um irmão. Ele é maravilhoso.

— Também acho — concordou outra, que tinha passado algum tempo agarrada a Spider, até ser expulsa pela pressão de outros corpos com ideias parecidas. Ela notou a presença de Fat Charlie pela primeira vez. — Você é o empresário dele?

— Não. É o irmão — interveio a primeira garota. — Ela acabou de me contar isso — acrescentou, em provocação.

A segunda a ignorou.

— Você também é dos Estados Unidos? Você meio que tem um pouco de sotaque.

— A gente morava na Flórida — começou Fat Charlie —, quando eu era mais novo. Meu pai era americano, e minha mãe... Bem, ela nasceu em Saint Andrews, mas cresceu em...

Ninguém mais estava escutando.

Quando saíram dali, as garotas remanescentes da festa de aniversário os acompanharam. As mulheres cercavam Spider, perguntando aonde iriam em seguida. Deram diversas sugestões de restaurantes e boates. Spider apenas sorria e continuava a andar.

Fat Charlie seguia o grupo, sentindo-se mais excluído do que nunca.

Eles passaram por um mundo de letreiros neon. Spider estava abraçado a várias mulheres. Ele as beijava indiscriminadamente enquanto andava, parecendo um homem que dava uma mordida na primeira fruta da estação, depois em outra. Nenhuma delas parecia se importar.

Isso não é normal, pensou Fat Charlie. *Nem um pouco*. Ele nem ao menos tentava acompanhar, só procurava não ser deixado para trás.

Ainda podia sentir o gosto amargo do vinho na língua.

Percebeu que uma garota andava ao seu lado. Era pequena e tinha uma beleza que lembrava uma fada. Ela puxou a manga da camisa dele.

— O que estamos fazendo? — perguntou. — Aonde estamos indo?

— Estamos lamentando a morte do meu pai — explicou ele. — Eu acho.

— Isso é um reality show da TV?

— Espero que não.

Spider parou e se virou. O brilho em seus olhos era perturbador.

— É aqui — anunciou. — Chegamos. Era isso que ele iria querer.

Havia uma mensagem escrita à mão em uma folha de papel laranja brilhante grudada na porta de entrada do bar. Nela estava escrito: *KARAOKÊ. Hoje à noite. Segundo andar.*

— Música — concluiu Spider. Então disse: — É hora do show!

— Não — retrucou Fat Charlie.

Ficou parado onde estava.

— Era o que ele amava — argumentou Spider.

— Eu não canto. Não em público. E estou bêbado. E realmente acho que não é uma ideia muito boa.

— É uma ótima ideia. — Spider ostentava um sorriso extremamente convincente. Usado da maneira correta, um sorriso daqueles poderia provocar uma guerra santa. Fat Charlie, entretanto, não estava convencido.

— Veja só... — começou, tentando afastar o pânico da voz. — Tem coisas que as pessoas não fazem, certo? Tem gente que não anda de avião. Tem quem não faça sexo em público. E tem quem não desapareça em uma nuvem de fumaça. Eu não faço nada disso, e também não canto.

— Nem mesmo pelo nosso pai?

— Muito menos por ele. Nosso pai não vai me fazer passar vergonha do além-túmulo. Bem, não mais do que já fez.

— Com licença — começou uma das garotas. — Com licença, mas a gente vai entrar ou não? Estou ficando com frio aqui fora, e a Sybilla precisa fazer xixi.

— Vamos entrar — respondeu Spider, que sorriu para ela.

Fat Charlie quis protestar, quis fazer valer sua opinião, mas acabou sendo arrastado para dentro, e se odiou por isso.

Ele alcançou Spider nas escadas.

— Vou entrar — disse. — Mas não vou cantar.

— Você já entrou.

— Eu sei. Mas não vou cantar.

— Não faz muito sentido dizer que não vai entrar se já está dentro.

— Não sei cantar.

— Você está dizendo que também herdei todo o talento musical?

— Estou dizendo que vou vomitar se tiver que abrir a boca para cantar em público.

Spider apertou o braço do irmão, tentando tranquilizá-lo.

— Veja só como eu faço — sugeriu.

A aniversariante e duas amigas subiram no pequeno palco e cantaram “Dancing Queen” aos risos. Fat Charlie bebeu um gim-tônica que alguém enfiou em sua mão, fazendo uma careta a cada nota que elas erravam, a cada mudança de tom que não acontecia. Houve uma salva de palmas do resto do grupo acompanhando a aniversariante.

Outra mulher subiu ao palco. Era a garota com jeito de fada que perguntara a Fat Charlie aonde estavam indo. Os acordes de abertura anunciaram a música “Stand by Me”, e ela começou a

cantar, entoando a frase da maneira mais parecida com o ritmo possível. Errava todas as notas, entrava cedo ou tarde demais em todos os versos e lia a maioria deles errado. Fat Charlie sentiu pena dela.

Ela desceu do palco e se dirigiu ao bar. O rapaz ia fazer um comentário solidário, mas ela estava alegre e radiante.

— Foi o *máximo* — revelou ela. — Sério, foi simplesmente *fantástico*. — Fat Charlie pagou uma bebida para a mulher, um copo grande de vodca com laranja. — Foi *tão* divertido — continuou, falando com ele. — Você também vai? Vamos. Você precisa ir. Aposto que não vai se sair pior que eu.

Ele deu de ombros de um jeito que esperava que indicasse que continha dentro de si uma grande quantidade de fracasso ainda não revelado.

Spider foi até o pequeno palco, andando como se o refletor o seguisse.

— Aposto que isso vai ser bom — comentou a vodca com laranja. — Alguém disse que você era irmão dele?

— Não — murmurou Fat Charlie, de mau humor. — Eu disse que *ele* era *meu* irmão.

Spider começou a cantar “Under the Boardwalk”.

Não teria acontecido se Fat Charlie não gostasse tanto da música. Quando tinha treze anos, Fat Charlie achava que “Under the Boardwalk” era a melhor música do mundo (na época que virou um jovem de catorze anos entediado e cansado de tudo, a melhor música passou a ser “No Woman No Cry”, de Bob Marley). E Spider estava cantando sua música, e cantando bem. Ele cantava afinado, cantava com emoção. As pessoas pararam de beber, pararam de falar e olharam para ele, escutando.

Quando Spider terminou de cantar, as pessoas aplaudiram. Se estivessem usando chapéus, provavelmente teriam jogado para o alto.

— Entendo por que você não quer ir, depois desse show — comentou a vodca com laranja para Fat Charlie. — Quer dizer, não

dá para superar, né?

— Bem... — começou Fat Charlie.

— Ora — interrompeu ela, sorrindo —, dá para ver quem ficou com todo o talento da família.

Ela inclinou a cabeça e apontou com o queixo. A culpa foi do movimento do queixo.

Fat Charlie avançou em direção ao palco, botando um pé na frente do outro em uma demonstração impressionante de coordenação motora. Estava suando.

Os minutos seguintes passaram como um borrão. Ele falou com o DJ, escolheu a música em uma lista — “Unforgettable” —, esperou pelo que pareceu uma breve eternidade e depois recebeu um microfone.

Sua boca estava seca. Seu coração palpitava no peito.

Na tela estava sua primeira palavra: *Unforgettable...*

Fat Charlie cantava *muito* bem. Sua voz tinha alcance, força e expressão. Quando cantava, todo o seu corpo virava um instrumento.

A música começou.

Em sua cabeça, Fat Charlie estava pronto para abrir a boca e cantar.

Cantaria “Unforgettable”. Cantaria para seu falecido pai, para seu irmão e para a noite, dizendo a todos que eram coisas impossíveis de esquecer.

Só que ele não conseguia. As pessoas o olhavam com atenção. Pouco mais de vinte, todas no segundo andar de um bar. Muitas eram mulheres. Quando tinha plateia, Fat Charlie não conseguia abrir a boca.

Ele podia ouvir a parte instrumental tocando, mas só ficou lá, parado. Sentiu muito frio. Os pés pareciam muito distantes.

Ele forçou a boca a se abrir.

— Acho — começou, muito decidido, ao microfone, acima do barulho da música. Ouviu as palavras ecoarem em cada canto do salão. — Acho que vou vomitar.

A saída do palco não foi bonita.
Depois disso, tudo começou a girar um pouco.

* * *

Há lugares míticos. Eles existem, cada um a seu modo. Alguns se sobrepõem ao mundo, outros existem por baixo dele, como uma camada anterior de tinta.

Há montanhas. São os lugares rochosos a que chegamos antes de alcançar os penhascos na borda do fim do mundo. E há cavernas nessas montanhas, cavernas profundas, que já eram habitadas muito antes dos primeiros homens caminharem sobre a terra.

Elas ainda são habitadas.

CAPÍTULO

CINCO

NO QUAL EXAMINAMOS AS MUITAS CONSEQUÊNCIAS DA MANHÃ SEGUINTE

FAT CHARLIE ESTAVA com sede.

Fat Charlie estava com sede e com dor de cabeça.

Fat Charlie estava com sede, com dor de cabeça, com um gosto horrível na boca, com os olhos espremidos dentro do crânio, com todos os dentes latejando, com o estômago queimando, com as costas doendo de um jeito que começava perto dos joelhos e subia até a testa e com bolas de algodão, agulhas e alfinetes no lugar do cérebro, e era por isso que doía tanto tentar pensar. E não era como se os olhos estivessem apenas espremidos no crânio, parecia que eles também tinham rolado para fora das órbitas durante a noite e alguém os prendera no lugar com pregos. Ele também tinha acabado de perceber que qualquer barulho mais alto que o produzido pelo suave movimento browniano das moléculas do ar flutuando com delicadeza umas em volta das outras estava acima do limite tolerável. Além disso, Fat Charlie queria morrer.

Ele abriu os olhos, o que foi um erro, já que com isso foi atingido pela luz do dia, o que doeu. O gesto também informou onde ele estava (na própria cama em seu quarto), e, como estava de frente

para o relógio na mesa de cabeceira, foi informado das horas: onze e meia.

Isso, pensou, uma palavra de cada vez, *é o pior que pode acontecer*. Estava com o tipo de ressaca que poderia ter sido uma arma de um Deus do Velho Testamento contra os midianitas, e, na próxima vez que encontrasse Grahame Coats com certeza descobriria que fora demitido.

Ficou pensando se conseguiria fingir uma voz de doente convincente ao telefone, então percebeu o quão difícil seria fingir uma voz convincente de qualquer outra coisa.

Não conseguia se lembrar de ter chegado em casa na noite anterior.

Ligaria para o escritório assim que conseguisse lembrar o número do telefone. Pediria desculpas — uma gripe horrível o deixara de cama, não podia fazer nada...

— Sabe — falou uma pessoa, deitada ao lado dele. — Acho que tem uma garrafa de água aí do seu lado. Pode passá-la para cá?

Fat Charlie quis explicar que não tinha garrafa nenhuma ao seu lado e que, na verdade, a fonte de água mais próxima ficava na pia do banheiro. Isso se ele antes desinfetasse a caneca da escova de dentes. Mas então percebeu que olhava para uma de muitas garrafas de água dispostas em cima da mesa de cabeceira. Estendeu a mão e agarrou uma delas com dedos que pareciam pertencer à outra pessoa, fazendo o tipo de esforço que as pessoas costumam reservar para quando querem escalar os últimos metros de uma rocha íngreme, e então rolou para o lado.

Era a vodca com laranja.

E, além disso, ela estava nua. Pelo menos nas partes que ele conseguia ver.

Ela pegou a água e puxou o lençol para cima, cobrindo o peito.

— Valeu. Ele me pediu para, quando você acordasse, avisá-lo para não ligar para o trabalho dizendo que está doente. Disse que já resolveu tudo.

Fat Charlie não se sentiu mais tranquilo. Seus medos e preocupações não foram mitigados. No entanto, nas condições em que se encontrava, só conseguia arranjar espaço na mente para se preocupar com uma coisa de cada vez, e, naquele momento, estava se preocupando se ia ou não conseguir chegar ao banheiro a tempo.

— Você precisa se hidratar — comentou a garota. — Precisa repor os eletrólitos.

Fat Charlie conseguiu chegar ao banheiro a tempo. Como já estava lá, ficou debaixo do chuveiro até o cômodo parar de balançar, depois escovou os dentes tentando não vomitar.

Quando voltou para o quarto, viu que a vodca com laranja não estava mais lá, o que foi um alívio, já que estava torcendo para que a mulher fosse uma alucinação provocada pelo álcool, como elefantes cor-de-rosa ou a ideia aterradora de que subira ao palco para cantar, na noite anterior.

Não conseguia encontrar o roupão, então vestiu um agasalho de corrida para se sentir com roupa suficiente para ir à cozinha, na outra extremidade do corredor.

O telefone tocou, e ele revirou o paletó, caído no chão ao lado da cama, até encontrar o aparelho, então o abriu. Atendeu com um resmungo, tentando se manter o mais anônimo possível para o caso de ser alguém da Agência Grahame Coats em busca de seu paradeiro.

— Sou eu — anunciou a voz de Spider. — Está tudo bem.

— Você disse a eles que eu morri?

— Melhor que isso. Eu disse que era você.

— Mas... — Fat Charlie tentou pensar com clareza — Mas você não é eu.

— Ora, eu sei disso. Só disse a eles que era.

— Você nem mesmo é parecido comigo.

— Ah, mano, pare de fazer tempestade em copo d'água. Já está tudo resolvido. Ops, preciso ir. O chefão quer falar comigo.

— Grahame Coats? Olhe, Spider...

Mas Spider tinha desligado o telefone, e a tela estava apagada.

O roupão de Fat Charlie entrou pela porta. Havia uma garota dentro dele. Ficava muito melhor nela do que algum dia poderia vir a ficar nele. A garota carregava uma bandeja com um copo de água misturado com um efervescente ao lado de uma caneca com alguma coisa dentro.

— Beba os dois — instruiu. — Primeiro a caneca. De um gole só.

— O que tem nela?

— Gema de ovo, molho inglês, Tabasco, sal, umas gotas de vodca, coisas assim — explicou ela. — Ou você melhora, ou morre de vez. — E, em um tom que não permitia discussão, completou: — Beba.

Fat Charlie bebeu.

— Ah, meu Deus! — exclamou.

— É — concordou a mulher. — Mas você ainda está vivo.

Ele não tinha muita certeza. Bebeu o Alka-Seltzer mesmo assim. E se lembrou de uma coisa.

— Hum — começou. — Hum. Olha... Ontem à noite? Nós, hã...

Ela permaneceu inexpressiva.

— Nós o quê?

— Nós... você sabe. Transamos?

— Quer dizer que você não se lembra? — Ela pareceu desapontada. — Você disse que foi a melhor noite da sua vida. Que foi como se você nunca tivesse feito amor com uma mulher. Era uma mistura de deus, animal e máquina sexual incontrolável...

Fat Charlie não sabia para onde olhar. Ela deu risada.

— Estou só brincando — explicou a mulher. — Ajudei seu irmão a trazer você para cá, daí nós te ajeitamos para dormir. Depois disso, você sabe...

— Não — respondeu Fat Charlie —, não sei.

— Bem — continuou ela —, você estava apagado, e é uma cama grande. Não sei bem onde seu irmão dormiu. Ele é forte como um touro. Já estava de pé assim que amanheceu, todo alegre e sorridente.

— Ele foi trabalhar no meu lugar — explicou Fat Charlie. — Disse a todo mundo que era eu.

— Mas eles não vão notar a diferença? Quer dizer, não é como se vocês fossem gêmeos.

— Parece que não. — Fat Charlie balançou a cabeça. Então olhou para a mulher, que mostrou uma língua muito rosa e pequena.

— Qual é o seu nome?

— Ah, você esqueceu? Eu me lembro do *seu* nome. Fat Charlie.

— Só Charles — retrucou. — Só Charles já está bom.

— Eu me chamo Daisy — respondeu ela, e estendeu a mão. — É um prazer conhecê-lo.

Eles trocaram um aperto de mão bem solene.

— Eu me sinto um pouco melhor — comentou Fat Charlie.

— Foi o que eu disse — respondeu ela. — Ou você melhora, ou morre de vez.

* * *

Spider estava tendo um dia ótimo no escritório. Quase nunca trabalhava em escritórios. Quase nunca trabalhava. Tudo era novidade, tudo era estranho e maravilhoso, desde o pequeno elevador que o deixou no quinto andar até as salas apertadas da Agência Grahame Coats. Ele ficou olhando, fascinado, para a vitrine no saguão, cheia de troféus empoeirados. Passeou pelos escritórios e, quando alguém perguntava quem era, respondia:

— Sou Fat Charlie Nancy. — Usava sua voz de deus, que fazia com que tudo o que dissesse virasse praticamente verdade.

Encontrou a sala de chá e preparou várias xícaras. Levou-as para a mesa de Fat Charlie e as arrumou de um jeito artístico. Começou a brincar com a rede de computadores, que pediu uma senha.

— Sou Fat Charlie Nancy — disse ao computador, mas ainda havia lugares que não podia acessar, por isso disse: — Sou Grahame Coats. — Então a rede se abriu como uma flor.

Olhou as coisas no computador até ficar entediado.

Cuidou do que Fat Charlie tinha para fazer no dia. Depois resolveu as pendências.

Pensou que o irmão devia estar acordando àquela hora, então ligou para casa dele, para tranquilizá-lo. Já estava começando a achar que tinha feito algum progresso quando Grahame Coats enfiou a cabeça na porta, passou os dedos pelos lábios de fuinha e o chamou com um gesto.

— Preciso ir — disse Spider para o irmão. — O chefão quer falar comigo.

E desligou o telefone.

— Fazendo ligações pessoais no trabalho outra vez, Nancy — comentou Grahame Coats.

— Mas é claro — concordou Spider.

— E era a mim que você estava se referindo como “o chefão”? — perguntou Grahame Coats.

Eles caminharam até o fim do corredor e entraram na sala dele.

— O senhor é o maior — retrucou Spider — e o mais chefe.

Grahame Coats pareceu intrigado. Desconfiava que estava sendo motivo de piada, mas não tinha certeza, e isso o incomodava.

— Bem, sente-se, sente-se — convidou.

Spider se sentou.

Era costume de Grahame Coats manter uma rotatividade constante na equipe da Agência Grahame Coats. Algumas pessoas chegavam e logo partiam. Outras chegavam e ficavam até pouco antes de começarem a receber algum tipo de proteção trabalhista. Fat Charlie estava lá havia mais tempo do que qualquer outro: um ano e onze meses. Faltava um mês para que a indenização em caso de demissão e as leis trabalhistas se tornassem parte de sua vida.

Grahame Coats sempre fazia um pequeno discurso antes de demitir alguém. Um discurso do qual se orgulhava muito.

— Na vida de todos nós — começou —, sempre há momentos turbulentos. Mas depois da tempestade, vem a bonança.

— Não há nada como um dia após o outro — concordou Spider.

— Ah. Sim. Isso mesmo. Bem. E, ao atravessar esse vale de lágrimas, precisamos fazer uma pausa para refletir que...

— Gato escaldado — interveio Spider — tem medo de água fria.

— O quê? Ah. — Grahame Coats se atrapalhou para lembrar o que vinha depois. — A felicidade é como uma borboleta.

— Ou um azulão — concordou Spider.

— Exato. Eu posso terminar?

— Mas é claro. Por favor — respondeu Spider, animado.

— E acho que a felicidade de cada um aqui na Agência Grahame Coats é tão importante quanto a minha.

— Não sei como expressar o quanto isso me deixa feliz.

— Sim — concordou Grahame Coats.

— Bem, é melhor eu voltar ao trabalho — comentou Spider. — Mas foi muito divertido. Da próxima vez que o senhor quiser compartilhar mais pérolas de sabedoria, é só me chamar. Já sabe onde eu fico.

— A felicidade — insistiu Grahame Coats. A voz assumia um leve tom esganiçado. — Eu fico pensando, Nancy, Charles, se você é feliz aqui. Não acha que talvez fosse ser mais feliz em outro lugar?

— Não é isso que eu fico pensando — retrucou Spider. — O senhor quer saber no que *eu* fico pensando?

Grahame Coats não respondeu. Ninguém nunca reagira assim a um discurso seu. Em geral, àquela altura, as pessoas ficavam arrasadas e em estado de choque. Às vezes, choravam. Grahame Coats nunca se importava quando elas choravam.

— O que eu fico pensando — continuou Spider — é em para que servem as contas nas Ilhas Cayman. Sabe, é que às vezes parece que o dinheiro que devia ir para a conta dos clientes vai direto para as contas nas Ilhas Cayman. E acho que é um jeito estranho de organizar as finanças, deixar dinheiro guardado nessas contas. Nunca tinha visto coisa parecida. Esperava que o senhor pudesse me explicar como funciona.

Grahame Coats ficou “branco-gelo”, uma dessas cores que só existem em catálogos de decoração com cores chamadas de

“pergaminho” ou “magnólia”. Então disse:

— Como você teve acesso a essas contas?

— Computadores — disse Spider. — Eles também enlouquecem o senhor? Como lidar com eles?

Grahame Coats passou longos momentos meditando. Sempre gostou de pensar que suas finanças estavam emaranhadas de um jeito tão complexo que, mesmo que a polícia especializada em fraudes financeiras conseguisse chegar à conclusão que houvera algum crime, teriam muita dificuldade de explicar a um júri exatamente que tipo de crime.

— Não é ilegal ter contas no exterior — respondeu, do modo mais despreocupado possível.

— Ilegal? — perguntou Spider. — Ah, espero que não. Quer dizer, se eu visse algo ilegal, teria que relatar às autoridades competentes.

Grahame Coats pegou uma caneta de cima da mesa, depois a colocou de volta no lugar.

— Ah — começou. — Bem, apesar de ser mesmo ótimo conversar, trocar ideias, passar tempo e conviver com você, Charles, desconfio que nós dois temos trabalho a fazer. Afinal de contas, tempo é dinheiro. Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.

— Se a vida lhe der limões, faça uma limonada.

— É, é, isso aí.

* * *

Fat Charlie já começava a se sentir humano outra vez. Não sentia mais dor, não sentia mais as ondas de náusea. Embora ainda não estivesse convencido de que o mundo era um lugar belo e alegre, não estava mais no nono círculo do inferno da ressaca, o que era bom.

Daisy estava no banheiro. Fat Charlie ouvira as torneiras sendo abertas e alguns respingos alegres.

Então ele bateu na porta do cômodo.

— Tem gente — disse Daisy. — Estou no banho.

— Eu sei — respondeu Fat Charlie. — Quer dizer, não sabia, mas achei que devia estar.

— E daí? — inquiriu Daisy.

— Só fiquei pensando — explicou ele, do outro lado da porta. — Fiquei pensando em por que você veio para cá. Ontem à noite.

— Bem — começou ela —, seu estado era lamentável. E seu irmão parecia precisar de ajuda. Como não trabalho hoje de manhã... *voilà*.

— *Voilà* — repetiu Fat Charlie.

Por um lado, ela estava com pena dele. Por outro, gostava mesmo de Spider. Viva. Fat Charlie tinha um irmão havia pouco mais de um dia e já sentia que não teria mais surpresas com essa nova relação familiar. Spider era o descolado, ele era o outro.

Ela comentou:

— Você tem uma voz linda.

— O quê?

— Você estava cantando no táxi, quando voltávamos para casa. “Unforgettable”. Foi lindo.

De algum modo, Fat Charlie tinha apagado o incidente do karaokê da memória, enfiado nos lugares sombrios onde as pessoas guardam as situações inconvenientes. Agora se lembrava, e desejou que isso não tivesse acontecido.

— Você cantou muito bem — continuou ela. — Pode cantar para mim depois?

Fat Charlie ficou em pânico tentando pensar em uma resposta, mas a campainha o salvou dos pensamentos desesperados.

— Tem alguém na porta — disse.

Ele desceu a escada, abriu a porta, e as coisas ficaram ainda piores. A mãe de Rosie lançou um olhar congelante a ele. Ela não disse uma palavra. Estava segurando um grande envelope branco.

— Olá — disse Fat Charlie. — Sra. Noah. É um prazer vê-la. Hã.

Ela fungou e estendeu o envelope diante de si.

— Ah — resmungou —, você está em casa. Então, não vai me convidar para entrar?

Isso mesmo, pensou Fat Charlie. Sua espécie sempre precisa de convite. Basta dizer não, aí ela terá que ir embora.

— Mas é claro, sra. Noah. Por favor, entre. — *Então é assim que os vampiros fazem.* — Gostaria de uma xícara de chá?

— Não pense que vai me distrair assim tão fácil — comentou ela. — Porque não vai.

— Hã. Certo.

Os dois subiram a escada estreita e entraram na cozinha. A mãe de Rosie olhou ao redor e fez uma careta, como se tentasse indicar que o local não estava dentro de seus padrões de limpeza para armazenar — e ali realmente se armazenava — substâncias comestíveis.

— Café? Água? — *Não diga fruta de cera.* — Fruta de cera? — *Droga.*

— Pelo que Rosie comentou, seu pai faleceu há pouco tempo — disse ela.

— Sim, é verdade.

— Quando o pai de Rosie faleceu, publicaram um obituário de quatro páginas na *Cozinheiros cozinhando*. Disseram que ele foi o grande responsável pela introdução da *fusion cuisine* caribenha no país.

— Ah — respondeu Fat Charlie.

— E ele não me deixou sem dinheiro. Tinha seguro de vida e era sócio de dois restaurantes de sucesso. Levo uma vida de luxo. Quando eu morrer, vai tudo para Rosie.

— Quando nos casarmos — começou Fat Charlie —, vou cuidar bem dela. Não se preocupe.

— Não estou dizendo que você só está com ela pelo meu dinheiro — explicou a mãe de Rosie, em um tom que deixava claro que era exatamente aquilo que estava dizendo.

A dor de cabeça de Fat Charlie começou a voltar.

— Sra. Noah, posso ajudá-la de alguma forma?

— Andei conversando com Rosie, e decidimos que eu devia começar a ajudar na organização do casamento — explicou ela, afetada. — Preciso que você faça uma lista das pessoas que estava pensando em convidar. Nomes, endereços, e-mails e números de telefone. Fiz um formulário para você preencher. Pensei em economizar o correio e eu mesma deixá-lo aqui, já que ia passar por Maxwell Gardens de qualquer jeito. Não esperava encontrá-lo em casa. — Ela entregou o envelope branco grande a ele. — Teremos um total de noventa convidados. Você tem permissão de levar um total de oito membros da família e seis amigos. Os amigos e quatro dos familiares ficarão na Mesa H. O restante do seu grupo fica na mesa C. Seu pai ficaria sentado conosco na mesa principal, mas, visto que ele faleceu, passamos o lugar dele para a tia de Rosie, Winifred. Você já escolheu o padrinho?

Fat Charlie balançou a cabeça.

— Bem, quando o fizer, diga a ele que não pode haver grosserias no discurso. Não quero ouvir de seu padrinho nada que seja inapropriado para uma igreja. Está me entendendo?

Fat Charlie ficou pensando no que a mãe de Rosie ouvia na igreja. Provavelmente apenas gritos de “Para trás, besta do inferno!”, seguidos de “Ela está viva?” ansiosos e de questionamentos que percorreriam a multidão angustiada, querendo saber se alguém tinha se lembrado de levar as estacas e os martelos.

— Acho — começou Fat Charlie — que tenho mais de dez convidados. Quer dizer, tenho primos, tias-avós e tal.

— O que você sem dúvida não conseguiu entender — explicou a mãe de Rosie — é que casamentos custam dinheiro. Eu contratei um serviço de 175 libras por pessoa para as mesas de A até D. Temos a mesa A, que é a mesa principal, onde ficam as pessoas mais íntimas de Rosie e do clube feminino de que participo. Para as mesas E até G, cobraram 125 libras. É lá que vão ficar os parentes mais distantes, as crianças, e por aí vai.

— A senhora disse que meus amigos vão ficar na Mesa H.

— Esse é o nível seguinte. Eles não recebem as entradas de camarão com abacate nem o *sherry trifle*.

— Da última vez que conversei com Rosie sobre a cerimônia, decidimos servir comida indiana.

A mãe de Rosie fungou.

— Essa menina às vezes não sabe o que quer. Mas agora estamos em total acordo.

— Bem — começou Fat Charlie —, talvez seja melhor eu conversar com ela sobre isso e depois falar com a senhora.

— É só preencher os formulários — retrucou a mãe de Rosie. Então acrescentou, desconfiada. — Por que você não está no trabalho?

— Eu. Hã. Eu não fui. Quer dizer, estou de folga esta manhã. Não vou trabalhar hoje. Eu. Não vou.

— Espero que tenha dito isso a Rosie. Ela estava planejando almoçar com você. Por isso que não pôde almoçar comigo.

Fat Charlie absorveu a informação.

— Certo — respondeu. — Bem, obrigado por aparecer, sra. Noah. Vou conversar com Rosie e...

Daisy apareceu na cozinha. Estava com uma toalha enrolada na cabeça e usava o roupão de Fat Charlie, grudado ao corpo molhado. Então disse:

— Tem suco de laranja, não tem? Sei que vi um pouco quando estava bisbilhotando por aí, mais cedo. Como está a cabeça? Melhorou? — Ela abriu a porta da geladeira e se serviu um copo de suco de laranja.

A mãe de Rosie pigarreou. Não pareceu muito um pigarro, e sim o som de seixos rolando em uma praia.

— Olá — cumprimentou Daisy. — Eu sou Daisy.

A temperatura na cozinha começou a cair.

— É mesmo? — perguntou a mãe de Rosie. O fim da frase veio cheio de pingentes de gelo.

— Eu fico pensando em como teriam chamado as laranjas — comentou Fat Charlie — se elas não fossem laranja. Quer dizer, se

fossem uma fruta azul desconhecida, será que seriam chamadas de *azuis*? Será que beberíamos suco de azul?

— O quê? — indagou a mãe de Rosie.

— Nossa. Você devia ouvir as coisas que saem dessa sua boca — comentou Daisy, bem-humorada. — Bem, vou ver se encontro minhas roupas. Foi um prazer conhecê-la.

Ela saiu. Fat Charlie ainda não conseguia respirar.

— Quem. É. Ela. — perguntou a mãe de Rosie, perfeitamente calma.

— Minha ir-prima. Minha prima — respondeu Fat Charlie. — É que eu penso nela como uma irmã. Nós éramos muito próximos, quando crianças. Ela resolveu passar a noite aqui. É um pouco rebelde. Bem. É. A senhora vai vê-la no casamento.

— Eu a deixaria na Mesa H — comentou a mãe de Rosie. — Ela vai ficar mais à vontade lá. — Isso foi dito do mesmo jeito que a maioria das pessoas diria coisas como: “Você quer uma morte rápida ou posso deixar Mongo se divertir um pouquinho?”

— Está certo — respondeu Fat Charlie. — Bem, foi um prazer. A senhora deve ter muito o que fazer. E eu preciso ir para o trabalho.

— Achei que você tivesse o dia livre.

— A manhã. Tirei a manhã de folga. E está quase acabando. E preciso sair para o trabalho agora, então, até mais.

Ela apertou a bolsa contra o corpo e ficou de pé. Fat Charlie a seguiu até o corredor.

— Foi um prazer — disse ele.

A mãe de Rosie piscou, fechando os olhos por um breve momento, como uma cobra antes de atacar.

— Até logo, Daisy! — gritou ela. — Até o casamento.

Daisy, agora de calcinha e sutiã, ainda enfiando uma camiseta, apareceu no corredor.

— Tchau — respondeu, e entrou outra vez no quarto de Fat Charlie.

A mãe de Rosie não disse mais nada enquanto Fat Charlie a conduzia escada abaixo. Ele abriu a porta da frente para a velha

senhora e viu algo terrível em seu rosto, algo que fez seu estômago se embrulhar ainda mais. Era o que a mãe de Rosie fazia com a boca. Os cantos estavam repuxados para cima, formando um bico sorridente amedrontador. Como uma caveira com lábios.

Fat Charlie fechou a porta depois que ela passou e ficou parado no hall, trêmulo. Depois subiu as escadas de volta, parecendo um homem a caminho da cadeira elétrica.

— Quem é ela? — perguntou Daisy, acabando de se vestir.

— A mãe da minha noiva.

— Ela é um poço de alegria, não é?

Daisy estava vestida com as mesmas roupas da noite anterior.

— Você vai trabalhar assim?

— Minha nossa, não. Vou passar em casa e me trocar. Não me visto assim no trabalho. Você pode chamar um táxi?

— Para onde você vai?

— Hendon.

Ele ligou para um serviço de táxi. Então se sentou no chão do corredor e contemplou os possíveis cenários futuros, todos impossíveis de serem contemplados.

Havia alguém parado do seu lado.

— Tenho umas vitaminas B na bolsa — anunciou Daisy. — Ou você podia tentar tomar uma colherada de mel. Nunca fez efeito em mim, mas minha colega de apartamento jura que é ótimo para ressaca.

— Não é isso — explicou Fat Charlie. — É que eu disse que você era minha prima. Para que minha sogra não pensasse que você fosse minha... Que nós... Você sabe, uma garota estranha no apartamento, essas coisas.

— Prima? Bem, não se preocupe. Logo, ela deve esquecer que eu existo. E, se isso não acontece, diga que deixei o país misteriosamente. Você nunca mais vai me ver.

— Sério? Promete?

— Não precisa parecer tão feliz.

Um carro buzinou na rua lá fora.

— Deve ser o táxi. Levante-se para a gente se despedir.

Ele se levantou.

— Não se preocupe.

Daisy o abraçou.

— Acho que minha vida acabou — resmungou ele.

— Não. Não acabou, não.

— Estou perdido.

— Obrigada. — A mulher se esticou e deu um beijinho em sua boca, por mais tempo e com mais força do que poderia ser considerado apropriado para duas pessoas que tinham acabado de se conhecer. Depois sorriu, desceu as escadas animada e saiu.

— Isso — comentou Fat Charlie, em voz alta, quando a porta fechou — não deve estar acontecendo de verdade.

Ainda podia sentir o gosto dela nos lábios, era suco de laranja e framboesas. Aquilo era um beijo. Aquilo era um beijo de verdade. Havia uma energia sexual por trás daquele beijo que Fat Charlie nunca sentira em toda a vida, nem mesmo com...

— Rosie — falou.

Ele abriu o celular e apertou a tecla de discagem rápida.

— Você ligou para o celular da Rosie — anunciou a voz da noiva.
— Estou ocupada ou perdi o celular de novo. Você caiu na caixa postal. Tente ligar para minha casa ou deixe um recado.

Fat Charlie fechou o celular. Então vestiu o casaco por cima do moletom e, apertando um pouco os olhos contra a luz terrível e ofuscante do dia, saiu para a rua.

* * *

Rosie Noah estava preocupada, o que por si só já era preocupante. Como tantas coisas no mundo de Rosie, admitisse ela ou não, a culpa era de sua mãe.

Rosie já se acostumara a viver em um mundo no qual sua mãe odiava a ideia de ela se casar com Fat Charlie Nancy. Ela tomou a oposição ao casamento como um sinal dos céus de que devia estar

fazendo alguma coisa certa, mesmo sem ter muita certeza de que aquele era o caso.

E ela o amava, é claro. Ele era seguro, reconfortante, são...

A mudança de atitude da mãe em relação a Fat Charlie a deixou preocupada, e o entusiasmo repentino com os preparativos do casamento a deixou muito perturbada.

Tinha ligado para Fat Charlie na noite anterior para discutir o assunto, mas o noivo não atendera os telefonemas. Rosie achou que ele talvez tivesse decidido dormir cedo.

Foi por isso que resolveu abrir mão do horário de almoço para conversar com ele.

A Agência Grahame Coats ocupava o último andar de um prédio vitoriano cinzento em Aldwych. Para chegar lá, era preciso subir cinco lances de escada. Havia um elevador. Era bem antigo, tinha sido instalado cem anos antes pelo agente teatral Rupert “Binky” Butterworth. Era um elevador bem pequenininho, lerdo e chacoalhante, e a peculiaridade do projeto e das funções só se tornavam compreensíveis ao saber que Binky Butterworth tinha o tamanho e a forma de um jovem hipopótamo corpulento, além da mesma habilidade de se espremer em lugares pequenos. Ele projetou o elevador para caber, com aperto, Binky Butterworth e mais uma pessoa muito mais magra, como por exemplo uma corista ou um corista — Binky não era muito exigente. Para deixá-lo feliz, bastava se apertar no elevador com alguém em busca de representação no meio teatral em uma viagem bem lenta e sacolejante por todos os andares, até o topo. Quando chegavam ao último andar, era comum Binky estar tão transtornado com as pressões da viagem que precisava se deitar, deixando a corista ou o corista tomar chá de cadeira na sala de espera, preocupado com o fato de Binky ter sido acometido por uma terrível falta de ar e estar com rosto vermelho e ofegante desde os últimos andares indicasse que ele estava sofrendo algum tipo de embolia pré-eduardiana.

As pessoas entravam no elevador com Binky Butterworth uma vez, mas depois decidiam usar as escadas.

Grahame Coats, que comprara o que restava da Agência Butterworth da neta de Binky, mais de vinte anos antes, alegava que o elevador era parte da história.

Rosie fechou a grade pantográfica da parte interna, fechou a porta externa e foi até a recepção, onde disse à recepcionista que queria falar com Charles Nancy. Ela se sentou embaixo das fotografias de Grahame Coats com pessoas que ele tinha representado. Reconheceu Morris Livingstone, o comediante, algumas boy bands que já foram famosas e vários astros do esporte que, ao envelhecer, se tornaram “personalidades” — o tipo de gente que tentava ter o máximo de diversão possível até que um novo fígado estivesse disponível.

Um homem entrou na recepção. Ele não era muito parecido com Fat Charlie. Era mais moreno e sorria como se tudo o divertisse — de um modo bem excessivo e perigoso.

— Eu sou Fat Charlie Nancy — anunciou o homem.

Rosie caminhou até Fat Charlie e deu um beijinho em seu rosto.

— Eu conheço você? — perguntou ele. O que foi algo estranho de dizer, então falou: — Claro que sim. Você é Rosie. E fica mais bonita a cada dia.

Ele retribuiu o beijo, encostando os lábios nos dela. Seus lábios apenas roçaram, mas o coração de Rosie começou a bater como o de Binky Butterworth após uma viagem bem sacolejante e apertada com uma corista.

— Almoço! — exclamou Rosie. — Estava pela vizinhança. Achei que seria uma boa ideia. Conversar.

— Claro — respondeu o homem que Rosie agora pensava ser Fat Charlie. — Vamos almoçar.

Ele passou um braço ao redor de Rosie, de um jeito bastante confortável.

— Quer almoçar em algum lugar especial?

— Ah, não sei — respondeu Rosie. — Pode ser qualquer lugar que você queira ir. — *O cheiro dele*, pensou. *Como nunca tinha reparado no quanto gostava do cheiro dele?*

— Vamos procurar um lugar — sugeriu ele. — Que tal descer pela escada?

— Se não se importar, acho que prefiro ir de elevador — respondeu Rosie.

Ela fechou a porta de grade com força, e os dois desceram até o térreo de forma bem lenta, sacolejando apertados um contra o outro.

Rosie não se lembrava da última vez em que se sentira tão feliz.

Quando chegaram à rua, o telefone de Rosie tocou, anunciando uma ligação perdida. Ela o ignorou.

Entraram no primeiro restaurante que encontraram. Até o mês anterior, era um japonês bem moderno, com uma esteira rolante que fazia circular pelo salão pequenas porções de peixe cru, e os preços eram de acordo com a cor do prato. O restaurante japonês tinha fechado e, na mesma hora — como acontece com todos os restaurantes de Londres —, foi substituído por um restaurante húngaro. O novo dono decidira manter a esteira rolante como um acréscimo da modernidade ao mundo da culinária húngara, o que fazia tigelas — que esfriavam bem rápido — de goulash, bolinhos de páprica e potes de creme azedo circularem com muito estilo pelo salão.

Rosie achou que o lugar não conseguiria ter muito sucesso.

— Onde você estava ontem à noite? — perguntou.

— Saí — explicou ele. — Com meu irmão.

— Você é filho único — lembrou Rosie.

— Não sou. Parece que eu, na verdade, vim em dobro.

— Sério? Mais uma surpresa que seu pai deixou?

— Querida — respondeu o homem que ela achava ser Fat Charlie —, você não sabe da missa a metade.

— Bem — retrucou ela —, espero que ele vá ao casamento.

— Acho que ele não vai querer perdê-lo por nada. — O homem envolveu a mão dela com a dele, e Rosie quase deixou cair a colher no goulash. — O que você vai fazer até o fim da tarde?

— Quase nada. As coisas andam meio paradas no escritório. Preciso fazer algumas ligações para arrecadar fundos, mas isso

pode esperar. Tem... Hã. Você... Hã. Por quê?

— Está um dia tão bonito. Quer dar um passeio?

— Eu adoraria — respondeu Rosie.

Eles foram até o dique do rio e começaram a caminhar ao longo da margem norte do Tâmis. Era um passeio lento, de mãos dadas, sem conversar sobre qualquer coisa em particular.

— E o *seu* trabalho? — perguntou Rosie, quando pararam para comprar sorvete.

— Ah — respondeu ele —, ninguém vai se importar. Acho que não vão nem perceber que saí.

* * *

Fat Charlie subiu correndo os degraus da Agência Grahame Coats. Ele sempre optava pela escada. Era mais saudável, para começo de conversa, e também significava que ele nunca mais teria que se preocupar em acabar enfiado com outra pessoa em um espaço apertado demais para fingir que ela não estava ali.

Ele entrou na recepção um pouco ofegante.

— Rosie passou aqui, Annie?

— Vocês se desencontraram? — perguntou a recepcionista.

Ele foi até seu escritório. A escrivanhinha estava particularmente arrumada. A pilha de correspondência tinha desaparecido. Havia um post-it amarelo grudado na tela do computador com a mensagem: “Fale comigo. GC.”

Ele bateu à porta do escritório de Grahame Coats. Dessa vez, uma voz lá dentro respondeu:

— Sim?

— Sou eu — disse ele.

— Ah — retrucou Grahame Coats. — Grande Nancy! Entre. Puxe uma cadeira. Andei pensando muito sobre a conversa que tivemos essa manhã. Sinto que o julguei mal. Você trabalha aqui há quanto tempo...?

— Quase dois anos.

— Você tem trabalhado muito, e arduamente. E agora, com a morte de seu pai, uma tristeza...

— Eu não o conhecia muito bem.

— Ah, você tem caráter, Nancy. Considerando que agora estamos na baixa temporada, o que acha de tirar umas semaninhas de folga com, eu nem preciso dizer, o salário integral?

— Salário integral? — repetiu Fat Charlie.

— Salário integral, mas é claro... Entendo a situação. Uma verba para despesas. Um dinheirinho extra cairia bem, não é mesmo?

Fat Charlie tentou entender em que universo tinha ido parar.

— Eu estou sendo demitido?

Grahame Coats deu risada, o que mais parecia uma fuinha com um osso pontudo entalado na garganta.

— Claro que de jeito nenhum. Muito pelo contrário. Na verdade, acredito que estamos entendidos. Seu emprego está perfeitamente seguro. Seguro como um banco. Enquanto você continuar a ser esse modelo de discrição que tem sido até agora.

— Bancos são bem seguros? — perguntou Fat Charlie.

— Extremamente seguros.

— É que eu li em algum lugar que bancos são assaltados com frequência.

— Então — retrucou Grahame Coats —, acho de vital importância que você dê uma passada no banco o mais rápido possível, antes de ir para casa. Aqui. — Ele entregou a Fat Charlie um pedaço retangular de papel. — Um pequeno agradecimento pelos dois anos de serviços dedicados à Agência Grahame Coats. — Em seguida, porque era o que ele sempre dizia quando dava dinheiro às pessoas, completou: — Não vá gastar tudo de uma vez.

Fat Charlie olhou para o papel. Era um cheque.

— Duas mil libras. Nossa. Com certeza não vou.

Grahame Coats sorriu para Fat Charlie. Se havia algum sinal de triunfo naquele sorriso, Fat Charlie estava intrigado demais, abalado demais, confuso demais para notar.

— Vá pela sombra — concluiu Grahame Coats.

Fat Charlie voltou ao seu escritório.

Grahame Coats espiou pela porta, tão distraidamente quanto um mangusto observando um ninho de serpentes.

— Uma pergunta boba. Se, enquanto você estiver fora se divertindo e relaxando, algo que sugiro que faça com insistência máxima, se durante esse período eu precisar acessar seus arquivos... Você pode me dizer a senha?

— Sua senha não dá acesso a qualquer coisa no sistema? — perguntou Fat Charlie.

— Sem dúvida — respondeu Grahame Coats, de forma casual. — Mas é só por garantia. Afinal de contas, você sabe como são os computadores.

— É *sereia* — revelou Fat Charlie. — S-E-R-E-I-A.

— Excelente — disse Grahame Coats. — Excelente.

Ele não esfregou as mãos, mas podia muito bem ter feito isso.

Fat Charlie desceu as escadas com um cheque de duas mil libras no bolso, pensando em como podia ter julgado o chefe tão mal nos últimos dois anos.

Ele dobrou a esquina e foi ao banco depositar o cheque.

Depois caminhou até o dique para respirar e pensar.

Estava duas mil libras mais rico. A dor de cabeça daquela manhã desaparecera por completo. Estava se sentindo sólido e próspero. Fat Charlie se perguntou se conseguiria convencer Rosie a tirar umas férias curtas com ele. Não teriam muito tempo para se preparar, mas mesmo assim...

E então viu Spider e Rosie andando de mãos dadas do outro lado da rua. Rosie estava terminando um sorvete. Então ela parou, jogou o que restava do doce no lixo, puxou Spider para perto e, com a boca suja de sorvete, começou a beijá-lo com gosto e entusiasmo.

Fat Charlie pôde sentir a dor de cabeça voltando. Sentia-se paralisado.

Ele viu os dois se beijarem. Achava que cedo ou tarde iam ter que parar para respirar, mas não pararam, então disparou na direção contrária, arrasado, até chegar ao metrô.

E foi para casa.

Quando chegou lá, Fat Charlie estava muito chateado, por isso foi para cama, que ainda tinha um leve cheiro de Daisy, e fechou os olhos.

O tempo passou, e agora Fat Charlie estava caminhando com o pai pelas dunas de uma praia. Os dois estavam descalços. Ele era criança de novo, e o pai não tinha uma idade definida.

“E aí”, dizia o pai. “Você e Spider estão se entendendo?”

“Estou sonhando”, observou Fat Charlie. “E não quero falar sobre isso.”

“Ah, meninos”, comentou o pai, balançando a cabeça. “Preste atenção. Vou contar uma coisa importante.”

“O quê?”

Mas o pai não respondeu. Algo na orla captara sua atenção, e ele se abaixou para apanhar o que quer que fosse. Cinco pernas pontudas moviam-se languidamente.

“Uma estrela-do-mar”, disse o pai, pensativo. “Quando você corta uma ao meio, cada parte vira uma nova estrela-do-mar.”

“Achei que você fosse me contar algo importante.”

O pai apertou o peito, desabou na praia e parou de se mexer. Vermes saíram da areia e o devoraram em instantes, deixando apenas os ossos.

“Pai?”

Fat Charlie acordou em seu quarto, o rosto molhado de lágrimas. Então parou de chorar. Não havia por que ficar triste. O pai não tinha morrido. Fora apenas um pesadelo.

Ele resolveu que convidaria Rosie para jantar em casa no dia seguinte. Iam comer bifes. Ele ia cozinhar. Tudo ia ficar bem.

Ele se levantou e se vestiu. Vinte minutos depois, estava na cozinha, comendo macarrão instantâneo, quando lembrou que, apesar do acontecido na praia ter sido um sonho, seu pai estava mesmo morto.

Rosie passou no apartamento da mãe, na Wimpole Street, no fim daquela tarde.

— Vi seu namorado hoje — comentou a sra. Noah.

Seu nome de batismo era Eutheria, mas, nas três últimas décadas, ninguém a chamara assim além do falecido marido, e depois que ele morreu, o nome se perdera, e era improvável que fosse ser usado outra vez enquanto ela vivesse.

— Eu também — retrucou Rosie. — Meu Deus, como eu amo aquele homem.

— Bem, é claro. Você vai se casar com ele, não vai?

— Bem, sim, quer dizer, sempre soube que o amava, mas hoje percebi o quanto o amo de fato. Amo tudo em relação a ele.

— Você descobriu onde ele estava na noite passada?

— Sim. Ele explicou tudo. Tinha saído com o irmão.

— Eu não sabia que ele tinha irmão.

— Ele não tinha mencionado antes. Os dois não são muito próximos.

A mãe de Rosie estalou a língua.

— Ele deve estar no meio de uma reunião de família e tanto. Ele também mencionou a prima?

— Prima?

— Ou seria irmã? Ele não pareceu ter muita certeza. Bonitinha, mas meio vulgar. Parecia chinesa. Se quer saber, eu não achei grande coisa. Mas toda a família dele é assim.

— Mãe, você não conhece a família dele.

— Eu conheci a garota. Ela estava na cozinha dele hoje de manhã, andando seminua. Uma desavergonhada. *Se é que* era mesmo prima.

— Fat Charlie não mentiria.

— Ele é homem, não é?

— *Mãe!*

— E por quê, afinal, ele não foi trabalhar hoje?

— Ele foi. Estava no trabalho. Almoçamos juntos.

A mãe de Rosie conferiu o batom no espelhinho de bolso, depois, com o indicador, limpou algumas manchas vermelhas nos dentes.

— O que mais você disse a ele? — perguntou Rosie.

— Nós só conversamos sobre o casamento, falei que não queria que o padrinho fizesse um daqueles discursos grosseiros. Ele me olhava como se estivesse bêbado. Você já sabe o que eu tenho a dizer sobre se casar com um homem que bebe.

— Bem, ele parecia perfeitamente bem quando o encontrei — contou Rosie, com ar de reprovação. — Ah, mãe. Tive o dia mais maravilhoso da minha vida. Passeamos, conversamos e, ah!, já disse a você como ele *cheira bem*? E as mãos dele são tão macias...

— Se quer saber minha opinião — retrucou a mãe —, isso não está me cheirando nada bem. Só digo uma coisa: na próxima vez que encontrá-lo, pergunte sobre a prima. Não estou afirmando que ela é prima dele, nem que não é. Só estou dizendo que, se é, então tem prostitutas, strippers e libertinas na família dele, e esse seu noivo não é o tipo de pessoa com quem você deveria se envolver.

Rosie se sentiu mais confortável agora que a mãe se voltava outra vez contra Fat Charlie.

— Mãe. Não quero ouvir mais nem uma palavra.

— Está bem. Não digo mais nada. Não sou eu quem vai se casar com ele, afinal. Não é a minha vida que está sendo jogada fora. Não sou eu quem vai ficar chorando no travesseiro quando ele passar a noite fora bebendo com vagabundas. Não sou eu quem vai ficar esperando, dia após dia, noite vazia após noite vazia, ele sair da prisão.

— Mãe! — Rosie tentou ficar indignada, mas a ideia de Fat Charlie na prisão era engraçada demais, absurda demais, e ela acabou tendo que segurar o riso.

O telefone de Rosie tocou. Ela atendeu, e então disse:

— Claro. Eu adoraria. Seria maravilhoso.

Ela guardou o celular.

— Era ele — informou à mãe. — Vou à casa dele amanhã à noite. Ele vai cozinhar para mim. Não é uma graça? — E completou: — Prisão, né?

— Eu sou mãe — retrucou a sra. Noah, em seu apartamento sem comida onde a poeira não ousava assentar —, e sei das coisas.

* * *

Enquanto o dia dava lugar à noite, Grahame Coats sentou-se em seu escritório e encarou a tela do computador. Ele abriu documento após documento, planilha após planilha. Modificou alguns. Apagou a maioria.

Era para ele viajar para Birmingham naquela noite, onde um ex-jogador de futebol, um de seus clientes, inauguraria uma casa noturna. Em vez disso, telefonou e pediu desculpas. Algumas coisas não podem ser deixadas para depois.

Logo a luz do lado de fora da janela sumiu por completo. Grahame Coats estava sentado diante do brilho da tela do computador. Ele modificava, reescrevia e deletava.

* * *

Eis outra história que contam sobre Anansi.

Há muitos e muitos anos, a mulher de Anansi resolveu plantar um canteiro de ervilhas. Eram as melhores ervilhas, as mais gordas e mais verdes que se possa imaginar. Eram de dar água na boca.

No momento em que Anansi viu a plantação de ervilhas, ele as desejou. Mas não desejou apenas algumas delas, pois Anansi era um homem de grande apetite. Ele não queria dividi-las. Queria tudo.

Então ele se deitou na cama e suspirou, um suspiro longo e alto, e sua mulher e seus filhos foram correndo.

— Estou morrendo — anunciou Anansi, com a voz fraca. — Minha vida está chegando ao fim.

A mulher e os filhos começaram a derramar lágrimas fervorosas.

Com a voz bem fraquinha, Anansi vira para eles e pede:

— Em meu leito de morte, vocês precisam me prometer duas coisas.

— Qualquer coisa, qualquer coisa — disseram a mulher e os filhos.

— Primeiro, vocês têm que prometer que vão me enterrar sob a grande árvore de fruta-pão.

— A grande árvore de fruta-pão perto da plantação de ervilha? Essa? — perguntou a mulher.

— Claro que é dessa que estou falando — retrucou Anansi. Então, com a voz fraca, completou: — E vocês têm que prometer mais uma coisa. Prometam que, em minha lembrança, farão uma fogueira ao pé de meu túmulo. E, para mostrar que não me esqueceram, vão manter o fogo aceso, e nunca deixarão que ele se apague.

— Faremos isso! Faremos! — afirmaram a mulher e os filhos de Anansi, chorando.

— E, perto do fogo, como marca de seu respeito e amor, desejo um caldeirão cheio de água salgada, para lembrá-los das lágrimas salgadas e quentes que derramaram com fervor em meu leito de morte.

— É claro! É claro!

Eles choraram, e Anansi só fechou os olhos e não respirou mais.

Então levaram Anansi até a grande árvore de fruta-pão que crescia junto da plantação de ervilhas e o enterraram sob sete palmos de terra. Ao pé do túmulo, acenderam uma fogueira e ao lado puseram um caldeirão cheio de água salgada.

Anansi passou o dia inteiro esperando lá embaixo, mas, quando caiu a noite, ele saiu do túmulo, foi até a plantação de ervilhas e colheu as maiores, mais maduras e suculentas. Ele as juntou e cozinhou no caldeirão, então se fartou até o estômago estufar e ficar duro como um barril.

E, antes do amanhecer, retornou para baixo da terra e voltou a dormir. Ele ainda dormia quando a mulher e os filhos descobriram

que as ervilhas desapareceram. Estava dormindo quando viram o caldeirão vazio e o encheram outra vez. Ele dormia durante seu pesar.

Toda noite Anansi saía do túmulo, dançando e se deliciando com sua esperteza, e toda noite enchia o caldeirão e a barriga de ervilhas, comendo até não poder mais.

Passaram-se os dias, e a família de Anansi ficou cada vez mais magra, pois tudo que amadurecia era colhido à noite por Anansi, e eles ficavam sem nada.

A mulher de Anansi olhava para os pratos vazios e dizia para os filhos:

— O que seu pai faria?

Os filhos pensaram e se lembraram de todas as histórias que Anansi contara. Então foram até os poços de piche e gastaram seis *pence*, o suficiente para encher quatro baldes grandes, e levaram o piche para a plantação de ervilhas. E, bem no meio dela, moldaram um homem de piche: rosto de piche, olhos de piche, braços de piche, dedos de piche e tronco de piche. Era um belo homem, tão negro e orgulhoso quanto o próprio Anansi.

Naquela noite, o velho Anansi, mais gordo do que nunca, saiu de debaixo da terra e, nutrido e feliz, com a barriga inchada como um barril, foi até a plantação de ervilhas.

— Quem é você? — perguntou ao homem de piche.

O homem de piche não disse uma palavra.

— Isto me pertence — disse Anansi, para o homem de piche. — Esta é minha plantação de ervilhas. É melhor ir embora, se sabe o que é melhor para você.

O homem de piche não disse uma palavra, não moveu um músculo.

— Eu sou o sujeito mais forte, o mais poderoso que já existiu ou que vai existir — anunciou Anansi. — Sou mais feroz que o Leão, mais rápido que o Guepardo, mais forte que o Elefante, mais terrível que o Tigre. — Ele estufou o peito de orgulho com seu poder, sua

força e sua ferocidade, e esqueceu que era apenas uma pequena aranha. — Trema. Trema e fuja.

O homem de piche não tremeu nem fugiu. Para falar a verdade, ele só ficou ali parado.

Então Anansi bateu nele.

O punho do deus o acertou e ficou grudado.

— Solte minha mão — mandou, para o homem de piche. — Solte minha mão ou vou bater na sua cara.

O homem de piche não disse uma palavra nem moveu um músculo, e Anansi lhe deu um soco bem dado no rosto.

— Está bem — disse Anansi. — Uma piada é uma piada. Pode prender minhas mãos se quiser, mas tenho outras quatro mãos, e duas pernas ótimas, e você não pode segurar todas, por isso me solte e prometo que vou pegar leve com você.

O homem de piche não soltou as mãos de Anansi, e não disse uma palavra, por isso o deus o golpeou com todas as mãos e o chutou com os pés, um de cada vez.

— Está bem — disse Anansi. — Me solte agora, ou vou *morder* você.

O piche encheu sua boca e cobriu seu nariz e rosto.

E foi assim que, na manhã seguinte, a mulher e os filhos encontraram Anansi quando chegaram à plantação de ervilhas perto da velha árvore de fruta-pão: todo preso ao homem de piche, e mortinho.

Eles não ficaram surpresos ao vê-lo assim.

Naqueles dias, era comum ver Anansi daquele jeito o tempo todo.

CAPÍTULO

SEIS

NO QUAL FAT CHARLIE NÃO CONSEGUE CHEGAR EM CASA NEM DE TÁXI

DAISY ACORDOU COM o despertador e espreguiçou-se na cama como um gatinho. Ouviu o chuveiro, o que significava que a colega de apartamento já estava acordada. Vestiu um roupão rosa felpudo e foi até o corredor.

— Quer mingau? — perguntou para a porta do banheiro.

— Não exatamente — respondeu a colega. — Mas, se você preparar, eu como.

— Você sabe mesmo como fazer uma garota se sentir desejada — retrucou Daisy, indo para a pequena cozinha e colocando a mistura para mingau no fogo.

Voltou para o quarto, vestiu o uniforme e se olhou no espelho. Fez uma careta. Prendeu o cabelo em um coque apertado.

Carol, a colega de apartamento — uma mulher branca e de rosto fino, nascida em Preston —, enfiou a cabeça no cômodo. Estava enxugando o cabelo vigorosamente com a toalha.

— O banheiro é todo seu. Como está o mingau?

— Deve estar precisando de uma mexida.

— E onde você foi na noite passada? Disse que ia sair para tomar uns drinques e comemorar o aniversário da Sybilla, mas sei que não

voltou.

— Isso não é da sua conta, né?

Daisy foi até a cozinha e mexeu o mingau. Acrescentou uma pitada de sal e mexeu mais um pouco. Então derramou o mingau em duas tigelas e as colocou sobre a bancada.

— Carol? O mingau está esfriando.

A amiga chegou, sentou-se e olhou para o mingau. Ainda não tinha terminado de se vestir.

— Isso não é um café da manhã de verdade, né? Se quer saber minha opinião, um café da manhã de verdade tem ovos fritos, salsichas, morcela e tomates grelhados.

— É só preparar — retrucou Daisy —, que eu como.

Carol polvilhou uma colherada de açúcar sobre o mingau na tigela, olhou para o resultado e repetiu o processo.

— Não, você não come droga nenhuma. Só diz que come. Mas, se eu fizesse, você ia começar a falar de colesterol ou do que as frituras fazem com os rins. — Carol provou o mingau com tanto cuidado que mais parecia que ele ia atacá-la. Daisy lhe entregou uma xícara de chá. — Você e esses seus rins. Na verdade, acho até que seria uma boa. Já comeu rins, Daisy?

— Uma vez. Na minha opinião, dá para obter o mesmo resultado grelhando duzentos e cinquenta gramas de fígado e depois fazendo xixi em cima de tudo.

Carol fungou.

— Isso foi desnecessário — reclamou.

— Coma seu café da manhã.

Elas terminaram os mingaus e os chás. Puseram as tigelas na lavadora de pratos, que não foi ligada porque ainda não estava cheia. Então foram de carro para o trabalho. Carol, agora de uniforme, dirigiu.

Daisy andou até sua mesa, que ficava em uma sala cheia de mesas vazias.

O telefone tocou assim que ela se sentou.

— Daisy, você está atrasada.

Ela olhou para o relógio de pulso.

— Não, não estou. Senhor. Mais alguma coisa em que eu possa ajudá-lo esta manhã?

— Óbvio. Você pode ligar para um homem chamado Coats. Ele é amigo do superintendente. Também é torcedor do Crystal Palace. Só esta manhã já recebi duas mensagens de texto sobre isso. Eu quero saber quem foi que ensinou o superintendente a mandar mensagens de texto.

Daisy anotou os detalhes e ligou para o número. Ela usou seu tom de voz mais profissional e eficiente.

— Aqui é a detetive assistente Day. Como posso ajudá-lo?

— Ah — respondeu uma voz masculina. — Bem, é que conversei com o superintendente ontem à noite... Ele é um sujeito incrível, um velho amigo. Um bom homem. E sugeriu que eu conversasse com alguém do seu departamento. Eu gostaria de fazer uma denúncia. Bem, na verdade, não tenho muita certeza se algum crime foi cometido. Deve haver uma explicação bem razoável. Houve certas irregularidades e... Bem, para ser sincero, dei uma folga de duas semanas ao meu contador, enquanto tento aceitar a possibilidade de que ele possa estar envolvido em, hã... Certas irregularidades financeiras.

— Acho que vou precisar de mais detalhes. Qual é seu nome completo, senhor? E do contador?

— Meu nome é Grahame Coats — respondeu o homem do outro lado da linha. — Da Agência Grahame Coats. Meu contador é um homem chamado Nancy. Charles Nancy.

Ela anotou os dois nomes. Não pareceram muito familiares.

* * *

Fat Charlie planejava ter uma conversa com Spider assim que o irmão chegasse em casa. Tinha ensaiado a discussão na cabeça, várias vezes, e ganhara todas de um modo justo e decisivo.

Mas Spider não voltara para casa na noite anterior, e Fat Charlie acabou pegando no sono na frente da TV, prestando pouca atenção ao programa barulhento e colorido para um público de tarados insones que parecia se chamar *Que show de bunda!*.

Ele acordou no sofá, com Spider abrindo as cortinas.

— É um lindo dia — comentou Spider.

— Você! — exclamou Fat Charlie. — Você estava beijando a Rosie. Não tente negar.

— Eu tive que beijá-la — defendeu-se Spider.

— Como assim, teve que beijá-la? Você não precisava fazer nada.

— Ela achava que eu era você.

— Bem, mas você sabia que não era eu. Não devia ter correspondido.

— Mas se eu tivesse me recusado, ela teria pensado que era você que não queria um beijo.

— Mas não era eu.

— Ela não sabia disso. Eu só estava tentando ajudar.

— Ajudar — repetiu Fat Charlie, do sofá — é algo que, em termos gerais, *não* envolve beijar minha noiva. Você podia ter dito que estava com dor de dente.

— Isso — respondeu Spider, parecendo muito honrado — teria sido mentira.

— Mas você já estava mentindo! Estava fingindo que era eu!

— Bem, de qualquer modo, isso só teria aumentado a mentira. Que só começou porque você não estava em condições de ir para o trabalho. Não, eu não conseguiria contar *mais* uma mentira, teria me sentido péssimo.

— Bem, eu é que *me senti* péssimo. Tive que ficar assistindo enquanto você beijava a minha noiva.

— Ah, mas ela *achava* que estava beijando você.

— Pare de dizer isso.

— Você devia se sentir lisonjeado. Quer almoçar?

— Claro que não quero almoçar. Que horas são?

— Hora do almoço — respondeu Spider. — E você está atrasado para o trabalho outra vez. Ainda bem que não tentei ajudar de novo, já que é assim que você me agradece.

— Não tem problema — explicou Fat Charlie. — Ganhei duas semanas de folga. E um bônus.

Spider ergueu uma sobrancelha.

— Olha — começou Fat Charlie, sentindo que era hora de avançar para o segundo round da discussão. — Não é que eu queira me livrar de você, nem nada parecido, mas queria saber: quando você pretende ir embora?

— Bem, quando vim para cá, planejava ficar só um dia. Talvez dois. Tempo o bastante para conhecer meu irmãozinho e seguir com minha vida. Sou um homem ocupado.

— Então você vai embora hoje.

— Esse *era* o plano. Mas aí conheci você. Não consigo acreditar que ficamos quase uma vida inteira sem a companhia um do outro, mano.

— Eu consigo.

— Os laços de sangue são mais fortes que a água — retrucou Spider.

— Água não é forte — protestou Fat Charlie.

— Mais forte que vodca, então. Ou que vulcões. Ou... ou amônia. Veja só, a questão é que ficar aqui com você é... Bem, é um privilégio. Nunca fomos parte da vida um do outro, mas isso está no passado. Agora vamos virar a página. Vamos deixar o passado para trás e criar novos laços, laços de irmandade.

— Você está caidinho pela Rosie — resmungou Fat Charlie.

— Caidinho — concordou Spider. — O que você planeja fazer em relação a isso?

— Fazer, eu? Bem, ela é *minha* noiva.

— Não se preocupe. Ela acha que eu sou você.

— Quer parar de falar isso?

Spider olhou para o céu e fez cara de inocente, depois arruinou o efeito passando a língua nos lábios.

— Então, qual é o seu plano? Casar com ela fingindo ser eu?

— Casar? — Spider fez uma pausa e pensou por um instante. — Que. Ideia. Horrível.

— Bem, na verdade, eu estou doido para me casar.

— Spider não se casa. Não sou esse tipo de homem.

— Então minha Rosie não é boa o suficiente para você, é isso?

Ele não respondeu. Apenas saiu da sala.

Fat Charlie achou que conseguira ganhar um ponto na discussão. Ele se levantou, pegou as embalagens vazias, que na noite anterior continham *chow mein* de frango com almôndegas de porco crocantes, e as jogou na lata de lixo. Então foi para o quarto, onde tirou a roupa com a qual dormira para pôr roupas limpas, mas descobriu que, como não passara na lavanderia, não tinha roupas limpas. Por isso, escovou bem as roupas da véspera — tirando vários fios de macarrão grudados nela — e as vestiu outra vez.

Então entrou na cozinha.

Spider estava sentado à mesa, comendo um bife grande o suficiente para duas pessoas.

— De onde você tirou isso? — inquiriu, apesar de ter certeza de que já sabia.

— Eu perguntei se você queria almoçar — respondeu Spider, gentil.

— Onde você arranjou esse bife?

— Estava na geladeira.

— Esse — declarou Fat Charlie, agitando o indicador como um promotor se preparando para o momento decisivo da acusação. — Esse é o bife que eu comprei para o jantar desta noite. Para mim e Rosie. Para a refeição que eu ia preparar para ela! E você fica aí, parado, como uma... como uma pessoa comendo um bife, e... e comendo, e...

— Isso não é problema — disse Spider.

— Como assim “não é problema”?

— Bem, eu liguei para a Rosie hoje de manhã, vou levá-la para jantar. Então você não ia mesmo precisar do bife.

Fat Charlie abriu a boca. E tornou a fechá-la.

— Quero que você vá embora — anunciou.

— É bom para a ambição dos homens que os desejos sejam maiores do que eles podem... alcançar ou obter, sabe? Do contrário, para que serve o paraíso? — retrucou Spider, animado, entre garfadas do bife de Fat Charlie.

— Que diabos quer dizer isso?

— Quer dizer que não vou a lugar algum. Gosto daqui.

Ele cortou outro pedaço de bife e o enfiou na boca.

— Fora — disse Fat Charlie, então o telefone no corredor tocou. Fat Charlie deu um suspiro, foi até lá e atendeu.

— *Que é?*

— Ah, Charles. Que bom ouvir sua voz. Sei que você está aproveitando um merecido descanso, mas acha que estaria dentro de suas possibilidades dar uma passada aqui, coisa de meia hora, mais ou menos? Pode ser amanhã de manhã, por volta das dez?

— Sim. Claro. Sem problema.

— Ah, que maravilha. Preciso da sua assinatura em alguns documentos. Bem, até lá.

— Quem era? — perguntou Spider. Ele já tinha raspado o prato e estava limpando a boca com um guardanapo.

— Grahame Coats. Quer que eu passe no trabalho amanhã.

— Ele é um filho da mãe.

— E daí? Você também é.

— Sou um tipo diferente de filho da mãe. Ele não tem um bom coração. Você deveria procurar outro emprego.

— Eu adoro meu emprego!

Fat Charlie estava falando sério. Tinha conseguido se esquecer do quanto detestava o emprego, a Agência Grahame Coats e a presença assustadora do próprio Grahame Coats, que parecia espreitar por trás de cada porta.

Spider se levantou.

— O bife estava ótimo. Coloquei minhas coisas no quarto extra.

— Quê!?

Fat Charlie atravessou o corredor depressa, indo até o aposento que fazia sua residência ser qualificada, tecnicamente, como um apartamento de dois quartos. O aposento continha várias caixas de livros, um velho autorama, uma lata cheia de carrinhos Hot Wheels (a maioria com menos de quatro rodas), e vários outros resquícios da infância de Fat Charlie. Seria um quarto de bom tamanho para um gnomo de jardim de estatura normal ou, quem sabe, um anão pequeno, mas, para qualquer outra pessoa, era um armário com janela.

Ou melhor, tinha sido, não era mais.

Fat Charlie abriu a porta e ficou parado no corredor, piscando.

Havia um quarto, sim. Isso ainda era verdade. Mas era um quarto enorme. Um quarto magnífico. Com grandes janelas panorâmicas que davam para o que parecia ser uma cachoeira. Atrás da cachoeira, o sol tropical estava baixo no horizonte, banhando a tudo com sua luz dourada. Havia uma lareira grande o suficiente para assar dois bois, com três toras de lenha em brasa crepitando e soltando fagulhas. Em um dos cantos, uma rede estava pendurada ao lado de um sofá muito branco e de uma cama com dossel. Perto da lareira, ficava o que talvez fosse uma espécie de banheira de hidromassagem. Fat Charlie ficou na dúvida, pois só as havia visto em revistas de decoração. Havia um tapete de couro de zebra no chão, uma pele de urso pendurada na parede e o tipo de equipamento de som moderno que consiste basicamente de uma peça de plástico preto e brilhante para a qual o usuário apenas acena. Em uma das paredes estava pendurada uma TV de tela plana da largura do quarto que deveria estar ali. E tinha mais...

— O que você fez? — perguntou Fat Charlie.

Ele não entrou. Spider respondeu, atrás dele:

— Bem, como vou passar alguns dias aqui, achei melhor trazer minhas coisas.

— Trazer suas coisas? *Trazer suas coisas* é carregar umas sacolas de roupa suja, alguns jogos de PlayStation e um vaso de planta. Isso é... Isso é... — Ele estava sem palavras.

Spider deu tapinhas no ombro do irmão enquanto o empurrava para passar.

— Se precisar de mim, estarei no meu quarto.

E fechou a porta.

Fat Charlie sacudiu a maçaneta. A porta estava trancada.

Ele foi para a sala de TV, pegou o telefone do corredor e ligou para a sra. Higgler.

— Quem é que está ligando a essa hora da manhã? — inquiriu a velha senhora.

— Sou eu, Fat Charlie. Desculpe.

— E? Por que você está ligando?

— Bem, eu liguei para pedir um conselho. Sabe, meu irmão apareceu por aqui.

— Seu irmão?

— Spider. A senhora que me contou sobre ele. Você disse para eu pedir a uma aranha se quisesse vê-lo. Então eu fiz isso, e ele está aqui.

A sra. Higgler respondeu em um tom despreocupado:

— Ora, que bom.

— Não é nada bom.

— Por que não? Ele é da família, não é?

— Olhe, não posso entrar em detalhes agora. Só preciso que ele vá embora.

— Já tentou pedir com educação?

— Acabamos de conversar sobre isso. Ele disse que não vai. Montou o que parece ser o palácio dos prazeres de Kublai Khan no quartinho de tralhas aqui de casa, e... Sabe, preciso de permissão só para botar vidro duplo. Quer dizer, ele enfiou uma espécie de cachoeira no quarto. Não aqui dentro, mas dá para ver da janela. E ele está dando em cima da minha noiva.

— Como você sabe?

— Ele me contou.

A sra. Higgler explicou:

— Olhe, eu não consigo pensar direito antes de tomar o café da manhã.

— Eu só preciso saber como faço para mandá-lo embora.

— Eu não sei. Vou perguntar para a sra. Dunwiddy.

E a sra. Higgler desligou o telefone.

Fat Charlie andou até o fim do corredor e bateu à porta.

— O que foi?

— Quero conversar.

A porta fez um *clique* e se abriu sozinha. Fat Charlie entrou. Spider estava recostado, nu, na banheira. Estava bebendo algo com uma cor que parecia um pouco com eletricidade em um copo comprido e coberto de gelo. As grandes janelas panorâmicas estavam bem abertas, e o barulho da cachoeira contrastava com o jazz suave e fluido vindo de caixas acústicas escondidas em algum lugar no quarto.

— Veja bem — começou Fat Charlie —, você precisa entender que esta é a minha casa.

Spider piscou.

— *Isto? Isto* aqui é a sua casa?

— Bem, não exatamente. Mas é o mesmo princípio. Quer dizer, você está no meu quarto extra e é um hóspede. Hum.

Spider deu um gole no drinque e se afundou ainda mais na água quente, muito satisfeito.

— Dizem que hóspedes são como peixes. Começam a feder depois de uns três dias — comentou.

— Faz sentido — retrucou Fat Charlie.

— Mas é difícil. É difícil passar a vida inteira sem ver o irmão. É difícil ele ter passado tanto tempo sem nem saber que você existia. E é mais difícil ainda quando você finalmente o encontra e descobre que, na opinião dele, você não é melhor que um peixe morto.

— Mas... — começou Fat Charlie.

Spider se espreguiçou na banheira.

— Olha só. Não posso ficar aqui para sempre. Relaxe. Vou embora antes de você se dar conta. E nunca vou pensar em você

como um peixe morto. Sei que nós dois estamos muito estressados. Então, não vamos mais falar sobre esse assunto. Por que você não sai para almoçar? Não se esqueça de deixar a chave de casa. Aproveite e vá ao cinema!

Charlie vestiu o paletó e saiu. Deixou a chave da porta ao lado da pia. O ar fresco estava maravilhoso, apesar do céu nublado e da garoa fina. Ele comprou um jornal para ler. Parou em uma barraquinha e comprou um saco grande de batatas fritas e uma linguiça *save/oy* empanada. A garoa parou, por isso Fat Charlie se sentou em um banco no pátio de uma igreja, onde leu o jornal e comeu a linguiça *save/oy* com fritas.

Ele queria muito ir ao cinema.

Andou até o Odeon e comprou uma entrada para a próxima sessão. Era um filme de ação e aventura, que já tinha começado quando ele entrou. Coisas explodiam. Foi ótimo.

Lá pela metade do filme, ocorreu a Fat Charlie que havia algo que ele não conseguia lembrar. A lembrança estava perdida em algum lugar da cabeça, como uma coceira um centímetro atrás dos olhos, e não parava de distraí-lo.

O filme acabou.

Fat Charlie percebeu que, apesar de ter gostado, na verdade não conseguia se lembrar muito bem do filme que acabara de ver. Então comprou um saco grande de pipoca e o assistiu de novo. Foi ainda melhor na segunda vez.

E na terceira.

Depois disso, achou que era melhor se preparar para voltar para casa, mas havia um programa duplo de fim de noite com *Eraserhead* e *Histórias Reais*, e Fat Charlie não tinha visto os dois, por isso assistiu aos filmes, apesar de, àquela altura, estar com muita fome. Foi por isso que, no fim, não sabia dizer com certeza sobre do que se tratava *Eraserhead*, nem o que a mulher estava fazendo no aquecedor, e ficou se perguntando se o deixariam ficar para ver de novo. Mas o pessoal do cinema explicou, várias vezes e com muita paciência, que estava na hora de fechar. Então

perguntaram se ele não tinha uma casa para onde ir e se não era hora de ele estar dormindo.

E, é claro que ele tinha casa, e era mesmo hora de dormir, apesar de ter se esquecido disso por um tempo. Então voltou a pé até a Maxwell Gardens e ficou um pouquinho surpreso ao ver que a luz de seu quarto estava acesa.

Quando chegou mais perto da casa, viu que as cortinas estavam fechadas. Mesmo assim, havia duas silhuetas se movendo na janela. Ele achou que reconhecia as duas.

Elas se aproximaram. Uniram-se em uma só sombra.

Fat Charlie emitiu um uivo profundo e terrível.

* * *

Na casa da sra. Dunwiddy havia um monte de animais de plástico. Lá, a poeira se movia pelo ar bem lentamente, como se estivesse mais acostumada aos raios de sol de uma era mais tranquila e não conseguisse lidar com toda aquela luz moderna e rápida. As poltronas e o sofá eram protegidos por uma cobertura de plástico transparente que estalava sempre que alguém se sentava.

Na casa da sra. Dunwiddy, o papel higiênico era duro e com aroma de pinho — rolos de papel reluzente, desconfortável e não absorvente. A sra. Dunwiddy adorava economizar, e o papel higiênico duro com aroma de pinho estava no âmago daquele impulso econômico. Ainda dava para comprar papel higiênico ruim daquele tipo, bastava procurar por tempo suficiente e estar disposto a pagar mais caro.

A casa da sra. Dunwiddy cheirava a água de violetas. Era uma casa velha. As pessoas esquecem que os filhos dos pioneiros da Flórida já eram homens e mulheres feitos quando os puritanos rígidos desembarcaram em Plymouth Rock. A casa não era tão antiga. Fora construída nos anos 1920, durante o esquema da expansão imobiliária do estado. Era para ser uma casa modelo, para representar as casas hipotéticas que todos os outros

compradores acabariam impossibilitados de construir nos lotes de pântanos cheios de jacarés que estavam sendo vendidos. A casa da sra. Dunwiddy sobrevivera a furacões sem perder sequer uma telha.

Quando a campainha tocou, a sra. Dunwiddy estava recheando um pequeno peru. Ela fez um muxoxo, lavou as mãos e atravessou o corredor, olhando para o mundo através dos óculos de armação muito grossa, a mão esquerda se arrastando pelo papel de parede.

Ela entreabriu a porta e olhou quem era.

— Louella? Sou eu.

Era Callyanne Higgler.

— Entre.

A sra. Higgler seguiu a sra. Dunwiddy até a cozinha. A sra. Dunwiddy lavou as mãos depressa e retomou a tarefa, pegando punhados de recheio de pão de milho úmido e enfiando dentro do peru.

— Vai receber visita?

A sra. Dunwiddy respondeu com um ruído evasivo.

— É sempre bom estar preparada. Pode me dizer o que está acontecendo?

— O filho do Nancy. Fat Charlie.

— O que tem ele?

— Bem, contei para ele sobre o irmão, quando ele veio aqui, semana passada.

A sra. Dunwiddy tirou a mão de dentro do peru.

— Isso não é o fim do mundo — comentou.

— Expliquei como entrar em contato com o irmão.

— Ahhh — resmungou a sra. Dunwiddy. Era capaz de mostrar desaprovação com apenas uma sílaba. — E?

— Ele apareceu lá na Inglaterra. O garoto já está desesperado.

A sra. Dunwiddy pegou um punhado grande de pão de milho úmido e o enfiou dentro do peru com uma força que teria feito os olhos da ave lacrimejarem, se ela ainda os tivesse.

— Não consegue expulsá-lo?

— Não.

Olhos argutos espiaram através das lentes grossas. A sra. Dunwiddy falou:

— Fiz isso uma vez. Não posso fazer de novo. Não daquele jeito.

— Eu sei. Mas precisamos fazer alguma coisa.

A sra. Dunwiddy soltou um suspiro.

— O que dizem é verdade. Se você viver o bastante, terá que enfrentar as consequências dos seus atos.

— Não tem outro jeito?

A sra. Dunwiddy terminou de rechear o peru. Ela pegou um palito, puxou a pele e fechou a abertura. Depois cobriu a ave com papel-alumínio.

— Acho que vou botar isso aqui para assar amanhã de manhã. Vai ficar pronto depois do almoço. Aí boto de volta no forno quente no início da noite, para deixar pronto para o jantar.

— Quem você vai receber para jantar? — perguntou sra. Higgler.

— Você, Zorah Bustamonte, Bela Noles. E Fat Charlie Nancy. Quando o garoto chegar aqui, vai estar com muita fome.

A sra. Higgler continuou com as perguntas:

— Ele vem aqui?

— Você não está prestando atenção, menina? — retrucou a sra. Dunwiddy. Ela era a única que podia chamar a sra. Higgler de “menina” sem parecer boba. — Agora me ajude a levar este peru para a geladeira.

* * *

Podemos dizer que aquela foi a noite mais maravilhosa da vida de Rosie: mágica, perfeita, absolutamente incrível. Ela não conseguiria parar de sorrir nem se quisesse. A comida estava fabulosa, e, depois do jantar, Fat Charlie a levava para dançar. Era um salão de baile de verdade, com uma pequena orquestra e pessoas com roupas em tons pastel deslizando pela pista. Era como se tivessem viajado no tempo e decidido visitar uma época mais nobre. Rosie

fazia aulas de dança desde os cinco anos, mas nunca tivera com quem dançar.

— Não sabia que você dançava — comentou.

— Há muitas coisas sobre mim que você não sabe — respondeu o noivo.

E aquilo a deixou feliz. Em pouco tempo, ela e aquele homem estariam casados. Havia coisas sobre ele que ela não sabia? Excelente. Teria a vida inteira para descobri-las. Todo tipo de coisas.

Enquanto caminhava ao lado dele, Rosie percebeu como as outras mulheres — e até os outros homens — olhavam para Fat Charlie. Estava feliz por ser a mulher em seus braços.

Eles caminharam pela Leicester Square, e Rosie pôde ver as estrelas cintilando no céu. A luz delas era bem forte, apesar da iluminação dos postes de rua.

Por um breve instante, ela se perguntou por que nunca se sentira daquele jeito com Fat Charlie. Às vezes, em algum lugar bem lá no fundo, Rosie desconfiava que talvez só estivesse com Fat Charlie porque a mãe não gostava muito dele, que só tivesse dito *sim* quando ele lhe pediu em casamento porque a mãe teria preferido que ela dissesse *não*...

Certa vez, Fat Charlie a levara ao West End. Eles foram ao teatro. Era uma surpresa de aniversário para ela, mas houvera um problema com os ingressos, que, na verdade, tinham sido emitidos para a véspera. A gerência foi muito compreensiva e prestativa, e Fat Charlie foi alocado em um assento atrás da coluna ao lado do palco, enquanto Rosie ficou no balcão superior, atrás de um grupo muito barulhento de Norwich. A noite não fora um sucesso, levando em conta esses detalhes.

Mas essa noite... Essa noite tinha sido mágica. Rosie não tivera muitos momentos perfeitos na vida, mas, independente de qual fosse o total, tinha sido aumentado em um.

Ela amava o modo como se sentia quando estava com ele.

Depois que terminaram de dançar, depois que cambalearam pela noite, inebriados pelo movimento e pelo champanhe, Fat Charlie —

Por que penso nele como Fat Charlie?, pensou. *Ele não é nem um pouco gordo* — passou o braço ao redor dela e anunciou:

— Agora você vai para a minha casa. — Aquilo foi dito com uma voz tão profunda e real que fez seu abdome vibrar.

Ela não retrucou falando que teria que trabalhar no dia seguinte, explicando que haveria tempo suficiente para esse tipo de coisa quando estivessem casados. Na verdade, não falou coisa alguma, pois todo o tempo pensava em quanto não queria que aquela noite terminasse, em quanto desejava, ou melhor, *precisava* beijar e abraçar aquele homem.

E então, lembrando-se de que tinha que responder alguma coisa, respondeu que *sim*.

No táxi para a casa dele, com as mãos dadas a seu homem, ela se inclinou para perto e olhou para ele, os faróis dos carros e as luzes dos postes que passavam iluminando seu rosto.

— Você tem a orelha furada. Como foi que eu nunca percebi isso antes?

Ele respondeu sorrindo, a voz parecida com a vibração profunda de um baixo.

— Ei, como acha que eu me sinto quando você diz que nunca sequer percebeu uma coisa dessas? Nós estamos juntos há... Quanto tempo, mesmo?

— Um ano e meio — respondeu Rosie.

— Um ano e meio — repetiu o noivo.

Ela se encostou nele e inspirou seu perfume.

— Amo seu cheiro. Você está usando algum perfume?

— É meu cheiro mesmo — retrucou ele.

— Bem, você devia engarrafá-lo.

Ela pagou o táxi enquanto ele abria a porta da casa. Subiram a escada juntos. Quando chegaram à sala, ele pareceu seguir pelo corredor na direção do quarto extra nos fundos.

Ela interveio:

— Você sabe que o quarto é por aqui, seu bobo. Aonde vai?

— A lugar nenhum. Eu sei disso — retrucou ele.

Os dois entraram no quarto de Fat Charlie. Ela fechou as cortinas. Depois apenas o encarou. Estava feliz. Após algum tempo, perguntou:

— Bem, você não vai tentar me beijar?

— Acho que vou — respondeu o noivo.

E beijou. O tempo derreteu, se estendeu e se curvou. Podia ter durado um momento, uma hora ou uma vida. E então...

— O que foi isso?

— Não ouvi nada — respondeu ele.

— Parecia um grito de dor.

— Uma briga de gatos, talvez?

— Parecia uma pessoa.

— Deve ter sido uma dessas raposas que ficam na cidade. Elas fazem um barulho muito parecido com o dos seres humanos.

Ela ficou parada, a cabeça inclinada para o lado, ouvindo com muita atenção.

— Agora parou. Hum. Quer saber o que é ainda mais estranho?

— Aham — respondeu ele, os lábios agora acariciando seu pescoço. — Claro, pode contar o que é ainda mais estranho. Mas eu fiz o barulho parar. Não vai mais incomodá-la.

— O mais estranho — explicou Rosie — é que parecia a sua voz.

* * *

Fat Charlie caminhou pelas ruas tentando clarear as ideias. A atitude óbvia a tomar era bater à porta de sua própria casa até que o irmão descesse e o deixasse entrar, para então dizer umas verdades a Spider e Rosie. Isso era óbvio. Perfeita e absolutamente óbvio.

Ele só precisava voltar ao apartamento, explicar tudo para Rosie e deixar Spider constrangido o bastante para deixá-lo em paz. Era tudo o que precisava fazer. Quão difícil poderia ser?

Com certeza mais difícil do que deveria. Ele não sabia ao certo por que tinha saído andando para longe de casa. Sabia menos ainda

como voltar para lá. As ruas que conhecia — ou achava que conhecia — pareciam ter se reconfigurado. Deu de cara com ruas sem saída e explorou infinitos becos, caminhando sem rumo pelo emaranhado de vias residenciais londrinas, tarde da noite.

Às vezes via a rua principal, com sinais de trânsito e luzes de lanchonetes. Sabia que, quando chegasse lá, conseguiria encontrar o caminho de volta para casa, mas sempre que ia em direção à rua principal, acabava chegando em outro lugar.

Os pés estavam começando a doer. O estômago roncava bem alto. Fat Charlie estava com raiva, e ela aumentava à medida que caminhava.

A raiva o deixou lúcido. As teias de aranha penduradas em sua mente começaram a sumir. O emaranhado de ruas onde passava começou a parecer mais simples. Ele virou uma esquina e chegou à rua principal, perto do restaurante 24 horas *Frango Frito de Nova Jersey*. Ele pediu uma porção tamanho família, sentou-se e comeu tudo sem a ajuda de ninguém da família. Quando terminou, ficou parado na calçada até surgir uma luz laranja amistosa de “livre” grudada a um táxi preto e grande. Fez sinal para ele. O carro parou perto dele, e o motorista baixou a janela.

— Para onde?

— Maxwell Gardens — respondeu Fat Charlie.

— Isso é brincadeira, não é? — perguntou o motorista. — É logo ali na esquina.

— Você pode me levar lá? Eu dou mais cinco libras de gorjeta. Sério.

O taxista suspirou alto, os dentes cerrados. O resultado foi o ruído que um mecânico de carros faz antes de perguntar se você ainda usa o mesmo carro por razões sentimentais.

— O problema é seu. Entre.

Fat Charlie entrou. O taxista saiu com o carro, esperou que o sinal de trânsito abrisse e virou a esquina.

— Aonde o senhor disse que queria ir? — perguntou.

— Maxwell Gardens. Número 34. É logo depois da loja de bebidas.

Ele estava usando as mesmas roupas do dia anterior, e preferia que não fosse o caso. A mãe sempre dissera para usar uma roupa de baixo limpa, para o caso de ser atropelado, e para sempre escovar os dentes, para o caso de precisarem identificá-lo pela arcada dentária.

— Sei onde é. É logo antes de chegar à Park Crescent.

— Isso mesmo — confirmou Fat Charlie.

Estava quase dormindo no banco de trás.

— Devo ter pegado uma entrada errada — comentou o taxista. Ele pareceu irritado. — Vou desligar o taxímetro, está bem? Fica por cinco libras.

— Beleza — respondeu Fat Charlie, então se aconchegou no banco de trás e dormiu.

O táxi dirigia na noite escura, tentando simplesmente virar a esquina.

* * *

A detetive assistente Day, ainda no período de doze meses de experiência alocada na Divisão de Fraudes, chegou aos escritórios da Agência Grahame Coats às nove e meia da manhã. Grahame Coats estava à sua espera na recepção e a acompanhou até o escritório.

— Gostaria de um café ou chá?

— Não, obrigada, estou bem.

Ela pegou um caderno e se sentou, olhando para o homem, aguardando com expectativa.

— Bem, não sei como deixar mais claro que a discrição deve ser parte integrante de suas investigações. A Agência Grahame Coats tem uma reputação de honestidade e retidão. Aqui, o dinheiro dos clientes é sacrossanto. É preciso dizer que, quando comecei a desconfiar de Charles Nancy, deixei as suspeitas de lado, por não serem compatíveis com o perfil de um homem decente e trabalhador. Se, há uma semana, alguém me perguntasse o que eu

achava dele, minha resposta seria que o considerava uma pessoa extremamente íntegra.

— Tenho certeza que sim. Então, quando foi que o senhor descobriu que alguém pode ter desviado dinheiro das contas dos clientes?

— Bem, ainda não sei ao certo. Não me apresso em levantar suspeitas. Ou em atirar pedras. Não julgues, para que não sejas julgado.

Na televisão dizem coisas como “atenha-se aos fatos”, pensou Daisy. E desejou poder dizer aquilo, mas não disse.

Ela não gostou daquele homem.

— Imprimi todas as transações anômalas — continuou ele. — Como você pode ver, todas se originaram no computador de Nancy. Mais uma vez, preciso ressaltar que é essencial que essa operação seja o mais secreta possível: entre os clientes da Agência Grahame Coats há várias figuras públicas proeminentes, e, como eu disse ao seu superior, considero um favor pessoal a questão ser resolvida do modo mais discreto possível. Discrição deve ser seu lema. Acho que uma solução perfeitamente satisfatória para a situação seria, por acaso, conseguirmos convencer o sr. Nancy a simplesmente devolver os ganhos escusos. Não tenho intenção de prestar queixas.

— Vou fazer o possível, mas, no fim das contas, apenas reunimos a informação e a entregamos ao Serviço de Procuradoria da Coroa.

— Ela se perguntou quanta influência aquele homem devia ter com o superintendente. — Então, o que o fez começar a suspeitar?

— Ah, sim. Bom, para ser bem honesto, foram certas peculiaridades de comportamento. O cachorro que não latiu durante a noite. O tanto que a salsa se misturou à manteiga. Nós, detetives, encontramos sentido mesmo nas menores coisas, não é mesmo, detetive Day?

— Hã, na verdade é detetive assistente. Bem, o senhor se importa de me entregar as páginas que imprimiu e mais qualquer outro documento, registro bancário e coisas do tipo? Seria um problema

se a gente precisasse pegar o computador dele para dar uma olhada no disco rígido?

— Mas é claro que de jeito nenhum. — O telefone em sua mesa tocou. — Com licença, só um segundo. — O sr. Graham Coats atendeu. — Ele chegou? Meu bom Deus. Bem, peça a ele para me esperar na recepção. Já, já saio para recebê-lo. — Grahame Coats desligou o telefone. — Acredito que isso seja o que vocês policiais chamariam de “entregar de bandeja”.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— É o tal Charles Nancy de que falávamos, ele veio me ver. Vamos chamá-lo? Se precisar, pode usar um escritório como sala de entrevista. Com certeza tenho um gravador que você pode usar.

Daisy respondeu:

— Isso não será necessário. A primeira coisa que preciso fazer é analisar a papelada.

— Claro, mas que ideia a minha. Hã, a senhora... quer dar uma olhada nele?

— Não vejo como isso ajudaria em alguma coisa — retrucou Daisy.

— Ah, eu não pretendia dizer que ele é objeto de investigação — assegurou Grahame Coats. — Acho que assim ele fugiria para *costa-del-crime* antes que pudéssemos dizer *provas concretas*. Para ser sincero, gosto de pensar em mim como uma pessoa extremamente simpática aos problemas da polícia contemporânea.

Daisy percebeu que achava que qualquer um que roubasse dinheiro daquele sujeito não devia ser tão mau assim, o que sabia que não era jeito de um policial pensar.

— Vou acompanhá-la até a saída — anunciou Grahame Coats.

Havia um homem sentado na sala de espera. Ele parecia ter acordado com aquelas roupas. Estava com a barba por fazer e parecia um pouco confuso. Grahame Coats cutucou Daisy e inclinou a cabeça na direção do homem. Então falou, em voz alta:

— Meu Deus, Charles, olhe só o seu estado. Você está horrível.

Fat Charlie o encarou com olhos exaustos.

— Não consegui chegar em casa na noite passada. O táxi teve um contratempo.

— Charles, esta é a detetive assistente Day, da Polícia Metropolitana. Ela está aqui para resolver pendências rotineiras.

Fat Charlie percebeu que havia mais alguém na sala. Ele se concentrou e viu roupas sérias que podiam muito bem ser um uniforme. Depois olhou para o rosto.

— Hã...

— Bom dia — cumprimentou Daisy.

Mas isso foi o que a boca dela falou. Em sua cabeça, não parava de repetir: *drogadrogadropa*.

— É um prazer — respondeu Fat Charlie.

Intrigado, acabou fazendo uma coisa que nunca tinha feito: imaginou uma policial sem roupa. Então percebeu que a imaginação lhe fornecia uma representação bastante precisa da moça ao lado de quem acordara na manhã seguinte à bebedeira em homenagem ao pai. As roupas sérias a faziam parecer um pouco mais velha, mais austera e mais assustadora. Porém, sem dúvidas, era ela.

Como todos os seres conscientes, Fat Charlie tinha um limite para o tanto de esquisitice que podia suportar. O ponteiro estava no vermelho havia alguns dias, e às vezes dava saltos que o faziam chegar ao ponto máximo. Naquele momento, o medidor quebrou. Ele desconfiou que, a partir de então, nada mais o surpreenderia. Ele não podia vivenciar uma situação mais esquisita. Chegara ao limite.

Mas estava enganado, é claro.

Fat Charlie observou Daisy ir embora e seguiu o chefe até o escritório.

Grahame Coats fechou a porta com firmeza. Então empoleirou o traseiro na mesa e sorriu como uma fuinha que tinha acabado de perceber que por acaso fora trancada em um galinheiro durante a noite.

— Sejam os diretos. Vou colocar as cartas na mesa. Nada de rodeios. Vamos... Vamos abrir o jogo.

— Está bem — concordou Fat Charlie. — Vamos. O senhor disse que precisava que eu assinasse uma coisa?

— Não é mais o caso. Pode esquecer. Vamos discutir sobre o que você comentou comigo, alguns dias atrás. Você me alertou que algumas transações não ortodoxas estavam ocorrendo aqui na agência.

— Eu fiz isso?

— É como dizem, Charles, tudo que vai, volta. É claro que meu primeiro impulso foi investigar. Por isso que a detetive assistente Day veio nos fazer uma visita, hoje. E desconfio que o que descobri não será nenhuma surpresa para você.

— Não?

— Na verdade, não. Como você observou, Charles, há indícios claros de irregularidades financeiras. Mas, infelizmente, os dedos inequívocos da suspeita apontam para apenas um lugar.

— É?

— É.

Fat Charlie se sentia muito perdido.

— Que lugar?

Grahame Coats tentou parecer preocupado, ou pelo menos pareceu tentar parecer preocupado, o que resultou em uma expressão que, em bebês, sempre indica que precisam dar um bom arroteio.

— Você, Charles. A polícia desconfia de você.

— É. Claro que desconfiam. Hoje foi um dia daqueles — concordou Fat Charles.

E foi para casa.

* * *

Spider abriu a porta da frente. Tinha começado a chover, e Fat Charlie estava parado ali na frente, todo molhado, as roupas amassadas.

— E aí, quer dizer que já posso entrar na minha casa?

— Eu não faria nada para impedi-lo — retrucou Spider. — Afinal de contas, a casa é sua. Onde você passou a noite?

— Você sabe muito bem onde eu estava. Eu não conseguia chegar em casa. Não sei que tipo de feitiço você jogou em mim.

— Não foi feitiço — respondeu Spider, ofendido. — Foi um milagre.

Fat Charlie o empurrou para o lado e subiu a escada pisando firme. Entrou no banheiro, tampou o ralo da banheira e abriu as torneiras. Então se encostou na parede.

— Não me importa o nome. Você está fazendo isso na minha casa e me impediu de voltar para cá ontem à noite.

Ele despiu as roupas da antevéspera. Depois botou a cabeça para fora do banheiro.

— E a polícia está me investigando no trabalho. Você falou para Grahame Coats que encontrou irregularidades nas finanças?

— Claro que falei — respondeu Spider.

— Há! Bem, agora ele desconfia de mim.

— Ah, acho que não é o caso — retrucou Spider.

— Isso só mostra o quanto você sabe — argumentou Fat Charlie. — Falei com ele hoje. A polícia está envolvida. E também tem a Rosie. E você e eu teremos uma conversa muito longa sobre a minha noiva, quando eu sair do banho. Mas, antes de qualquer coisa, vou tomar banho. Passei a noite andando por aí. Só consegui dormir no banco de trás de um táxi. Quando acordei, eram cinco da manhã e o motorista estava quase se transformando em Travis Bickle. Ele estava declamando um monólogo. Eu disse a ele que podia desistir de procurar a Maxwell Gardens, já que aquela obviamente não era uma boa noite para ir à Maxwell Gardens. Ele acabou concordando, então fomos tomar café da manhã em um desses lugares que os taxistas frequentam. Ovos, feijão, salsichas, torradas e chá bem forte. Quando ele contou para os colegas que tinha passado a noite inteira procurando Maxwell Gardens... Bem, achei que fosse rolar sangue. Não rolou. Mas teve uma hora que acho que foi por pouco.

Fat Charlie parou para tomar fôlego. Spider parecia culpado.

— *Depois. Depois* de eu tomar banho.

Ele fechou a porta do banheiro.

Ele entrou na banheira.

Ele soltou um gemido.

Ele saiu da banheira.

Ele desligou as torneiras.

Ele enrolou uma toalha na cintura e abriu a porta do banheiro.

— Não tem água quente — explicou, com muita, muita calma. —

Por acaso você sabe por que não tem água quente?

Spider ainda estava parado no corredor. Ele não tinha se mexido.

— Minha hidromassagem — explicou. — Desculpe.

— Bem, pelo menos Rosie não... Quer dizer, ela não teria...

Então viu a expressão no rosto de Spider.

— Quero que você vá embora daqui. Da minha vida. Da vida de Rosie. Desapareça — disse Fat Charlie.

— Eu gosto daqui — retrucou Spider.

— Você está destruindo a minha vida, porra.

— Que pena.

Spider atravessou o corredor e abriu a porta do quarto extra. A luz dourada de um sol tropical encheu o corredor por um momento. Então, ele fechou a porta.

Fat Charlie lavou o cabelo com água fria. Escovou os dentes. Revirou o cesto de roupa suja até encontrar uma calça jeans e uma camiseta que, por estarem no fundo, já pareciam praticamente limpas. Então as vestiu, junto com um suéter roxo com bordado de ursinho que ganhara da mãe e nunca usara, mas do qual nunca conseguira se livrar.

Ele foi até o fim do corredor.

O ritmo envolvente de um baixo e uma bateria atravessavam a porta.

Fat Charlie tentou a maçaneta, impaciente. Ela nem se mexeu.

— Se você não abrir esta porta, vou arrombá-la.

A porta se abriu sem aviso, e Fat Charlie entrou aos trancos no quartinho vazio do fim do corredor. A vista da janela dava para os fundos da casa vizinha, ou, pelo menos, o pouco que dava para ver com a chuva que açoitava o vidro.

Ainda assim, dava para ouvir um aparelho de som alto demais em algum lugar a apenas uma fina parede de distância, e tudo no quartinho vibrava ao ritmo da música.

— Tudo bem — anunciou Fat Charlie, em tom de conversa. — Mas você sabe que isso quer dizer que é guerra.

Aquele era o grito de guerra tradicional do macaco, quando provocado demais. Há lugares em que as pessoas acreditam que Anansi era um macaco malandro. Estão erradas, é claro: ele era uma aranha. Você pode até pensar que é fácil diferenciar as duas criaturas, mas as pessoas ainda se confundem com mais frequência do que se pode imaginar.

Fat Charlie foi para o quarto. Tirou o passaporte da gaveta ao lado da cama. Pegou a carteira onde a deixara, no banheiro.

Sob a chuva, caminhou até a rua principal e chamou um táxi.

— Para onde?

— Aeroporto de Heathrow.

— Beleza. Que terminal?

— Não faço ideia — respondeu Fat Charlie. Mas estava ciente de que deveria saber. Apenas alguns dias tinham se passado. — De onde saem os voos para a Flórida?

* * *

Grahame Coats tinha começado a planejar sua saída da Agência Grahame Coats na época em que John Major era primeiro-ministro. Nada que é bom dura para sempre, afinal de contas. Cedo ou tarde, como o próprio Grahame Coats adorava explicar aos outros, até mesmo a galinha dos ovos de ouro acabaria na panela. Apesar de ter tudo muito bem planejado, nunca dava para saber quando seria necessário sumir do mapa de uma hora para outra, e ele sabia que

os acontecimentos haviam começado a se acumular, como nuvens cinzentas no horizonte. Desejava adiar a fuga até o último momento possível.

Muito tempo antes, chegara à conclusão de que o importante não era fugir, e sim sumir, evaporar, desaparecer sem deixar pistas.

Dentro de um cofre escondido em seu escritório — uma saleta anexa da qual tinha um orgulho especial, atrás de uma estante que ele mesmo montara e tivera que remontar havia pouco tempo, depois de ela despencar —, havia uma bolsinha de couro com dois passaportes, um em nome de Basil Finnegan, outro em nome de Roger Bronstein. Os dois homens tinham nascido cerca de cinquenta anos antes, assim como Grahame Coats, mas morreram com um ano de idade. As duas fotos nos passaportes eram de Grahame Coats. A bolsinha também continha duas carteiras com um conjunto próprio de cartões de crédito e identidades dos donos dos passaportes. Os dois nomes estavam autorizados a administrar as contas de Grahame Coats nas Ilhas Cayman, de onde o dinheiro era transferido para outras contas nas Ilhas Virgens Britânicas, na Suíça e em Liechtenstein.

Grahame Coats planejava sumir de vez no dia de seu quinquagésimo aniversário, dali a pouco mais de um ano, e estava pensando nessa questão com Fat Charlie.

Na verdade, ele não esperava que Fat Charlie fosse detido ou condenado, apesar de não fazer grandes objeções caso alguma dessas possibilidades se concretizasse. Ele o queria apavorado, desacreditado e, de preferência, longe de seus negócios.

Grahame Coats sentia um verdadeiro prazer em extorquir os clientes da Agência Grahame Coats, e era bom nisso. Teve uma surpresa muito agradável ao descobrir que, se escolhesse a clientela com cuidado, as celebridades e os artistas que representava teriam pouquíssimo conhecimento na área de finanças e ficariam aliviados ao encontrar alguém que os agenciasse, administrasse seu dinheiro e os assegurassem de que não teriam com que se preocupar. E se às vezes extratos ou cheques

atrasavam, ou se os valores nem sempre eram o que os clientes esperavam, ou se havia débitos não identificados em suas contas... Bem, Grahame Coats tinha uma grande rotatividade de funcionários, em especial no departamento de contabilidade, e não havia nada que não fosse fácil de ser atribuído à incompetência de um ex-funcionário ou, raramente, acertado com algumas garrafas de champanhe e um grande cheque de desculpas.

Não é que as pessoas gostassem ou confiassem em Grahame Coats. Até as pessoas que ele representava achavam que ele era uma fuinha esperta. Mas acreditavam que era uma fuinha bem-treinada, que trazia dinheiro para elas, e nesse sentido estavam enganadas.

Grahame Coats só trazia dinheiro para si mesmo.

O telefone em sua mesa tocou, e ele o atendeu.

— Sim?

— Sr. Coats? Maeve Livingstone está na linha. Sei que o senhor disse para passá-la para Fat Charlie, mas, como ele não vem esta semana, não soube o que fazer. Digo a ela que o senhor está ocupado?

Grahame Coats pensou. Antes que o ataque cardíaco o levasse, Morris Livingstone fora o comediante baixinho de Yorkshire mais amado do país, estrelara séries de TV como *Piadinhas de baixo calão* e tivera o próprio programa de auditório nas noites de sábado, *Eu sou Morris Livingstone*. Ele chegou a ter um single no Top 10 na década de 1980, com a canção cômica “Bote uma roupa logo, essa visão vai me dar taquicardia”. Simpático e amigável, ele não só deixava todo e qualquer assunto financeiro sob o controle da Agência Grahame Coats, como também nomeou, por sugestão do próprio, Grahame Coats como administrador de seu espólio.

Teria sido um crime não ceder a uma tentação dessas.

Mas também havia Maeve Livingstone. É importante dizer que ela contracenara por muitos anos, sem saber, em papéis principais e secundários nas fantasias mais prazerosas e privadas de Grahame Coats.

Grahame Coats respondeu:

— Por favor. Pode transferi-la. — E então, todo solícito: — Maeve, é muito bom falar com você. Tudo bem?

— Não tenho certeza — retrucou ela.

Maeve Livingstone era dançarina quando conheceu Morris, e sempre foi muito mais alta do que o homenzinho. Os dois se adoravam.

— Bem, por que você não me conta o que há de errado?

— Falei com Charles há alguns dias. Bem, o gerente do banco estava preocupado. O dinheiro do espólio de Morris. Disseram que já deveríamos ter recebido alguma coisa.

Grahame Coats respondeu com o que considerava sua voz mais aveludada, a que usava para seduzir as mulheres:

— Maeve, o problema não é que o dinheiro não esteja lá, é apenas uma questão de liquidez. Como eu já disse, Morris fez vários investimentos equivocados antes de morrer. Mas, seguindo meus conselhos, fez outros, muito sólidos. Só temos que respeitar os vencimentos desses bons investimentos. Se sacarmos agora, vamos perder quase tudo. Mas não precisamos meter os pés pelas mãos. Tudo por um bom cliente. Vou mandar um cheque da minha própria conta bancária, para botar suas contas em ordem e deixar você confortável. De quanto o gerente do banco precisa?

— Ele avisou que vai começar a devolver meus cheques. E a BBC disse que já começaram a enviar o dinheiro do lançamento dos DVDs dos programas antigos. *Esse dinheiro* não está investido, está? — indagou Maeve.

— Foi isso o que a BBC disse? Na verdade, *nós* é que estamos atrás deles por causa de dinheiro. Mas não quero botar a culpa toda na BBC Worldwide. Nossa contadora está grávida, e as coisas andam bastante confusas. E Charles Nancy, com quem você falou, anda meio perturbado: o pai morreu, e ele passou um bom tempo fora do país...

— Na última vez que nos falamos, você estava instalando um novo sistema de computadores — insistiu Maeve.

— É verdade. E, por favor, nem me fale nos programas de contabilidade. Como é que se diz? Errar é humano, mas é preciso um computador para fazer uma lambança daquelas. Algo do tipo. Vou investigar o problema com muito cuidado, à mão, se preciso, à moda antiga, e seu dinheiro logo será enviado. É o que Morris gostaria que acontecesse.

— O gerente do banco disse que preciso de dez mil libras agora mesmo, só para não começar a devolver os cheques.

— Então você vai receber dez mil libras. Estou fazendo um cheque agora mesmo, enquanto falamos.

Ele desenhou um círculo no bloco de notas, com uma linha saindo do topo. Lembrava um pouco uma maçã.

— Fico muito grata — respondeu Maeve, e Grahame Coats ficou todo prosa. — Espero não estar atrapalhando.

— Você nunca atrapalha. Não atrapalha nem um pouco.

Ele desligou o telefone. Grahame Coats sempre pensou que o mais engraçado era que o personagem cômico de Morris sempre fora a imagem do típico muquirana teimoso de Yorkshire, orgulhoso de controlar cada centavo.

Foi um belo investimento, pensou Grahame Coats, e acrescentou dois olhos à maçã, e duas orelhas. Ficou parecendo um gato, decidiu. Logo seria hora de trocar a vida de extorquir celebridades mimadas por uma vida de sol, piscinas, belas refeições, bons vinhos e, se possível, enormes quantidades de sexo oral. Grahame Coats estava convencido de que as melhores coisas da vida podiam ser compradas.

Desenhou uma boca no gato e a encheu de dentes afiados, o que o deixou parecido com um puma. Enquanto desenhava, começou a cantar, a voz de tenor esganiçada:

— *Quando eu era criança, meu pai sempre dizia:*

Bote uma roupa e saia, está um lindo dia,

Agora que estou velho, basta que eu sorria,

Dizem: bote uma roupa logo, essa visão vai me dar taquicardia...

Morris Livingstone tinha dado entrada e pagado todas as prestações da cobertura de Grahame Coats em Copacabana, além da instalação da piscina na ilha de Saint Andrews, e não pense que Grahame Coats não estava agradecido por isso.

— *Bote uma roupa logo, essa visão vai me dar taquicardia...*

* * *

Spider sentia-se estranho.

Havia alguma coisa errada: uma sensação esquisita que se espalhava por sua vida como névoa. Aquilo estava arruinando seu dia. Não conseguia identificar o que era, e não estava gostando nem um pouco.

E se havia uma coisa que ele com certeza *nunca* sentia era culpa. Era simplesmente o tipo de coisa que não sentia. Estava se sentindo muito bem. Sentia-se tranquilo. Não se sentia culpado. Não se sentiria culpado nem se fosse apanhado no flagra assaltando um banco.

Mesmo assim, ao seu redor havia um leve miasma de desconforto.

Até aquele momento, Spider acreditara que os deuses eram diferentes: não tinham consciências nem precisavam delas. A relação entre um deus e o mundo, mesmo que fosse um mundo em que ele estivesse caminhando, era uma conexão quase tão emocional quanto a de um jogador de videogame com o conhecimento da forma geral do jogo e armado com um série de códigos e macetes.

Spider sempre se divertia. Era o que fazia. Era uma coisa importante. Não saberia identificar a culpa nem se tivesse um guia ilustrado com todos os componentes claramente identificados. Não é que fosse irresponsável, era mais como se não tivesse comparecido no dia em que distribuíram a responsabilidade. Mas algo mudara — não sabia ao certo se fora em seu interior ou no exterior —, e isso o incomodava. Ele se serviu de outro drinque e

balançou a mão, aumentando o volume da música. Então mudou de Miles Davis para James Brown. O que também não ajudou.

Ficou deitado na rede sob o sol tropical, ouvindo música, curtindo como era muito bacana ser quem era... e, pela primeira vez, isso, de algum modo, não foi o suficiente.

Ele saiu da rede e caminhou até a porta.

— Fat Charlie?

Ninguém respondeu. O apartamento parecia vazio. Do lado de fora das janelas, o dia estava cinza e chuvoso. Spider gostou da chuva. Pareceu apropriada.

O telefone tocou, um som agudo e suave. Spider atendeu.

Rosie disse:

— É você?

— Alô, Rosie.

— Ontem à noite... — começou. Depois não falou mais. Então disse: — Foi tão maravilhoso para você quanto foi para mim?

— Não sei. Foi bem maravilhoso para mim. Então acho que tem grandes chances de isso ser um sim.

— Hum — murmurou ela.

Eles ficaram um tempo sem falar.

— Charlie? — perguntou Rosie.

— Hã?

— Eu gosto até de ficar sem falar, só sabendo que você está do outro lado da linha.

— Eu também — concordou Spider.

Eles aproveitaram a sensação de ficar sem falar por mais um tempo, desfrutaram-na, fizeram-na durar.

— Quer vir à minha casa esta noite? — perguntou Rosie. — Minhas colegas de apartamento estão em Cairngorms.

— Essa é candidata a uma das frases mais lindas que existem. *Minhas colegas de apartamento estão em Cairngorms.* É poesia.

Ela riu.

— Bobo. Hã. Traga... sua escova de dentes?

E, depois de alguns minutos de “desliga você” e “não, desliga você” dignos de casal de adolescentes cheios de hormônios, a ligação finalmente foi encerrada.

Spider deu um sorriso livre de culpa. Aquele mundo, considerando que era nele que estava Rosie, era o melhor mundo que qualquer mundo poderia ser. O nevoeiro se dissipara, e tudo brilhava outra vez, banhado em luz.

Spider nem parou para se perguntar aonde fora Fat Charlie. Por que devia se preocupar com essas trivialidades? As colegas de apartamento de Rosie estavam em Cairngorms, e, naquela noite... Ora, naquela noite ele levaria sua escova de dentes.

* * *

O corpo de Fat Charlie estava em um avião para a Flórida, esmagado em uma poltrona no meio de uma fileira de cinco pessoas, envolto em um sono profundo. O que era bom: os banheiros dos fundos apresentaram problemas assim que o avião decolou, e, apesar de os comissários de bordo terem pendurado placas nas portas anunciando que estavam COM DEFEITO, não adiantou para aliviar o fedor, que aos poucos se espalhou pelo avião, como uma nuvem química densa e desagradável. Adultos resmungavam, e crianças choramingavam. Uma facção de passageiros, que estava a caminho da Disney, o tipo de gente que acreditava que as férias começavam logo ao embarcar, sentara-se em seus lugares e começara a cantar. Tinham um repertório de músicas como “Bibbidi-Bobbidi-Bum”, “Eu tenho prazer em ser tigre”, “Aqui no mar”, “Eu vou, eu vou, pra casa agora eu vou”, e até, acreditando também ser uma canção da Disney, “We’re Off to See the Wizard”, do Mágico de Oz.

Quando o avião já estava no ar, descobriu-se que, devido a uma confusão da companhia aérea, nenhuma refeição da classe econômica fora enviada. Em vez disso, haviam embalado apenas cafés da manhã. O que significava que cada passageiro receberia

uma banana e uma porção de cereal, que teriam que comer com garfo e faca de plástico, já que infelizmente não havia colheres. O que pode ter sido uma coisa boa, já que, em pouco tempo, não havia mais leite para o cereal.

Foi um voo infernal, e Fat Charlie dormiu a viagem toda.

* * *

No sonho, Fat Charlie estava de fraque em um salão enorme. Rosie, ao seu lado, usava um vestido de noiva branco. Do outro lado dela, no palco, estava a mãe de Rosie, também de vestido de noiva — o que era um tanto assustador —, apesar de o dela estar coberto de pó e teias de aranha. Longe, no horizonte, que ficava no limite mais distante do salão, pessoas disparavam armas e agitavam bandeiras brancas.

“São só as pessoas na Mesa H”, explicou a mãe de Rosie. “Não dê atenção a elas.”

Fat Charlie se virou para Rosie, que dirigiu a ele seu sorriso doce e delicado. Então passou a língua nos lábios.

“O bolo”, disse Rosie, no sonho.

Aquela era a deixa para uma orquestra começar a tocar. Era uma banda de jazz de Nova Orleans, e a música era uma marcha fúnebre.

A assistente do chef era policial. Ela carregava um par de algemas. O chef levava o bolo até onde eles estavam em um carrinho.

“Agora”, instruiu Rosie, no sonho, “corte o bolo”.

As pessoas na Mesa B — que não eram pessoas, e sim camundongos, ratos e outros bichinhos com aspecto de desenho animado, todos com tamanho de gente — começaram a cantar músicas dos desenhos da Disney. Fat Charlie sabia que os bichos queriam que ele se juntasse à cantoria. Mesmo dormindo, podia sentir que entrava em pânico diante da mera ideia de ter que cantar

em público: os membros estavam ficando dormentes, os lábios, formigando.

“Não posso cantar com vocês”, explicou, desesperado atrás de uma desculpa. “Preciso cortar o bolo.”

Com isso, o salão mergulhou em silêncio. E, no silêncio, entrou um chef empurrando um carrinho com algo em cima. O chef tinha a cara de Grahame Coats, e no carrinho havia um bolo de casamento branco e extravagante, cheio de camadas, enfeites e confeitos. Um pequenino casal de noivos estava empoleirado de forma precária no nível mais alto, parecendo duas pessoas tentando manter o equilíbrio no topo de um edifício Chrisler todo confeitado.

A mãe de Rosie enfiou a mão embaixo da mesa e sacou uma faca comprida — mais parecia um facão — com cabo de madeira e lâmina enferrujada. Ela a entregou a Rosie, que pegou a mão de Fat Charlie e a colocou sobre a sua. Juntos, os dois enfiaram a faca enferrujada na grossa camada de glacê branco da parte mais alta do bolo, enterrando-a entre o noivo e a noiva. A princípio, a lâmina encontrou resistência, e Fat Charlie pressionou com mais força, jogando todo o seu peso sobre a faca. Sentiu o bolo começar a ceder. Fez ainda mais força.

A faca cortou a camada superior do bolo de casamento. Então deslizou e cortou todo o bolo, todas as camadas e níveis, e, enquanto isso, o bolo se abria...

O eu do sonho de Fat Charlie achou que o bolo estivesse cheio de contas negras de vidro vulcânico ou de azeviche, mas percebeu, à medida que elas rolavam para fora da massa, que as contas tinham pernas — cada uma tinha oito pernas ligeiras, e saíam de dentro do bolo como uma onda negra. As aranhas avançaram e cobriram a toalha de mesa branca, cobriram a mãe de Rosie e até a própria Rosie, deixando os vestidos, que eram brancos, negros como ébano. Então, como se controladas por alguma inteligência poderosa e maligna, elas se dirigiram às centenas na direção de Fat Charlie. Ele se virou para correr, mas as pernas estavam presas a alguma espécie de substância viscosa, e ele caiu no chão.

Agora as aranhas estavam em cima dele, as perninhas minúsculas rastejando sobre a pele nua. Fat Charlie tentou levantar, mas se afogava em aranhas.

Queria gritar, mas a boca se encheu de aranhas. Elas cobriram seus olhos, e o mundo escureceu...

* * *

Fat Charlie abriu os olhos e viu apenas escuridão, mais nada. Então gritou, gritou e gritou. Aí percebeu que as luzes estavam apagadas, e as proteções das janelas, baixadas, porque os outros passageiros estavam assistindo ao filme de bordo.

Já era um voo infernal. Fat Charlie tinha acabado de torná-lo um pouco pior para todos.

Ele se levantou e tentou chegar ao corredor, tropeçando nos vizinhos de fileira. Então, quando estava quase chegando à liberdade, se esticou e bateu a testa no compartimento de bagagem, o que fez a porta abrir e a mala de alguém cair em sua cabeça.

As pessoas próximas, que estavam assistindo à cena, deram risada. Foi uma cena de comédia muito distinta, e as deixou bastante bem-humoradas.

CAPÍTULO

SETE

NO QUAL FAT CHARLIE FAZ UMA LONGA VIAGEM

A FUNCIONÁRIA DA imigração franziu o rosto para o passaporte americano de Fat Charlie, como se estivesse decepcionada por ele não ser de uma nacionalidade que ela pudesse simplesmente impedir de entrar no país. Então, com um suspiro, gesticulou para que ele passasse.

Ele se perguntou o que faria depois de passar pela alfândega. *Vou alugar um carro*, pensou. *E comer*.

Ele saiu do trem que levava de um terminal a outro, passou pela segurança e saiu na grande área de shopping do Aeroporto de Orlando. Não ficou nem um pouco surpreso ao ver a sra. Higgler parada ali, examinando os rostos dos recém-chegados, a enorme caneca de café na mão. Encontraram os olhos um do outro mais ou menos ao mesmo tempo, e a velha senhora avançou na direção dele.

— Está com fome? — perguntou. Fat Charlie assentiu. — Bem, espero que goste de peru.

* * *

Fat Charlie ficou pensando se a perua marrom da sra. Higgler era a mesma que ele se lembrava de vê-la dirigir quando pequeno. Desconfiava que sim. O carro devia ter sido novo algum dia, fazia sentido pensar que sim. Tudo já foi novo algum dia, afinal. O couro dos bancos estava rachado e descascando, e o painel que imitava madeira, empoeirado.

Havia uma sacola de compras de papel pardo entre eles, no banco da frente.

O velho carro da sra. Higgler não tinha porta-copos, e ela segurava a gigantesca caneca de café entre as coxas enquanto dirigia. A perua parecia ser anterior à invenção do ar-condicionado, e estava com as janelas abertas. Fat Charlie não se importou. Depois do frio úmido da Inglaterra, o calor da Flórida era mais que bem-vindo. A sra. Higgler seguiu para o sul, em direção à rodovia com pedágio. Ela falava enquanto dirigia: comentou sobre o último furacão e sobre como tinha levado o sobrinho, Benjamin, ao SeaWorld e à Disney, e como nenhum dos hotéis de hoje em dia era tão bom quanto os de antigamente. Falou sobre regras de construção, o preço do combustível, recontou com riqueza de detalhes o que dissera ao médico quando ele sugeriu uma prótese de quadril, explicou por que os turistas continuavam a alimentar jacarés e por que os recém-chegados construía casas na praia e depois ficavam surpresos quando a casa ou a praia desapareciam, ou quando os jacarés comiam seus cachorros. Fat Charlie deixou que aquilo tudo jorrasse sobre ele. A mulher estava só jogando conversa fora.

A sra. Higgler reduziu a velocidade e pegou o tíquete de acesso à rodovia com pedágio. E parou de falar. Parecia perdida em pensamentos. Daí disse:

- Então, quer dizer que você conheceu seu irmão.
- Sabe, a senhora bem que podia ter me avisado.
- Eu avisei que ele é um deus.
- Mas não mencionou que ele é um mala.

A sra. Higgler fungou e tomou um gole de café.

— Podemos parar em algum lugar para comer? — perguntou Fat Charlie. — Eles só serviram cereais e bananas no avião. Sem colher. E o leite acabou antes de chegar à minha fileira. Pediram desculpas e nos deram vouchers de refeição para compensar.

A sra. Higgler balançou a cabeça.

— Eu podia ter usado o voucher e comido um hambúrguer no aeroporto.

— Eu já expliquei que Louella Dunwiddy está preparando um peru para você. Como acha que ela vai se sentir se você chegar lá depois de encher o bucho no McDonald's e estiver sem apetite? Hein?

— Mas estou *com fome*. E ainda faltam duas horas.

— Ah, não do jeito que eu dirijo — retrucou ela, com firmeza.

E, com isso, a velha senhora pisou fundo no acelerador. Às vezes, enquanto a perua marrom sacolejava pela estrada, Fat Charlie fechava bem os olhos e, ao mesmo tempo, pisava firme com o pé esquerdo em um freio imaginário. Era bem exaustivo.

Em muito menos de duas horas, chegaram à saída da rodovia com pedágio e pegaram uma estradinha. Seguiram na direção da cidade. Passaram pela Barnes and Noble e pela Office Depot. Passaram por casas milionárias com portões automáticos. Desceram as ruas residenciais mais antigas, que Fat Charlie lembrava que eram muito mais bem-cuidadas quando era pequeno. Passaram pela lanchonete caribenha e pelo restaurante com a bandeira da Jamaica nas janelas, ostentando placas escritas à mão anunciando os especiais de rabada e arroz, além de cerveja artesanal de gengibre e frango ao curry.

Fat Charlie ficou com água na boca. Seu estômago roncou.

O carro sacolejava sem parar. As casas daquela área eram mais velhas, e, dessa vez, tudo parecia familiar.

Os flamingos de plástico cor-de-rosa ainda se destacavam no jardim da frente da sra. Dunwiddy, apesar de, com o passar dos anos, o sol tê-los desbotado até ficarem quase brancos. Também

havia um globo espelhado, e, quando o viu, por um instante Fat Charlie ficou mais assustado do que já ficara em toda a vida.

— As coisas estão muito ruins com o Spider? — perguntou a sra. Higgler, enquanto caminhavam até a porta da casa da sra. Dunwiddy.

— Só digo uma coisa: acho que ele está dormindo com minha noiva. O que é bem mais do que eu jamais fiz.

— Ah — respondeu a sra. Higgler, estalando a língua.

E tocou a campainha.

* * *

Era meio que como em Macbeth, pensou Fat Charlie, uma hora mais tarde. Na verdade, se as bruxas na peça fossem quatro velhinhas e se, em vez de caldeirões ferventes e encantamentos malignos, tivessem apenas recebido e alimentado Macbeth com peru, arroz e ervilhas servidos em pratos de porcelana branca sobre uma toalha de mesa de plástico com estampa xadrez vermelha e branca — sem falar no pudim de batata-doce e na salada de repolho apimentado — e o encorajado a repetir tudo duas, três vezes, e depois, quando Macbeth tivesse declamado que não, estava cheio e quase empanturrado e jurasse não aguentar comer mais nada, as bruxas o forçassem a engolir a receita especial de arroz-doce e uma fatia grande do famoso bolo de abacaxi da sra. Bustamonte, teria sido exatamente igual a *Macbeth*.

— Então, soube que seu irmão foi visitá-lo — falou a sra. Dunwiddy, tirando um farelo de bolo de abacaxi do canto da boca.

— É. Eu falei com uma aranha. Acho que foi culpa minha. Eu não esperava que isso fosse acontecer de verdade.

Um coro de *tsc, tsc, tsc* circulou pela mesa conforme a sra. Higgler, a sra. Dunwiddy, a sra. Bustamonte e a srta. Noles estalavam a língua e balançavam a cabeça.

— Ele costumava dizer que você era o burro — comentou a srta. Noles. — Estou falando de seu pai. Nunca acreditei nele.

— Bem, como eu poderia saber? — protestou Fat Charlie. — Não é como se meus pais tivessem dito: “Por falar nisso, filho, você tem um irmão que não conhece. Convide-o para uma visita e ele fará com que você seja investigado pela polícia, dormirá com sua noiva e não vai apenas se mudar para sua casa, vai enfiar uma casa extra no quartinho dos fundos. Além disso, também vai fazer lavagem cerebral em você, obrigá-lo ir ao cinema e passar a noite inteira tentando chegar em casa e...”

Ele parou. Era o modo como as mulheres olhavam para ele.

Um suspiro circulou pela mesa. Passou da sra. Higgler para a srta. Noles, depois para a sra. Bustamonte e para a sra. Dunwiddy. Foi muito perturbador e um pouco assustador, mas a sra. Bustamonte arrotou, o que arruinou o efeito.

— Então, o que você quer? — perguntou a sra. Dunwiddy. — Diga para nós.

Fat Charlie pensou sobre o que queria, ali na pequena sala de jantar da sra. Dunwiddy. Lá fora, a luz do dia se esvaía em um crepúsculo suave.

— Minha vida está um inferno por causa dele — explicou. — Quero que as senhoras o façam ir embora. Só isso, ir embora. Acham que conseguem?

As três mulheres mais novas não responderam. Apenas olharam para a sra. Dunwiddy.

— Na verdade, não podemos fazê-lo ir embora — explicou ela. — Nós já... — Mas ela parou no meio da frase, dizendo: — Bem, já fizemos o possível em relação a isso, sabe?

Fat Charlie merece o crédito por não ter, por mais que quisesse muito, irrompido em lágrimas, começado a gritar ou murchado como um suflê solado. Ele apenas balançou a cabeça.

— Bem, então me desculpem pelo incômodo. Obrigado pelo jantar.

— Não podemos fazê-lo ir embora — continuou a sra. Dunwiddy, os velhos olhos castanhos quase negros por trás dos óculos de armação grossa como seixos —, mas podemos indicar alguém que possa.

* * *

A noite tinha apenas começado na Flórida, o que significava que já era bem tarde em Londres. Na grande cama de Rosie, onde Fat Charlie nunca estivera, Spider estremeceu.

Rosie pressionou o corpo nu contra o dele.

— Charles, tudo bem?

A mulher podia sentir o arrepio dele na pele de seu braço.

— Estou bem. Só tive uma sensação ruim, de repente.

— Algum espírito deve ter passado por aqui — comentou Rosie.

Ele a puxou para si e a beijou.

Enquanto isso, sentada na pequena sala de sua casa em Hendon, usando uma camisola verde-clara e pantufas rosa-shocking, Daisy estava diante da tela do computador, balançando a cabeça e clicando o mouse.

— Vai demorar muito? — perguntou Carol. — Você sabe que tem um setor enorme de computação que deveria estar fazendo isso. Não você.

Daisy emitiu um ruído. Não era um ruído de sim nem de não. Era um ruído do tipo sei-que-alguém-falou-comigo-e-se-eu-der-uma-resposta-qualquer-talvez-me-deixem-em-paz.

Carol já tinha ouvido esse ruído antes. E reclamou:

— Ei! Sua bundona! Ainda vai demorar muito? Quero atualizar meu blog.

Daisy processou as palavras. Apenas uma foi registrada.

— Tá dizendo que eu tenho a bunda grande?

— Não. Estou dizendo que está ficando tarde, e quero atualizar o blog. Vou fazê-lo transar com uma supermodelo no banheiro de uma boate não identificada de Londres.

Daisy suspirou.

— Está bem. É muito esquisito, só isso.

— O que é esquisito?

— Fraude. Eu acho. Bem, já desloguei do computador. É todo seu. Sabia que você pode ter problemas por se passar por um membro

da família real?

— Cai fora.

Carol assinava um blog como um membro da família real: um homem jovem e irresponsável. Houvera discussões na imprensa sobre sua existência, muitos observando que várias coisas que Carol escrevera só poderiam ser do conhecimento de um verdadeiro membro da Família Real Britânica — ou de qualquer um que lesse revistas de fofoca.

Daisy se afastou do computador, ainda pensando nas finanças da Agência Grahame Coats.

Enquanto isso, no quarto de uma casa grande, mas sem exageros, em Purley, Grahame Coats dormia um sono profundo. Se houvesse alguma justiça no mundo, ele gemeria e suaria durante o sono, torturado por pesadelos, açoitado pela fúria de sua consciência como se ferroadado por escorpiões. Por isso, é doloroso admitir que Grahame Coats dormia como um bebê bem-alimentado cheirando a leite e não tinha sonhos.

Em algum lugar na casa de Grahame Coats, um relógio de pêndulo bateu baixinho, doze vezes. Era meia-noite em Londres. Na Flórida, eram apenas sete.

De qualquer modo, era a hora mais sombria.

* * *

A sra. Dunwiddy removeu a toalha de mesa de plástico com estampa xadrez vermelha e branca e a guardou.

Ela disse:

— Quem está com as velas pretas?

A srta. Noles respondeu:

— As velas estão comigo.

Aos seus pés, havia uma sacola de compras, e ela remexeu em seu interior e pegou quatro velas. Eram quase que completamente negras. Uma era grande e sem ornamentação. As outras três tinham formato de pinguim preto e amarelo, o pavio saindo da cabeça.

— Era tudo o que eles tinham — desculpou-se. — E precisei ir a três lojas até encontrar alguma coisa.

A sra. Dunwiddy não comentou, mas balançou a cabeça. Ela posicionou cada vela em um dos quatro cantos da mesa, botando a única que não era de pinguim na cabeceira, onde se sentou. Cada vela repousava sobre um pratinho descartável. A sra. Dunwiddy pegou uma caixa grande de sal grosso, abriu a tampa e derramou os cristais em uma pilha sobre a mesa. Depois analisou o sal e, com um dedo indicador ressecado, dividiu-o em montinhos e fileiras.

A srta. Noles voltou da cozinha com uma grande tigela de vidro, que colocou no centro da mesa. Ela retirou a tampa de uma garrafa de xerez e serviu uma quantidade generosa na tigela.

A sra. Dunwiddy prosseguiu:

— Agora a grama do diabo, a raiz de jalapão e o amaranto.

A sra. Bustamonte remexeu na sacola de compras e pegou um vidro pequeno.

— São ervas finas. Achei que serviriam.

— Ervas finas! — exclamou a sra. Dunwiddy. — *Ervas finas!*

— Isso vai criar problema? — perguntou a sra. Bustamonte. — É o que eu sempre uso quando a receita diz manjerição isso ou orégano aquilo. Não vivo sem. Se quer saber, para mim não passam de um monte de ervas misturadas.

A sra. Dunwiddy suspirou.

— Ponha aí dentro — disse.

Meio vidro de ervas finas foi derramado no xerez. As folhas secas boiaram na superfície do líquido.

A sra. Dunwiddy continuou, escolhendo as palavras com cuidado:

— Agora, as quatro terras. Espero que ninguém aqui vá me dizer que não conseguiu as quatro terras e vamos ter que nos virar com uma pedrinha, uma água-viva morta, um ímã de geladeira e um sabonete.

— Eu trouxe as terras — anunciou a sra. Higglar.

Ela pegou a sacola de papel pardo que trouxera e tirou de lá quatro sacos transparentes com o que parecia areia ou argila seca,

cada um de uma cor diferente. Ela esvaziou cada saco em um dos quatro cantos da mesa.

— Ainda bem que *alguém* estava prestando atenção — comentou a sra. Dunwiddy.

A srta. Noles acendeu as velas, comentando sobre como os pinguins acendiam com facilidade e como eram bonitos e engraçadinhos.

A sra. Bustamonte serviu uma taça do que restara de xerez para cada uma das quatro mulheres.

— Eu não ganho? — perguntou Fat Charlie, mesmo sem querer a bebida. Não gostava de xerez.

— Não. Você não. Você precisa estar bem lúcido para o ritual — retrucou a sra. Dunwiddy.

Ela enfiou a mão na bolsa e pegou uma caixinha de remédios dourada.

A sra. Higgler apagou as luzes.

Os cinco se sentaram em volta da mesa, sob a luz das velas.

— E agora? — perguntou Fat Charlie. — Vamos todos dar as mãos e fazer contato com os vivos?

— Não vamos, não — sussurrou a sra. Dunwiddy. — E não quero mais ouvir nem uma palavra saindo da sua boca.

— Desculpe — respondeu Fat Charlie, depois desejou não ter respondido.

A sra. Dunwiddy continuou:

— Preste atenção. Você irá aonde podem ajudá-lo. Mesmo assim, não ofereça nada que possua e não faça promessas. Você entendeu? Se precisar dar algo a alguém, tenha certeza de que vai receber em troca algo de mesmo valor. Tudo bem?

Fat Charlie quase disse “sim”, mas se segurou a tempo e apenas assentiu.

— Ótimo.

Em seguida, a sra. Dunwiddy começou a cantarolar uma melodia qualquer com sua voz velha, trêmula e hesitante.

A srta. Noles também começou a cantarolar, mas com um pouco mais de melodia. Sua voz era mais alta e forte.

A sra. Bustamonte não cantarolou. Em vez disso, sibilou. Era um sibilar intermitente, como o de uma cobra, que parecia encontrar o ritmo do cântico e serpentear através e por baixo dele.

A sra. Higgler abriu a boca, mas não cantarolou, nem sibilou. Ela zumbiu como uma mosca contra o vidro de uma janela, fazendo um ruído vibratório com a língua e os dentes que era tão estranho quanto improvável, como se tivesse um punhado de abelhas raivosas presas na boca, zumbindo contra os dentes e tentando escapar.

Fat Charlie imaginou se devia se juntar a elas, mas não tinha ideia do que deveria fazer, por isso se concentrou em ficar ali sentado e tentar não ficar com medo de todos aqueles ruídos estranhos.

A sra. Higgler jogou uma pitada de terra vermelha dentro da tigela com xerez e ervas mistas. A sra. Bustamonte jogou uma pitada de terra amarela. A srta. Noles, a terra marrom, e a sra. Dunwiddy se inclinou para a frente de um jeito agonizantemente lento e jogou um monte de lama negra.

A sra. Dunwiddy tomou um gole de xerez. Depois, com dedos artríticos, tateando e procurando, pegou algo da caixinha de comprimidos e jogou sobre a chama da vela. Por um instante, a sala ficou com cheiro de limão, mas depois restou apenas o odor de algo queimando.

A srta. Noles começou a tamborilar no tampo da mesa. Ela não parou de cantarolar. As chamas das velas tremeluziram, projetando grandes sombras dançantes nas paredes. A sra. Higgler começou a bater na mesa também, os dedos marcando um ritmo diferente do da srta. Noles, mais rápido e percussivo, as duas batidas se unindo para formar um novo ritmo.

Na mente de Fat Charlie, todos os ruídos começaram a se misturar em um novo som estranho: o cântico, o sibilar, o zumbido e as batidas. Ele começou a ficar tonto. Tudo era engraçado. Tudo era improvável. Nas vozes das mulheres, podia ouvir o som da vida

selvagem na floresta, o crepitar de grandes chamas. Seus dedos pareciam esticados e elásticos, e os pés, extremamente distantes.

Sentiu, então, que estava em algum lugar acima da sala, em algum lugar acima de tudo, e que ali abaixo dele havia cinco pessoas ao redor de uma mesa. Aí uma das mulheres fez um gesto e jogou algo na tigela no centro, que se acendeu com um brilho tão forte que Fat Charlie ficou cego por um instante. Ele fechou os olhos, o que, logo percebeu, não adiantou nada. Mesmo com os olhos fechados, tudo estava claro demais.

Ele esfregou os olhos contra a luz do dia. Olhou em volta.

Uma encosta rochosa escarpada erguia-se como um arranha-céu atrás dele: a encosta de uma montanha. À sua frente, penhascos íngremes despencavam em direção ao desconhecido. Ele caminhou até a beira do precipício e, com cuidado, olhou para baixo. Viu algumas formas brancas, que achou que fossem ovelhas, até perceber que eram nuvens: nuvens grandes, brancas e felpudas, a uma boa distância abaixo. E, então, além das nuvens, não havia nada: conseguia ver o céu azul, e parecia que, se continuasse a olhar, poderia ver a escuridão do espaço e, mais além, o cintilar frio das estrelas.

Ele deu um passo atrás, saindo da beira do precipício.

Deu meia-volta e caminhou na direção das montanhas, que se erguiam cada vez mais, tão altas que ele não conseguia ver os cumes, tão altas que Fat Charlie se convenceu de que estavam caindo sobre ele, que iam desmoronar e enterrá-lo vivo, para sempre. Ele se obrigou a olhar para baixo de novo, a manter os olhos fixos no chão, e, ao fazer isso, notou buracos na parede de rocha que mais pareciam entradas de cavernas naturais.

Calculou que a área entre a encosta da montanha e os penhascos, onde ele estava, tinha menos de quinhentos metros de largura: um caminho polvilhado de rochas, pontilhado com áreas de mato e, aqui e ali, uma árvore seca empoeirada. A trilha parecia seguir a encosta até desaparecer em uma névoa distante.

Tem alguém me observando, pensou Fat Charlie.

— Olá? — chamou, inclinando a cabeça para trás. — Olá, tem alguém aí?

O homem que saiu da caverna mais próxima tinha a pele muito mais morena do que a de Fat Charlie, mais ainda que a de Spider. No entanto, o cabelo comprido era de um loiro acastanhado e emoldurava seu rosto como uma juba. Ele usava uma pele esfarrapada de leão na cintura, com uma cauda de leão presa a ela, e essa cauda espantou uma mosca de seus ombros.

O homem piscou os olhos dourados.

— Quem é você? — rugiu. — E quem lhe deu permissão para caminhar por este lugar?

— Sou Fat Charlie Nancy. Meu pai é Anansi, a Aranha.

O homem assentiu com sua enorme cabeça.

— E por que veio até aqui, filho de Compé Anansi?

Eles estavam sozinhos nas rochas, pelo menos até onde Fat Charlie sabia. Mesmo assim, parecia haver mais gente ouvindo, muitas vozes caladas, muitos ouvidos atentos. Fat Charlie falou alto, para que todos os que estivessem ali pudessem escutar.

— Meu irmão está arruinando minha vida. E não consigo mandá-lo embora.

— Então você quer nossa ajuda? — perguntou o homem-leão.

— Sim.

— E esse seu irmão. Ele é como você, tem sangue de Anansi?

— Ele não tem nada a ver comigo — explicou Fat Charlie. — Ele é do seu povo.

Em um movimento fluido, dourado, o homem-leão na entrada da caverna deu um salto leve e preguiçoso para baixo, passando pelas pedras cinzentas, cobrindo cinquenta metros em instantes. De repente, estava de pé ao lado de Fat Charlie, perguntando:

— E por que você mesmo não lida com isso?

A boca de Fat Charlie estava seca. A garganta parecia estar cheia de poeira. A criatura que o encarava, mais alta que qualquer homem, não tinha cheiro de gente. As pontas dos caninos repousavam sobre os lábios inferiores.

— Não posso — gemeu Fat Charlie.

Da entrada da caverna seguinte, projetou-se um homem imenso. A pele era cinza, quase marrom, além de enrugada e flácida, e tinha pernas muito, muito grossas. Ele falou:

— Se você e seu irmão brigaram, devem pedir ao seu pai que julgue a situação entre os dois. Submetam-se à vontade do chefe da família. Essa é a lei.

Ele jogou a cabeça para trás e soltou um ruído do fundo do nariz e da garganta, um som potente semelhante ao da trombeta. E Fat Charlie soube que estava olhando para o Elefante.

Ele engoliu em seco.

— Meu pai está morto — respondeu, com a voz clara outra vez, mais limpa e alta do que esperava. Ela ecoou pelo penhasco, voltou até ele de cem outras cavernas, com grandes afloramentos de rocha. Morto, *morto*, morto, *morto*, morto, disse o eco. — É por isso que estou aqui.

O Leão disse:

— Não gosto nada de Anansi, a Aranha. Uma vez, há muito tempo, ele me amarrou a um tronco e fez um jumento me arrastar pela terra até o trono de Mawu, aquela que criou todas as coisas.

Ele rosnou ao lembrar, e Fat Charlie desejou estar em outro lugar.

— Continue andando — mandou o Leão. — Pode haver alguém aqui que o ajude, mas essa pessoa não sou eu.

O Elefante completou:

— Nem eu. Seu pai me enganou e comeu a gordura da minha barriga. Ele disse que estava fazendo sapatos para mim, mas me cozinhou e deu risadas enquanto enchia a pança. O Elefante nunca esquece.

Fat Charlie seguiu em frente.

Na entrada da caverna seguinte havia um homem com um terno verde bem cortado e um chapéu elegante com uma fita de couro de cobra. Ele também usava botas e cinto de pele de cobra. E sibilou quando Fat Charlie passou.

— Continue seu caminho, filho de Anansi — disse a Cobra, a voz um chacoalhar seco. — Toda a sua família maldita só traz problemas. Não quero me meter em seus assuntos.

A mulher na entrada da caverna seguinte era muito bonita, e os olhos pareciam gotas negras de petróleo, e os bigodes eram muito brancos em contraste com a pele. Ela possuía duas fileiras de seios sobre o peito.

— Conheci seu pai. Há muito tempo. Nossa!

Ela sacudiu a cabeça ao lembrar, e Fat Charlie sentiu como se tivesse acabado de ler uma carta particular. Ela lhe mandou um beijo, mas balançou a cabeça quando ele tentou se aproximar.

Ele continuou andando. Uma árvore morta erguia-se à frente, como se fosse construída com ossos velhos e acinzentados. As sombras ficavam mais longas à medida que o sol descia lentamente no céu infinito, muito além de onde os precipícios mergulhavam para o fim do mundo. O sol era uma bola laranja-dourada monstruosa, e todas as pequenas nuvens abaixo dela brilhavam em púrpura e ouro.

Os assírios atacaram como um lobo no aprisco, pensou Fat Charlie, o verso do poema ressurgindo de alguma aula de literatura havia muito esquecida. *Com legiões reluzentes de púrpura e ouro*. Tentou lembrar o que era um aprisco, mas não conseguiu. Provavelmente, concluiu, devia ser uma espécie de esconderijo.

Algo se moveu perto de seu cotovelo, e ele percebeu que o que pensara ser uma rocha marrom sob a árvore morta na verdade era um homem, com pele da cor da areia e costas malhadas como as de um leopardo. O cabelo era comprido e negro e seu sorriso revelava grandes dentes de gato. Ele sorriu por apenas alguns instantes, e foi um sorriso sem calor, humor ou amizade.

— Sou o Tigre. Seu pai me feriu de cem maneiras diferentes, e me insultou de outras mil. O Tigre não esquece.

— Sinto muito — respondeu Fat Charlie.

— Vou acompanhá-lo. Pelo menos por enquanto. Você disse que Anansi morreu?

— Sim.

— Ora, ora, ora. Ele me fez de bobo tantas vezes. Há muito tempo, tudo me pertencia: as histórias, as estrelas, tudo. E ele tirou tudo de mim. Talvez, agora que esteja morto, parem de contar aquelas suas malditas histórias. E de rir de mim.

— Sem dúvida vão parar — afirmou Fat Charlie. — Eu nunca ri de você.

Olhos da cor de esmeraldas lapidadas brilharam no rosto do homem.

— Sangue é sangue. A linhagem de Anansi é Anansi.

— Eu não sou meu pai — retrucou Fat Charlie.

O Tigre exibiu os dentes. Eram afiados.

— É errado sair por aí fazendo as pessoas rirem de tudo — explicou o Tigre. — É um mundo grande e sério lá fora, não tem nada de engraçado. Nunca. Você precisa ensinar as crianças a temerem e a tremem. Precisa ensiná-las a serem cruéis. Ensiná-las a serem o predador na escuridão. A se esconderem nas sombras e depois dar o bote, ou saltar, ou se atirar, mas sempre matar. Você sabe qual é o verdadeiro sentido da vida, não sabe?

— Hã... Amar uns aos outros?

— O sentido da vida é o sangue quente da sua presa na língua, a carne que se rasga sob os dentes, o cadáver do seu inimigo deixado ao sol como oferenda para os carniceiros. Isso é a vida. Eu sou o Tigre, e sou mais forte que Anansi jamais foi, maior, mais perigoso, mais poderoso, mais cruel, mais sábio...

Fat Charlie não queria estar naquele lugar, conversando com o Tigre. Não que o Tigre fosse louco. É que ele era bastante fervoroso em suas convicções, que eram todas igualmente desagradáveis. Além disso, ele o lembrava de alguém, e mesmo sem saber dizer quem, sabia que era alguém de quem não gostava.

— Você pode me ajudar a me livrar do meu irmão?

O Tigre tossiu, como se tivesse uma pena, ou talvez um melro inteiro, preso na garganta.

— Quer que eu pegue água para você? — perguntou Fat Charlie.

O Tigre olhou para Fat Charlie com desconfiança.

— Na última vez em que Anansi me ofereceu água, acabei tentando comer a lua de dentro de um lago e me afoguei.

— Eu só estava tentando ajudar.

— Foi exatamente o que *e/le* disse. — O Tigre se inclinou para perto de Fat Charlie e o encarou nos olhos. De perto, ele não parecia nem um pouco humano: seu nariz era muito achatado, os olhos, muito espaçados, e ele fedia como uma jaula no zoológico. A voz era um rugido grave. — É assim que você me ajuda, filho de Anansi, você e todo o seu sangue: fique bem longe de mim. Entendeu? Se quiser manter a carne colada aos ossos.

Então ele lambeu os beiços com a língua avermelhada de sangue fresco, mais comprida do que a de qualquer humano.

Fat Charlie recuou, certo de que, se desse as costas, se corresse, sentiria os dentes do Tigre em seu pescoço. Agora não havia nada sequer remotamente humano na criatura: ele estava do tamanho de um tigre de verdade. Era todo o grande felino que se voltara contra os homens, todo tigre que quebrara o pescoço de alguém como um gato doméstico abatendo um camundongo. Por isso não tirou os olhos do Tigre enquanto se afastava, e logo o animal caminhou silenciosamente de volta para a árvore morta e se esticou sobre as pedras, desaparecendo nas sombras irregulares. Só o agitar impaciente de sua cauda traía a posição.

— Você não precisa se preocupar com ele — comentou uma mulher, parada na entrada de uma caverna. — Venha aqui.

Fat Charlie não conseguia se decidir se ela era muito bonita ou feia como o diabo. Então foi em sua direção.

— Ele parece todo imponente, mas tem medo até da própria sombra. É mais medo ainda da sombra do seu pai. Não tem força nas mandíbulas. — Havia algo de canino no rosto dela. Não, não era canino... — Mas eu... Eu quebro os ossos. É onde fica a melhor parte. É onde estão escondidas as carnes mais doces, e ninguém sabe disso, só eu.

— Estou procurando alguém para me ajudar a me livrar do meu irmão.

A mulher jogou a cabeça para trás e deu risada, um riso que mais parecia um ruído selvagem, alto, longo e insano. Então Fat Charlie soube quem ela era.

— Você não vai encontrar ninguém disposto a ajudá-lo por aqui — explicou a mulher. — Todos acabaram na pior quando tentaram enfrentar seu pai. O Tigre odeia você e sua laia mais que qualquer pessoa já odiou alguma coisa, mas nem ele vai ajudar enquanto seu pai estiver solto no mundo. Olha só, continue seguindo este caminho. Se quer saber, e eu tenho uma pedra de profecia atrás do olho, sei que você não vai encontrar ninguém para ajudá-lo até chegar a uma caverna vazia. Entre nela. Fale com quem quer que esteja lá. Entendeu?

— Acho que sim.

Ela riu. Não foi uma risada boa.

— Quer passar um tempo comigo, antes de ir? Eu sou muito interessante. É como dizem: não há criatura mais mesquinha, maligna e obscena que a Hiena.

Fat Charlie balançou a cabeça e continuou andando, passando pelas cavernas enfileiradas nas paredes de pedra do fim do mundo. Ao olhar para a boca negra de cada caverna, via pessoas de todas as formas e tamanhos, algumas minúsculas, outras altas, homens e mulheres. Quando passava, elas eram iluminadas por um breve momento, saindo das sombras, e Fat Charlie via patas, escamas, chifres ou garras.

Às vezes, assustava os moradores, que recuavam mais para o fundo da caverna. Outros avançavam e o encaravam com um olhar ora agressivo, ora curioso.

Alguma coisa saiu rolando das rochas acima da entrada de uma das cavernas e caiu ao lado de Fat Charlie.

— Olá — disse a coisa, sem fôlego.

— Olá — respondeu Fat Charlie.

O recém-chegado era inquieto e peludo. Os braços e as pernas pareciam *errados*. Fat Charlie tentou identificá-lo. Os outros animais-pessoas eram animais, sim, mas também eram pessoas, e não havia nada de estranho nem contraditório naquilo. A animalidade e a humanidade eram combinadas como as listras de uma zebra, criando um cenário *diferente*. Mas aquela criatura parecia tanto humana quanto quase-humana, e a estranheza daquilo incomodava Fat Charlie. Então, ele entendeu.

— Macaco — anunciou. — Você é o Macaco.

— Tem um pêssego? — indagou o Macaco. — Tem uma manga? Tem um figo?

— Infelizmente, não — respondeu Fat Charlie.

— Me dê alguma coisa para comer e serei seu amigo.

A sra. Dunwiddy o alertara sobre aquilo. *Não dê nada*, pensou. *Não faça promessas*.

— Bem, é uma pena, mas não tenho nada para lhe oferecer.

— Quem é você? — perguntou o Macaco. — O que é você? Você parece meia coisa. Você é daqui ou de lá?

— Anansi era meu pai — explicou Fat Charlie. — Estou à procura de alguém que me ajude a lidar com meu irmão, fazê-lo ir embora.

— Isso pode deixar Anansi irritado — comentou o Macaco. — Ideia muito ruim, essa. Se deixar Anansi irritado, você não entra em mais nenhuma história.

— Anansi está morto — anunciou Fat Charlie.

— Morto lá — explicou o Macaco. — Pode até ser. Mas morto aqui? Isso já são outros quinhentos.

— Quer dizer que ele pode estar por aqui?

Fat Charlie olhou para o alto da montanha, um pouco mais preocupado. Era muito perturbadora a ideia de que poderia encontrar o pai parado na entrada de uma daquelas cavernas, o chapéu fedora verde enterrado na cabeça, indo para a frente e para trás em uma cadeira de balanço, bebendo uma latinha de cerveja escura e disfarçando um bocejo com as luvas cor de lima.

— Quem? O quê?

— Você acha que ele está aqui?

— Quem?

— Meu pai.

— Seu pai?

— Anansi.

O Macaco pulou para o alto de uma pedra, apavorado, e se espremeu contra a rocha. Os olhos iam de um lado para outro sem parar, como se achasse que um furacão fosse surgir de repente.

— Anansi? Ele está aqui?

— Foi isso que eu perguntei — explicou Fat Charlie.

De repente, o Macaco se balançou e ficou pendurado pelos pés, de cabeça para baixo. Encarou Fat Charlie.

— Às vezes eu volto ao mundo — disse. — Sempre dizem: Macaco, Macaco sábio, venha, venha. Venha comer os pêssegos que trouxemos para você. E as nozes. E as larvas de inseto. E os figos.

— Meu pai está aqui? — perguntou Fat Charlie, bem paciente.

— Ele não tem uma caverna — explicou o Macaco. — Eu saberia se tivesse. Acho. Talvez ele tivesse uma caverna, e eu tenha esquecido. Se você me desse um pêssego, eu conseguiria lembrar melhor.

— Não trouxe nada comigo — respondeu Fat Charlie.

— Nenhum pêssego?

— Infelizmente, não.

O Macaco se balançou até o alto da pedra e desapareceu.

Fat Charlie avançou pelo caminho de pedra. O sol tinha baixado e estava na altura da trilha, queimando em um tom laranja forte. Lançava a luz antiga bem no interior das cavernas, revelando que todas eram habitadas. Aquele devia ser o Rinoceronte, de pele cinza, encarando o exterior com os olhos míopes. Ali, em águas rasas, da cor de um tronco em decomposição, estava o Crocodilo, os olhos negros como vidro vulcânico.

Algumas pedras rolaram às suas costas, e Fat Charlie se virou de supetão. O Macaco ergueu os olhos para ele, os nós dos dedos

tocando o chão.

— Eu não tenho fruta nenhuma, sério — anunciou Fat Charlie. — Ou daria a você.

— Fiquei com pena — explicou o Macaco. — Talvez seja melhor você voltar para casa. Essa é uma ideia muito, muito, *muito* ruim. Né?

— Não é, não — retrucou Fat Charlie.

— Ah — disse Macaco. — Certo. Certo, certo, certo, certo, *certo*.

Ele parou de andar. De repente, disparou, passou por Fat Charlie e parou diante de uma caverna mais à frente.

— Não é para entrar aí — avisou. — Lugar ruim.

Ele apontou para a entrada da caverna.

— Por que não? — perguntou Fat Charlie? — Quem mora aí?

— Não tem ninguém aí — explicou o Macaco, em tom de triunfo. — Por isso não é quem você está procurando, é?

— Sim — respondeu Fat Charlie. — É, sim.

O Macaco gritou e pulou, mas Fat Charlie passou por ele e começou a escalar as pedras até chegar à boca da caverna vazia. O sol carmesim mergulhava nos penhascos do fim do mundo.

Caminhando pela trilha que seguia a borda das montanhas do lugar onde começa o mundo (só são as montanhas do fim do mundo quando a pessoa vem da outra direção), a realidade parecia muito estranha e deformada. Aquelas montanhas e suas cavernas são feitas do material das histórias mais antigas (isso foi muito antes dos humanos, é claro. O que o fez pensar que os seres humanos foram as primeiras coisas a contar histórias?), e, ao sair da trilha e entrar em uma das cavernas, Fat Charlie sentiu como se estivesse adentrando a realidade de outra pessoa. A caverna era profunda, o solo todo manchado de branco, de excrementos de aves. Também havia penas no chão. E em vários lugares, igualzinho a um espanador ressecado e abandonado, havia o cadáver de uma ave, achatado e seco.

No fundo da caverna, nada além de escuridão.

Fat Charlie chamou:

— Olá? — E o eco de sua voz retornou de lá de dentro: *Olá, olá, olá, olá*. Ele continuou andando. A escuridão na caverna parecia quase palpável, como se tivessem colocado algo escuro e fino sobre seus olhos. Ele avançava devagar, um passo de cada vez, os braços estendidos.

Algo se moveu.

— Olá?

Os olhos estavam aprendendo a usar aquele mínimo de luz disponível, e ele conseguiu vislumbrar alguma coisa. *Não é nada. Trapos e penas, só isso*. Outro passo, e o vento moveu as penas e agitou os trapos no chão da caverna.

Algo levantou voo perto dele, passou voando *através* dele, abanando o ar com o bater de asas de um pombo.

O vento redemoinhou. A poeira atingiu seus olhos, e Fat Charlie piscou para se proteger do vento frio e recuou um passo quando um redemoinho de poeira, trapos e penas se ergueu na sua frente. Então o vento parou, e, onde havia penas flutuando, surgiu uma figura humana. Ela estendeu a mão, pedindo a Fat Charlie que se aproximasse.

Ele teria recuado, mas a criatura estendeu a mão e o agarrou pela manga. O toque era leve e seco, e ela o puxou em sua direção...

Ele deu um passo à frente, para dentro da caverna...

... E percebeu que estava ao ar livre, em uma planície cor de cobre, sem árvores, sob um céu cor de leite azedo.

Criaturas diferentes têm olhos diferentes. Olhos humanos (ao contrário de, digamos, os olhos de um gato ou de um polvo) são feitos para ver apenas uma versão da realidade por vez. Fat Charlie viu apenas uma coisa com os olhos, mas viu outra com a mente, e a loucura espreitava no espaço entre as duas. Pôde sentir um pânico selvagem se formar dentro de si, mas respirou fundo e o conteve, o coração batendo forte contra o peito. Ele se obrigou a acreditar em seus olhos, não na mente.

Por isso, mesmo sabendo que estava diante de uma ave de olhos insanos e penas irregulares, maior que qualquer águia, mais alta

que um avestruz, com bico de ave de rapina — uma arma cruel capaz de estraçalhar tudo — e penas cor de ardósia cobertas de um óleo brilhante que criava um efeito de arco-íris escuro em tons de roxos e verdes, percebeu tudo em apenas um instante, em algum lugar bem no fundo da mente. O que via com os olhos era uma mulher de cabelo negro como as penas de um corvo parada onde antes havia uma ideia de ave. Ela não era jovem ou velha, e o encarava com um rosto que podia ter sido esculpido em obsidiana ainda nos tempos antigos, quando o mundo era jovem.

Ela o observou e não se moveu. Nuvens passavam pelo céu cor de leite azedo.

— Eu sou Charlie — anunciou Fat Charlie. — Charlie Nancy. Algumas pessoas, bem, a maioria me chama de Fat Charlie. Você também pode. Se quiser.

Nenhuma resposta.

— Anansi era meu pai.

Nada, ainda. Nem um leve tremor, nem uma respiração.

— Quero sua ajuda para fazer meu irmão ir embora.

Ela inclinou a cabeça ao ouvir aquilo. O suficiente para mostrar que estava ouvindo, o suficiente para mostrar que estava viva.

— Não consigo fazer isso sozinho. Ele tem poderes mágicos e tal. Falei com uma aranha, e logo depois meu irmão apareceu. Agora não consigo fazê-lo ir embora.

Quando ela falou, a voz era rouca e profunda, como a de um corvo.

— O que você quer que eu faça em relação a isso?

— Me ajudar? — sugeriu Fat Charlie.

A mulher pareceu pensar.

Mais tarde, Fat Charlie tentou lembrar, sem sucesso, o que ela estava vestindo. Às vezes, achava que era uma capa de penas. Outras, acreditava que devia ser algum tipo de trapo, quem sabe uma capa de chuva esfarrapada, como a que ela usava quando a viu outra vez, mais tarde, em Piccadilly, quando tudo começou a dar

errado. Mas ela não estava nua: disso tinha quase certeza. Teria lembrado se ela estivesse nua, não teria?

— Ajudá-lo — repetiu ela.

— Ajudar a me livrar dele.

A mulher assentiu.

— Você gostaria que eu o ajudasse a se livrar da linhagem de Anansi.

— Eu só quero que ele vá embora e me deixe em paz. Não quero que você o machuque nem nada do tipo.

— Então prometa que vai me dar a linhagem de Anansi.

Fat Charlie estava parado na vasta planície acobreada, que, de algum modo ficava, ele sabia, no interior da caverna nas montanhas no fim do mundo, que, por sua vez, ficava dentro da sala de estar com cheiro de violetas da sra. Dunwiddy. Ele tentou entender o que era aquele pedido.

— Eu não posso lhe dar coisa alguma. Nem posso fazer promessas.

— Você quer que ele vá embora — explicou a mulher. — Diga. Meu tempo é precioso. — Ela cruzou os braços e o encarou com os olhos insanos. — Eu não tenho medo de Anansi.

Ele se lembrou da voz da sra. Dunwiddy.

— Hã... — começou Fat Charlie. — Eu não devo fazer promessas. E preciso pedir algo de igual valor. Quer dizer, tem que ser uma troca.

A mulher-pássaro pareceu irritada, mas assentiu.

— Então darei algo de igual valor em troca. Eu lhe dou minha palavra. — Ela pôs a mão sobre a dele, como se estivesse entregando algo, então fechou os dedos dele e deu uma apertadinha. — Agora diga.

— Eu lhe dou a linhagem de Anansi — disse Fat Charlie.

— Como é bom — falou uma voz.

Com isso, ela se desfez em pedaços. Literalmente.

Onde antes havia uma mulher, agora estava um bando de aves, levantando voo como se espantados por um tiro, avançando em

direções diferentes. Logo o céu se encheu de aves, mais do que Fat Charlie poderia imaginar, aves marrons e negras, mergulhando e cruzando o firmamento, avançando como uma nuvem de fumaça negra mais vasta que a mente podia conceber, uma nuvem de mosquitos do tamanho do mundo.

— Você vai dar um sumiço nele? — perguntou Fat Charlie, gritando para o céu leitoso já escurecendo. As aves começaram a se movimentar. Cada uma se movia apenas um pouco, sem nunca parar de voar, mas de repente Fat Charlie percebeu que encarava um rosto no céu, um rosto formado pelas aves em movimento. Era muito grande.

O rosto disse seu nome em meio aos gritos, pios e chamados de milhares, milhares e mais milhares de aves, e os lábios do tamanho de arranha-céus formaram as palavras lá no alto.

O rosto se dissolveu em caos e loucura quando as aves em formação desceram daquele céu pálido, dando um mergulho direto em sua direção. Fat Charlie cobriu o rosto com as mãos, tentando se proteger.

O golpe atingiu sua bochecha de repente, bem forte. Por um instante, ele acreditou ser possível que uma das aves o tivesse acertado, rasgando seu rosto com o bico ou as garras. Aí viu onde estava.

— Não precisa bater de novo! — exclamou. — Está tudo bem. Não precisa me bater!

Na mesa, os pinguins estavam derretendo e virando tocos. As cabeças e os ombros não existiam mais. Agora as chamas queimavam acima das bolhas disformes de branco e preto que antes eram as barrigas, e os pés estavam mergulhados em poças de cera escura solidificada. Três velhas o encaravam com atenção.

A srta. Noles jogou o conteúdo de um copo d'água em seu rosto.

— A senhora também não precisava fazer isso — reclamou Fat Charlie. — Estou aqui, não estou?

A sra. Dunwiddy entrou na sala segurando um vidrinho marrom e ostentando um ar triunfante.

— Amônia, para acordá-lo — anunciou. — Sabia que tinha um pouco em algum lugar. Comprei mais ou menos em... Hã, 1977 ou 1978. Não sei se ainda está boa. — Ela olhou para Fat Charlie, depois franziu a testa. — Ele acordou. Quem o acordou?

— O rapaz não estava respirando — explicou a sra. Bustamonte. — Então dei um tapa nele.

— E eu joguei água — completou a sra. Noles. — O que o ajudou a terminar de acordar.

— Não preciso cheirar amônia — disse Fat Charlie. — Já estou encharcado e dolorido.

Mas as mãos idosas da sra. Dunwiddy já tinham removido a tampa do vidrinho e o empurravam para o nariz de Fat Charlie. Ele inspirou enquanto recuava, inalando uma onda de amônia. Sentiu os olhos lacrimejarem, parecia que tinha levado um soco no nariz. Começou a suar e ficou com coriza.

— Pronto — disse a sra. Dunwiddy. — Está se sentindo melhor, agora?

— Que horas são? — perguntou Fat Charlie.

— São quase cinco da manhã — respondeu a sra. Higgler. Ela tomou um gole de café da caneca gigante. — Estávamos preocupadas com você. É melhor nos contar o que aconteceu.

Fat Charlie tentou lembrar. Não que os acontecimentos tivessem evaporado, como acontece com sonhos, era mais como se a experiência das últimas horas tivesse acontecido com outra pessoa, alguém que não fosse ele, e Fat Charlie precisasse dar um jeito de entrar em contato com essa pessoa, fazendo uso de uma forma de telepatia que nunca praticara. Sua mente estava uma grande confusão, a realidade mágica e tecnicolor daquele outro lugar se dissolvia, voltando aos tons sépia da realidade.

— Tinha umas cavernas. Eu pedi ajuda. Havia também um monte de animais. Animais que eram pessoas. Nenhum deles queria ajudar. Todos tinham medo do meu pai. Então veio uma e disse que ia ajudar.

— Uma? — repetiu a sra. Bustamonte.

— Algumas criaturas eram homens, outras, mulheres — explicou Fat Charlie. — Essa era mulher.

— Você sabe o que ela era? Crocodilo? Hiena? Camundongo? Ele deu de ombros.

— Eu podia ter lembrado, antes de as pessoas começarem a me bater e jogar água em mim. E a botar coisas no meu nariz. Isso faz as memórias fugirem.

A sra. Dunwiddy perguntou:

— Você se lembra do que eu falei? Não dar nada? Apenas trocar?

— Sim — respondeu ele, vagamente orgulhoso de si mesmo. — Sim. Tinha um macaco que queria que eu desse coisas a ele, e eu disse não. Olha, acho que preciso de uma bebida.

A sra. Bustamonte pegou um copo de alguma coisa que estava em cima da mesa.

— Achamos que você fosse precisar de uma bebida. Por isso demos uma peneirada no xerez. Pode ser que tenha umas ervas aí dentro, mas nada demais.

Ele estava com os punhos cerrados sobre o colo. Abriu a mão direita para pegar o copo oferecido pela velha senhora. Então parou e ficou olhando.

— O quê? — perguntou a sra. Dunwiddy. — O que foi?

Na palma de sua mão, preta, esmagada e disforme, havia uma pena. Então Fat Charlie lembrou. Ele se lembrou de tudo.

— Foi a mulher-pássaro.

* * *

O dia começava a amanhecer, cinzento, quando Fat Charlie entrou no banco do carona da perua da sra. Higgle.

— Tá com sono? — perguntou ela.

— Não muito. Só me sinto estranho.

— Aonde quer que eu leve você? Minha casa? A casa do seu pai? Um motel?

— Não sei.

Ela engatou a marcha e fez o carro sair para a rua.

— Aonde vamos?

A mulher não respondeu. Bebeu um pouco de café da megacaneca e disse:

— Talvez o que fizemos esta noite tenha sido o certo, talvez não. Às vezes, os problemas familiares devem ser deixados para a própria família resolver. Você e seu irmão. Os dois são muito parecidos. Acho que é por isso que brigam tanto.

— Imagino que essa seja uma interpretação obscura da palavra “parecido”, ainda da época dos colonizadores, que na verdade significa “não tem a menor semelhança”, certo?

— Não venha com esse seu humor britânico para cima de mim. Sei do que estou falando. Você, ele, os dois são farinha do mesmo saco. Lembro-me do seu pai dizendo: “Callyanne, meus filhos, os dois são mais burros que...” Sabe, não importa o que ele disse, a questão é que ele falou isso sobre os dois. — Uma ideia passou pela cabeça dela. — Ei. Quando você foi ao lugar onde ficam os deuses antigos, por acaso viu seu pai?

— Acho que não. Eu me lembraria.

A sra. Higgler assentiu e não disse nada, só continuou a dirigir.

Ela estacionou o carro, e os dois desceram.

Estava frio no amanhecer da Flórida. O Memorial Jardim do Repouso parecia saído de um filme: uma névoa baixa deixava tudo meio embaçado. A sra. Higgler abriu o pequeno portão, e eles caminharam pelo cemitério.

Antes havia apenas terra fresca enchendo a cova do pai, mas a grama crescera. Na cabeceira do túmulo, também havia uma placa de metal com um vaso, de metal, embutido. No vaso havia uma rosa amarela solitária.

— Que Deus tenha piedade do pecador nesta cova — recitou a sra. Higgler, emotiva. — Amém, amém, amém.

Eles tinham plateia: as duas garças de cabeça vermelha que Fat Charlie vira na visita anterior caminhavam na direção deles, as

cabeças oscilando para frente e para trás, como dois aristocratas visitando uma prisão.

— Xô! — ralhou a sra. Higler.

As aves a encararam sem muita curiosidade e não se afastaram.

Uma delas enfiou a cabeça na grama e a levantou com um lagarto se debatendo no bico. Uma sacudida e uma engolida depois, o lagarto virou uma saliência no pescoço da ave.

O coral do amanhecer estava começando: melros, corruções e tordos cantavam o dia na mata atrás do Memorial Jardim do Repouso.

— Vai ser bom voltar para casa — comentou Fat Charlie. — Com alguma sorte a mulher-pássaro já vai ter feito Spider ir embora quando eu chegar. Aí tudo vai estar bem. Posso resolver as coisas com Rosie.

Fat Charlie foi tomado por um otimismo tranquilo. Aquele seria um bom dia.

* * *

Nas histórias antigas, Anansi vive em sua casa, igualzinho a você ou eu. É claro que é ganancioso, voluptuoso, trapaceiro e muito mentiroso. Mas tem bom coração, muita sorte e, às vezes, é até honesto. Às vezes faz coisas boas, às vezes faz coisas ruins. Mas nunca é mau. Na maior parte das vezes, toma-se o partido de Anansi. Isso porque é ele que possui todas as histórias. Mawu lhe deu as histórias ainda no começo dos tempos. Tirou-as do Tigre e as deu a Anansi, que tece as mais belas teias.

Nas histórias, Anansi é uma aranha, mas também é um homem. Não é difícil imaginar as duas coisas ao mesmo tempo. Até uma criança consegue.

As histórias de Anansi são contadas por avós e tias na África Ocidental, e também por todo o Caribe e em todo o mundo. As histórias chegaram aos livros infantis: o velho Anansi grande e sorridente aparece pregando peças engraçadas em todo mundo. O

problema é que avós, tias e autores de livros infantis costumam deixar algumas coisas de fora. Algumas histórias não são muito apropriadas para criancinhas.

Esta é uma das histórias que não são contadas para as crianças pequenas. Eu a chamo de:

ANANSI e a AVE

Anansi não gostava da Ave porque ela comia muitas coisas quando estava com fome, e uma das coisas que a Ave comia eram aranhas. E a Ave estava sempre com fome.

Eles costumavam ser amigos, mas não eram mais.

Certo dia, durante uma caminhada, Anansi viu um buraco no chão e teve uma ideia.

Ele enfiou um monte de madeira no fundo do buraco, acendeu uma fogueira, botou uma panela por cima e encheu com raízes e ervas. Então começou a correr ao redor da panela, correndo e dançando, berrando e gritando, anunciando para todos:

— Eu me sinto bem. Eu me sinto *muuuuito* bem. Minha nossa, todas as minhas dores e mazelas sumiram, nunca me senti tão bem em toda a minha vida.

A Ave escutou a barulheira. Ela desceu dos céus bem depressa para ver do que se tratava toda aquela confusão. E perguntou:

— O que é isso que você está cantando? Por que está agindo como doido, Anansi?

Ele cantarolou em resposta:

— Eu estava com dor no pescoço, mas passou. Estava com dor na barriga, e não estou mais. Minhas juntas estalavam, mas agora estou tão flexível quanto uma palmeira, tão liso quanto a Cobra depois de trocar de pele. Tenho felicidade e energia para dar e vender. E a partir de agora serei perfeito, pois sei o segredo pra isso, e mais ninguém sabe.

— Que segredo? — perguntou a Ave.

— O segredo é meu — respondeu Anansi. — Todos vão ter que me dar suas coisas favoritas, suas coisas mais preciosas, só para aprender meu segredo. Viva! Oba! Eu me sinto tão bem!

A Ave deu um pulinho mais para perto e inclinou a cabeça para o lado. Então perguntou:

— Posso aprender esse segredo?

Anansi olhou para a Ave com desconfiança, então se posicionou em frente à panela enfiada no buraco, cuja água estava borbulhando.

— Acho que não — respondeu Anansi. — Talvez não tenha o suficiente para ficar espalhando. Deixe para lá.

A Ave retrucou:

— Bem, Anansi, sei que nem sempre fomos amigos. Mas vou lhe dizer uma coisa. Se você compartilhar esse segredo comigo, juro que ave nenhuma vai comer aranhas outra vez. Seremos amigos até o fim dos tempos.

Anansi coçou o queixo e balançou a cabeça.

— É um segredo grande e poderoso saber como deixar as pessoas outra vez jovens, ativas, vigorosas e livres da dor.

A Ave ajeitou as penas com o bico. Então disse:

— Ah, Anansi, você com certeza sabe que sempre o achei um homem muito bonito. Porque não nos deitamos juntos ao lado da estrada por um tempo? Tenho certeza de que posso fazê-lo esquecer todas essas reservas quanto a revelar esse segredo para mim.

Então eles se deitaram ao lado da estrada e começaram a se beijar, a se abraçar, a rir e a se divertir. Depois que Anansi conseguiu o que queria, a Ave perguntou:

— Então, Anansi, e o segredo?

— Bem, eu não ia contar a ninguém. Mas vou contar a você. É um banho de ervas, bem aqui nesse buraco. Veja, vou jogar essas folhas e essas raízes na água. Bem, qualquer um que tomar esse banho vai viver para sempre e sem sentir dor. Eu tomei, agora estou tão cheio de energia quanto um cabrito. Mas acho que não devo deixar mais ninguém tomar.

A Ave olhou para a água borbulhante e, mais do que depressa, mergulhou na panela.

— Está quente demais, Anansi — reclamou ela.

— O calor é bom para as ervas soltarem as coisas boas — explicou Anansi.

Então ele cobriu a panela com a tampa. Era uma tampa pesada, e Anansi colocou uma pedra no topo, para deixá-la ainda mais pesada.

Bam! Bam! Bam! fazem as batidas de lá de dentro.

— Se eu deixá-la sair agora, todo o efeito do banho borbulhante vai se desfazer — gritou Anansi. — Você precisa relaxar aí dentro, sinta-se cada vez mais saudável.

Mas a Ave não devia ter ouvido, porque as batidas e empurrões vindos do interior da panela continuaram por mais um tempo. Então pararam.

Naquela noite, Anansi e sua família comeram uma deliciosa sopa de Ave, servida junto com Ave cozida. Passaram muitos dias sem sentir fome.

Desde então, as aves comem aranhas sempre que têm a oportunidade, e as aranhas e as aves nunca mais voltaram a ser amigos.

Há outra versão dessa história em que também convencem Anansi a entrar na panela. As histórias são todas de Anansi, mas ele nem sempre leva a melhor.

CAPÍTULO

OITO

NO QUAL
UM BULE
DE CAFÉ
ACABA SENDO
BASTANTE
ÚTIL

SE TINHA ALGUMA coisa obrigando Spider a ir embora, ele não sabia o que era. Pelo contrário, Spider estava se divertindo horrores vivendo a vida de Fat Charlie. Estava se divertindo tanto fingindo que era o irmão que começou a se perguntar por que não fazia aquilo havia mais tempo. Era mais divertido que pentear macaco.*

A parte de ser Fat Charlie que Spider mais gostava era Rosie.

Até aquele momento, Spider via as mulheres mais ou menos como substituíveis. A ideia era sequer dizer seu nome real, além de, é claro, dar um endereço que não valesse por mais do que uma semana. Não dar qualquer coisa além de um número de celular pré-pago. Mulheres eram divertidas e decorativas, acessórios sensacionais, mas sempre havia mais delas. Eram como tigelas de goulash vindo em uma esteira rolante: quando você acabava com uma, bastava pegar a seguinte e jogar creme azedo por cima.

Mas Rosie...

Rosie era diferente.

Ele não saberia explicar por que ela era diferente. Já tentara, mas sem sucesso. Em parte era por causa de como ele se sentia quando

estava com ela. Era como se, ao se ver aos olhos dela, ele se tornasse uma pessoa melhor por inteiro. Isso era parte da explicação.

Spider gostava de saber que Rosie sabia onde encontrá-lo. Isso lhe trazia conforto. Ele se deliciava em suas curvas macias, em como ela desejava o bem a todos, em seu jeito de sorrir. Não havia nada de errado com Rosie, além do tempo que tinha que passar longe dela e, é claro, como começava a descobrir, a pequena questão da mãe de Rosie. Naquela noite em especial, enquanto Fat Charlie aguardava em um aeroporto a mais de seis mil quilômetros de distância, ainda no processo de ganhar um upgrade para a primeira classe, Spider estava no apartamento da mãe de Rosie, em Wimpole Street, descobrindo quem ela era da pior maneira possível.

Spider estava acostumado a alterar a realidade de leve, só um pouquinho, mas sempre tinha sido suficiente. Bastava mostrar à realidade quem é que mandava, e só. Tendo dito isso, ele nunca conhecera alguém que se apoiasse em sua própria realidade com tamanha firmeza quanto a mãe de Rosie.

— Quem é esse? — perguntou, com desconfiança, quando os dois entraram.

— Eu sou Fat Charlie Nancy — disse Spider.

— Por que ele está dizendo isso? — perguntou a mãe de Rosie.
— Quem é ele?

— Eu sou Fat Charlie Nancy, seu futuro genro, e a senhora gosta muito de mim — disse Spider, com muita convicção.

A mãe de Rosie balançou a cabeça, piscou e o encarou.

— Você pode até ser Fat Charlie — respondeu ela, ainda em dúvida. — Mas não gosto de você.

— Bem — retrucou Spider —, mas devia. Eu sou muito simpático. Poucas pessoas são tão adoráveis quanto eu. Para ser sincero, não há limites para o quanto sou simpático. As pessoas se reúnem e fazem assembleias só para discutir o quanto gostam de mim. Ganhei vários prêmios, além de uma medalha de um pequeno país da América do Sul, tudo em tributo a quanto sou amado e à minha

exuberância absoluta e sem limites. Não a trouxe comigo, claro. Guardo as medalhas na minha gaveta de meias.

A mãe de Rosie fungou. Ela não sabia o que estava acontecendo, mas, fosse o que fosse, não gostava nem um pouco. Até aquele momento, pensava que já tinha conseguido entender quem Fat Charlie era muito bem. Admitia que talvez tivesse reagido de modo um pouco equivocado no início: acreditava que Rosie não teria se envolvido com Fat Charlie com tamanho entusiasmo se, após o primeiro encontro entre a mãe e namorado, a mãe não tivesse se expressado com tamanha veemência. *Ele é um mané*, dissera a mãe de Rosie, pois sentia o cheiro do medo como um tubarão farejando sangue do outro lado de uma baía. Mas não conseguira convencer Rosie a largá-lo, e agora sua principal estratégia envolvia assumir o controle dos planos do casamento, de forma a deixar Fat Charlie tão infeliz quanto possível, e contemplar as estatísticas de divórcio com certo sorriso de satisfação.

Mas agora algo diferente estava acontecendo, e ela não estava gostando nem um pouco. Fat Charlie não era mais um cara grande e vulnerável. Essa nova criatura parecia astuta e a deixava confusa.

Enquanto isso, Spider estava tendo trabalho.

A maioria das pessoas não repara nas outras. Mas a mãe de Rosie reparava. Ela percebia cada detalhe. Ela estava bebericando água quente de uma xícara de porcelana de ossos. A mulher sabia que acabara de perder uma batalha, mesmo se não soubesse dizer como ou muito menos pelo que estava batalhando. Portanto, moveu o ataque seguinte para uma posição mais elevada.

— Charles, querido, fale mais sobre sua prima, Daisy. Estou com medo de que sua família não tenha tantos representantes. Gostaria que ela tivesse um papel maior na festa de casamento?

— Quem?

— Daisy — respondeu a mãe de Rosie, em uma voz doce. — A moça que conheci em sua casa no outro dia. Estava andando para cima e para baixo quase sem roupa. Se é que ela era sua *prima*, claro.

— Mãe! Se Charlie disse que era prima...

— Deixe que ele mesmo se defenda, Rosie — interrompeu a mãe, tomando outro gole de água quente.

— Certo — disse Spider. — Daisy.

Ele fez a mente voltar à noite de vinho, mulheres e música: levava a mulher mais bonita e engraçada de volta para o apartamento, logo depois de dizer que a ideia tinha sido dela, e precisou de sua ajuda para subir as escadas com o volume semiconsciente de Fat Charlie. Como já tinha aproveitado as atenções de várias mulheres ao longo da noite, levava a baixinha divertida para casa da mesma forma que alguém separa um chocolate com menta para depois do jantar. Mas aí descobriu, ao chegar em casa e botar um Fat Charlie limpo na cama, que não estava mais a fim. Aquela Daisy.

— A minha querida e adorável priminha — continuou, sem fazer pausa. — Tenho certeza de que ela vai adorar se envolver no casamento, se estiver no país. É uma pena, mas ela trabalha na embaixada. Está sempre viajando. Um dia está aqui e, no outro, está entregando um documento confidencial em Murmansk.

— Você não tem o endereço dela? Nem o telefone?

— Eu e a senhora vamos procurar juntos — concordou Spider. — Mundo afora. Ela vive indo de um lado para o outro.

— Então — insistiu a mãe de Rosie, assim como Alexandre, o Grande, ordenaria o saque e a pilhagem de uma pequena aldeia persa. — Da próxima vez em que ela estiver no país, você precisa convidá-la para vir aqui. Eu a achei uma graça, e tenho certeza de que Rosie vai adorar conhecê-la.

— Claro — respondeu Spider. — Eu vou, sim. Vou mesmo.

* * *

Toda pessoa que já existiu, existe ou existirá tem uma canção. Não é uma canção que alguém escreveu. Tem melodia própria, tem palavras próprias. Pouquíssimas pessoas chegam a cantar a própria canção. A maioria teme que sua voz não faça justiça a ela, ou que

as palavras sejam tolas, honestas ou estranhas demais. É por essa razão que as pessoas optam por, em vez disso, viver suas canções.

Veja Daisy, por exemplo. A canção dela, que durante a maior parte de sua vida não saía da cabeça, tinha um ritmo que era uma espécie de marcha reconfortante, cheia de palavras sobre proteger os fracos e um refrão que começava com “Malfeitores, cuidado!”, por isso era boba demais para ser cantada em voz alta. Mas, às vezes, Daisy a cantarolava baixinho no chuveiro, enquanto se ensaboava.

E isso é, mais ou menos, tudo o que é preciso saber sobre Daisy. No mais, são apenas detalhes.

O pai dela nascera em Hong Kong. A mãe vinha da Etiópia, de uma família rica de exportadores de tapete que tinha uma casa em Adis Abeba, além de outra casa e algumas terras perto de Mazret. Os pais de Daisy se conheceram em Cambridge — ele estudava computação, muito antes de esta ser considerada uma boa escolha de carreira, e ela devorava química molecular e direito internacional. Eram dois jovens ao mesmo tempo estudiosos, tímidos por natureza e quase sempre deslocados. Os dois sentiam saudades de casa, mas por motivos muito diferentes. No entanto, ambos jogavam xadrez, e se conheceram em uma quarta-feira à tarde, no clube de xadrez. Como eram novatos, foram encorajados a jogar juntos, e, durante a primeira partida, a mãe de Daisy derrotou o pai com folga.

Ele ficou incomodado com aquilo, o suficiente para pedir uma revanche — ainda que de forma bem tímida — na quarta-feira seguinte, e em todas as quartas-feiras sucessivas depois disso (com a exceção das férias e dos feriados) pelos dois anos seguintes.

A interação social dos dois aumentava à medida que suas habilidades e o inglês dela melhoravam. Juntos, eles uniram as mãos, formando parte de uma corrente humana, e protestaram contra a chegada de caminhões carregados de mísseis. Juntos, embora parte de um grupo muito maior, viajaram até Barcelona para protestar contra a onda irrefreável do capitalismo internacional e para deixar registrado seu protesto contra a hegemonia das grandes

corporações. Essa também foi a época em que tiveram a experiência de receber um spray de gás lacrimogênio lançado pelas autoridades, e o sr. Day torceu o pulso quando foi empurrado para fora do caminho pela polícia espanhola.

E então, em uma quarta-feira, no início do terceiro ano em Cambridge, o pai de Daisy venceu a mãe de Daisy no xadrez. Ele ficou tão contente, tão exultante e triunfante que, reforçado e encorajado pela conquista, fez o pedido de casamento. E a mãe de Daisy, que temia que, assim que vencesse uma partida, aquele homem perdesse o interesse nela, disse sim, é claro.

Eles ficaram na Inglaterra, permaneceram na universidade e tiveram apenas uma filha, que chamaram de Daisy, porque na época tinham (e para posterior diversão da filha, realmente usavam) uma *tandem* — uma bicicleta para duas pessoas, como na música “Daisy Bell”. Eles foram de universidade em universidade, passando por toda a Grã-Bretanha: ele dava aula de ciências da computação, e a esposa escrevia livros que ninguém queria ler, que eram sobre a hegemonia das corporações multinacionais, e livros que as pessoas queriam ler, que, por sua vez, eram sobre xadrez, suas estratégias e sua história. E assim, em um ano bom, ela ganhava mais dinheiro que ele, o que nunca era muito. O envolvimento do casal em política diminuiu à medida que envelheceram, e, ao se aproximarem da meia-idade, tinham se transformado em um casal feliz, sem interesses além do cônjuge, xadrez, Daisy e a reconstrução e depuração de sistemas operacionais esquecidos.

Nenhum dos dois entendia Daisy. Nem um pouquinho.

Achavam que a culpa era deles, que não tinham acabado com o fascínio da filha pela força policial assim que esse começou a se manifestar, mais ou menos na mesma época em que ela começou a falar. Daisy apontava para carros da polícia com a mesma animação que outras meninas apontavam para pôneis. Seu aniversário de sete anos foi uma festa a fantasia, para que ela pudesse usar seu uniforme de policial. Ainda havia fotos guardadas em uma caixa no sótão da casa dos pais, o rosto da menina cheio da alegria perfeita

de uma criança de sete anos diante da visão de seu bolo de aniversário: sete velas cintilando com uma luz azul piscante.

Daisy foi uma adolescente alegre, inteligente e aplicada, e deixou os pais muito felizes quando foi para a Universidade de Londres estudar direito e computação. O pai desejava que ela se tornasse professora de direito, a mãe acalentava sonhos de ver a filha abraçar a toga, talvez até se tornar juíza e usar a lei para esmagar as hegemonias das corporações, sempre que elas viessem à tona. E Daisy foi lá e estragou tudo ao prestar concurso para a polícia. A força policial a recebeu de braços abertos: por um lado, havia a diretriz de aumentar a diversidade do quadro de funcionários, por outro, crimes de informática e fraudes relacionadas a computação estavam cada vez mais frequentes. Eles precisavam de Daisy. Para falar a verdade, precisavam de um monte de Daisys.

Àquela altura, quatro anos depois, seria justo dizer que a carreira na força policial deixara a desejar para Daisy. Apesar de seus pais a terem alertado repetidas vezes, não era que a força policial fosse um monólito institucionalmente racista e sexista que esmagaria sua individualidade até transformá-la em alguma coisa uniforme que destruiria sua alma, que a tornaria tão alienada e parte de uma sociedade medíocre quanto café instantâneo. Não, a parte frustrante era fazer os outros tiras entenderem que ela era um deles. Daisy tinha chegado à conclusão de que, para a maioria dos tiras, o trabalho policial era algo que faziam para proteger a classe média dos indivíduos assustadores oriundos do extrato social errado, que só deviam estar por perto para roubar alguns telefones celulares. Para ela, era bem diferente. Daisy sabia que, de um quarto na Alemanha, um garoto qualquer poderia criar um vírus capaz de fazer parar um hospital, causando mais dano do que uma bomba. Em sua opinião, os verdadeiros vilões da atualidade entendiam de sites de FTP, encriptação de alto nível e celulares pré-pagos descartáveis. Ela não tinha certeza se o lado do bem entendia isso.

Daisy tomou um gole do café de um copo plástico e fez uma careta. Enquanto passava de tela em tela, o café esfriara.

Ela tinha revisado toda a informação que Grahame Coats lhe entregara. Com certeza havia evidências o bastante para acreditar que algo estava errado — no mínimo, havia indícios de que, na semana anterior, Charles Nancy fizera um cheque de duas mil libras para si mesmo.

Só que... só que ela estava com um mau pressentimento.

Ela atravessou o corredor e bateu à porta do superintendente.

— Entre!

Camberwell fumara seu cachimbo sentado à mesa por trinta anos, até que o prédio instituíra uma política antifumo. Agora ele se virava com um pouco de massa de modelar, que enrolava, apertava, esmagava e furava com o dedo. O homem de cachimbo na boca era plácido, bem-humorado e, na opinião de seus subordinados, uma pessoa maravilhosa. O homem com massa de modelar na mão vivia tenso e de mau humor. Nos dias bons, ficava apenas um pouco rabugento.

— Que foi?

— O caso da Agência Grahame Coats.

— O que é que tem?

— Não tenho muita certeza.

— Não tem certeza do quê? O que há para não ter certeza?

— Bem, eu acho que deveria sair do caso.

O chefe não pareceu impressionado. Ela a encarou fixamente. Em cima da mesa, os dedos, sem serem vigiados, moldavam a massa de modelar azul no formato de um cachimbo.

— Por quê?

— Conheci o suspeito socialmente.

— E? Por acaso saiu de férias com ele? É avó dos netos dele? Ou o quê?

— Não. Eu o conheci uma noite dessas. E dormi na casa dele.

— Então está me dizendo que fizeram *aquilo*? — O homem soltou um suspiro profundo, que englobava partes iguais de cansaço, irritação e um desejo enorme de fumar um pouco de tabaco Condor.

— Não, senhor. Nada disso. Eu só dormi lá.

— E esse foi todo o seu envolvimento com ele?

— Sim, senhor.

Ele esmagou o cachimbo de massinha até voltar a ser uma bola disforme.

— Você sabe que está desperdiçando meu tempo, não sabe?

— Sim, senhor. Me desculpe, senhor.

— Vá fazer o que tem que fazer. Não me perturbe.

* * *

Maeve Livingstone subiu até o quinto andar de elevador, sozinha. A viagem longa e sacolejante deu a ela tempo suficiente para ensaiar o que diria a Grahame Coats, quando chegasse ao escritório.

Carregava uma pequena maleta marrom, que pertencera a Morris: um objeto bastante masculino. Vestia blusa branca, saia jeans azul, e, por cima de tudo, um casaco cinza. Tinha pernas bem compridas, pele bastante pálida, e cabelos que permaneciam, com um mínimo de assistência química, quase tão loiros quanto eram quando ela se casou com Morris Livingstone, vinte anos antes.

Amara muito Morris. Após a morte do marido, ela não o apagou da agenda do celular, nem mesmo depois de cancelar o número dele. Fora seu sobrinho quem tirara a foto de Morris que ela definira como contato no celular, e ela não queria perdê-la. Gostaria de poder ligar para Morris e pedir seu conselho.

Ela se anunciara no interfone, pedindo para liberarem sua entrada lá em baixo. Grahame Coats já estava a sua espera quando ela entrou na recepção.

— Ora, ora, como vai você, minha formosa dama? — perguntou ele.

— Precisamos conversar a sós, Grahame, agora mesmo.

Ele deu um sorrisinho malicioso. Por mais estranho que parecesse, muitas de suas fantasias começavam com Maeve dizendo algo bastante parecido, seguido de declarações como “Preciso de você, Grahame, agora mesmo”, ou “Grahame, eu fui

uma menina muito, muito má. Preciso ser castigada”, e, em raras ocasiões, “Grahame, você é homem demais para uma mulher só, por isso deixe-me apresentar minha irmã gêmea idêntica e que está nua, Maeve II”.

Os dois entraram no escritório.

Maeve não disse nada sobre precisar de Grahame Coats ali mesmo, naquele instante, o que foi um pouco decepcionante, na opinião dele. A mulher nem tirou o casaco. Em vez disso, abriu a maleta e pegou uma pilha de papéis, que colocou em cima da escrivaninha.

— Grahame, por sugestão do gerente do meu banco, fiz uma auditoria independente de suas contas e extratos da última década. Desde a época em que Morris ainda estava vivo. Você pode olhar os resultados, se quiser. Os números não batem. Nenhum deles. Achei que devia falar com você antes de ligar para a polícia. Senti que devia isso a você, em memória de Morris.

— E deve mesmo — concordou Grahame Coats, escorregadio como uma cobra em uma manteigreira. — Deve mesmo.

— E então?

Maeve Livingstone ergueu uma sobrancelha perfeita. A expressão em seu rosto não era tranquilizadora. Grahame Coats gostava mais dela em sua imaginação.

— Infelizmente, descobrimos que tivemos um funcionário desonesto na Agência Grahame Coats por um bom tempo, Maeve. Eu mesmo chamei a polícia, semana passada, quando percebi que havia algo errado. O braço da lei já está investigando a situação. Devido à natureza ilustre de vários clientes da Agência Grahame Coats, você entre eles, a polícia está agindo com o máximo de discrição possível. E quem pode culpá-los? — Ela não pareceu tão tranquilizada quanto ele esperara. Então tentou outra abordagem. — Os oficiais da lei têm grandes esperanças de recuperar boa parte, se não todo o dinheiro.

Maeve assentiu. Grahame Coats relaxou, mas apenas um pouco.

— Posso perguntar que funcionário foi esse?

— Charles Nancy. Tenho que admitir que confiava cegamente nele. Foi um grande choque.

— Ah. Ele é simpático.

— As aparências enganam.

Então ela sorriu, e foi um sorriso muito agradável.

— Não vai adiantar, Grahame. Isso está acontecendo há muito tempo. Desde muito antes de Charles Nancy começar a trabalhar aqui. Acho que até desde antes de mim. Morris confiava cegamente em você, e você o roubou. E está tentando incriminar um de seus funcionários. Ou talvez culpar um de seus cúmplices... Bem, não vai adiantar.

— Não — concordou Grahame Coats, pesaroso. — Me desculpe.

Ela pegou a pilha de papéis.

— Só por curiosidade: quanto você acha que roubou de Morris e de mim ao longo dos anos? Calculo que tenha sido uns três milhões de libras.

— Ah... — Ele não estava sorrindo. Com certeza tinha sido mais, mas mesmo assim... — Acho que foi mais ou menos isso.

Eles olharam um para o outro, e Grahame Coats fazia contas bem depressa. Precisava ganhar tempo. Era disso que precisava.

— E se... — sugeriu. — E se eu pagasse tudo em dinheiro, agora mesmo. Com juro. Digamos, cinquenta por cento sobre o valor em questão.

— Você está me oferecendo quatro milhões e meio de libras? Em dinheiro? E não teria problema?

Grahame Coats sorriu exatamente do mesmo modo que cobras prestes a dar o bote não costumam fazer.

— Claro que de jeito nenhum. Se você for à polícia, vou negar tudo e contratar advogados excelentes. Na pior das hipóteses, depois de um julgamento muito longo, no qual serei obrigado a denegrir o bom nome de Morris de todos os modos possíveis e imagináveis, serei condenado a passar no máximo de dez a doze anos na cadeia. Posso acabar cumprindo só cinco anos e sair por bom comportamento, e olha que serei um presidiário modelo.

Considerando a superlotação das cadeias, passarei a maior parte da sentença em regime semiaberto, ou quem sabe em prisão domiciliar. Não acho muito problemático. Mas, por outro lado, garanto que, se você for à polícia, nunca receberá nem um centavo do dinheiro de Morris. A alternativa é ficar com a boca fechada, pegar todo o dinheiro de que precisa e um pouco mais, enquanto eu ganho tempo para... Para fazer a coisa certa. Se é que você me entende.

Maeve pensou a respeito.

— Eu *adoraria* ver você apodrecer na cadeia. — Então deu um suspiro e assentiu. — Está bem. Aceito o dinheiro. Nunca mais terei que vê-lo ou que lidar com você. Todos os futuros cheques de direitos autorais irão direto para mim. Algum problema com isso?

— Claro que de jeito nenhum. O cofre é por aqui — respondeu ele.

Havia uma estante na parede dos fundos, cheia de edições uniformes e encadernadas em couro, de Dickens, Thackeray, Trollope e Austen, todas não lidas. Ele puxou um livro, e a estante deslizou para o lado, revelando uma porta pintada para parecer a parede.

Maeve se perguntou se havia alguma senha para abrir o cofre, mas não, havia apenas uma pequena fechadura, que Grahame Coats destrancou com uma grande chave de latão. A porta se abriu.

Ele enfiou a mão lá dentro e acendeu a luz. Era um quarto estreito, os dois lados cobertos de prateleiras fixadas de modo um tanto amador. No fundo, havia um pequeno arquivo à prova de fogo.

— Você pode levar tudo em dinheiro, joias ou em uma combinação dos dois — explicou ele, sem rodeios. — Eu recomendaria essa última forma. Tem muito ouro antigo de qualidade, aqui. Super portátil.

Ele destrancou vários cofres e expôs os conteúdos. Anéis, correntes e pingentes brilhavam, reluziam e cintilavam.

Maeve ficou boquiaberta.

— Dê uma olhada.

A mulher passou por ele para entrar. Era uma caverna do tesouro.

Ela pegou um pingente de ouro preso a uma corrente, levantou-o na altura dos olhos e o encarou, maravilhada.

— Isso é lindo — disse. — Deve valer...

Maeve parou de repente. No ouro polido do medalhão, viu algo se mover atrás de si e se virou, então o martelo não a acertou bem no meio da nuca, como era a intenção de Grahame Coats. Em vez disso, passou de raspão por seu rosto.

— Seu merda! — exclamou ela, dando um chute no homem.

A mulher tinha pernas definidas e um chute forte, mas ela e o agressor estavam próximos demais.

O pé de Maeve acertou a canela dele, e ela tentou tirar o martelo de suas mãos. Grahame Coats deu outro golpe, e dessa vez acertou. Maeve tombou para o lado. Seus olhos pareceram sair de foco. Ele a golpeou outra vez, bem no topo da cabeça, e outra, e outra, até que ela caiu no chão.

Grahame Coats desejou ter um revólver. Uma arma boa e confiável. Com silenciador, como nos filmes. Para falar a verdade, se tivesse passado por sua cabeça a ideia de matar alguém em seu próprio escritório, teria se preparado muito melhor para aquilo. Poderia ter até arranjado um pouco de veneno. O que teria sido sábio. Sem necessidade de toda aquela violência.

Na ponta do martelo, havia resquícios de sangue e de cabelo loiro. Ele o soltou com nojo, deu a volta na mulher caída e pegou os cofres com as joias. Derramou o conteúdo de todos em cima da escrivaninha e os devolveu ao cofre, onde pegou uma maleta contendo maços de notas de cem dólares e de quinhentos euros, além de um saquinho de veludo preto com muitos diamantes soltos. Grahame Coats removeu algumas pastas do arquivo. E, por último, mas — como ele teria observado — não menos importante, tirou do quarto secreto o pequeno nécessaire de couro com duas carteiras e dois passaportes.

Então empurrou a porta pesada até fechá-la e a trancou, depois moveu a estante de volta para o lugar.

Ficou ali parado, um pouco ofegante, até se recompor.

Considerando tudo que aconteceu, concluiu, estava bem orgulhoso de si mesmo. *Bom trabalho, Grahame*. Bom garoto. Bom espetáculo. Ele improvisara com o que tinha à mão, e fora muito bem-sucedido: blefara, fora ousado e criativo — disposto, como diria o poeta, a arriscar tudo em uma única cartada. Tinha arriscado e ganhara. Estava no comando do jogo. Um dia, em seu paraíso tropical, escreveria suas memórias, e as pessoas descobririam como ele conseguira vencer uma mulher perigosa. *Apesar de que*, pensou, *soaria melhor se ela estivesse segurando uma arma*.

Mas ele se deu conta, ao refletir sobre o assunto, que era *bem provável* que ela tivesse puxado uma arma. Tinha quase certeza de que a vira tentar pegá-la. Tinha sido muita sorte o martelo estar ali por perto, era muita sorte ter uma caixa de ferramentas no quartinho para momentos em que precisava fazer reparos, ou não teria sido capaz de agir em legítima defesa com tanta agilidade e eficiência.

Foi só então que pensou em trancar a porta principal do escritório.

Percebeu que havia sangue em sua camisa e na mão, além de na sola de um dos sapatos. Tirou a camisa e limpou o sapato com ela. Então jogou a camisa na lata de lixo que ficava embaixo da escrivaninha. E se surpreendeu levando a mão à boca e usando a língua vermelha para lamber a gota de sangue que havia ali, como um gato.

Então bocejou. Pegou os papéis de Maeve de cima da mesa e os passou pela trituradora de papel. Havia uma cópia dos documentos na pasta, e ele também passou pela trituradora. Depois repicou o papel picado.

Havia um armário no canto do escritório, onde tinha um terno pendurado, camisas, meias e cuecas extras, entre outras coisas. Nunca dava para saber quando seria preciso ir a uma estreia direto do escritório, afinal. Ele tinha que estar preparado.

Grahame Coats se vestiu com cuidado.

Também havia uma pequena mala de rodinhas no armário, o tipo feito para ser deixada no compartimento superior de bagagens, na

cabine de um avião. Ele botou coisas dentro dela, organizando-as para arrumar espaço.

Então ligou para a recepção.

— Annie, será que você pode dar uma saidinha e comprar um sanduíche para mim? Não, no Prêt, não. Pensei naquele do lugar novo, na Brewer Street. Estou finalizando as coisas com a sra. Livingstone. Pode ser que eu a leve para almoçar em algum lugar, mas é melhor estar prevenido.

Ele passou vários minutos na frente do computador, rodando o tipo de programa de limpeza de disco que pega a informação, escreve alguns zeros aleatórios por cima dela, depois a transforma em pedaços bem pequenos antes de, finalmente, depositá-la no fundo do Tâmis com pesos de concretos presos aos pés. Em seguida, foi até o corredor, puxando a mala de rodinha atrás de si.

Ele enfiou a cabeça em um escritório, pela abertura da porta.

— Vou dar uma saída rápida — anunciou. — Se alguém perguntar, volto por volta das três.

Annie não estava na recepção, o que ele achou que era uma coisa boa. As pessoas pensariam que Maeve Livingstone já tinha ido embora da Agência e ficariam esperando que Grahame Coats voltasse a qualquer momento. Quando comesçassem a procurá-lo, ele já estaria bem longe.

Grahame Coats desceu pelo elevador. *Tudo estava acontecendo cedo demais*, pensou. Ainda faltava mais de um ano para seu quinquagésimo aniversário. Mas os mecanismos de fuga já estavam preparados. Ele só precisava pensar naquilo como uma indenização extra pelo afastamento ou talvez como um bote salva-vidas.

Então, puxando a mala de rodinhas, ele saiu pela porta da frente, adentrando a manhã ensolarada da Aldwych Street, deixando para sempre a Agência Grahame Coats.

* * *

Spider tivera um sono muito tranquilo em sua cama enorme, no lugar que arrumara para si no quarto extra da casa de Fat Charlie. Tinha começado a se perguntar, de modo um tanto vago, se o irmão partira para sempre, e decidiu investigar a questão da próxima vez que pudesse se dar ao trabalho de fazer isso, a menos que algo mais interessante o distraísse, ou que ele esquecesse.

Tinha ido dormir tarde, e agora encontraria Rosie para almoçar. Ia buscá-la em seu apartamento, e os dois iriam a algum lugar agradável. Era um belo dia de início de outono, e a felicidade de Spider era contagiante. Isso porque ele era, mais ou menos, um deus. Quando se é um deus, suas emoções são contagiantes — outras pessoas podem captá-las. Se alguém ficasse perto de Spider em um dia em que ele estivesse feliz, a vida daquela pessoa pareceria um pouco mais alegre. Se ele cantarolava uma canção, outras pessoas ao redor começavam a cantarolar no mesmo tom, como se fosse um musical. Claro, se ele bocejasse, com pessoas próximas bocejariam, e se ele estivesse infeliz, o sentimento se espalharia como névoa úmida sobe um rio, tornando o mundo ainda mais lúgubre para todos os afetados. Não era algo que ele fazia. Era algo que ele *era*.

Naquele momento, a única coisa que diminuía um pouco sua felicidade era o fato de ter decidido contar a verdade a Rosie.

Spider não era muito bom em dizer a verdade. Ele enxergava a verdade como fundamentalmente maleável, mais ou menos uma questão de opinião, e ele era capaz de emitir algumas opiniões bem impressionantes quando precisava.

Ser um impostor não era o problema. Ele gostava de ser um impostor. Era bom nisso. E isso se encaixava em seus planos, que eram bem simples e, até agora, podiam ser resumidos mais ou menos como: (A) ir a algum lugar; (B) se divertir; e (C) ir embora antes de ficar entediado. E, lá no fundo, ele sabia que era hora de ir embora. O mundo ia servir-lhe de lagosta, e ele já estava com guardanapo em volta do pescoço e tinha à disposição um pote de

manteiga derretida e um conjunto de instrumentos e aparelhos horrendos — embora eficientes — para comer lagostas.

Só que...

Só que ele não queria ir.

Ele estava repensando tudo, algo que Spider achava bastante desconcertante. Em geral, ele sequer pensava sobre as coisas. A vida sem pensar fora perfeitamente agradável: instinto, impulso e uma quantidade obscena de sorte lhe tinham sido muito úteis até então. Mas até os milagres só podiam levá-lo até certo ponto. Spider desceu a rua e as pessoas sorriam para ele.

Combinara com Rosie de encontrá-la em seu apartamento, então teve uma surpresa agradável ao vê-la parada no fim da rua, esperando por ele. Sentiu uma pontada de algo que ainda não era totalmente culpa e acenou.

— Rosie? Ei!

Ela veio em sua direção, e ele começou a sorrir. Os dois iam encontrar uma solução para aquilo. Tudo se resolveria da melhor maneira possível. Tudo ficaria bem.

— Você está linda nessa roupa — comentou. — Mais do que linda. O que você está com vontade de comer?

Rosie sorriu e deu de ombros.

Os dois passaram por um restaurante grego.

— Que tal comida grega?

Ela assentiu. Os dois desceram alguns degraus e entraram no restaurante. O lugar tinha acabado de abrir, e estava escuro e vazio. O dono levou para um cantinho nos fundos, um lugar que mal dava para ver da entrada.

Eles sentaram de frente um para o outro. A mesa só tinha lugar para dois.

— Tem uma coisa sobre a qual eu queria conversar com você — disse Spider. Rosie não respondeu. — Não é ruim — prosseguiu. — Também não é bom. Mas. Bem, é algo que você precisa saber.

O dono veio perguntar se já queriam fazer o pedido.

— Café — respondeu Spider, e Rosie assentiu, concordando. — Dois cafés. E, se der, gostaríamos de... hã... Uns cinco minutinhos? Preciso de um pouco de privacidade aqui.

O dono se retirou.

Rosie olhou para Spider, intrigada.

Ele respirou fundo.

— Certo. Está bem. Vou dizer de uma vez, porque não é fácil, e não sei se consigo... certo. Está bem. Veja bem... Eu não sou Fat Charlie. Sei que você acha que sou, mas não sou. Eu sou Spider, o irmão dele. Você acha que eu sou ele porque somos um pouco parecidos.

Ela não disse uma palavra.

— Bem, na verdade, eu não pareço muito com ele. Mas... Sabe, isso não é nem um pouco fácil. Está bem. Hã. Não consigo parar de pensar em você. Por isso, quer dizer, sei que você está noiva do meu irmão, mas estou meio que perguntando... Bem, o que você acha de, quem sabe, largá-lo e aí, quem sabe, ficar comigo.

Um bule de café chegou sobre uma bandeja de prata, junto com duas xícaras.

— Café grego — anunciou o proprietário, que trouxera a bandeja.

— Sim. Obrigado. Eu *tinha pedido* alguns minutos...

— Está muito quente — continuou o dono. — Café muito quente. Forte. Grego. Não turco.

— Isso é ótimo. Escute, se não se importa, cinco minutos. Por favor?

O proprietário deu de ombros e saiu andando.

— Você deve estar morrendo de ódio — comentou Spider. — Se eu fosse você, acho que também estaria. Mas estou falando sério. Mais sério do que já falei em toda a vida. — Ela só olhava para ele, sem qualquer expressão. — Por favor. Diga alguma coisa. Qualquer coisa.

Os lábios dela se moveram, como se ela estivesse tentando encontrar as palavras certas.

Spider esperou.

Rosie abriu a boca.

A primeira coisa que ele pensou foi que Rosie estava comendo alguma coisa, porque o que viu entre os dentes era marrom e com toda certeza não era uma língua. Então a coisa moveu a cabeça, e olhos, vários olhinhos de contas negras, o encararam. Rosie escancarou a boca de um jeito absurdo, e as aves saíram.

— Rosie?

Então o ar ficou cheio de bicos, penas e garras. Uma atrás da outra, as aves jorravam da garganta dela, todas acompanhadas por um ruído baixo, um misto de tosse e engasgo. O fluxo era dirigido a ele.

Spider ergueu os braços para proteger os olhos, e algo machucou seu pulso. Ele sacudiu a mão, e algo voou na direção de seu rosto, indo direto para os olhos. Ele moveu a cabeça para trás, e um bico perfurou sua bochecha.

Houve um momento de clareza horripilante: ainda havia uma mulher sentada diante dele. O que ele não conseguia entender era como podia tê-la confundido com Rosie. Para começar, ela era mais velha e tinha cabelo negro azulado com mechas grisalhas. A pele não era do mesmo moreno quente da pele de Rosie, e sim negra como obsidiana. Estava usando uma capa de chuva marrom esfarrapada. Ela sorriu e abriu bem a boca outra vez, e lá dentro Spider pôde ver os bicos cruéis e olhos insanos de gaivotas...

Spider não parou para pensar. Ele agiu. Segurou a asa do bule e o puxou para si com uma das mãos, enquanto a outra retirava a tampa. Em seguida, jogou-o na direção da mulher diante dele. O conteúdo do bule, um café negro, escaldante de quente, caiu todo em cima dela.

Ela urrou de dor.

Os pássaros se batiam e debatiam pelo restaurante no subsolo, mas agora não havia mais ninguém sentado diante dele, e os animais voavam sem rumo, batendo-se nas paredes.

O proprietário disse:

— Senhor? Está ferido? Sinto muito. Eles devem ter vindo da rua.

— Estou bem — respondeu Spider.

— Seu rosto está sangrando.

Ele entregou um guardanapo a Spider, que o apertou no rosto. O corte doía.

Spider se ofereceu para ajudar o proprietário a espantar os pássaros. Ele abriu a porta para a rua, mas o lugar estava tão sem animais como quando antes de ele chegar.

Ele pegou uma nota de cinco libras.

— Aqui — disse. — Pelo café. Preciso ir.

O proprietário assentiu, agradecido.

— Pode ficar com o guardanapo.

Spider parou e pensou.

— Quando eu entrei, por acaso estava com uma mulher?

O proprietário pareceu intrigado, talvez até assustado, Spider não tinha certeza.

— Não me lembro — confessou, como se estivesse confuso. — Se o senhor estivesse sozinho, eu não o teria acomodado naquela mesa. Mas não sei.

Spider voltou para a rua. O dia ainda estava claro, mas a luz do sol não era mais reconfortante. Ele olhou ao redor. Viu um pombo, ciscando e bicando uma casquinha de sorvete, além de um pardal no batente de uma janela, e, bem lá no alto, apenas um brilho branco à luz do sol: uma gaivota voava em círculo, as asas estendidas.

* Alguns anos antes, Spider ficara muito decepcionado ao tentar pentear macacos. Eles não reagiam de uma forma que Spider considerasse especialmente divertida, a não ser por emitir ruídos interessantes. Quando os ruídos cessaram e os macacos pararam de reagir — exceto, talvez, a nível orgânico —, ele teve que se livrar dos macacos e do pente na calada da noite.

CAPÍTULO

NOVE

NO QUAL FAT CHARLIE ATENDE À PORTA E SPIDER ENCONTRA FLAMINGOS

A sorte de Fat Charlie estava mudando. Ele podia sentir. O voo que marcara para voltar a Londres estava lotado, e ele recebera um upgrade para a primeira classe. A refeição fora excelente. Enquanto sobrevoavam o Atlântico, uma comissária de bordo se aproximou e lhe informou que ele tinha ganhado uma caixa de chocolates de cortesia. Fat Charlie guardou a caixa no bagageiro e pediu uma dose de uísque com gelo.

Ele ia chegar em casa. Ia resolver tudo com Grahame Coats. Afinal de contas, se havia uma coisa de que Fat Charlie tinha certeza, era da honestidade de seu próprio trabalho. Ia resolver a situação com Rosie. Tudo ia ficar simplesmente maravilhoso.

Ele ficou pensando se Spider já teria ido embora quando ele chegasse em casa ou se teria a satisfação de expulsá-lo. Torceu pela segunda opção. Fat Charlie queria ver o irmão se desculpar, talvez até implorar seu perdão. Começou a imaginar tudo o que iria dizer.

— Vá embora! — exclamou. — E leve junto esse sol, essa banheira e esse quarto!

— Perdão? — perguntou a comissária de bordo.

— Falando. Sozinho. Só isso. Hum.

Mas mesmo a vergonha que sentiu não foi tão ruim. Ele nem mesmo torceu para o avião cair e acabar com seu sofrimento. A vida com certeza parecia estar melhorando.

Abriu o pequeno kit de uso pessoal que recebera no avião, botou a máscara para dormir e reclinou completamente a poltrona, o que o deixou quase na horizontal. Pensou em Rosie, apesar da Rosie dos seus pensamentos não parar de se transformar em uma mulher menor, que na verdade não estava usando muitas roupas. Sentindo-se culpado, imaginou-a vestida. Ficou mortificado ao notar que ela parecia estar com um uniforme da polícia. Sentiu-se horrível por pensar naquilo, e ralhou consigo mesmo, o que não pareceu adiantar de muita coisa. Ele deveria ter vergonha de si mesmo. Ah, deveria...

Fat Charlie se acomodou no assento e soltou um ronco baixo e satisfeito.

Ainda estava de ótimo humor quando aterrissou em Heathrow. Pegou o trem expresso para Paddington e ficou feliz ao notar que, em sua breve ausência da Inglaterra, o sol resolvera sair.

Every little thing is going to be all right, cantarolou para si mesmo.

O único detalhe esquisito, e que lhe rendeu uma sensação ruim naquela manhã, ocorreu na metade da viagem de trem. Estava olhando pela janela, pensando que devia ter comprado um jornal em Heathrow. O trem passava por uma grande área gramada, talvez os campos esportivos de uma escola, quando o céu pareceu escurecer de repente, e, com o guincho dos freios, o trem parou em um sinal.

Isso não incomodou Fat Charlie. Era outono na Inglaterra: o sol, por definição, só aparecia quando não estava nublado ou chovendo. Mas havia uma pessoa parada na beira do gramado, perto de um aglomerado de árvores.

À primeira vista, achou que fosse um espantalho.

Que bobagem. Não podia ser um espantalho. Só se via espantalhos em plantações, não em campos de futebol.

Espantalhos com certeza não são deixados perto de bosques. E, bem, se fosse mesmo um espantalho, estava fazendo um péssimo trabalho.

Afinal, havia grandes corvos negros por toda parte.

E então a coisa se mexeu. Estava longe demais para ser mais do que uma silhueta, uma figura indistinta usando uma capa de chuva marrom esfarrapada. Mesmo assim, Fat Charlie soube. Soube que se estivesse perto o suficiente teria visto um rosto esculpido em obsidiana, cabelos negros como as penas de um melro e olhos transbordando loucura.

Então o trem deu um tranco e começou a acelerar, e, em instantes, a mulher de capa de chuva marrom sumiu de vista.

Fat Charlie sentiu-se desconfortável. Àquela altura, tinha quase se convencido de que o que acontecera — o que *pensou* que acontecera na sala de estar da sra. Dunwiddy — não passara de uma alucinação, um sonho extremamente realista, com algum nível de verdade, mas não real. Não algo que acontecera de fato. Era, em vez disso, uma verdade superior, simbólica. Ele não podia ter realmente ido para aquele lugar nem feito um acordo de verdade, podia?

Afinal de contas, tudo não passava de uma metáfora.

Fat Charlie não se perguntou por que estava tão certo de que as coisas logo começariam a melhorar. Havia a realidade e a *realidade*, e algumas coisas eram mais reais do que outras.

Cada vez mais rápido, o trem chacoalhava e invadia Londres.

* * *

Spider estava quase chegando em casa após deixar o restaurante grego, o guardanapo ainda na bochecha, quando alguém tocou seu ombro.

— Charles? — indagou Rosie.

Spider deu um pulo, ou pelo menos estremeceu, e soltou um ruído assustado.

— Charles? Você está bem? O que aconteceu com seu rosto?

Ele olhou fixamente para ela.

— Você é mesmo você? — perguntou.

— O quê?

— Você é mesmo a Rosie?

— Que tipo de pergunta é essa? Claro que sou eu. O que aconteceu com seu rosto?

Ele pressionou o guardanapo na bochecha.

— Me cortei — explicou.

— Posso ver? — Ela afastou a mão dele. O centro do guardanapo branco tinha uma mancha vermelha, como se sangue tivesse jorrado nele, mas o rosto estava inteiro e intocado. — Não tem nada aí.

— Ah...

— Charles? Você está bem?

— Estou. É. Mais ou menos. Acho que devíamos ir para a minha casa. Vou me sentir mais seguro lá.

— Nós íamos almoçar — argumentou Rosie, no tom de voz de uma pessoa que só vai entender o que realmente está acontecendo quando um apresentador de TV surgir de repente e revelar as câmeras escondidas.

— É. Eu sei. Mas acho que alguém tentou me matar. E se passou por você.

— Ninguém está tentando matar você — afirmou Rosie, falhando em não soar condescendente.

— Mesmo que ninguém esteja querendo me matar, podemos esquecer o almoço e ir para minha casa? Tem comida lá.

— Claro.

Rosie o seguiu pela rua, se perguntando quando foi que Fat Charlie perdeu todo aquele peso. *Ele é tão bonito*, pensou. *Muito bonito*. Entraram na Maxwell Gardens em silêncio.

Ele disse:

— Olha só.

— O quê?

E mostrou a ela.

A mancha de sangue-vivo tinha desaparecido do guardanapo. Ele agora estava perfeitamente branco.

— É um truque de mágica?

— Se é, não fui eu quem fiz. Pelo menos dessa vez.

Ele jogou o guardanapo em uma lata de lixo. Ao fazer isso, um táxi parou diante da casa de Fat Charlie, e Fat Charlie desembarcou, amarrotado, piscando e carregando um saco plástico.

Rosie olhou para Fat Charlie. Olhou para Spider. Olhou de volta para Fat Charlie, que tinha aberto o saco e tirado uma caixa enorme de chocolate de lá.

— São para você — disse.

Rosie pegou os chocolates.

— Obrigada.

Havia dois homens, que eram e falavam de modo completamente diferente, e mesmo assim ela não conseguia identificar qual deles era seu noivo.

— Estou ficando louca, não estou? — perguntou, com a voz tensa.

Agora parecia óbvio que havia algo errado. O mais magro dos dois Fat Charlies, o que tinha brinco, pôs a mão em seu ombro.

— Você precisa ir para casa e dormir um pouco. Quando acordar, terá esquecido tudo isso.

Bem, pensou ela. Isso torna tudo mais fácil. É bom ter um plano. Ela voltou a pé para seu apartamento, apressada, levando a caixa de chocolates.

— O que você fez? — perguntou Fat Charlie. — Parece que ela só trocou o canal em um rádio mental.

Spider deu de ombros.

— Eu não queria aborrecê-la.

— Por que não contou a verdade?

— Não me pareceu apropriado.

— Como se você soubesse o que é apropriado...

Spider tocou a porta da casa, e ela se abriu.

— Eu tenho a chave, sabia? — disse Fat Charlie. — É a porta da *minha casa*.

Eles atravessaram o corredor e subiram a escada.

— Onde você esteve? — perguntou Spider.

— Lugar nenhum — respondeu Fat Charlie, como um adolescente.

— Fui atacado por aves no restaurante esta manhã. Você sabe alguma coisa sobre isso? Sabe, não é?

— Na verdade, não. Talvez. Acho melhor você ir embora, só isso.

— Não faça nenhuma besteira — alertou Spider.

— Eu? *Eu* fazer uma besteira? Acho que tenho sido um modelo de moderação. Você surgiu na minha vida. Aborreceu meu chefe e botou a polícia na minha cola. Você... você fica beijando minha noiva. Você ferrou a minha vida.

— Ei. Se quer saber, você já faz um belo trabalho ferrando a própria vida.

Fat Charlie cerrou os punhos e acertou o queixo do irmão, como nos filmes. Spider cambaleou para trás, mais surpreso que machucado. Ele levou a mão ao lábio, que estava sujo de sangue.

— Você me bateu — disse.

— E posso fazer de novo — afirmou Fat Charlie, mas não estava muito certo disso. Sua mão doía.

— Ah, é?

E Spider se lançou sobre o irmão, atacando-o com os punhos. Fat Charlie caiu, mas agarrou o outro pela cintura, derrubando-o junto.

Eles rolaram de um lado para outro pelo corredor, entre socos e investidas. Fat Charlie meio que esperava que Spider lançasse algum tipo de contra-ataque mágico ou que tivesse uma força sobrenatural, mas os dois pareciam estar no mesmo nível. Lutavam sem técnica, como meninos — como irmãos —, e, enquanto brigavam, Fat Charlie achou que se lembrava de já ter feito aquilo muito, muito tempo antes. Spider era mais esperto e rápido, mas se Fat Charlie conseguisse ficar por cima dele e tirasse as mãos de Spider do caminho...

Ele segurou a mão direita do irmão e a torceu às suas costas, então se sentou sobre o peito de Spider, jogando todo o peso sobre ele.

— Desiste?

— Não.

Spider se debatia e se contorcia, mas Fat Charlie estava bem posicionado, sentado sobre o peito dele.

— Quero que você prometa sair da minha vida para sempre, e deixar a mim e a Rosie em paz.

Spider o empurrou com raiva, finalmente tirando Fat Charlie de cima de seu peito. Ele aterrissou esparramado no chão da cozinha.

— Olha só — começou Spider. — Eu já *falei* para você...

Eles ouviram uma batida na porta do primeiro andar, uma batida forte, autoritária, do tipo que indicava que alguém precisava entrar com certa urgência. Fat Charlie encarou Spider, que franziu a testa para o irmão, e lentamente os dois ficaram de pé.

— Devo atender? — perguntou Spider.

— Não — retrucou Fat Charlie. — É a *minha* casa, droga. E *eu* vou atender a droga da *minha* porta, muitíssimo obrigado.

— Você é quem sabe.

Fat Charlie se dirigiu para a escada. Então se virou para o irmão.

— Assim que eu resolver isso, vamos terminar nossa conversa. Faça as malas. Você vai embora hoje.

Ele desceu a escada, botando a camisa para dentro da calça, espanando a poeira e, em geral, tentando parecer que não tinha brigado no chão.

Abriu a porta. Havia dois grandes policiais uniformizados e uma policial menor e bem mais exótica vestindo roupas civis extremamente simples.

— Charles Nancy? — perguntou Daisy.

Ela olhou para ele como se Fat Charlie fosse um estranho, os olhos inexpressivos.

— Hum — respondeu Fat Charlie.

— Sr. Nancy, o senhor está preso. Tem o direito de...

Fat Charlie se virou para o interior da casa.

— Desgraçado! — gritou para as escadas. — Seu desgraçado *filho da mãe!*

Daisy deu um tapinha no braço dele.

— Você virá sem oferecer resistência? — perguntou, com delicadeza. — Se não, podemos subjugar-lo. Eu, porém, não recomendaria isso. Aqueles dois adoram subjugar as pessoas.

— Não vou resistir — respondeu Fat Charlie.

— Ótimo.

Ela acompanhou Fat Charlie até a traseira de uma van preta da polícia e o trancou lá dentro.

Os policiais fizeram uma busca no apartamento. O lugar estava vazio. No fim do corredor havia um quartinho extra com várias caixas de livros e carrinhos de brinquedo. Revistaram tudo, mas não encontraram nada interessante.

* * *

Spider estava deitado no sofá em seu quarto, mal-humorado. Fora para lá quando Fat Charlie descera para atender à porta. Precisava ficar sozinho. Não gostava de confrontos. Aquele era o ponto em que normalmente decidia ir embora, e, naquele momento, Spider sabia que estava na hora de partir, mas não queria ir.

Não tinha certeza se mandar Rosie para casa fora a coisa certa a se fazer.

O que ele queria de verdade — e Spider era movido por vontades, nunca por necessidades ou deveres — era dizer a Rosie que a desejava. Que *e/le*, Spider, a desejava. Que não era Fat Charlie. Que era algo bem diferente. E isso, por si só, não era um problema. Ele podia simplesmente ter dito a ela, com bastante convicção: “Na verdade sou Spider, irmão de Fat Charlie, e você não vê problema nenhum nisso. Isso não a incomoda.” E o universo teria dado uma forcinha, e Rosie teria aceitado, da mesma forma como fora para

casa mais cedo. Ela teria aceitado. Não se importaria nem um pouco.

Só que ele sabia que, bem no fundo, ela se importaria.

Os humanos não gostam de ser manipulados por deuses. Pode parecer que sim, na superfície, mas em algum lugar lá no fundo, por baixo de tudo, eles sentem e se ressentem. Eles *sabem*. Spider podia dizer a ela para ficar feliz com a situação, e ela ficaria feliz, mas seria tão real quanto pintar um sorriso em seu rosto, um sorriso no qual ela acreditaria mesmo, de todas as maneiras que importassem, que era dela própria. A curto prazo (e até agora Spider só tinha pensado a curto prazo), nada disso teria importância, mas a longo prazo só poderia causar problemas. Ele não queria alguém revoltado e furioso, uma pessoa que, apesar de no fundo odiá-lo, agisse de forma plácida e educada e normal na superfície. Queria Rosie.

E aquela não seria Rosie, seria?

Spider olhou pela janela para a cachoeira maravilhosa e o céu tropical, e começou a se perguntar quando Fat Charlie iria bater à porta. Algo acontecera naquela manhã no restaurante, e ele estava certo de que o irmão sabia mais do que deixara transparecer.

Após algum tempo, ele se cansou de esperar e saiu para o apartamento do irmão. Não havia ninguém lá. O lugar também estava uma bagunça, parecia ter sido revirado por profissionais treinados. Spider chegou à conclusão de que, com toda a certeza, Fat Charlie tinha bagunçado o lugar para mostrar como estava aborrecido por ter perdido a briga.

Ele olhou pela janela. Havia um carro de polícia e uma van preta estacionados lá fora. Enquanto observava, os dois foram embora.

Ele preparou torradas, passou manteiga e as comeu. Depois caminhou pelo apartamento, tomando o cuidado de fechar todas as cortinas.

A campainha tocou. Spider fechou a última cortina e desceu a escada.

Quando abriu a porta, deu de cara com Rosie. Ela ainda parecia um pouco confusa. Spider ficou olhando para ela.

— Então? Não vai me convidar para entrar?

— É claro. Entre.

Ela subiu a escada.

— O que aconteceu? Parece que um furacão passou por aqui.

— Ah, é?

— E por que você está no escuro?

Ela foi abrir as cortinas.

— Não! Deixe-as fechadas.

— Do que você tem tanto medo? — perguntou Rosie.

Spider olhou pela janela.

— Pássaros — respondeu, após algum tempo.

— Mas os pássaros são nossos amigos — disse Rosie, como se estivesse falando com uma criança pequena.

— Os pássaros são os últimos dinossauros. Pequenos velociraptores com asas. Devoram seres indefesos, nozes, peixes e outras aves. E adoram minhocas. Você já viu uma galinha comer? Elas podem parecer inocentes, mas as aves são, bem, elas são malignas.

— Vi uma reportagem na TV outro dia sobre um pássaro que salvou a vida de um homem.

— Isso não muda o fato de que... — disse Rosie.

— Foi um corvo, ou talvez um melro. Um desses pássaros pretos e grandes. O homem estava deitado no quintal de casa, na Califórnia, lendo uma revista quando começou a ouvir um grasnar insistente. Era um corvo, tentando chamar sua atenção. Então ele se levantou e se aproximou da árvore em que ele estava empoleirado, e embaixo dela havia um puma, que estava se preparando para atacá-lo. Aí o homem correu para dentro de casa. Se aquele corvo não o tivesse avisado, ele teria virado comida de puma.

— Não acho que esse seja o comportamento habitual dos corvos — retrucou Spider. — Mas, mesmo se um corvo uma vez salvou a

vida de um cara ou não, isso não muda nada. As aves ainda querem me pegar.

— Está bem — concordou Rosie, tentando parecer não estar achando graça. — As aves querem pegar você.

— Querem.

— Por quê?

— Hã...

— Deve haver uma razão. Você não pode me dizer que toda a classe das aves simplesmente resolveu tratá-lo como uma minhoca sem qualquer motivo aparente.

— Acho que você não ia acreditar em mim — disse ele, e estava falando sério.

— Charlie. Você sempre foi muito honesto. Quer dizer, eu confio em você. Se me contar uma coisa, vou fazer o possível para acreditar. Vou me *esforçar* para isso. Eu te amo, e acredito em você. Por que não me deixa decidir por mim mesma se acredito ou não?

Spider pensou no assunto. Então segurou a mão dela e a apertou.

— Preciso lhe mostrar uma coisa.

Ele a conduziu até o fim do corredor. Eles pararam diante da porta do quarto extra de Fat Charlie.

— Tem algo aí dentro. E acho que isso vai conseguir explicar um pouco melhor do que eu.

— Você é um super-herói, e é aí que fica a entrada da batcaverna — supôs a mulher.

— Não.

— É algum tipo de fetiche? Você gosta de usar lingerie e um colar de pérolas e que o chamem de Dora?

— Não.

— Não é... um trem em miniatura, é?

Spider abriu a porta do quarto extra de Fat Charlie e, ao mesmo tempo, a porta do próprio quarto. As janelas panorâmicas ao fundo mostravam uma cachoeira que despencava em um lago no meio de uma floresta. O céu através das janelas era mais azul que safiras.

Rosie soltou um grito abafado.

Ela se virou, saiu para o corredor, caminhou até a cozinha e olhou pela janela para o céu cinzento de Londres, pesado e hostil. Então voltou.

— Eu não entendo. Charlie? O que está acontecendo?

— Eu não sou Charlie. Olhe para mim. Olhe *mesmo* para mim. Eu não sou nem *parecido* com ele.

Ela não estava mais achando nenhuma graça. Seus olhos estavam arregalados e assustados.

— Sou o irmão dele — explicou. — Eu estraguei tudo. Tudo. E acho que a melhor coisa que posso fazer é sair da vida de vocês e ir embora.

— Então onde está Fat... onde está Charlie?

— Não sei. Nós brigamos. Ele foi atender à porta, eu fui para o meu quarto, e ele não voltou.

— Ele não voltou? E você nem *tentou* descobrir o que aconteceu?

— Hã... Ele pode ter sido levado pela polícia. É só uma teoria. Não tenho como provar nem nada.

— Qual é o seu nome?

— Spider.

Rosie repetiu:

— Spider.

Do lado de fora da janela, acima dos borrifos da cachoeira, ela podia ver um bando de flamingos planando. O sol refletia em suas asas rosadas. Eles eram magníficos e incontáveis, e eram uma das coisas mais bonitas que Rosie já tinha visto. Ela olhou novamente para Spider e, ao observá-lo, não conseguiu entender como tinha acreditado que aquele homem fosse Fat Charlie. Fat Charlie era tranquilo, amigável e desajeitado, e aquele homem era como uma barra de aço envergada para trás, pronta para se soltar.

— Você não é ele de verdade, é?

— Eu disse a você que não era.

— Então. Então quem. Com quem eu. Quem era... Com quem eu dormi?

— Nesse caso, fui eu — respondeu Spider.

— Imaginei.

Rosie deu um tapa na cara dele com toda força. Spider sentiu o lábio recomeçar a sangrar.

— Acho que mereci isso.

— Claro que mereceu. — Ela fez uma pausa. — Fat Charlie sabia? Sobre você? Que você estava saindo comigo?

— Bem, sim. Mas ele...

— Vocês dois são doentes. São homens ruins e muito, muito doentes. Espero que apodreçam no inferno.

Ela lançou mais um olhar intrigado para o quarto enorme, então deu as costas à janela panorâmica com as árvores, a cachoeira e o bando de flamingos e disparou pelo corredor.

Spider sentou-se no chão com um fio de sangue escorrendo do lábio inferior, sentindo-se um idiota. Ele ouviu a porta da frente bater. Andou até a banheira de hidromassagem e enfiou a ponta de uma toalha felpuda na água quente. Então a torceu e a pressionou na boca.

— Não preciso de nada disso — exclamou Spider. Ele falou em voz alta. É mais fácil mentir para si mesmo quando se diz as coisas em voz alta. — Não precisava de vocês havia uma semana e não preciso de vocês agora. Não estou nem aí. Para mim, chega.

Os flamingos atravessaram a janela como balas de canhão de penas rosa, e o vidro explodiu. Estilhaços voaram por toda parte, se espalhando pelo quarto e cravando nas paredes, no chão e na cama. O ar se encheu de corpos rosa-claros, uma confusão de asas cor-de-rosa enormes e bicos negros e curvos. O ronco de uma cachoeira explodiu no interior do quarto.

Spider se encostou à parede. Havia flamingos entre ele e a porta, centenas deles: aves de um metro e meio, só pernas e pescoço. Ele ficou de pé e deu alguns passos através do campo minado de aves raivosas, cada uma delas o encarando com seus olhos rosa alucinados. A distância, elas podiam ser bonitas. Um flamingo bicou a mão de Spider. Não chegou a perfurar a pele, mas doeu.

O quarto era grande, mas estava se enchendo rápido com flamingos. E havia uma mancha escura no céu azul acima da cachoeira que parecia ser outro bando a caminho.

As aves o bicavam e o machucavam com as garras e as asas, e ele sabia que esse não era o problema real. O problema seria sufocar sob um cobertor de plumas cor-de-rosa com aves presas a elas. Seria uma maneira surpreendentemente indigna de morrer, esmagado por aves, e nem eram aves lá muito inteligentes.

Pense, disse a si mesmo. São flamingos burros. Você é o Spider.

E daí?, pensou em resposta a si mesmo, irritado. Me diga alguma coisa que eu não sei.

Os flamingos no chão avançavam. Os que entravam pela janela mergulhavam em sua direção. Ele puxou a jaqueta sobre a cabeça, e então os flamingos no ar começaram a atingi-lo. Era como ser alvejado por galinhas. Ele tropeçou e caiu.

Bem, engane-os, idiota.

Spider conseguiu se levantar e se arrastou através do mar de penas e bicos até chegar à janela, que agora era uma mandíbula com dentes de vidro.

— Aves estúpidas — disse, animado.

E subiu no parapeito da janela.

Flamingos não são famosos por sua inteligência brilhante nem pela habilidade em resolver problemas: confrontado com um pedaço de arame e uma garrafa com comida dentro, um corvo pode tentar fazer uma ferramenta com o arame e alcançar o conteúdo da garrafa. Um flamingo, por outro lado, vai tentar comer o arame se ele parecer um camarão ou até mesmo que não pareça, só para o caso de ser um tipo novo de camarão. Então se havia algo levemente *desfocado* e etéreo no homem que estava em pé na janela os insultando, os flamingos não perceberam. Olharam para ele com olhos alucinados de rubi, como os dos coelhos assassinos, e dispararam em sua direção.

O homem pulou da janela nas águas da cachoeira, e mil flamingos se lançaram no ar atrás dele, muitos deles, devido a distância que

um flamingo necessita para decolar, despencando como pedras.

Logo o quarto continha apenas flamingos feridos ou mortos: os que tinham quebrado as janelas, os que tinham batido contra as paredes, os que haviam sido esmagados sob outros flamingos. As aves que estavam vivas viram a porta do quarto se abrir, aparentemente sozinha, e tornar a se fechar, mas, como eram flamingos, não deram muita importância ao fato.

Spider ficou parado no corredor do apartamento de Fat Charlie, tentando recuperar o fôlego. Ele se concentrou em fazer o quarto desaparecer, algo que odiava fazer, principalmente porque tinha muito orgulho de seu sistema de som e porque era lá que guardava suas coisas.

Mas você sempre pode conseguir mais coisas.

Se você é o Spider, basta pedir.

* * *

A mãe de Rosie não era uma mulher dada a demonstrações de alegria perante o sofrimento alheio, por isso, quando a filha irrompeu em lágrimas no sofá Chippendale, ela evitou dar vivas, cantar ou fazer uma pequena dança da vitória, chacoalhando os ombros pela sala. Um observador atento, porém, poderia perceber um brilho de triunfo em seus olhos.

Ela ofereceu a Rosie um copo grande de água vitaminada com uma pedra de gelo e ouviu a ladainha lacrimosa da filha sobre mentiras e decepções amorosas. Quando terminou, o brilho de triunfo tinha sido substituído por uma expressão confusa, e sua cabeça estava começando a girar.

— Então Fat Charlie na verdade não era Fat Charlie? — perguntou a mãe de Rosie.

— Não. Quer dizer, sim. Fat Charlie é Fat Charlie, mas na semana passada eu saí com o irmão dele.

— Eles são gêmeos?

— Não. Eles nem são parecidos. Não sei. Estou muito confusa.

— Então com qual dos dois você terminou?

Rosie assoou o nariz.

— Eu terminei com Spider, o irmão de Fat Charlie.

— Mas você não estava noiva dele.

— Não, mas achei que estivesse. Achei que ele fosse Fat Charlie.

— Então você rompeu com Fat Charlie também?

— Mais ou menos. Eu ainda não contei a ele.

— Ele... ele sabia sobre essa história do irmão? Isso foi algum tipo de conspiração perversa e doentia que fizeram com minha pobre menininha?

— Acho que não. Mas não importa. Não posso me casar com ele.

A mãe concordou:

— Não. Com certeza não. De jeito nenhum. — Em sua cabeça, ela fez uma dança da vitória e soltou muitos fogos de artifício de muito bom gosto. — Vamos encontrar um bom rapaz para você. Não se preocupe. Aquele Fat Charlie nunca prestou. Soube desde o primeiro momento em que o vi. Ele comeu minha fruta de cera. Eu sabia que ele só traria problemas. Onde ele está, agora?

— Não tenho certeza. Spider disse que talvez ele tenha sido levado pela polícia.

— *Há!* — exclamou a mãe, que aumentou os fogos de artifício para proporções de “Ano-novo na Disney” e sacrificou mentalmente doze touros negros, por garantia. Em voz alta, tudo o que disse foi: — Deve estar mesmo na prisão, se quer saber. É o melhor lugar para ele. Sempre disse que esse rapaz ia acabar lá.

Rosie começou a chorar, talvez ainda mais do que antes. Ela puxou outro lenço de papel da caixa e assoou o nariz ruidosamente. Então fungou com bravura. Depois chorou mais um pouco. A mãe dava tapinhas nas costas da mão de Rosie do modo mais reconfortante que podia.

— Claro que você não pode se casar com ele. Você não pode se casar com um presidiário. Mas, se ele está mesmo na cadeia, será fácil romper o noivado. — O fantasma de um sorriso despontou nos cantos de seus lábios quando ela falou: — Posso avisar a ele por

você. Ou posso ir até lá no dia da visitação e dizer que ele é um bandido desgraçado e que você nunca mais quer vê-lo outra vez. Podemos conseguir uma ordem de restrição, também — acrescentou, prestativa.

— N-não é por isso que não posso me casar com Fat Charlie.

— Não? — perguntou a mãe, erguendo uma sobrancelha perfeitamente desenhada.

— Não. Não posso me casar com Fat Charlie porque eu não o amo.

— Claro que não. Eu sempre soube disso. Era uma paixonite infantil, mas agora você viu a verdade...

— Eu amo Spider — prosseguiu Rosie, como se a mãe não tivesse falado. — O irmão dele. — A expressão que tomou conta do rosto da mãe naquele momento pareceu uma nuvem de vespas chegando a um piquenique. — Está tudo bem, também não vou me casar com ele. Eu disse a ele que nunca mais quero vê-lo na vida.

A mãe de Rosie comprimiu os lábios.

— Bem, não vou fingir que entendo o que está acontecendo, mas também não vou dizer que são más notícias. — As engrenagens em sua mente começaram a girar, e as roldanas de seus pensamentos se encaixaram de maneiras novas, interessantes. Parafusos giraram. Molas se tensionaram. — Sabe o que seria a melhor coisa para você agora? Tirar umas férias curtas. Eu adoraria pagar. Afinal, vou economizar muito dinheiro sem o casamento...

Isso pode ter sido a coisa errada a dizer. Rosie começou a soluçar de novo em seus lenços de papel. A mãe prosseguiu:

— Enfim, seria um presente. Sei que você pode tirar férias no trabalho. E você disse que agora as coisas estão tranquilas. Em momentos como esse, uma moça precisa se afastar de tudo e relaxar um pouco.

Rosie se perguntou se teria julgado mal a mãe por todos aqueles anos. Ela fungou e disse:

— Isso ia ser bom.

— Então está combinado. Eu vou com você, para cuidar do meu bebê.

Em sua cabeça, sob o *grand finale* do show de fogos de artifício, acrescentou: *E para garantir que meu bebê só conheça o tipo certo de homem.*

— Aonde vamos?

— Vamos fazer um cruzeiro — explicou a mãe.

* * *

Fat Charlie não foi algemado. Isso foi bom. Todo o resto foi ruim, mas pelo menos ele não foi algemado. A vida se tornara um borrão confuso cheio de detalhes muito nítidos: o sargento de plantão coçando o nariz, registrando sua entrada (“A cela seis está livre.”) e indicando uma porta verde, depois o cheiro das celas, um fedor penetrante que ele nunca havia sentido, mas que na mesma hora lhe pareceu horivelmente familiar, um mistura de vômito do dia anterior, desinfetante, fumaça, cobertores mofados, vasos sanitários entupidos e desespero. Era o cheiro das coisas nas profundezas, e era lá onde Fat Charlie parecia ter ido parar.

— Quando precisar dar descarga — instruiu o policial que o acompanhava pelo corredor —, aperte o botão na cela. Em algum momento, um de nós vai aparecer para puxar a corrente para você. Isso evita que alguém jogue provas pela descarga.

— Que provas?

— Não enche, cara.

Fat Charlie suspirou. Ele puxava a descarga para se livrar dos dejetos produzidos pelo próprio corpo desde que tinha idade suficiente para ter algum orgulho na atividade, e perder isso, mais que perder sua liberdade, mostrou a ele que tudo havia mudado.

— É sua primeira vez — comentou o policial.

— Como?

— Drogas?

— Não, obrigado — respondeu Fat Charlie.

— É por isso que você está aqui?

— Não sei por que eu estou aqui. Sou inocente.

— Crime de colarinho-branco, hein? — comentou o policial, balançando a cabeça. — Vou lhe dizer uma coisa que quem vem de baixo já sabe. Quanto menos trabalho vocês derem para nós, mais fácil será para vocês. Vocês, gente da classe alta. Sempre exigindo seus direitos. Só tornam as coisas mais difíceis para si mesmos.

Ele abriu a porta da cela seis.

— Lar, doce lar.

O fedor da cela era pior no interior, que tinha sido pintado com um tipo de tinta texturizada resistente a pichações e continha apenas uma cama embutida na parede, próxima ao chão, e um vaso sanitário sem tampa no canto.

Fat Charlie pôs o cobertor que tinham lhe dado em cima da cama.

— Certo — disse o policial. — Bem, sinta-se em casa. E, caso fique entediado, por favor, não entupa a privada com o cobertor.

— Por que eu faria isso?

— Eu mesmo vivo me perguntando isso. Por quê, não é? Talvez quebre a monotonia. Não sei. Como um cidadão de bem com uma aposentadoria à minha espera, nunca tive que passar muito tempo em celas.

— Sabe, eu não fiz nada — comentou Fat Charlie. — Seja lá o que for.

— Isso é bom.

— Por favor, pode me emprestar alguma coisa para ler?

— Você acha que isto aqui tem cara de biblioteca?

— Não.

— Quando eu era novato, um preso me pediu algo para ler. Emprestei a ele o livro que eu estava lendo, J. T. Edson, acho, ou talvez Louis L'Amour. E acredita que o cara entupiu a privada com ele? Nunca mais vou cair nessa.

Então ele saiu e trancou a porta com Fat Charlie dentro da cela, e ele do lado de fora.

* * *

A coisa mais estranha, pensou Grahame Coats, que não era dado à autorreflexão, era como, em geral, ele se sentia normal, alegre e bem.

O capitão pediu a todos para apertarem os cintos e avisou que em pouco tempo iriam aterrissar em Saint Andrews. Saint Andrews era uma pequena ilha do Caribe que, ao declarar sua independência em 1962, tinha decidido demonstrar sua liberdade do domínio colonial de várias maneiras, entre elas com a criação de seu próprio sistema judiciário e uma singular não existência de tratados de extradição com o resto do mundo.

O avião aterrissou. Grahame Coats desembarcou e caminhou pelo asfalto quente, arrastando a mala de rodinhas atrás de si. Sacou o passaporte correto, o de Basil Finnegan, entregou-o para que fosse carimbado, buscou o restante da bagagem na esteira e saiu caminhando pela alfândega vazia do pequeno aeroporto, e de lá para um lindo dia ensolarado. Ele usava camiseta com sandálias e shorts e parecia um turista britânico.

Seu caseiro o esperava do lado de fora do aeroporto. Grahame Coats sentou-se no banco de trás do Mercedes preto e disse a ele:

— Vamos para casa, por favor.

Na estrada que saía de Williamstown, a estrada para sua propriedade no alto de um morro, ele olhou para a ilha com um sorriso satisfeito e senhorial no rosto.

Então lembrou que, ao sair da Inglaterra, havia deixado uma mulher aparentemente morta no escritório. Perguntou-se se ela ainda estaria viva, mas duvidava muito. Aquela morte não o incomodava. Em vez disso, sentia grande satisfação, como algo que precisasse fazer para se sentir completo. Ele se perguntou se um dia teria a chance de repetir aquela experiência.

E se perguntou se esse dia chegaria logo.

CAPÍTULO

DEZ

NO QUAL
FAT CHARLIE
VÊ O MUNDO
E MAEVE
LIVINGSTONE FICA
IRRITADA

FAT CHARLIE SENTOU-SE no cobertor sobre a cama de metal e esperou, mas nada aconteceu. Passou-se o que pareceram vários meses de forma muito, muito lenta. Ele tentou dormir, mas não conseguia lembrar como.

Bateu na porta. Alguém gritou “Cale a boca!”, mas ele não soube dizer se foi um policial ou outro preso.

Ele caminhou pela cela pelo que, em uma estimativa razoável, achou que deviam ter sido uns dois ou três anos. Depois sentou e deixou-se ser levado pela eternidade. A luz do dia era visível através de um retângulo de vidro grosso no alto da parede que fazia as vezes de janela, e provavelmente era a mesma luz do dia de quando a porta se fechou atrás de si naquela manhã.

Fat Charlie tentou lembrar o que as pessoas faziam na prisão para passar o tempo, mas tudo que conseguiu pensar foi em manter diários secretos e esconder coisas na bunda. Ele não tinha no que escrever, e acreditava que um modo de definir com certeza se uma pessoa estava ou não se dando bem na vida era ela não precisar esconder coisas na bunda.

Nada aconteceu. Nada Aconteceu 2. Mais Nada. Nada: O Retorno. O Filho do Nada. O Nada Contra-Ataca. Nada, Abbott e Costello às Voltas com Fantasma...

Quando a porta foi destrancada, Fat Charlie quase comemorou.

— Certo. Para o pátio. Você pode fumar um cigarro se quiser.

— Eu não fumo.

— É mesmo um hábito horrível.

O pátio consistia em uma área aberta no meio da delegacia delimitada por muros e cercas de arame. Fat Charlie caminhou por ali enquanto decidia que, se havia um lugar onde não gostava de estar, era sob custódia policial. Fat Charlie nunca gostara da polícia, mas, até então, tinha conseguido ater-se a uma crença fundamental na ordem natural do mundo, uma convicção de que existia alguma espécie de poder — algo que um vitoriano teria chamado de Providência — que assegurava que os culpados seriam punidos, e os inocentes, libertados. Essa fé desmoronara diante dos eventos recentes e fora substituída pela desconfiança de que passaria o resto da vida tentando provar sua inocência a vários juízes implacáveis e torturadores, muitos dos quais se pareceriam com Daisy, e pela certeza de que acordaria na cela seis na manhã seguinte e descobriria que havia se metamorfoseado em uma barata gigante. Fat Charlie com certeza fora transportado para o tipo de universo maligno que transformava pessoas em baratas...

Algo surgiu do céu e pousou na cerca. Fat Charlie olhou para cima. Um melro o encarava com certo desinteresse. Ouviu novamente o som de asas, e vários pardais se juntaram ao melro, e também um pássaro que Fat Charlie achou que fosse um sabiá.

Eles olhavam para ele; Fat Charlie os encarava de volta.

Mais pássaros apareceram.

Seria difícil para ele dizer quando o acúmulo de aves sobre a cerca passou de interessante para apavorante. Talvez por volta do centésimo, mais ou menos. E eles não piavam, cantavam, trinavam ou gorjeavam. Simplesmente pousavam no arame e olhavam para ele.

— Xô, xô — disse Fat Charlie.

Como se fossem uma só ave, elas não se moveram. Em vez disso, falaram. Disseram o nome dele.

Fat Charlie correu até a porta no canto e bateu nela.

— Com licença — disse algumas vezes, para então começar a gritar: — Socorro!

A porta se abriu, e um oficial de pálpebras caídas da força policial de Vossa Majestade disse:

— É melhor que seja importante.

Fat Charlie apontou para cima. Ele não disse nada. Não precisou. O queixo do policial caiu de um jeito muito peculiar, e ficou ali, parado, inerte. A mãe de Fat Charlie teria dito ao homem para fechar a boca para não entrar mosca.

O arame envergava com o peso de milhares de aves. Pequenos olhos avícolas os encaravam sem piscar.

— Meu Deus — comentou o policial, e levou Fat Charlie apressado para o bloco de celas, sem dizer mais uma palavra.

* * *

Maeve Livingstone estava caída no chão, com muita dor. Ela despertou, e seu cabelo e rosto estavam molhados e quentes, e então dormiu. Quando tornou a acordar, o cabelo e o rosto estavam grudentos e frios. Ela sonhou e acordou e sonhou de novo, ficou desperta o suficiente para notar a dor na parte de trás da cabeça, e então, como era mais fácil dormir, e como dessa forma não sentia dor, ela deixou que o sono a envolvesse como um cobertor confortável.

Em seus sonhos, ela caminhava por um estúdio de televisão, procurando Morris. De vez em quando, captava vislumbres dele nos monitores. Ele sempre parecia preocupado. Maeve tentava encontrar uma saída, mas sempre voltava para o centro do estúdio.

Estou com tanto frio, pensou, e soube que estava acordada outra vez. A dor, porém, tinha diminuído. Considerando a situação, ela até

que estava bastante bem.

Algo a preocupava, mas ela não tinha certeza exatamente do que. Talvez fosse um resquício de seu sonho.

Estava escuro, onde quer que ela estivesse. Parecia uma espécie de armário de vassouras. Maeve estendeu os braços à frente para evitar esbarrar em alguma coisa e, com os olhos fechados, deu alguns passos hesitantes. Suas pálpebras se abriram. Agora estava em uma sala familiar. Era um escritório.

O escritório de Grahame Coats.

Então ela lembrou. A confusão do despertar súbito ainda estava presente — ela ainda não pensava com clareza, e sabia que não estaria totalmente lúcida até tomar sua primeira xícara de café do dia —, mas mesmo assim, tudo lhe veio à mente: as mentiras de Grahame Coats, sua traição, seus crimes, seu...

Ora, pensou ela, ele me atacou. Bateu em mim. E em seguida: A polícia. Eu tenho que chamar a polícia.

Ela estendeu a mão e pegou, ou tentou pegar, o telefone, mas ele pareceu muito pesado, ou escorregadio, ou os dois, e não conseguiu segurá-lo direito. Ele não se encaixou bem em seus dedos.

Devo estar mais fraca do que pensei, concluiu Maeve. Melhor pedir a eles para mandar uma ambulância também.

No bolso da jaqueta, havia um pequeno celular prateado que tocava “Greensleeves” quando alguém ligava. Ela ficou aliviada ao encontrar o telefone ainda lá e por não ter nenhuma dificuldade de pegá-lo. Ela discou para a emergência. Enquanto esperava que alguém atendesse, se perguntou por que ainda se dizia *disca* quando não havia mais discos nos telefones, não desde que ela era muito nova, e depois dos telefones de disco vieram os telefones com teclas, que tinham uma campainha especialmente irritante. Quando era adolescente, teve um namorado que sabia imitar o *triiim* de um daqueles telefones, e ele fazia isso sempre. Na verdade, concluiu Maeve, ao lembrar-se, essa habilidade fora sua única realização verdadeira. Ela se perguntou o que acontecera com

ele. Perguntou-se como um homem que sabia imitar uma campainha de telefone podia lidar com um mundo no qual telefones podiam e soavam como *qualquer coisa*...

— Pedimos desculpas pela demora no atendimento — anunciou uma voz eletrônica. — Por favor, aguarde na linha.

Maeve sentiu-se estranhamente calma, como se nada de ruim pudesse acontecer a ela de novo.

Um homem atendeu.

— Alô? — A voz soava extremamente eficiente.

— Preciso falar com a polícia.

— A senhora não precisa falar com a polícia — respondeu a voz. — Todos os crimes serão resolvidos pelas autoridades competentes e implacáveis.

— Sabe, acho que liguei para o número errado.

— No fim das contas, todos os números são corretos. Eles são apenas números, portanto, não podem estar certos ou errados.

— Você pode até falar isso — começou Maeve —, mas eu preciso *mesmo* falar com a polícia. Talvez também precise de uma ambulância. E obviamente liguei para o número errado.

Ela desligou. Talvez o telefone de emergência não funcionasse em celulares. Procurou nos contatos o número da irmã. O telefone chamou uma vez, e uma voz familiar respondeu:

— Deixe-me explicar, então: não estou dizendo que você ligou para o número errado de propósito. Mas sim que todos os números são, por natureza, corretos. Bem, exceto o *pi*, é claro. Não sei lidar com o *pi*. Fico com dor de cabeça só de pensar nele, que continua, e continua, e continua, e continua para sempre...

Maeve apertou o botão vermelho e encerrou a ligação. Ela discou para seu gerente no banco.

A voz que atendeu disse:

— Mas aqui estou eu, discorrendo sobre a maravilha que são os números, e você com certeza achando que esta não é a hora para isso...

Clique. Ligou para a melhor amiga.

— ... e que, na verdade, deveríamos estar discutindo a sua situação. Infelizmente o trânsito está muito ruim esta tarde, então, se não se importar em esperar um pouco onde está, você vai ser apanhada...

Era uma voz tranquilizante, a voz de um vigário prestes a lhe dizer o pensamento do dia no rádio.

Se Maeve não estivesse tão calma, ela teria entrado em pânico. Em vez disso, parou e pensou. Vendo que seu telefone tinha sido, como se dizia mesmo, “grampeado”?, ela teria que encontrar um policial na rua e fazer uma queixa formal. Nada aconteceu quando Maeve apertou o botão do elevador, por isso ela desceu as escadas com o pensamento de que nunca havia um policial por perto quando você mais precisava, eles estavam sempre correndo naqueles carros com sirenes estridentes. A polícia, pensou Maeve, deveria passear por aí em dupla dizendo a hora às pessoas ou esperando dentro dos esgotos até que ladrões com sacos nos ombros descessem...

Bem ao pé da escada, no corredor, havia dois policiais, um homem e uma mulher. Eles estavam à paisana, mas sem dúvida eram policiais. Não havia como confundi-los. O homem era corpulento e tinha o rosto avermelhado, e a mulher era baixinha e morena, e podia, em outras circunstâncias, ser extremamente bonita.

— Sabemos que ela veio até aqui — estava dizendo a mulher. — A recepcionista se lembra de tê-la visto chegar pouco antes de sair para o almoço. Quando voltou, os dois não estavam mais aqui.

— Você acha que eles fugiram juntos? — perguntou o homem corpulento.

— Hã, com licença — pediu Maeve Livingstone com educação.

— É possível. Deve haver alguma explicação simples para o desaparecimento de Grahame Coats e Maeve Livingstone. Pelo menos temos Nancy sob custódia.

— Nós com certeza não fugimos juntos — disse Maeve, mas eles a ignoraram.

Os policiais entraram no elevador e bateram as portas atrás deles. Maeve os viu subirem e se afastarem sacolejando na direção do último andar.

Ela ainda segurava o celular. Ele vibrou em sua mão e então começou a tocar “Greensleeves”. Maeve o encarou, e a foto de Morris apareceu na tela. Nervosa, ela atendeu ao telefone.

— Alô?

— Oi, amor. Como estão as coisas?

— Tudo ótimo, obrigada. Morris? Não, não está nada bem. Na verdade, as coisas estão horríveis.

— É. Achei que sim. Mesmo assim, não há nada que você possa fazer sobre isso. São águas passadas.

— Morris? *De onde* você está ligando?

— É um pouco complicado. Quer dizer, na verdade não estou ao telefone. Eu só queria muito ajudar você.

— Grahame Coats era um ladrão.

— É, amor — concordou Morris. — Mas é hora de esquecer tudo isso. Deixar tudo para trás.

— Ele me acertou na cabeça. E tem roubado nosso dinheiro.

— São apenas coisas materiais, amor — respondeu Morris, com uma voz reconfortante. — Agora que você passou dessa para uma melhor...

— Morris, aquele vermezinho repulsivo tentou assassinar sua esposa. Eu *acho* que você deveria mostrar um pouco mais de preocupação.

— Não fique assim, querida. Estou só tentando explicar...

— Vou lhe dizer que se você continuar com esse tipo de atitude, vou simplesmente lidar com isso sozinha. Com certeza não vou me esquecer disso. Tudo bem para você, que está morto. Você não tem que se preocupar com essas coisas.

— Você também está morta, amor.

— Isso não tem *nada* a ver com... Eu estou o quê? — E em seguida, antes que ele pudesse falar qualquer coisa, disse: — Morris, eu disse que ele *tentou* me matar. Não que ele conseguiu.

— Hã... — O falecido Morris Livingstone pareceu ficar sem palavras. — Maeve. Querida. Sei que isso pode ser um choque para você, mas a verdade é q...

O telefone apitou, e a imagem de uma bateria vazia surgiu na tela.

— Infelizmente não ouvi o que você disse, Morris. Acho que a bateria do celular está acabando.

— Você não tem bateria. Você não tem celular. É tudo uma ilusão. Eu continuo tentando lhe dizer: você agora atravessou para o lado de cá, e está se transformando, ah, droga, é como as minhocas e borboletas, amor. Você sabe.

— Lagartas. Acho que você quis dizer lagartas e borboletas.

— É, acho que é isso. Lagartas. Foi isso o que eu quis dizer. Então no que as minhocas se transformam?

— Elas não se transformam em nada, Morris — respondeu Maeve, um pouco irritada. — São apenas minhocas.

O telefone prateado apitou, mostrou outra vez a imagem de uma bateria vazia e desligou sozinho.

Maeve o fechou e o guardou de volta no bolso. Ela caminhou até a parede mais próxima e experimentou pressionar um dedo contra ela. A parede pareceu grudenta e gelatinosa ao toque. Então fez um pouco mais de pressão, e toda a sua mão penetrou nela e a atravessou.

— Nossa — exclamou Maeve, e desejou, não pela primeira vez na vida, ter dado ouvidos a Morris. Afinal de contas, a essa altura ele sabia muito mais sobre estar morto do que ela. *Ah, bem*, pensou. *Estar morta provavelmente é como tudo mais na vida: você aprende um pouco no processo e depois inventa o resto.*

Ela saiu pela porta da frente e se viu atravessando a parede dos fundos do saguão para dentro do prédio. Tentou outra vez, com o mesmo resultado. Então entrou na agência de viagens que ocupava o primeiro piso do prédio e tentou atravessar a parede oeste.

Ela surgiu outra vez no saguão de entrada, dessa vez pelo leste. Era como estar em uma TV e tentar sair da tela. Em termos

topográficos, o prédio comercial parecia ter se transformado em seu universo.

Ela tornou a subir para ver o que os detetives estavam fazendo. Os dois estavam olhando com atenção para a mesa, para a bagunça que Grahame Coats deixou quando fez as malas.

Maeve tentou ajudar.

— Ei, estou em um quartinho atrás da estante de livros. Estou ali dentro.

Eles a ignoraram.

A mulher se agachou e remexeu a lata de lixo.

— Bingo — disse, e tirou de lá uma camisa social branca masculina manchada de sangue seco.

Ela a guardou em um saco plástico. O homem corpulento pegou seu telefone.

— Mandem a perícia para cá.

* * *

Fat Charlie agora se via pensando na cela mais como um refúgio do que uma prisão. Para começar, as celas ficavam nas profundezas do prédio, longe até mesmo das aves mais aventureiras. E seu irmão não estava em nenhum lugar à vista. Ele nem se importava mais que nada acontecesse na cela seis. Nada era infinitamente preferível à maioria das coisas que ele imaginava. Até um mundo habitado apenas por castelos, baratas e pessoas cujo nome começa com a letra K era preferível a um mundo cheio de aves malignas que sussurravam seu nome em coro.

A porta se abriu.

— Vocês não batem? — perguntou Fat Charlie.

— Na verdade, não. Seu advogado está aqui.

— Dr. Merryman?

Fat Charlie hesitou. Leonard Merryman era um senhor rotundo com pequenos óculos de armação dourada. O homem atrás do policial não se parecia nem um pouco com ele.

— Está tudo bem — disse o homem que não era seu advogado. — Você pode nos deixar aqui.

— Toque a campainha quando terminar — disse o policial, e fechou a porta.

Spider segurou a mão de Fat Charlie.

— Vou ajudar você a fugir daqui.

— Mas não quero fugir daqui. Eu não *fiz* nada.

— Uma ótima razão para ir embora.

— Mas, se eu sair, aí eu *terei* feito algo. Serei um fugitivo.

— Você não é um prisioneiro. Ainda não foi acusado de nada. Só está ajudando nas investigações. Ei, está com fome?

— Um pouco.

— O que você quer? Chá? Café? Chocolate quente?

Chocolate quente lhe pareceu uma ótima ideia.

— Eu adoraria um chocolate quente.

— Certo. — Ele segurou a mão de Fat Charlie e mandou: — Feche os olhos.

— Por quê?

— Deixa as coisas mais fáceis.

Fat Charlie fechou os olhos, apesar de não ter certeza do que exatamente ia ficar mais fácil. O mundo se expandiu e contraiu, e Fat Charlie teve certeza de que ia vomitar. Então sua mente se acalmou, e ele sentiu uma brisa cálida tocar seu rosto.

Abriu os olhos.

Eles estavam ao ar livre, em uma grande praça em algum lugar que não lembrava em nada a Inglaterra.

— Que lugar é este?

— Acho que se chama Skopsie. Uma cidade na Itália ou algo assim. Comecei a vir aqui há alguns anos. Eles fazem um chocolate quente maravilhoso. O melhor que já provei.

Eles se sentaram em uma pequena mesinha de madeira vermelha. Um garçom se aproximou e disse algo a eles em uma língua que Fat Charlie não reconheceu como italiano. Spider fez o pedido.

— *Dos chocolates, cara.*

O homem assentiu e foi embora.

— Certo. Agora você me meteu em um problema ainda maior. Eles vão começar a procurar por mim, acho. Vou aparecer nos jornais.

— O que eles vão fazer? Mandar você para a cadeia?

— Ah, por favor.

O chocolate quente chegou em duas xícaras pequenas. Estava mais ou menos na temperatura de lava derretida, a meio caminho de uma sopa de chocolate e um creme de chocolate. Tinha um cheiro delicioso.

— Nós fizemos uma grande confusão com essa história de reunião familiar, não foi? — comentou Spider.

— *Nós* fizemos uma grande confusão? — Fat Charlie controlou o ultraje extremamente bem. — Não fui *eu* quem roubou minha noiva. Não fui *eu* quem me fez ser demitido. Não fui *eu* quem me fez ser preso...

— Não — concordou Spider. — Mas foi você quem trouxe as aves para a jogada, não é?

Fat Charlie deu um golinho em seu chocolate quente.

— Ai! Acho que queimei a boca. — Ele olhou para o irmão e viu a própria expressão refletida em seu rosto: preocupação, cansaço, medo. — É, fui eu quem trouxe as aves. Então, o que nós fazemos agora?

— Mudando de assunto, aqui eles fazem uma espécie de ensopado com macarrão muito gostoso mesmo.

— Tem certeza que estamos na Itália?

— Na verdade, não.

— Posso fazer uma pergunta?

Spider assentiu.

Fat Charlie tentou pensar na melhor maneira de formulá-la.

— Essa coisa das aves. De parecerem ter escapado de um filme de Alfred Hitchcock. Você acha que isso só acontece na Inglaterra?

— Por quê?

— Porque acho que aqueles pombos estão encarando a gente.

Ele apontou para a outra extremidade da praça. Os pombos não estavam fazendo as coisas normais que pombos fazem. Não estavam ciscando farelos de sanduíches nem rodeando turistas com a cabeça baixa atrás de restos de comida. Estavam imóveis, olhando fixamente para os dois. Ouviram um bater de asas, e outras cem aves surgiram, a maioria pousando na estátua de um homem gordo com um chapéu enorme no centro da praça. Fat Charlie olhou para os pombos, e os pombos olharam para ele.

— Então, o que é o pior que pode acontecer? — perguntou a Spider, em voz baixa. — Eles cagarem na gente?

— Não sei. Mas imagino que possam fazer mais do que isso. Mas primeiro, termine seu chocolate quente.

— Mas está *quente*.

— E vamos precisar de umas garrafas de água, não acha? *Garçon?*

Um farfalhar baixo de asas, o ruído de mais aves chegando, e, sob esse som, arrulhos baixos e indefinidos.

O garçom lhes trouxe garrafas de água. Spider, que agora voltara a usar sua jaqueta de couro preta e vermelha, as botou nos bolsos.

— São só pombos. — Mas, mesmo ao dizer aquilo, Fat Charlie sabia que as palavras não eram apropriadas. Eles não eram só pombos. Eram um exército. A estátua do homem tinha quase desaparecido embaixo das penas cinza e arroxeadas.

— Acho que gostava mais das aves quando não éramos inimigos.

— E estão em todo lugar. — Então Spider pegou a mão do irmão. — Feche os olhos.

Os pássaros levantaram voo como uma só ave. Fat Charlie fechou os olhos.

Os pombos atacaram como um lobo no aprisco...

Houve o silêncio e a sensação de distanciamento, e Fat Charlie pensou: *Estou em um forno*. Ele abriu os olhos e percebeu que era verdade: um forno de dunas vermelhas que se estendiam a distância até desaparecerem sob um céu madrepérola.

Spider anunciou:

— Um deserto. Pareceu uma boa ideia. Sem aves à vista. Um bom lugar para terminar nossa conversa. Tome.

Ele entregou uma garrafa de água a Fat Charlie.

— Obrigado.

— Então, você gostaria de me dizer de onde as aves vêm?

— Fui em um lugar aí. Havia muitas pessoas-bicho lá. Elas, hum... todas elas conheciam nosso pai. E tinha essa mulher, uma espécie de mulher-pássaro.

Spider olhou para ele.

— *Fui em um lugar aí?* Isso explica tudo.

— Tem um paredão com cavernas. E também esses penhascos, que dão para o nada. É como o fim do mundo.

— É o começo do mundo — corrigiu Spider. — Já ouvi falar nessas cavernas. Uma garota que conheci me contou uma vez sobre elas. Mas nunca estive lá. Então você conheceu a mulher-pássaro e...

— Ela se ofereceu para fazer você ir embora. E, hã... bem, eu fiz um acordo com ela.

— Isso — disse Spider, com um sorriso de astro do cinema — foi uma grande burrice.

— Eu não pedi a ela para *machucar* você.

— O que você achava que ela ia fazer para se livrar de mim? Mandar uma carta grosseira?

— Não sei. Eu não pensei direito. Estava chateado.

— Ótimo. Bem, se ela conseguir o que quer, você vai ficar chateado, e eu estarei morto. Você podia simplesmente ter me pedido para ir embora, sabia?

— Eu pedi!

— E o que foi que eu disse?

— Que você gostava da minha casa e que não ia a lugar algum.

Spider tomou um gole da água.

— O que *exatamente* você prometeu a ela?

Fat Charlie tentou lembrar. Agora que pensava naquilo, pareceu uma coisa estranha de se dizer.

— Que eu ia dar a ela a linhagem de Anansi — respondeu com relutância.

— O quê?

— Foi o que ela me pediu para dizer.

Spider pareceu incrédulo.

— Mas isso também inclui você.

A boca de Fat Charlie ficou muito seca de repente. Ele torceu para ser o ar do deserto e deu um gole em sua garrafa.

— Espere aí. Por que o deserto? — perguntou Fat Charlie.

— Não tem aves. Lembra?

— Então o que é aquilo?

Ele apontou. A princípio, pareciam pequeninas, depois notava-se que estavam apenas muito alto: voavam em círculos planando no céu.

— Abutres — respondeu Spider. — Eles não atacam coisas vivas.

— Certo. E pombos têm medo de gente — apontou Fat Charlie.

Os pontinhos no céu voavam em círculos cada vez mais baixos, e as aves pareceram ficar maiores.

— Boa observação. Merda.

Eles não estavam sozinhos. Alguém os estava observando de uma duna distante. Um observador desatento poderia ter confundido a figura com um espantalho.

— Vá embora! — gritou Fat Charlie, a voz engolida pela areia. — Eu retiro tudo o que disse. Eu não quero um acordo! Nos deixe em paz!

A capa de chuva esvoaçou no vento quente, e então a duna ficou deserta.

— Ela foi mesmo embora — disse Fat Charlie. — Quem poderia imaginar que seria tão simples?

Spider tocou seu ombro e apontou. Agora a mulher usando uma capa de chuva marrom estava parada sobre a duna mais próxima, tão perto que Fat Charlie podia ver o negro vítreo de seu olhar.

Os abutres, que não passavam de sombras negras no céu, pousaram: seus pescoços e cabeças de pele rosada — sem penas

para facilitar enfiar a cabeça no interior de carcaças em decomposição — esticavam-se enquanto eles olhavam de perto para os irmãos, como se estivessem se perguntando se deviam esperar os dois homens morrerem ou se deviam fazer algo para agilizar o processo.

— O que mais entrou no acordo? — perguntou Spider.

— Hã?

— Teve mais alguma coisa? Ela lhe ofereceu alguma coisa para fechar o acordo? Esse tipo de coisa normalmente envolve uma troca.

Os abutres estavam avançando aos poucos, fechando o cerco. Havia mais riscos negros no céu, crescendo e descendo na direção deles. A mão de Spider se fechou em torno da mão de Fat Charlie.

— Feche os olhos.

O frio atingiu Fat Charlie como um soco no estômago. Ele respirou fundo e sentiu como se alguém tivesse congelado seus pulmões. Tossia sem parar enquanto o vento uivava como uma fera enorme.

Ele abriu os olhos.

— Posso perguntar onde estamos dessa vez?

— Antártida. — Spider fechou o zíper da jaqueta de couro e não pareceu se importar com o frio. — É um pouco gelado, infelizmente.

— Você não tem meio-termo? Direto do deserto para uma geleira?

— Não tem aves aqui — disse Spider.

— Não seria mais fácil irmos para dentro de um prédio seguro e sem aves? Podíamos almoçar.

— Certo. Agora você vai reclamar só por causa de um friozinho.

— *Não é* um friozinho. Deve estar cinquenta graus abaixo de zero aqui. E, de qualquer modo, *veja*.

Fat Charlie apontou para o céu. Uma linha pálida, como uma pequena letra *m* desenhada a giz no céu, pairava imóvel no ar gelado.

— Albatroz — disse.

— Fragata — corrigiu Spider.

— Como?

— Não é um albatroz. É uma fragata. E provavelmente nem nos viu.

— Talvez não, mas *eles* viram.

Spider se virou, e disse algo que soou muito com um palavrão. Podia não haver um milhão de pinguins andando e escorregando e deslizando sobre a barriga na direção dos irmãos, mas com certeza parecia ser isso. No geral, as únicas coisas que ficam amedrontadas pela aproximação de pinguins costumam ser peixes pequenos, mas quando estão em um grupo grandes o suficiente...

Fat Charlie estendeu a mão e segurou a de Spider sem que ele pedisse. Ele fechou os olhos.

Quando tornou a abri-los, estava em um lugar mais quente, apesar de ter aberto os olhos não ter feito diferença. Tudo era escuridão.

— Eu fiquei cego?

— Estamos em uma mina de carvão abandonada — explicou Spider. — Vi uma foto deste lugar em uma revista há alguns anos. A menos que haja bandos de tentilhões cegos que evoluíram para se adaptar a escuridão e se alimentar de restos de carvão, estamos seguros.

— Isso é uma piada, não é? Sobre os tentilhões cegos?

— Mais ou menos.

Fat Charlie suspirou, e o suspiro ecoou pela caverna subterrânea.

— Sabe, se você simplesmente tivesse ido embora, se tivesse deixado minha casa quando eu pedi, não estaríamos nessa situação.

— Isso não ajuda muito.

— Não era a intenção. Só Deus sabe como vou explicar isso para a Rosie.

Spider pigarreou.

— Não acho que você tenha que se preocupar com isso.

— Por quê?

— Ela terminou com a gente.

Houve um longo silêncio.

— É claro que sim — disse Fat Charlie.

— Eu criei uma confusão enorme, hein? — Spider pareceu desconfortável.

— Mas e se eu me explicar para ela? Quer dizer, e se eu contar a ela que eu não era você, que você estava fingindo ser eu...

— Eu já fiz isso. Foi quando ela decidiu que não queria ver nenhum de nós dois nunca mais.

— A mim também?

— Infelizmente, sim. Mas eu nunca tive a intenção de... Bem, quando fui ver você, tudo o que eu queria era dizer oi. Não... Hum... Eu estraguei tudo, não foi?

— Você está tentando pedir desculpas?

Silêncio. Então:

— É, acho que sim. Talvez.

Mais silêncio.

— Bem, então eu sinto muito mesmo por ter pedido à mulher-pássaro para se livrar de você.

De algum modo, não ver Spider enquanto falavam tornava isso mais fácil.

— É. Valeu. Agora eu só queria saber como me livrar dela.

— *A pena!* — exclamou Fat Charlie.

— Hã?

— Você me perguntou se ela me ofereceu alguma coisa em troca para fechar o acordo. Ela me deu uma pena.

— E onde ela está?

Fat Charlie tentou lembrar.

— Não tenho certeza. Estava comigo quando acordei na sala da sra. Dunwiddy, mas não quando embarquei no avião. Imagino que ainda deva estar com a sra. Dunwiddy.

Houve um silêncio longo, sombrio e ininterrupto. Fat Charlie começou a se perguntar se Spider tinha ido embora, se fora abandonado na escuridão sob o mundo. Por fim, ele disse:

— Você ainda está aí?

— Estou.

— Ufa, que alívio. Se você me abandonasse aqui, ia ficar preso para sempre.

— Não me dê ideias.

Mais silêncio.

— Em que país estamos? — perguntou Fat Charlie.

— Acho que na Polônia. Como eu disse, eu vi uma foto daqui. Só que na foto as luzes estavam acesas.

— Você só precisa ver as fotos dos lugares para ir até eles?

— Preciso saber onde eles estão.

Era impressionante, pensou Fat Charlie, como era tão silencioso na mina. O lugar tinha seu próprio silêncio especial. Ele começou a pensar sobre silêncios. Será que o silêncio de um túmulo era de um tipo diferente do silêncio, digamos, do espaço?

— Lembro da sra. Dunwiddy. Ela tem cheiro de violeta — comentou Spider.

Pessoas já tinham dito “Não há mais esperança, vamos todos morrer” com mais entusiasmo.

— Essa mesmo. Baixinha, muito velha. Óculos grossos. Acho que vamos ter que ir até lá buscar a pena. Depois vamos devolvê-la à mulher-pássaro. E esse pesadelo vai acabar. — Fat Charlie terminou o resto da água em sua garrafa, vinda de uma pracinha em algum lugar que não era a Itália. Ele fechou a tampa e botou a garrafa no chão no escuro, se perguntando se aquilo era jogar lixo na rua, se ninguém ia ver. — Então vamos dar as mãos e encontrar a sra. Dunwiddy.

Spider fez um ruído. O ruído não foi presunçoso. Foi preocupado e desconfiado. Na escuridão, Fat Charlie imaginou Spider murchando, como um sapo-boi ou um balão depois de uma semana. Fat Charlie queria que o irmão baixasse um pouco a bola. Mas não desejava ouvi-lo fazer o som de uma criança de seis anos apavorada.

Então ele perguntou:

— Espere aí. Você está com medo da sra. Dunwiddy?

— Eu... eu não posso chegar perto dela.

— Bem, se serve de consolo, eu também tinha medo dela quando era pequeno, mas, quando a reencontrei no funeral, percebi que não era tão má assim. Não mesmo. É só uma velhinha. — Em sua cabeça, ela acendeu as velas pretas mais uma vez e jogou as ervas na tigela. — Talvez um pouco assustadora. Mas você vai ficar bem quando encontrá-la.

— Ela me fez ir embora — disse Spider. — Eu não queria ir. Mas eu quebrei um globo no jardim dela. Uma coisa grande e espelhada, como um enfeite de natal gigante.

— Eu também fiz isso. Ela ficou furiosa.

— Eu sei. — A voz na escuridão era tímida, preocupada e confusa. — Foi nesse mesmo dia. Foi quando tudo começou.

— Bem. Não é o fim do mundo. Você me leva até a Flórida, eu posso ir lá e pegar a pena com a sra. Dunwiddy. Eu não tenho medo. Você não precisa aparecer.

— Não posso fazer isso. Não posso ir aonde ela estiver.

— Então, o que você está tentando dizer? Ela conseguiu alguma espécie de ordem de restrição mágica?

— Mais ou menos. Sim. — Então Spider disse: — Sinto saudades da Rosie. Sinto muito. Você sabe.

Fat Charlie pensou em Rosie. Ele achou estranhamente difícil se lembrar de seu rosto. Ele pensou em como seria não ter a mãe de Rosie como sua sogra, sobre as duas silhuetas nas cortinas da janela de seu quarto.

— Não precisa se sentir mal. Bem, na verdade pode se sentir mal sobre isso se quiser, porque você foi um grande filho da mãe. Mas, talvez, no fundo, tenha sido melhor assim.

Fat Charlie sentiu um aperto na região do coração, mas ele sabia que estava dizendo a verdade. É mais fácil falar a verdade no escuro.

— Sabe o que não faz sentido aqui? — perguntou Spider.

— Tudo?

— Não. Só uma coisa. Não entendo por que a mulher-pássaro se envolveu. Isso não faz sentido.

— Nosso pai a deixou furiosa...

— Ele deixava *todo mundo* furioso. Mas ela está errada. Se ela quer mesmo nos matar, por que não tenta fazer isso?

— Eu dei a ela nossa linhagem.

— Foi o que você disse. Não, tem mais alguma coisa acontecendo, e eu não *entendo*. — Silêncio. Em seguida, Spider disse: — Segure minha mão.

— Preciso fechar os olhos?

— Se quiser.

— Aonde nós vamos? Para a lua?

— Vou levar você para um lugar seguro — disse Spider.

— Ah, bom — respondeu Fat Charlie. — Gosto de segurança. Onde?

Mas então, sem mesmo abrir os olhos, Fat Charlie soube. O cheiro entregou no ato: corpos e vasos sanitários sujos, desinfetante, cobertores mofados e apatia.

— Aposto que eu estaria igualmente seguro em um quarto de hotel de luxo — disse em voz alta, mas não havia ninguém ali para ouvi-lo. Ele sentou na cama embutida na parede da cela seis e jogou o cobertor fino sobre os ombros. Sentia como se estivesse ali por uma eternidade.

Meia hora mais tarde, alguém apareceu e o levou à sala de interrogatório.

* * *

— Olá — cumprimentou Daisy com um sorriso. — Gostaria de uma xícara de chá?

— É melhor nem começar — retrucou Fat Charlie. — Já vi na TV. Sei como isso funciona. É aquela história de tira bom e tira mau, não é? Você vai me dar uma xícara de chá e uns bolinhos, daí vai entrar um sujeito grande e durão, todo nervosinho, e vai gritar comigo, jogar o chá fora e começar a comer meus bolinhos. Aí você vai impedi-lo de me agredir e vai fazê-lo me devolver o chá e os

biscoitos. Então, por gratidão, vou contar tudo o que você quer saber.

— Então podemos pular toda essa parte — sugeriu Daisy. — E você pode nos contar de uma vez tudo o que queremos saber. De qualquer forma, não temos bolinhos.

— Eu já contei tudo que sei — explicou Fat Charlie. — Tudo. Grahame Coats me deu um cheque de duas mil libras e disse para eu tirar duas semanas de folga. Ele falou que estava muito feliz por eu ter chamado atenção para algumas irregularidades. Então pediu minha senha e se despediu de mim. Fim da história.

— E você continua afirmando que não sabe nada a respeito do desaparecimento de Maeve Livingstone?

— Acho que nunca a conheci em pessoa. Talvez a tenha visto uma vez, quando ela passou no escritório. Conversamos por telefone algumas vezes. Ela queria falar com Grahame Coats. Era para eu informá-la que o cheque estava no correio.

— E estava?

— Não sei. Eu achava que sim. Olha, não é possível que você pense que tive alguma coisa a ver com o desaparecimento dela.

— Não — concordou ela, animada. — Eu não acredito.

— Porque, honestamente, não sei o que poderia... Você o quê?

— Não acredito que você tenha alguma relação com o desaparecimento de Maeve Livingstone. E também não acredito que você tenha alguma relação com as irregularidades financeiras cometidas na Agência Grahame Coats, apesar de parecer que alguém teve muito trabalho para fazer parecer que tenha, sim. Mas é bastante óbvio que as práticas contábeis suspeitas e o desvio permanente de dinheiro são anteriores à sua entrada. Você está lá há apenas dois anos.

— Mais ou menos isso — concordou Fat Charlie.

Percebeu que estava de boca aberta. Então a fechou.

— Bem, sei que os policiais nos livros e nos filmes costumam ser uns idiotas, ainda mais no tipo de livro que tem um policial aposentado que luta contra o crime ou um detetive particular durão.

E eu sinto muito, mesmo, por não termos bolinhos. Mas não somos completos idiotas.

— Eu não disse que eram — retrucou Fat Charlie.

— Não — concordou ela. — Mas estava pensando isso. Você está livre para ir embora. E com um pedido de desculpas, se quiser.

— Onde ela, hã, desapareceu? — perguntou Fat Charlie.

— A sra. Livingstone? Bem, na última vez que foi vista, ela estava entrando no escritório de Grahame Coats acompanhada dele.

— Ah.

— Eu falei sério quando ofereci a xícara de chá. Quer uma?

— Quero. Muito. Hã... Imagino que seu pessoal já tenha conferido a sala secreta no escritório dele. A que fica atrás da estante?

— Não, acho que não.

Daisy merece crédito por ter dito apenas aquilo, na maior calma.

— Bom, acho que não era para ninguém saber sobre ela — explicou Fat Charlie. — Mas uma vez entrei lá e a estante estava fora do lugar. E Grahame Coats estava lá dentro. Aí eu saí — acrescentou. — Não estava espionando, nem nada assim.

Daisy apenas disse:

— Podemos comprar uns bolinhos no caminho.

* * *

Fat Charlie não tinha certeza se gostava da liberdade. Havia muito espaço a céu aberto.

— Você está bem? — perguntou Daisy.

— Estou.

— Você parece um pouco nervoso.

— Acho que estou sim. Você vai achar besteira, mas estou com um pouco... Bem, eu tenho um problema com aves.

— O quê, uma fobia?

— Mais ou menos.

— Bem, é o termo que se usa para descrever o medo irracional de aves.

— Então como se chama um medo racional de aves? — Ele mordiscou o bolinho.

Ficaram em silêncio. Então Daisy disse:

— Bem, não tem nenhuma ave neste carro.

Ela estacionou em local proibido, próximo dos escritórios da Agência Grahame Coats, e eles entraram juntos.

* * *

Rosie estava deitada ao sol à beira da piscina na popa do convés de um cruzeiro coreano* com uma revista sobre a cabeça e a mãe a seu lado. Ela tentava lembrar por que tinha em algum momento achado que tirar férias com a mãe poderia ser uma boa ideia.

Não havia jornais ingleses a bordo do cruzeiro, e Rosie não sentia falta deles. Mas sentia falta de todo o resto. Em sua cabeça, o cruzeiro era uma espécie de purgatório flutuante, que se tornava suportável apenas pelas ilhas que visitavam quase diariamente. Os outros passageiros desembarcavam para fazer compras, voar de *parasail* ou fazer passeios em alto-mar regados a rum em barcos piratas. Rosie, por outro lado, caminhava e conversava com as pessoas.

Ela encontrava pessoas sofrendo, pessoas que pareciam famintas ou infelizes, e queria ajudar. Tudo parecia ter jeito, para Rosie. Só precisava de alguém para consertar.

* * *

Maeve Livingstone esperava que a morte fosse várias coisas, mas *irritante* nunca foi uma delas. Mesmo assim, estava irritada. Estava cansada de passarem através dela, cansada de ser ignorada e, acima de tudo, cansada de não poder sair do prédio comercial na Aldwych.

— Quer dizer, se eu tiver que assombrar algum lugar — comentou com a recepcionista —, por que não a Somerset House, aqui perto? É uma linda construção, com uma vista maravilhosa do Tâmis e detalhes arquitetônicos impressionantes. Também tem alguns restaurantezinhos muito simpáticos. Mesmo quando não precisamos comer, é bom ficar olhando as pessoas.

Annie, a recepcionista, cujo trabalho desde que Grahame Coats desaparecera tinha sido apenas atender o telefone com voz entediada e dizer “Infelizmente não sei” para quase todas as perguntas que faziam, e que, quando não estava desempenhando essa função, ligava para os amigos e discutia o mistério em voz baixa, mas animada, não respondeu. O que também fizera com tudo o mais que Maeve dissera a ela.

A monotonia foi interrompida pela chegada de Fat Charlie Nancy, acompanhado pela policial feminina.

Maeve sempre gostou muito de Fat Charlie, mesmo quando a função dele era garantir que ela logo receberia um cheque pelo correio, mas agora via coisas que nunca vira: sombras flutuavam acima dele, sempre mantendo certa distância. Coisas ruins que se aproximavam. Ele parecia estar fugindo de algo, e aquilo a deixou preocupada.

Ela os seguiu até o escritório de Grahame Coats e ficou muito feliz ao ver Fat Charlie ir direto para a estante no fundo da sala.

— Então, onde é o painel secreto? — perguntou Daisy.

— Não é um painel. Era uma porta. Atrás dessa estante aqui. Não sei. Talvez tenha um mecanismo secreto, ou algo do tipo.

Daisy olhou para a estante.

— Grahame Coats já escreveu uma autobiografia?

— Não que eu saiba.

Ela empurrou, então, o exemplar encadernado em couro de *Minha vida, por Grahame Coats*. Fez-se um clique, e a estante se afastou da parede, revelando uma porta trancada.

— Vamos precisar de um chaveiro — disse ela. — E acho que não precisamos mais do senhor por aqui, sr. Nancy.

— Certo — concordou Fat Charlie. — Bem... Foi, hã... Interessante. — Então acrescentou: — Imagino que você não gostaria. De ir comer alguma coisa. Comigo. Um dia desses?

— Comida chinesa. Domingo, no almoço. Cada um paga o seu. Você precisa chegar na hora que o restaurante abre, às onze e meia, ou vamos esperar uma eternidade na fila. — Ela anotou o endereço em um papel e o entregou a Fat Charlie. — Cuidado com os pássaros no caminho de casa.

— Pode deixar — respondeu ele. — Até domingo.

* * *

O chaveiro abriu uma carteira de tecido preto e retirou várias ferramentas finas de metal.

— Para ser sincero — começou —, é de se pensar que eles já teriam aprendido. Não é como se as fechaduras boas fossem caras. Quer dizer, você olha para essa porta: é muito bem-feita. É sólida. Levaria um dia inteiro para abri-la com um maçarico. E aí eles estragam tudo com uma fechadura que até uma criança de cinco anos munida de uma colher conseguiria abrir... Pronto, aqui está... Mamão com açúcar.

Ele empurrou a porta. A porta se abriu, e os dois viram algo no chão.

— Ora, pelo amor de Deus — comentou Maeve Livingstone. — Isso aí não sou *eu*.

Ela achou que teria mais afeição por seu corpo, mas não: para ela, aquilo parecia um bicho morto na beira da estrada.

Logo, o aposento ficou cheio de gente. Maeve, que nunca tivera muita paciência para histórias de detetive, logo ficou entediada, e só se interessou pelo que estava acontecendo quando sentiu que uma força a puxava para o térreo e para o exterior do prédio. Isso aconteceu quando seus restos mortais foram levados embora em um saco plástico azul discreto.

— Assim está melhor — comentou Maeve Livingstone.

Ela tinha saído.

Pelo menos tinha saído do escritório na Aldwych.

Sabia que, obviamente, havia regras. Tinha que haver. Só que ela não sabia muito bem quais eram.

Ela percebeu que desejava ter sido mais religiosa em vida, mas nunca conseguira. Quando pequena, fora incapaz de imaginar um Deus que desgostava de algumas pessoas o bastante para condená-las a serem torturadas no inferno pela eternidade, o que quase sempre acontecia por elas não acreditarem Nele do jeito certo. Depois de crescer, as dúvidas infantis se solidificaram em uma certeza sólida de que a Vida, do nascimento ao túmulo, era tudo o que havia, e todo o resto era imaginação. Tinha sido uma coisa boa de acreditar, pois lhe permitira lidar com a dor da vida, mas agora a crença estava sendo fortemente testada.

Para falar a verdade, ela nem mesmo tinha certeza se passar a vida frequentando o tipo certo de igreja a teria preparado para aquilo. Maeve estava chegando depressa à conclusão de que, em um mundo organizado, a Morte seria como uma viagem de luxo com todas as despesas pagas, e logo no início os passageiros receberiam um folheto cheio de tickets, vouchers de descontos, informações de tudo o que foi programado e vários telefones para ligar, em caso de problema.

Ela não andava. Não voava. Ela se movia como o vento, como um vento frio de outono, fazendo as pessoas tremerem ao passar e soprando as folhas caídas na calçada.

Ela foi ao primeiro lugar onde ia quando viajava para Londres: a Selfridges, uma loja de departamentos na Oxford Street. Maeve trabalhara no departamento de cosméticos da Selfridges quando era mais nova, entre os bicos que conseguia como dançarina, e fazia questão de voltar sempre que podia e comprar maquiagem cara, como prometera a si mesma que faria, nos velhos tempos.

Ela assombrou o departamento de maquiagem até ficar entediada, depois deu uma olhada na área de móveis e decoração. Nunca mais compraria uma mesa de jantar, mas olhar não matava...

Então ela flutuou pelo departamento de áudio e vídeo da loja, cercada por telas de televisão de todos os tamanhos. Algumas mostravam o noticiário. Estavam todas no mudo, mas a imagem que enchia as telas era de Grahame Coats. A raiva ferveu e queimou dentro dela, como lava derretida. A imagem mudou, e então ela viu a si mesma, um clipe dela ao lado de Morris. Maeve reconheceu o esquete “Por cinco pratas eu chupo até o caroço” do *Eu sou Morris Livingstone*.

Ela desejou poder descobrir um meio de recarregar o telefone. Mesmo que a única pessoa com quem conseguisse conversar fosse aquela com a voz irritante que parecia a de um vigário, achou que não se importaria nem de falar com ele. Mas queria mesmo falar com Morris. Ele saberia o que fazer. Dessa vez, pensou, ela o deixaria falar. Dessa vez, escutaria.

— Maeve?

O rosto de Morris a encarava de cem telas de televisão. Por um instante, ela pensou que estava imaginando coisas. Depois achou que fosse parte do noticiário. Então ele a encarou, preocupado, disse seu nome outra vez, e Maeve soube que era ele, mesmo.

— Morris...?

Ele deu o famoso sorriso, e todos os rostos em todas as telas se concentraram nela.

— Olá, meu amor. Estava aqui me perguntando por que você estava demorando tanto. Bem, chegou a hora de você vir para cá.

— Aí?

— Do outro lado. Basta cruzar o vale. Ou talvez atravessar o véu. Enfim, isso aí.

Ele estendeu cem mãos, de cem telas.

Ela sabia que tudo o que precisava fazer era estender o braço e segurar a mão dele. Mas se surpreendeu ao dizer:

— Não, Morris. Acho que não.

Cem rostos idênticos ficaram perplexos.

— Maeve, meu amor. Você precisa deixar a carne para trás.

— Mas é óbvio, querido. E vou fazer isso. Juro. Assim que estiver pronta.

— Maeve, você está morta. Não tem como ficar mais pronta que isso.

Ela suspirou.

— Ainda preciso resolver umas coisas por aqui.

— Por exemplo?

Maeve se aprumou.

— Bem — disse —, eu estava planejando encontrar aquela criatura repugnante, Grahame Coats, e fazer... o que quer que fantasmas façam. Eu podia assombrá-lo, ou algo do tipo.

Morris pareceu ligeiramente incrédulo.

— Você quer assombrar Grahame Coats? Mas por quê?

— Porque — insistiu ela — ainda tenho assuntos para resolver por aqui.

Maeve apertou os lábios em uma linha fina e empinou o nariz.

Das cem telas de TV, Morris Livingstone a encarou e balançou a cabeça com um misto de admiração e desespero. Casara-se com ela porque Maeve nunca deixava que lhe dissessem o que fazer, e a amara por isso, mas desejou que pudesse, só daquela vez, convencê-la de alguma coisa. Em vez disso, disse.

— Bem eu não vou a lugar nenhum, amoreco. Avise quando estiver pronta.

E começou a desaparecer.

— Morris. Você tem alguma ideia de como faço para encontrá-lo?

Mas a imagem do marido tinha desaparecido por completo, e as televisões mostravam a previsão do tempo.

* * *

No domingo, Fat Charlie encontrou Daisy para comerem *dim sum* em um restaurante meio escuro na pequena Chinatown de Londres.

— Você está bonita — comentou.

— Obrigada — respondeu ela. — Eu me sinto horrível. Fui tirada do caso Grahame Coats. Agora é uma investigação de homicídio grandiosa. Acho até que tive sorte por ficar tanto tempo no caso.

— Bem — retrucou, animado. — Se você não tivesse sido parte dele, nunca teria tido o prazer de me prender.

— É verdade. — Ela teve a decência de parecer um pouquinho arrependida.

— Encontraram alguma pista?

— Mesmo se tivessem — retrucou ela —, eu não poderia conversar com você sobre elas. — Um carrinho barulhento parou ao lado da mesa, e Daisy escolheu vários pratos expostos. — Existe a teoria de que Grahame Coats se jogou da borda de uma balsa, no canal da Mancha. Foi a última compra em um de seus cartões de crédito, uma passagem diurna para Dieppe.

— Você acha isso provável?

Ela usou os palitinhos para pinçar um *dim sum* do prato e o enfiou na boca.

— Não — respondeu. — Meu palpite é que ele foi para algum lugar sem tratado de extradição. Provavelmente o Brasil. Matar Maeve Livingstone pode ter sido um impulso, mas todo resto todo foi planejado de forma bem meticulosa. Ele tinha um esquema. O dinheiro entrava na conta dos clientes, aí Grahame tirava seus quinze por cento, e algumas procurações garantiam que muito mais fosse transferido para ele por baixo dos panos. Muitos cheques estrangeiros sequer entraram nas contas dos clientes. O impressionante é ele ter conseguido manter a farsa por tanto tempo.

Fat Charlie mastigou um bolinho de arroz com algo doce no interior.

— Acho que você sabe onde ele está — disse.

Daisy parou de mastigar o *dim sum*.

— É por causa do jeito como você disse que ele tinha ido para o Brasil. Como se soubesse que ele não está lá.

— Isso é assunto policial — retrucou ela. — E infelizmente não posso comentar. Como está seu irmão?

— Não sei. Acho que foi embora. O quarto dele não estava lá em casa, quando eu cheguei.

— O quarto?

— As coisas dele. Ele tinha levado as coisas para lá. Depois que cheguei, não vi nem sinal dele. — Fat Charlie tomou um gole do chá de jasmim. — Espero que ele esteja bem.

— Acha que tem chance de ele não estar?

— Bem, meu irmão tem a mesma fobia que eu.

— Ah, o problema com as aves. Certo. — Daisy balançou a cabeça, condescendente. — E como vão a noiva e a futura sogra?

— Hã. Acho que nenhuma dessas descrições ainda é, hã, válida.

— Ah.

— As duas decidiram sumir.

— Por causa da prisão?

— Pelo que eu saiba, não.

Ela olhou para ele, parecia uma fada solidária.

— Sinto muito.

— Bem — argumentou Fat Charlie —, no momento não tenho emprego, não tenho vida amorosa e, em grande parte graças aos seus esforços, os vizinhos estão convencidos de que sou um assassino da máfia. Alguns passaram a atravessar a rua para me evitar. Por outro lado, o jornalista me pediu para dar uma lição no sujeito que engravidou a filha dele.

— O que você respondeu?

— A verdade. Mas acho que ele não acreditou. Ele me deu um pacote de salgadinhos de queijo com cebola e uma caixinha de chicletes e disse que haveria mais de onde aquilo tinha saído depois que eu concluísse o serviço.

— Isso vai passar.

Fat Charlie suspirou.

— Essa coisa toda me deixa mortificado.

— Mesmo assim — insistiu Daisy —, não é o fim do mundo.

Eles dividiram a conta, e o garçom entregou dois biscoitos da sorte junto com o troco.

— O que diz o seu? — perguntou Fat Charlie.

— *Sua persistência será recompensada* — disse ela. — E o seu?

— O mesmo que o seu — respondeu —, a boa e velha persistência.

Ele amassou o papel em uma bolinha do tamanho de uma ervilha e a enfiou no bolso. Caminhou com Daisy pela Leicester Square até a estação do metrô.

— Parece que é seu dia de sorte — disse ela.

— Como assim?

— Não tem nenhuma ave por aqui — explicou Daisy.

E, quando ela disse isso, Fat Charlie percebeu que era verdade. Não havia pombos ou estorninhos. Nem mesmo pardais.

— Mas *sempre* tem aves na Leicester Square.

— Bem, não hoje — retrucou ela. — Talvez estejam ocupadas.

Eles pararam no metrô e, por um momento idiota, Fat Charlie achou que fossem trocar um beijo de despedida. Daisy não o beijou. Apenas sorriu e disse “tchau”, e ele deu um aceno discreto, uma mão incerta em um movimento que podia ser um aceno e também podia muito bem ser um gesto involuntário. Então ela desceu as escadas e sumiu de vista.

Fat Charlie voltou andando pela Leicester Square na direção de Piccadilly Circus.

Ele pegou o papel do biscoito da sorte no bolso e o desamassou. *Encontro você perto de Eros*, estava escrito, e ao lado havia um desenho pequenino de algo que parecia um asterisco grande feito as pressas e que poderia muito bem ser uma aranha.

Ele examinava os céus e os prédios enquanto caminhava, mas não havia aves. O que era estranho, pois sempre havia aves em Londres. Havia aves em toda parte.

Spider estava sentado sob a estátua, lendo o tabloide *News of the World*. Ele ergueu os olhos quando Fat Charlie se aproximou.

— Na verdade não é Eros, sabia? — comentou Fat Charlie. — Representa a Caridade Cristã.

— Então por que ele está pelado e com arco e flecha na mão? Isso não me parece um gesto especialmente caridoso, muito menos uma atitude muito cristã.

— Só estou dizendo o que li — retrucou Fat Charlie. — Por onde você andou? Fiquei preocupado.

— Eu estou bem. Estava só evitando as aves, tentando entender o que aconteceu.

— Percebeu que hoje não há nenhuma ave por aqui? — indagou Fat Charlie.

— Percebi. Não sei o porquê. Mas andei pensando. E, sabe... Tem alguma coisa errada nessa história.

— Para começar, está tudo errado — retrucou Fat Charlie.

— Não. Estou falando que tem algo errado com a mulher-pássaro tentando nos matar.

— É. Isso é errado. É uma coisa muito feia de se fazer. Você quer dizer a ela, ou eu digo?

— Não errado desse jeito. Errado como... Bem, pense nisso. Quer dizer, apesar do filme do Hitchcock, pássaros não são a melhor arma para usar contra alguém. Eles podem ser bastante mortais para insetos, mas não são muito bons em atacar pessoas. Tiveram milhões de anos para aprender que, em geral, é mais provável as pessoas os comerem primeiro. O instinto deles é nos deixar em paz.

— Não de todos — retrucou Fat Charlie. — Não é assim com abutres. Ou corvos. Mas eles só aparecem no campo de batalha quando a luta já terminou. Ficam esperando a pessoa morrer.

— O quê?

— Eu disse: exceto abutres e corvos. Não quis dizer nada...

— Não. — Spider se concentrou. — Não. Passou. Você me fez pensar em alguma coisa, e eu quase entendi. Bem, você já conseguiu entrar em contato com a sra. Dunwiddy?

— Liguei para a sra. Higgler, mas ninguém atende.

— Então vá lá falar com elas.

— É fácil para você dizer isso, mas eu estou duro. Quebrado. Falido. Não posso ficar indo de um lado a outro do Atlântico de

avião. Nem emprego tenho mais. Eu...

Spider enfiou a mão na parte de dentro da jaqueta preta e escarlate e tirou uma carteira. Pegou um maço de notas em dinheiro de lugares diferentes e as colocou na mão de Fat Charlie.

— Aqui. Isso deve bastar para você ir e voltar. Só consiga a pena de volta.

— Escuta, você por acaso considerou a possibilidade de que nosso pai não esteja morto, afinal?

— O quê?

— Bem, eu estava pensando. Talvez tudo isso seja uma de suas piadas. Parece o tipo de coisa que ele faria, não é?

— Não sei. Pode ser — respondeu Spider.

— Tenho certeza disso — comentou Fat Charlie. — É a primeira coisa que vou fazer. Vou direto até o túmulo dele e...

Mas ele não conseguiu dizer nem mais uma palavra, porque foi naquele instante que as aves chegaram. Eram pássaros urbanos, pombos, corvos e estorninhos, milhares e milhares deles. As aves se moviam pelo ar, entrelaçando-se como uma tapeçaria, formando uma muralha e avançando pela Regent Street na direção de Spider e de Fat Charlie. Um pelotão emplumado, grande como um arranha-céu, em perfeita formação e perfeitamente impossível. Estava em movimento, voando, mergulhando e costurando o céu. Fat Charlie via aquilo, mas a imagem não entrava em sua mente, só escorregava, se contorcia e retorcia sem parar dentro de sua cabeça. Ele olhou para cima e tentou compreender o que via.

Spider puxou o irmão pelo cotovelo e gritou:

— Corra!

Fat Charlie se virou para correr. Spider dobrava o jornal metodicamente e o botava na lata de lixo.

— Você também tem que fugir!

— Ela não quer você. Não ainda — retrucou Spider, e sorriu. Foi um sorriso que, em outras oportunidades, convencera mais pessoas do que se pode imaginar a fazer coisas que não queriam fazer. E

Fat Charlie queria muito correr. — Traga a pena. Traga nosso pai também, se acha que ele está mesmo vivo. Mas vá.

Fat Charlie foi.

A muralha de pássaros começou a girar e se transformou, tornou-se um furacão de aves avançando na direção da estátua de Eros e do homem aos pés dela. Fat Charlie correu e entrou por uma porta, então observou a base do furacão escuro golpear Spider. Achou que podia ouvir o irmão gritando por cima do farfalhar ensurdecedor das asas. Talvez pudesse, mesmo.

Então as aves se dispersaram, e a rua ficou vazia. O vento levantou algumas penas sobre a calçada cinzenta.

Fat Charlie ficou ali parado, sentindo-se enjoado. Se algum dos passantes tinha percebido o que acontecera, não esboçou reação. Ele tinha certeza de que, sabe-se lá como, ninguém vira aquilo além dele.

Havia uma mulher parada embaixo da estátua, perto de onde o irmão estivera. A capa de chuva esfarrapada tremulava ao vento. Fat Charlie andou na direção dela.

— Olha — disse —, quando eu disse para fazê-lo ir embora, só quis dizer para tirá-lo da minha vida. Não para fazer o que quer que você tenha feito.

Ela o encarou e não disse uma palavra. Há uma loucura nos olhos de certas aves de rapina, uma ferocidade que pode ser muito intimidadora. Fat Charlie tentou não ficar intimidado por ela.

— Eu cometi um erro — declarou. — Estou disposto a pagar por ele. Leve-me, em vez dele. Traga-o de volta.

Ela continuou a encará-lo. Então disse:

— Sua vez também chegará, filho de Compé Anansi. Na hora certa.

— Por que você o quer?

— Eu não o quero — respondeu ela. — Por que ia querer? Eu tinha uma dívida com outro. Agora vou entregá-lo, então minha dívida estará paga.

O jornal foi sacudido pelo vento, e Fat Charlie ficou sozinho.

* O navio se chamava *Baía das Gaivotas* até os passageiros sofrerem um grande caso de intoxicação alimentar, que foi parar nas manchetes internacionais. O presidente do conselho, que não era um homem tão sensato quanto pensava, fez uma tentativa barata de trocar o nome sem mudar as iniciais do navio, o que gerou o maravilhoso nome de *Baía dos Gases*.

CAPÍTULO

ONZE

NO QUAL
ROSIE APRENDE
A DIZER NÃO
PARA ESTRANHOS E
FAT CHARLIE
GANHA UM LIMÃO

FAT CHARLIE OLHOU para a sepultura do pai.

— Você está aí? — perguntou, bem alto. — Se estiver, saia. Preciso falar com você.

Ele caminhou até a lápide com padrões floridos e olhou para baixo. Não sabia ao certo o que esperava. Talvez pensasse que uma mão sairia da terra, esticando-se até agarrar sua perna, mas nada do tipo parecia prestes a acontecer.

Tivera tanta certeza.

Fat Charlie fez o caminho de volta pelo Memorial Jardim do Repouso sentindo-se idiota, como um participante de um programa de TV de perguntas e respostas que acabou de cometer o erro de apostar todos os milhões que ganhara na afirmativa de que o Mississippi era um rio maior do que o Amazonas. Devia ter pensado melhor naquilo. O pai estava mais morto do que um bicho atropelado na estrada, e ele desperdiçara o dinheiro de Spider em uma busca infrutífera. Sentou perto dos moinhos da Bebelândia e chorou. Os brinquedos destruídos pareciam ainda mais tristes e solitários do que ele se lembrava.

A velha senhora estava esperando por ele no estacionamento, apoiada no carro velho, fumando um cigarro. Não parecia muito à vontade.

— Olá, sra. Bustamonte — cumprimentou Fat Charlie.

Ela deu um último trago no cigarro, jogou a bituca no asfalto e a amassou sob a sola do sapato sem salto. Estava vestida de preto. Parecia cansada.

— Olá, Charles.

— Se eu soubesse que encontraria alguém aqui, pensaria na sra. Higgler. Ou quem sabe na sra. Dunwiddy.

— Callyanne não está. E a sra. Dunwiddy me mandou vir aqui. Ela quer ver você.

É como a máfia, pensou Fat Charlie. *Uma máfia pós-menopausa.*

— Ela vai me fazer uma oferta irrecusável?

— Duvido. Ela não está muito bem.

— Ah.

Ele entrou no carro alugado e seguiu o Camry da sra. Bustamonte pelas ruas da Flórida. Tivera tanta certeza a respeito do pai. Tivera certeza de que o encontraria vivo. Certeza de que ele o ajudaria...

Estacionaram em frente à casa da sra. Dunwiddy. Fat Charlie olhou para o jardim com os flamingos de plástico desbotado, os gnomos e o globo de vidro vermelho espelhado que ficava apoiado sobre uma pequena base de concreto, como um enorme enfeite de árvore de natal. Caminhou até a bola, que era igual à que ele quebrara quando menino, e viu seu reflexo distorcido a encará-lo.

— Para que serve? — perguntou.

— Para nada. Ela só gosta dele.

O aroma de água de violetas, denso e enjoativo, pairava dentro da casa. Sua tia-avó Alanna sempre tinha um pacote de balas violetas na bolsa, que Fat Charlie só comia se não houvesse outra opção, mesmo sendo uma criança gorducha e louca por doces. A casa tinha o mesmo cheiro do gosto daquelas balas. Fat Charlie não pensava nelas havia vinte anos. Ficou pensando se ainda eram

fabricadas. E se perguntou por que tinham pensado em fabricá-las, para começo de conversa...

— Ela está no fim do corredor — explicou a sra. Bustamonte, então parou e apontou.

Fat Charlie entrou no quarto da sra. Dunwiddy.

Não era uma cama grande, mas a mulher deitada mais parecia uma boneca enorme largada ali. Estava de óculos. No topo da cabeça, a velha senhora usava a primeira touca de dormir que Fat Charlie via na vida: uma coisa amarelada que se assemelhava muito a uma capa de bule de chá, com as bordas enfeitadas de renda. Quando ele entrou, a mulher estava apoiada em uma montanha de travesseiros e roncava de leve, a boca aberta.

Ele pigarreou.

A sra. Dunwiddy levantou a cabeça de repente, abriu os olhos e o encarou. Então apontou o dedo para a mesa de cabeceira ao lado da cama, e Fat Charlie pegou o copo de água que estava ali e o entregou a ela. A mulher o segurou com as duas mãos, como um esquilo faz com uma noz, e deu um grande gole antes de devolver o copo.

— Minha boca fica toda seca. Sabe quantos anos eu tenho?

— Hã... — Ele concluiu que não havia resposta certa. — Não.

— Cento e quatro.

— Isso é incrível. A senhora está em ótima forma. Quer dizer, é maravilhoso...

— Cale a boca, Fat Charlie.

— Desculpe.

— Não peça desculpas desse jeito, como um cachorro enxotado depois de sujar o chão da cozinha. Cabeça erguida. Encare o mundo de frente. Está me ouvindo?

— Estou. Desculpe. Quer dizer, estou.

Ela suspirou.

— Querem me levar para um hospital. Eu disse que, depois de viver cento e quatro anos, tenho o direito de morrer na minha própria cama. Fiz bebês nesta cama, há muito tempo. Depois dei à luz

muitos bebês, nesta mesma cama. E nem que a vaca tussa vou morrer em outro lugar. E tem mais... — A mulher parou de falar, fechou os olhos e deu um suspiro lento e profundo. Quando Fat Charlie estava convencido de que a velha tinha caído no sono, os olhos dela se abriram, e a sra. Dunwiddy continuou: — Fat Charlie, se algum dia lhe perguntarem se você quer viver até os cento e quatro anos, diga que não. Tudo dói. Tudo. Sinto dor em lugares que as pessoas ainda nem descobriram que existem.

— Vou me lembrar disso.

— Pare com essas respostas espertinhas.

Fat Charlie olhou para a pequena mulher, deitada na cama de madeira branca.

— Devo pedir desculpas?

A mulher virou o rosto, parecendo culpada.

— Eu fiz mal a você. Há muito tempo, eu fiz mal a você.

— Eu sei — respondeu Fat Charlie.

A sra. Dunwiddy podia estar morrendo, mas ainda conseguia lançar o tipo de olhar que fazia crianças de menos de cinco anos saírem correndo e gritando por suas mães.

— Como assim, você sabe?

— Eu descobri. Acho que não tudo, mas alguma coisa. Não sou burro.

Ela o examinou com frieza através do vidro grosso dos óculos e disse:

— Não. Não descobriu nada. Isso sim é verdade. — A mulher estendeu a mão encarquilhada. — Me dê mais água. — Ela bebericou a água, sorvendo-a com a pequena língua roxa. — É bom que você esteja aqui hoje. Amanhã a casa inteira estará cheia de netos e bisnetos tristes, todos tentando me fazer morrer no hospital, me bajulando para que eu lhes dê coisas. Eles não me conhecem. Vivi mais que todos os meus filhos. Todos.

— A senhora vai falar sobre a coisa ruim que fez comigo?

— Você nunca devia ter quebrado o globo de vidro do meu jardim.

— Tenho certeza disso.

Ele lembrou, ainda daquele jeito que a gente lembra as coisas da infância: parte memória, parte memória da memória. Seguiu a bola de tênis até o jardim da sra. Dunwiddy, e, quando estava lá, por curiosidade pegou o globo espelhado para ver seu rosto refletido, uma imagem grande e distorcida. Sentiu-o cair no chão de pedra, observou-o se estilhaçar em milhares de pequeninos fragmentos de vidro. Ele se lembrou dos dedos velhos e fortes que o agarraram pela orelha e o arrastaram pelo jardim até o interior da casa...

— A senhora mandou Spider embora, não foi?

A mulher assentiu, tão tensa quanto um touro mecânico.

— Eu o bani. Mas não queria que fosse da forma que foi. Antigamente, todo mundo conhecia um pouco de magia. Não tínhamos todos esses DVDs, celulares e micro-ondas, mas ainda assim sabíamos de muita coisa. Eu só queria lhe ensinar uma lição. Você era muito cheio de si, todo travesso, respondão e atrevido. Então eu arranquei Spider de você, para lhe ensinar uma lição.

Fat Charlie ouviu o que ela dizia, mas as palavras não faziam sentido.

— Você o arrancou?

— Eu o separei de você. Toda a malandragem. Toda a malícia. Toda a maldade. Tudo isso. — Ela suspirou. — Foi um erro meu. Ninguém tinha me avisado que perto de... Perto de pessoas com a linhagem de seu pai, a magia é amplificada. Fica mais poderosa. — Outro gole de água. — Sua mãe nunca acreditou. Não de verdade. Mas aquele Spider, ele era pior que você. Seu pai nunca disse uma palavra sobre o assunto, até o dia que eu mandei Spider embora. Mesmo então, tudo o que ele falou foi que, se você não conseguisse resolver isso, não era filho dele.

Fat Charlie quis discutir, dizer a ela que aquilo não fazia sentido, que Spider não era parte dele. Que aquilo fazia tanto sentido quanto ele, Fat Charlie, ser parte do mar ou da escuridão. Em vez disso, falou:

— Onde está a pena?

— De que pena você está falando?

— Quando voltei daquele lugar. O lugar dos penhascos e das cavernas. Eu estava segurando uma pena. O que a senhora fez com ela?

— Não lembro. Sou velha. Tenho cento e quatro anos.

— Onde está? — inquiriu Fat Charlie.

— Esqueci.

— Por favor, me diga.

— Não está comigo.

— Está com quem?

— Callyanne.

— A sra. Higgler?

Ela se inclinou para a frente, como se fosse contar um segredo.

— As outras duas são apenas meninas. São avoadas.

— Liguei para a sra. Higgler antes de vir. Passei na casa dela antes de ir ao Memorial. A sra. Bustamonte disse que ela foi embora.

A sra. Dunwiddy balançava delicadamente de um lado para outro na cama, como se estivesse se embalando para dormir.

— Não vou ficar aqui por muito mais tempo. Parei de comer alimentos sólidos depois que você foi embora, na última vez em que estive aqui. Para mim, chega. Só água. Algumas mulheres dizem que amam seu pai, mas eu o conheço há muito mais tempo. Quando eu ainda era bonita, ele me levava para dançar. Vinha me buscar, me levava para passear. Já era um senhor na época, mas sempre soube fazer as garotas se sentirem especiais. Não dá para se sentir... — Ela parou e tomou outro gole de água. As mãos estavam trêmulas. Fat Charlie pegou o copo vazio. — Cento e quatro. E nunca fiquei na cama durante o dia, a não ser para dar à luz. E agora, chega.

— Tenho certeza de que a senhora vai chegar aos cento e cinco — comentou Fat Charlie, desconfortável.

— Não diga isso! — Ela parecia assustada. — *Não!* Sua família já criou problemas o bastante. Não vá fazer essas coisas acontecerem.

— Não sou como meu pai — retrucou Fat Charlie. — Não tenho um pingo de magia. Spider herdou toda essa parte, lembra?

Ela não parecia ouvir.

— Quando íamos dançar, muito antes da Segunda Guerra, seu pai falava com o líder da banda, e várias vezes o convidavam para subir ao palco e cantar com eles. Todo mundo ria e vibrava. É assim que ele faz as coisas acontecerem. Cantando.

— Onde está a sra. Higgler?

— Foi para casa.

— A casa dela está vazia. O carro não está lá.

— Foi para casa.

— Hã... a senhora quer dizer que ela morreu?

A velha, deitada nos lençóis brancos, respirou ruidosamente e fez um esforço para recuperar o fôlego. Parecia incapaz de continuar falando. Então gesticulou para ele.

— Quer que eu busque ajuda?

Ela assentiu e continuou a arfar, engasgando e respirando com dificuldade, enquanto Fat Charlie saía para buscar a sra. Bustamonte. A mulher estava sentada na cozinha, assistindo *Oprah* em uma TV portátil bem pequena.

— Ela está chamando a senhora — anunciou.

A sra. Bustamonte saiu. E voltou carregando a jarra de água vazia.

— O que você disse para deixá-la agitada daquele jeito?

— Ela estava tendo um ataque ou coisa do tipo?

A sra. Bustamonte olhou bem para ele.

— Não, Charles. Ela estava rindo de você. Disse que você a faz se sentir bem.

— Ah. A sra. Dunwiddy disse que a sra. Higgler tinha ido para casa. Aí eu perguntei se aquilo queria dizer que ela estava morta.

A sra. Bustamonte abriu um sorriso.

— Saint Andrews — explicou. — Callyanne foi para Saint Andrews.

Ela encheu a jarra na pia.

— Quando isso tudo começou, eu achava que estava contra Spider, e que vocês quatro estavam do meu lado. Agora levaram Spider, e sou eu contra vocês quatro — falou Fat Charlie. A velha desligou a água e o encarou, irritada. — Não acredito em mais ninguém. A sra. Dunwiddy deve estar fingindo essa doença. Acho que assim que eu sair daqui, ela vai se levantar daquela cama e dançar pelo quarto que nem uma doida.

— Ela não está mais comendo. Disse que a comida a faz se sentir mal por dentro. Não precisa de quase nada para encher a barriga. Só água.

— Onde exatamente ela está, em Saint Andrews? — perguntou Fat Charlie.

— Vá embora — retrucou a sra. Bustamonte. — Essa sua família... Vocês já causaram problemas demais por aqui.

Fat Charlie pareceu prestes a dizer algo, mas não disse. Saiu sem mais uma palavra.

A sra. Bustamonte levou a jarra de água para a sra. Dunwiddy, que estava deitada na cama, bem quieta.

— O filho de Nancy nos odeia. O que você disse a ele, afinal?

A sra. Dunwiddy não respondeu. A sra. Bustamonte parou para escutar. Então, quando teve certeza de que a velha ainda estava respirando, tirou os óculos grossos de seu rosto e os botou ao lado da cama, depois puxou o lençol para cobrir seus ombros.

Daí em diante, ficou só esperando o fim.

* * *

Fat Charlie entrou no carro e deu o fora, sem muita certeza de para onde ir. Atravessara o Atlântico pela terceira vez em duas semanas, e o dinheiro que Spider lhe dera estava quase acabando. Dirigia sozinho. Como não tinha ninguém ao redor, começou a cantarolar.

Passava por um aglomerado de restaurantes jamaicanos quando percebeu uma placa na vitrine de uma loja: *Preços reduzidos para as Ilhas*. Parou o carro e entrou.

— Nós da Viagens Classe-A estamos aqui para atender a todas as suas necessidades durante as férias — anunciou o agente de viagens, no tom de voz baixo e pesaroso que os médicos costumam reservar para quando precisam dizer às pessoas que o membro em questão terá que ser amputado.

— Hã... Sim. Obrigado. Hã... Qual é a maneira mais barata de chegar a Saint Andrews?

— É uma viagem de férias?

— Na verdade, não. Só preciso passar um dia, lá. Talvez dois.

— E quando é a data de partida?

— Hoje à tarde.

— Imagino que isso seja uma piada.

— De jeito nenhum.

Ele encarou a tela, infeliz. Então digitou no teclado.

— Parece que não há nada disponível por menos de mil e duzentos dólares.

— Ah.

Fat Charlie pareceu desanimado.

Mais cliques no teclado. O homem fungou.

— Isso não pode estar certo. Espere aí. — Ele fez um telefonema.

— Essa tarifa ainda está valendo? — Anotou alguns números em um bloco de notas e olhou para Fat Charlie. — Se você puder ficar uma semana e se hospedar no hotel Dolphin, posso conseguir uma semana de férias por quinhentos dólares, com as refeições incluídas. O voo vai custar só a taxa de embarque.

Fat Charlie piscou.

— Tem alguma pegadinha?

— É uma promoção de turismo da ilha. Alguma coisa a ver com o festival de música. Achei que não estivesse mais valendo. Mas você sabe o que dizem: a gente recebe por aquilo que paga. Se quiser comer em qualquer outro lugar que não o hotel, terá que pagar por fora.

Fat Charlie entregou ao homem cinco notas de cem dólares amarrotadas.

* * *

Daisy estava começando a se sentir o tipo de policial que só existe nos filmes: durona, cínica e prontíssima para enfrentar o sistema. O tipo de tira que quer saber se o interlocutor se sente com sorte, ou se está interessado em melhorar o dia dele. E, em especial, sentia-se o tipo de tira que diz: “Estou ficando velho demais para essa merda.” Daisy tinha vinte e seis anos, mas queria dizer às outras pessoas que estava velha demais para aquela merda. Ele tinha total consciência de como aquilo soava ridículo, muito obrigada.

Naquele momento, estava parada no gabinete do superintendente Camberwell, dizendo:

— Sim, senhor. Saint Andrews.

— Fui lá durante as férias, há alguns anos, com a antiga sra. Camberwell. Lugar muito agradável. A comida era uma delícia.

— Parece que é esse o lugar, senhor. As imagens que conseguimos do circuito fechado do aeroporto de Gatwick com certeza são de Grahame Coats. Ele está viajando sob o nome de Bronstein. Roger Bronstein voou para Miami, trocou de avião e pegou uma conexão para Saint Andrews.

— Tem certeza de que é ele?

— Tenho.

— Bem, isso nos deixa em um beco sem saída, sabia? Não há tratado de extradição lá.

— Deve haver *alguma coisa* que a gente possa fazer.

— Hum. Podemos congelar o restante das contas dele e bloquear os bens, e é o que vamos fazer. E isso vai ser tão útil quanto um guarda-chuva que dissolve em água, porque ele deve ter muito dinheiro guardado em algum lugar onde não podemos encontrar ou tocar.

— Mas isso não é *justo* — reclamou Daisy.

Ele a encarou como se não tivesse certeza de para o que estava olhando.

— Não estamos brincando de pique-pegas no parquinho. Se eles respeitassem as regras, estariam do nosso lado. Se ele voltar, nós o prendemos. — O superintendente esmagou um pequenino homem de massa de modelar em uma bola, então começou a achatá-la, moldando-a entre o indicador e o polegar. — Antigamente, podiam pedir até abrigo no santuário de uma igreja. Se a pessoa ficasse lá dentro, a lei não podia tocá-la. Mesmo se ela tivesse cometido um assassinato. Claro que isso limitava a vida social. Mas era assim.

Ele encarou a subordinada como se esperasse que ela fosse embora. Mas Daisy retrucou:

— Ele matou Maeve Livingstone. Passou anos roubando descaradamente dos clientes.

— E?

— Ele deveria ser preso.

— Não precisa ficar nervosa.

Estou ficando velha demais para essa merda, pensou Daisy. Mas manteve a boca fechada, e as palavras dando círculos dentro de sua cabeça.

— Não precisa ficar nervosa — repetiu o chefe. Então moldou a massa de modelar em um cubo grosseiro, depois o apertou com força entre o polegar e o indicador. — Eu não fico mais nervoso com essas coisas. Pense nessa situação como se fosse um guarda de trânsito. Grahame Coats é só um carro que estacionou em lugar proibido, mas saiu antes que você pudesse multá-lo. Entendeu?

— Claro — respondeu Daisy. — Claro. Desculpe.

— Certo.

Ela voltou para a escrivaninha, entrou no site interno da polícia e analisou as opções por várias horas. Finalmente, foi para casa. Carol estava assistindo à novela e comendo uma refeição congelada.

— Vou tirar uma folga — comentou Daisy. — Sair de férias.

— Você não tem tempo de férias para tirar — observou Carol.

— Que pena. Estou velha demais para essa merda.

— Ah, é? E aonde você vai?

— Vou pegar um bandido — respondeu Daisy.

* * *

Fat Charlie gostou da CaribeAir. Podiam até ser uma empresa aérea internacional, mas pareciam uma empresa de ônibus local. A comissária de bordo o chamou de “querido” e disse a ele que podia se sentar onde achasse melhor.

Fat Charlie se esticou sobre três poltronas e dormiu. Em seu sonho, ele caminhava sob um céu acobreado, e o mundo estava silencioso e imóvel. Andava na direção de uma ave que era maior que uma cidade, os olhos em chamas, o bico aberto. Fat Charlie entrou pelo bico e desceu pela garganta da criatura.

Então, como acontece nos sonhos, foi parar em uma sala com paredes cobertas de penas macias e olhos redondos como os de corujas, mas que não piscavam.

Spider estava no centro da sala, as pernas e os braços estendidos. Estava pendurado por correntes feitas de ossos, que mais pareciam os ossos do pescoço de uma galinha. As correntes começavam em cada canto da sala e o prendiam firme, como uma mosca em uma teia.

“Ah”, disse Spider. “É você.”

“Sim”, respondeu Fat Charlie, em seu sonho. As correntes de ossos repuxaram a carne de Spider, e ele pôde ver dor no rosto do irmão. “Bem, acho que poderia ser pior.”

“Eu não acho que isso seja tudo”, disse o irmão. “Acho que ela tem planos para mim. Planos para nós dois. Só não sei quais são.”

“São apenas aves”, retrucou Fat Charlie. “Não pode ser tão ruim assim.”

“Já ouviu falar em Prometeu?”

“Hã...”

“Deu o fogo ao homem. Foi condenado pelos deuses a ser acorrentado a uma rocha. Todos os dias, uma águia descia dos céus e devorava o fígado dele.”

“Ele nunca ficava sem fígado?”

“Crescia um novo todo dia. É coisa de deus.”

Houve uma pausa. Os dois irmãos se entreolharam.

“Vou endireitar as coisas”, prometeu Fat Charlie. “Vou resolver isso.”

“Assim como resolveu o resto da sua vida, imagino.”

Spider deu um sorriso sem emoção.

“Me desculpe.”

“Não, eu é que tenho que pedir desculpas.” Spider suspirou. “E aí, tem algum plano?”

“Plano?”

“Vou considerar isso como um não. Só faça o que tiver que fazer. Me tire deste lugar.”

“Aqui é o inferno?”

“Não sei. Se isto aqui for mesmo algum lugar, é o Inferno das Aves. Você precisa me tirar daqui.”

“Como?”

“Você é filho do meu pai, não é? É meu irmão. Invente alguma coisa. Só me tire daqui.”

Fat Charlie acordou trêmulo. A comissária de bordo trouxe café, que ele bebeu, agradecido. Estava desperto, e não tinha a menor vontade de voltar a dormir, então leu a revista de bordo da CaribeAir e aprendeu muitas coisas úteis sobre Saint Andrews.

Aprendeu que Saint Andrews não é a menor ilha do Caribe, mas costuma ser uma das que as pessoas se esquecem ao fazerem listas. Foi descoberta pelos espanhóis por volta de 1500, quando era um monte vulcânico desabitado e com animais em abundância, sem falar na diversidade de plantas. Dizia-se que qualquer coisa que se plantasse em Saint Andrews crescia.

A ilha pertenceu aos espanhóis, depois aos britânicos, depois aos holandeses, depois outra vez aos britânicos, e então, por um curto período após se tornar independente, em 1962, pertenceu ao major F. E. Garret. Ele assumiu o governo, rompeu relações diplomáticas com todos os outros países, exceto a Albânia e o Congo, e

governou a ilha como punhos de ferro. Até que sofreu uma morte infeliz ao cair da cama, vários anos mais tarde. Foi uma queda tão intensa que ele quebrou vários ossos do corpo, apesar de haver um esquadrão inteiro de soldados em seu quarto. Todos testemunharam que tentaram, sem sucesso, impedir que o major Garret caísse e que, apesar de todos os esforços, ele já estava morto ao chegar ao único hospital da ilha. Desde então, Saint Andrews era administrada por um governo local, benevolente e eleito, e a ilha era aberta a todos.

Tinha quilômetros de praias arenosas e uma floresta tropical bem pequena no centro. Tinha bananas e cana-de-açúcar, um sistema bancário que encorajava investimentos estrangeiros e operações bancárias de empresas *offshore*, e nenhum tratado de extradição, exceto, talvez, com o Congo e a Albânia.

Se dava para dizer que Saint Andrews era conhecida por alguma coisa, tinha que ser pela culinária: os habitantes afirmavam que já faziam frango com molho *jerk* antes dos jamaicanos, que criaram o curry de cabrito antes dos nativos de Trinidad e que fritavam peixe-voador antes dos habitantes de Barbados.

Havia duas cidades em Saint Andrews: Williamstown, no lado sudeste da ilha, e Newcastle, no lado norte. Havia feiras onde tudo o que crescia na ilha podia ser comprado, além de vários supermercados, que vendiam os mesmos alimentos pelo dobro do preço. Um dia, Saint Andrews teria um aeroporto internacional de verdade.

Se a profundidade do porto de Williamstown era uma coisa boa ou não era uma questão de opinião. Mas inquestionável era o fato de que era isso que atraía os cruzeiros — ilhas flutuantes cheias de gente, que já começavam a mudar a economia e a natureza do lugar, assim como de muitas ilhas do Caribe. Na alta temporada, chegava a ter meia dúzia de navios na Baía de Williamstown, e com eles milhares de pessoas esperando para desembarcar, esticar as pernas e ir às compras. E as pessoas de Saint Andrews reclamavam, mas sempre recebiam os visitantes em terra, vendiam

seus produtos e os alimentavam até que eles não aguentassem mais comer, depois os mandavam de volta para os barcos...

O avião da CaribeAir aterrissou com um baque que fez Fat Charlie deixar a revista cair. Ele a enfiou no bolso da poltrona à frente, desceu a escada e caminhou pela pista de asfalto.

Era fim de tarde.

Fat Charlie pegou um táxi do aeroporto até o hotel. Durante a corrida, aprendeu várias coisas que não tinham sido mencionadas na revista da CaribeAir. Por exemplo: música, música de verdade, música boa mesmo, era música country. Em Saint Andrews, até os rastafáris ouviam isso. Johnny Cash? Era um deus. Willie Nelson? Um semideus.

Aprendeu que não havia motivos para deixar Saint Andrews. O próprio taxista nunca encontrara sequer uma razão para deixar o lugar, e pensara muito em fazê-lo. A ilha tinha uma caverna, uma montanha e uma floresta tropical. Hotéis? Tinha vinte. Restaurantes? Dezenas. Tinha uma cidade de porte médio, três vilas e vários vilarejos. Comida? Tudo crescia por ali. Laranja. Banana. Noz-moscada. Tinha até limões, afirmava o homem.

— Sério? — comentou Fat Charlie, mais para sentir que fazia parte da conversa do que por julgar a informação falsa.

O taxista, no entanto, pareceu encarar aquilo como uma dúvida do seu caráter. O homem pisou no freio, estacionou o carro no acostamento, saiu do veículo, estendeu a mão por cima de uma cerca, puxou algo de uma árvore e voltou para o carro.

— Olhe só isso aqui! — mandou. — Que ninguém lhe diga que sou um mentiroso. O que é isso?

— Um limão? — indagou Fat Charlie.

— Exatamente.

O taxista jogou o carro de volta para a estrada. Ele explicou que o Dolphin era um hotel excelente. Perguntou se por acaso Fat Charlie tinha família na ilha. Se conhecia alguém dali.

— Na verdade, vim só para procurar uma pessoa. Uma mulher.

O taxista achou aquela ideia maravilhosa, já que Saint Andrews era o lugar perfeito para encontrar uma mulher. Explicou que isso acontecia porque as mulheres de Saint Andrews tinham mais curvas que as mulheres da Jamaica, além de serem menos propensas a trazer tristeza e sofrimento que as de Trinidad. Além disso, eram mais bonitas que as mulheres da República Dominicana, e não havia melhores cozinheiras em nenhum outro canto do planeta. Se Fat Charlie estava à procura de uma mulher, tinha ido ao lugar certo.

— Não é qualquer mulher. É uma mulher específica — explicou Fat Charlie.

O motorista disse a Fat Charlie que aquele era seu dia de sorte, pois ele se orgulhava de conhecer todos que viviam na ilha. Quando alguém passa a vida toda em um lugar, explicou, consegue fazer isso. Ele podia apostar que seu passageiro não conhecia de vista todas as pessoas da Inglaterra, e Fat Charlie admitiu que era verdade.

— Ela é uma amiga da família. O nome dela é sra. Higgler. Callyanne Higgler. Já ouviu falar?

O motorista ficou em silêncio por um tempo. Parecia estar pensando. Então respondeu que não, nunca ouvira falar nela. O táxi parou em frente ao hotel Dolphin, e Fat Charlie pagou ao homem.

Ele entrou na recepção, onde havia uma moça para atendê-lo. Mostrou o passaporte e o número da reserva. Então colocou o limão em cima do balcão.

— O senhor tem bagagem?

— Não — respondeu Fat Charlie, um pouco tímido.

— Nada?

— Nada. Só esse limão.

Ele preencheu vários formulários, e a mulher lhe entregou uma chave e deu instruções para chegar ao quarto.

Fat Charlie estava na banheira quando bateram à porta. Ele enrolou uma toalha na cintura. Era um funcionário do hotel.

— O senhor esqueceu o limão na recepção — explicou, entregando-lhe a fruta.

— Obrigado.

Então Fat Charlie foi para a cama e teve sonhos inquietos.

* * *

Em sua casa, no alto do penhasco, Grahame Coats também teve sonhos muito estranhos, sombrios e agitados, talvez até desagradáveis. Não conseguia se lembrar muito bem deles ao acordar, mas abria os olhos na manhã seguinte com a vaga impressão de ter passado a noite perseguindo pequenas criaturas na relva alta, matando-as com uma patada e rasgando os corpos com os dentes.

Em seus sonhos, tinha dentes que eram verdadeiras armas de destruição.

Acordava perturbado e exausto.

Um novo dia começava a cada manhã, e, apenas uma semana após abandonar sua antiga vida, Grahame Coats já experimentava a frustração de um fugitivo. Tudo bem que ele tinha uma piscina, cacaueros, pés de toranja e noz-moscada, uma adega de vinhos cheia, uma antiga despensa de carnes subterrânea vazia e um home theater. Também tinha TV por satélite e uma grande coleção de DVDs, sem falar em quadros avaliados em milhares de dólares pendurados em todas as paredes. Tinha um cozinheiro, que aparecia todos os dias para preparar suas refeições, uma empregada e um jardineiro (um casal que todo dia passava algumas horas na casa). A comida era excelente, e o clima, para quem gostava de dias quentes e ensolarados, perfeito. Mas nenhuma dessas coisas deixava Grahame Coats tão feliz quanto deveria.

Ele não fizera a barba desde que saíra da Inglaterra, o que ainda não o deixara com uma barba de respeito, apenas uma cobertura rala que daria um ar ardiloso a qualquer homem. Seus olhos, com olheiras de panda, tinham bolsas tão escuras que pareciam hematomas.

Ele nadava na piscina toda manhã, mas, fora isso, evitava o sol. Não juntara uma fortuna por meios ilícitos para perdê-la para um câncer de pele, dizia a si mesmo. Nem para qualquer outra coisa.

Pensava muito em Londres. Lá, todos os seus restaurantes favoritos tinham maîtres que o conheciam pelo nome e se certificavam de que ele sempre saísse satisfeito. Em Londres, havia gente que lhe devia favores, e Grahame nunca tinha dificuldade em conseguir entradas para as estreias. Por falar nisso, em Londres havia teatros com estreias. Sempre achou que se adaptaria bem ao exílio, mas começava a desconfiar que estava enganado.

Como precisava colocar a culpa em alguém, chegou à conclusão de que era tudo culpa de Maeve Livingstone. Ela o seduzira. Tentara roubá-lo. Era uma megera perversa e insolente. Maeve merecera tudo o que tinha sofrido. Fora até pouco. Já podia imaginar seu discurso caso fosse convidado para dar uma entrevista em algum programa de TV. Podia ouvir sua voz — inocente, ferida — enquanto explicava que só estava tentando defender sua honra e suas posses de uma mulher louca e perigosa. Na verdade, fora um milagre ter conseguido sair vivo daquele escritório...

Além de tudo, ele *gostava* de ser Grahame Coats. Agora era Basil Finnegan, como sempre que visitava a ilha, e isso o incomodava. Não se sentia como Basil. Fora difícil conquistar sua basildade — o Basil original morrera quando bebê, mas tinha uma data de nascimento próxima a de Grahame. Com uma cópia da certidão de nascimento que mais tarde foi anexada à carta de um clérigo imaginário, Grahame obteve um passaporte e uma identidade. E mantivera a identidade viva: Basil tinha um histórico bancário sólido, sempre viajava para lugares exóticos e comprara uma casa luxuosa em Saint Andrews sem sequer visitá-la. Só que, na cabeça de Grahame, Basil trabalhava para ele, e agora o empregado tinha virado o patrão. Basil Finnegan devorara Grahame Coats vivo.

— Vou enlouquecer aqui.

— O que o senhor disse? — perguntou a empregada, espiando dentro do quarto com um espanador na mão.

— Nada — respondeu Grahame Coats.

— Achei que o senhor tivesse dito que ia enlouquecer aqui dentro. O senhor deveria sair para dar uma volta. Caminhar faz bem para a alma.

Grahame Coats não saía para caminhar. Tinha pessoas para fazer isso por ele. *Talvez Basil Finnegan saísse para fazer caminhadas*, pensou. Pôs um chapéu de aba larga e trocou as sandálias por tênis. Pegou o celular, deu instruções ao jardineiro para ir buscá-lo quando ele ligasse e saiu da casa à beira do penhasco, caminhando em direção à cidadezinha mais próxima.

É um mundo pequeno. Não é preciso viver nele muito tempo para aprender isso sozinho. Existe a teoria de que, no mundo inteiro, há apenas quinhentas pessoas de verdade — o elenco, por assim dizer; todas as outras não passam de figurantes. E tem mais: todas se conhecem. E é verdade, ou pelo menos em parte. Na verdade, o mundo é composto de milhares de grupos de quinhentas pessoas, e elas passam a vida se esbarrando, tentando se evitar e se encontrando na mesma improvável casa de chá em Vancouver. É simplesmente inevitável. Não é sequer uma coincidência. É só o modo como as coisas funcionam, sem se importar com os indivíduos ou a conveniência.

Bem, Grahame Coats entrou em uma pequena cafeteria à beira da estrada para Williamstown com o intuito de comprar um refrigerante, descansar um pouco e ligar para o jardineiro ir buscá-lo.

Ele pediu uma Fanta e sentou-se a uma mesa. O lugar estava praticamente vazio: havia apenas duas mulheres, uma jovem e outra mais velha, sentadas no canto oposto, bebendo café e escrevendo em cartões-postais.

Grahame Coats olhou pela vitrine da loja, admirando a praia do outro lado da estrada. Era o paraíso, pensou. Aquela paisagem podia estimulá-lo a se envolver ainda mais com a política local, talvez como um patrono das artes. Já fizera várias doações substanciais para a força policial da ilha, e talvez fosse necessário se assegurar de que...

Uma voz às suas costas, animada e hesitante, perguntou:

— Sr. Coats?

Ele sentiu o coração disparar. A mais jovem das mulheres sentou-se ao seu lado. Ela tinha um sorriso muito caloroso.

— Que coincidência encontrá-lo aqui. Também está de férias?

— Mais ou menos.

Ele não fazia ideia de quem era aquela mulher.

— O senhor se lembra de mim, não? Rosie Noah. Eu era noiva do Fat... do Charlie Nancy. Lembra?

— Olá. Rosie. Sim, claro.

— Estou fazendo um cruzeiro com minha mãe. Ela ainda está escrevendo nos cartões-postais que vamos mandar para casa.

Grahame Coats olhou por cima do ombro, perscrutando o fundo da pequena cafeteria, e algo que mais parecia uma múmia sul-americana com um vestido florido o encarou de volta.

Rosie continuou:

— Na verdade, cruzeiros não são muito a minha praia. Dez dias indo de ilha em ilha. É um alívio ver um rosto conhecido, não é mesmo?

— É, sim — concordou Grahame Coats. — Devo presumir que você e nosso Charles não são mais... Bem, um casal?

— É. Acho que sim. Quer dizer, não somos.

Por fora, Grahame Coats sorriu com compaixão. Pegou a Fanta e acompanhou Rosie até a mesa no canto. A mãe dela emanava ondas de mau humor, assim como um velho aquecedor de ferro irradiava frio, mas Grahame Coats foi muito encantador, totalmente solícito e concordou com tudo que ela dizia. As coisas que as companhias de cruzeiros achavam que podiam fazer hoje em dia davam mesmo nos nervos. Era revoltante ver como deixavam que os funcionários do navio ficassem tão relaxados, era um choque notar como havia pouca coisa para se fazer nas ilhas. Além disso, era muito ultrajante o que se esperava que os passageiros deviam suportar: dez dias sem banheira, apenas um cubículo com chuveiro. Um absurdo.

A mãe de Rosie contou a ele sobre as várias inimizades que conseguira cultivar com certos passageiros americanos cujo principal crime, pelo que Grahame Coats entendeu, era encher demais os pratos na fila do bufê do *Baía dos Gases* e pegar sol na área da piscina que a mãe de Rosie decidira, logo no primeiro dia, ser inquestionavelmente dela.

Enquanto era banhado naquele veneno, Grahame Coats assentia e fazia ruídos que indicavam simpatia, estalando a língua, concordando e rindo, até que a mãe de Rosie estava pronta para superar a aversão por estranhos e por pessoas ligadas a Fat Charlie. E ela falava, falava e falava. Mas Grahame Coats não escutava. Grahame Coats estava pensando.

Seria muito ruim se alguém voltasse a Londres e informasse às autoridades que Grahame Coats fora avistado em Saint Andrews, pensava. Era inevitável que um dia ele fosse descoberto, mas, mesmo assim, era possível adiar o inevitável.

Então fez uma sugestão:

— Acho que tenho a solução para pelo menos um de seus problemas. Pouco acima, nesta mesma estrada, tenho uma casa de veraneio. Acredito que seja uma casa bem bonita. E banheira é uma coisa que ela tem de sobra. Vocês gostariam de fazer uma visita e aproveitar a oportunidade?

— Não, obrigada — respondeu Rosie.

Se ela tivesse concordado, havia grandes chances de a mãe comentar que precisavam estar de volta ao porto de Williamstown no fim da tarde, para regressar ao navio, e, mais tarde, repreender a filha por aceitar o convite de um homem praticamente estranho. Mas Rosie negou.

— É muita gentileza sua — retrucou a mãe de Rosie. — Seria um prazer.

Pouco depois, o jardineiro parou com o Mercedes preto do lado de fora da loja, e Grahame Coats abriu a porta do banco de trás para Rosie e sua mãe. Garantiu a elas que iria, claro, sem problema

nenhum, levá-las até a baía bem antes do último barco para o navio partir.

— Para onde vamos, sr. Finnegan? — perguntou o jardineiro.

— Para casa — respondeu ele.

— Sr. Finnegan? — perguntou Rosie.

— É um velho nome de família — explicou Grahame Coats, e tinha certeza de que era. Da família de alguém, pelo menos.

Ele fechou a porta e deu a volta até o banco do carona.

* * *

Maeve Livingstone estava perdida. Tinha começado tão bem: desejou estar em casa, em Pontefract, então tremeluziu e sentiu um vento muito forte, e, uma lufada ectoplásmica depois, lá estava ela. Maeve caminhou pela casa uma última vez, então saiu para a manhã de outono. Queria ver a irmã em Rye, e, antes que pudesse pensar bem naquilo, estava em Rye, no jardim da irmã, vendo-a levar seu springer spaniel para passear.

Parecia tão fácil.

Foi nesse momento que decidira que queria ver Grahame Coats, e, desde então, tudo ia de mal a pior. Por alguns momentos, se viu de volta ao escritório em Aldwych, depois foi parar em uma casa vazia em Purley, onde se lembrava de ter ido a um jantar oferecido por Grahame Coats, uma década antes, e então...

Ela se perdeu. E as coisas só pioravam independentemente do lugar que tentava ir.

Não tinha ideia de onde estava. Parecia algum tipo de jardim.

Uma rápida pancada de chuva deixou tudo alagado, mas Maeve permaneceu intocada. A água começou a evaporar, e foi assim que ela soube que não estava mais na Inglaterra. O céu já escurecia.

Sentou-se no chão e começou a chorar.

Maeve Livingstone, pare com isso agora mesmo, pensou, ralhando consigo mesma.

Mas o choro só piorou.

— Quer um lenço? — perguntou alguém.

Maeve olhou para cima. Um velho de bigode fino usando um chapéu verde lhe oferecia um lenço de papel.

Ela assentiu.

— Mas não deve adiantar. Não vou conseguir tocá-lo.

Ele sorriu com simpatia e lhe entregou o lenço. O papel não passou através de seus dedos. Então Maeve assoou o nariz e secou as lágrimas.

— Obrigada. Desculpe. Isso é um pouco demais para mim.

— Não há de quê. — Ele a olhou de cima a baixo, avaliando-a. — O que você é? Um *duppy*?

— Não — respondeu Maeve. — Acho que não... O que é um *duppy*?

— Um fantasma.

O homem de bigodinho fino a fazia lembrar de Cab Calloway ou Don Ameche, um desses galãs que envelheceram mas nunca deixaram de ser galãs. Aquele homem ainda era um galã, não importava quem fosse.

— Ah. Certo. Sim. Eu sou isso. Hã... e você?

— Mais ou menos. De qualquer modo, estou morto.

— Ah. Você se importaria de me dizer onde estou?

— Estamos na Flórida. Em um cemitério. Foi bom você ter me encontrado por aqui, já estava saindo para dar uma volta. Quer vir junto?

— Você não devia estar na sepultura? — perguntou Maeve, hesitante.

— Fiquei entediado. Pensei que um passeio cairia bem. Quem sabe pescar um pouco.

Ela hesitou, então assentiu. Era bom ter alguém com quem conversar.

— Quer ouvir uma história?

— Na verdade, não — admitiu Maeve.

O velho a ajudou a se levantar, e os dois saíram caminhando do Memorial Jardim do Repouso.

— Tudo bem. Então serei breve. Não vou me alongar demais. Sabe, posso fazer as histórias durarem semanas. Está tudo nos detalhes: o que incluir e o que deixar de fora. Quer dizer, se deixar de lado o clima e o que as pessoas estão vestindo, pode acabar pulando metade da história. Já contei uma sobre...

— Olha, se você vai contar uma história, conte logo.

Já era bem ruim ter que andar pela beira da estrada ao anoitecer. Até que se lembrou de que não podia ser atropelada, mas isso não a deixou muito mais tranquila.

O velho começou a falar em uma voz doce e melodiosa.

— Quando digo “Tigre”, você precisa entender que não estou falando do felino listrado, da Índia. É só um jeito de se referir aos grandes felinos: os pumas, os lince, as onças e todos os outros. Entendeu?

— Mas é claro.

— Bom. Então... Há muito, muito tempo, o Tigre era dono das histórias. Todas as histórias eram histórias do Tigre, todas as canções eram canções do Tigre, e eu até diria que todas as piadas eram piadas do Tigre, mas ninguém contava piadas nos tempos do Tigre. Nessas histórias, tudo o que importava era a força de seus dentes e sua habilidade ao caçar e matar. Não há gentileza nas histórias do Tigre, nem astúcia ou paz.

Maeve tentou imaginar que tipo de história um grande felino poderia contar.

— Então elas eram violentas?

— Às vezes. Mas na maioria das vezes eram más. Era uma época ruim para todos, quando as histórias e canções pertenciam ao Tigre. As pessoas tomam a forma das canções e das histórias que as cercam, ainda mais quando não têm sua própria canção. E, na época do Tigre, todas as canções eram sombrias. Elas começavam com lágrimas e terminavam em sangue, e eram as únicas histórias que as pessoas deste mundo conheciam.

“E é aí que Anansi surge. Agora, acho que você já sabe tudo sobre Anansi...”

— Não sei, não — interrompeu Maeve.

— Bem, se eu começasse a explicar como Anansi era inteligente, bonito, charmoso e esperto, só terminaria na próxima quinta-feira.

— Então nem comece. Vou considerar que o que você disse é verdade. O que esse Anansi fez?

— Bem, Anansi ganhou as histórias. Ganhou, não. Ele as *conquistou*. Anansi as tirou do Tigre, e deu um jeito para que o Tigre não pudesse mais entrar no mundo real. Não em carne e osso. As histórias que as pessoas contavam passaram a ser histórias de Anansi. Isso foi há o quê? Dez, quinze mil anos.

“Bem, as histórias de Anansi têm inteligência, astúcia e sabedoria. Agora as pessoas do mundo inteiro não pensam mais só em caçar e serem caçadas. Estão começando a *pensar* em soluções para os problemas, o que, às vezes, só cria problemas ainda maiores. Elas ainda precisam encher a barriga, mas agora tentam dar um jeito de fazer isso sem precisar trabalhar, e é aí que começam a usar a cabeça. Tem gente que pensa que as primeiras ferramentas foram as armas, mas estão erradas. Primeiro as pessoas descobriram as ferramentas. A bengala vem sempre antes da clava. Porque agora todos estão contando histórias de Anansi, e passaram a pensar em como ganhar um beijo ou conseguir algo de graça sendo mais espertas ou engraçadas. É aí que elas começam a criar o mundo.”

— Isso é só folclore — retruca Maeve. — Para começar, foram as pessoas que inventaram as histórias.

— E isso muda alguma coisa? — perguntou o velho. — Talvez Anansi seja só um sujeito de uma história inventada lá na África, na aurora do mundo, por algum menino com a perna coberta de mordidas de borrachudo, arrastando uma bengala na terra para desenhar a história que inventou sobre um homem feito de piche. Isso muda alguma coisa? As pessoas reagem às histórias. Elas as contam, as histórias se espalham e, conforme são contadas, mudam os contadores. E quem nunca tinha pensado em nada além de fugir dos leões e se aproximar com cautela dos rios para não virar comida de crocodilo agora começa a sonhar em morar em um lugar

diferente. O mundo pode ser o mesmo, mas o cenário mudou. Entende? As pessoas ainda têm a mesma história, em que nascem, fazem coisas e morrem, mas agora a história tem um significado diferente do que tinha antes.

— Você está dizendo que antes das histórias de Anansi o mundo era mau e selvagem?

— É. Basicamente.

Ela pensou naquilo. Então concluiu, animada:

— Bem, então não tenho dúvidas de que é bom que as histórias agora sejam de Anansi.

O velho assentiu.

— E o Tigre não as quer de volta?

Ele assentiu outra vez.

— Ele as quer de volta há dez mil anos.

— Mas ele não vai conseguir, vai?

O velho não respondeu. Só olhou para o horizonte. Então deu de ombros.

— Seria ruim se ele conseguisse.

— E o que aconteceu com Anansi?

— Anansi morreu. E não tem muita coisa que um *duppy* possa fazer.

— Eu, que sou um *duppy*, me ressinto disso.

— Bem, fantasmas não podem tocar nos vivos. Lembra?

Ela pensou naquilo por um instante.

— Então no que *podemos* tocar?

A expressão que passou pelo rosto envelhecido dele era ao mesmo tempo astuta e maliciosa.

— Bem, você pode me tocar.

— Acho bom avisar que sou uma mulher casada.

O sorriso dele só aumentou. Era um sorriso doce e simpático, tão caloroso quanto perigoso.

— Esse tipo de contrato costuma terminar com *até que a morte nos separe*. — Maeve não ficou impressionada. — A questão é que você é uma garota imaterial. Só pode tocar coisas imateriais. Como

eu. E, bem, podemos sair para dançar, se você quiser. Tem um lugar bem aqui, nesta rua. Ninguém vai perceber um casal de *duppies* na pista de dança.

Maeve pensou na ideia. Fazia muito tempo desde a última vez em que ela saíra para dançar.

— Você dança bem? — perguntou.

— Nunca recebi nenhuma reclamação — respondeu o velho.

— Eu quero encontrar um homem, um homem vivo, chamado Grahame Coats. Você pode me ajudar?

— Com certeza posso colocá-la na direção certa — disse ele. — Então, quer dançar comigo?

Um sorriso surgiu nos cantos dos lábios dela.

— Isso é um convite?

* * *

As correntes que mantinham Spider preso se soltaram. A dor, que era causticante e contínua como uma dor de dente e se espalhava por todo o corpo, começou a passar.

Spider deu um passo à frente.

Diante dele havia o que parecia ser uma fenda no céu, e ele caminhou na direção dela.

À sua frente, via uma ilha com uma pequena montanha no centro. Via um céu de puro azul, palmeiras balançando ao vento e uma gaivota voando alto. Mas, mesmo enquanto observava, aquele mundo parecia se afastar. Era como se estivesse olhando pelo lado errado do telescópio. O mundo encolhia e fugia, e quanto mais Spider corria em sua direção, mais longe ele parecia ficar.

A ilha tornou-se um reflexo em uma poça. Depois, o nada.

Estava em uma caverna. As bordas eram ásperas, mais ásperas e afiadas que em qualquer outro lugar que Spider estivera. Aquele era um tipo diferente de lugar.

Ela estava de pé na entrada da caverna, entre ele e a saída. Spider a conhecia. Aquele mulher sentara-se à sua frente em um

restaurante grego em South London, e aves saíram de sua boca.

— Sabe, sou obrigado a dizer que você tem noções muito estranhas de hospitalidade. Se viesse ao meu mundo, eu prepararia um jantar, abriria uma garrafa de vinho, colocaria uma música suave e lhe proporcionaria uma noite inesquecível — comentou Spider.

O rosto dela estava impassível, como se esculpido em rocha negra. O vento agitava a barra de sua capa de chuva marrom. Ela, então, falou. A voz, aguda e solitária, pareceu o chamado de uma gaivota ao longe.

— Peguei você. E agora você vai atraí-lo para cá.

— Atraí-lo? Atrair quem?

— Você vai berrar. Vai chorar. Seu medo vai provocá-lo.

— Spider não chora.

Ele não sabia muito bem se isso era verdade.

Olhos tão negros e brilhantes quanto lascas de obsidiana encaravam profundamente os olhos de Spider. Eram como buracos negros: não deixavam escapar nada, nem mesmo informação.

— Se me matar, minha maldição cairá sobre você — ameaçou Spider.

Ele se perguntou se tinha mesmo uma maldição. Era bem provável, mas mesmo que não tivesse, com certeza podia fingir que sim.

— Não vou ser eu quem vai matar você.

A mulher levantou a mão, que na verdade era a pata de uma ave de rapina. Ela golpeou seu rosto e atacou seu peito, e as garras cruéis afundaram na carne, rasgaram a pele.

Não doeu, apesar de Spider saber que em breve doeria muito.

Gotas de sangue escorreram por seu peito e brotaram em seu rosto. Os olhos ardiam. O sangue tocou seus lábios. Ele pôde sentir seu gosto e cheiro ferroso.

— Agora você começa a morrer — anunciou a mulher, com o grito de aves distantes.

— Nós somos entidades razoáveis. Deixe-me sugerir uma alternativa que pode ser mais exequível e que possivelmente trará

benefícios para ambas as partes. — Ele disse isso com um sorrisinho, de maneira bem convincente.

— Você fala demais — retrucou ela, e balançou a cabeça. — Chega de conversa.

Ela enfiou as garras afiadas na boca dele e, com um giro e um puxão violentos, arrancou sua língua.

— Pronto. — Então pareceu ficar com pena dele, pois tocou o rosto de Spider de um jeito quase bondoso e disse: — Durma.

Ele dormiu.

* * *

A mãe de Rosie, agora de banho tomado, reapareceu refrescada, revigorada e, sem dúvida, radiante.

— Antes de pegarem a carona para Williamstown, gostariam de dar uma olhada na casa? — perguntou Grahame Coats.

— Precisamos voltar para o navio, mas obrigada mesmo assim — respondeu Rosie, que não tinha conseguido se convencer de que queria tomar banho na casa de Grahame Coats.

A mãe conferiu o relógio.

— Ainda temos noventa minutos — disse. — Não vai levar nem quinze para chegarmos ao porto. Não seja mal-educada, Rosie. Adoráramos conhecer a casa.

Então Grahame Coats mostrou a elas a sala de estar, o estúdio, a biblioteca, a sala de televisão, a sala de jantar, a cozinha e a piscina. Abriu uma porta embaixo das escadas da cozinha que parecia levar a um armário de vassouras e conduziu as convidadas por degraus de madeira que levavam a uma adega de vinhos com paredes de pedra. Mostrou os vinhos — a maioria viera com a casa, quando ele a comprara. Grahame as acompanhou até os fundos do cômodo, onde ficava a despensa que, na época anterior à refrigeração, servira para armazenar carnes. Lá era sempre frio, e correntes pesadas pendiam do teto, os ganchos vazios nas extremidades mostrando onde carcaças inteiras ficavam

penduradas, muito tempo antes. Grahame Coats segurou a pesada porta de ferro aberta com educação para as duas mulheres entrarem. Então comentou, muito prestativo:

— Sabem, acabei de lembrar que o interruptor fica perto da escada. Esperem um segundo.

Então bateu a porta atrás de si e trancou as duas lá.

Grahame Coats pegou uma garrafa empoeirada de Chablis 1995 Premier Cru em uma das estantes.

Subiu os degraus, animado, e informou aos três empregados que teriam a semana de folga.

Sentiu, ao subir as escadas para o escritório, a presença de algo se movendo atrás dele sem fazer barulho, mas quando se virou para investigar, não havia nada. Estranhamente, achou isso reconfortante. Encontrou um saca-rolhas, abriu a garrafa e serviu-se de uma taça de vinho branco. Bebeu e, apesar de nunca ter tido preferência por vinhos tintos, percebeu que desejava beber algo mais encorpado e escuro. *Tinha que ser da cor do sangue*, pensou.

Ao terminar a segunda taça de Chablis, percebeu que estava culpando a pessoa errada por seu infortúnio. Maeve Livingstone era apenas uma vítima. Não, era óbvio e inegável que a culpa era de Fat Charlie. Sem sua intromissão, sem sua invasão criminosa aos sistemas de computador do escritório de Grahame Coats, ele não estaria ali, exilado, como um Napoleão loiro em uma Elba tropical e ensolarada. Ele não estaria na situação infeliz de ter duas mulheres aprisionadas em sua despensa de carnes. *Se Fat Charlie estivesse aqui*, pensou, *eu rasgaria a garganta dele com os dentes*. Aquela ideia o deixou chocado, mas, ao mesmo tempo, animado. Mexer com Grahame Coats era um erro imperdoável.

Ao cair da noite, Grahame olhou pela janela e viu o *Baía dos Gases* passar deslizando por sua casa no penhasco, na direção do pôr do sol. Ele se perguntou quanto tempo levariam para notar a falta de duas passageiras. E até acenou.

CAPÍTULO

DOZE

NO QUAL FAT CHARLIE FAZ VÁRIAS COISAS PELA PRIMEIRA VEZ

O HOTEL DOLPHIN tinha um concierge. Era um jovem de óculos que lia um romance com uma rosa e uma pistola na capa.

— Estou procurando uma pessoa — explicou Fat Charlie. — Ela está aqui na ilha.

— Quem?

— Uma senhora chamada Callyanne Higgle. Ela veio da Flórida. É uma velha amiga da família.

O rapaz fechou o livro, pensativo, então estreitou os olhos e encarou Fat Charlie. Quando as pessoas fazem isso em romances baratos, dá a impressão inquietante de alerta e perigo, mas na verdade aquilo só fazia parecer que o rapaz lutava contra o sono. Então ele perguntou:

— Você é o cara que tem um limão?

— O quê?

— O cara que tem um limão?

— Sim, acho que sou sim.

— Ah, posso dar uma olhada?

— No meu limão?

O rapaz assentiu, muito sério.

— Não, não pode. Está no meu quarto.

— Mas você é o cara que tem um limão.

— Você pode me ajudar a encontrar a sra. Higgler? Existe algum Higgler aqui na ilha? O hotel tem alguma lista telefônica que eu possa consultar? Eu esperava encontrar um catálogo telefônico no quarto.

— É um sobrenome meio comum, sabe? — explicou o rapaz. — A lista telefônica não vai ajudar.

— Mas é tão comum assim?

— Bem... Por exemplo, eu me chamo Benjamin Higgler. Está vendo aquela moça na recepção? O nome dela é Amelia Higgler.

— Ah. Certo. Muitos Higglers na ilha. Entendi.

— Ela veio para o festival de música?

— O quê?

— Vai durar a semana toda.

O homem lhe ofereceu um folheto, informando que Willie Nelson (CANCELADO) seria a principal atração do Festival de Música de Saint Andrews.

— Por que ele cancelou?

— Pelo mesmo motivo de Garth Brooks. Eles nem sabem que o festival existe, para começo de conversa.

— Acho que ela não veio para o festival. Preciso muito encontrá-la. Estou atrás de uma coisa que está com ela. Bem, se você fosse eu, como a procuraria por aqui?

Benjamin Higgler abriu uma gaveta no balcão e pegou um mapa da ilha.

— Estamos aqui, ao sul de Williamstown... — começou, marcando o papel com uma caneta hidrográfica.

A partir do ponto inicial, traçou um plano de exploração para Fat Charlie: dividiu a ilha em segmentos que um homem de bicicleta poderia cobrir sem dificuldade em um dia, marcou cada café e cada bar típico da região com pequenas cruzes. Fez uma bolinha ao lado das atrações turísticas.

Depois alugou uma bicicleta para Fat Charlie.

E ele saiu pedalando rumo ao sul.

Havia uma rede de informações em Saint Andrews que Fat Charlie — que, de certa forma, acreditava que coqueiros e celulares eram mutuamente exclusivos — não esperara encontrar. Não parecia fazer muita diferença com quem ele falava. Podiam ser os velhos jogando damas na sombra; as mulheres de seios do tamanho de melancias, bundas do tamanho de poltronas e risadas de tordo; a moça simpática na agência de turismo; ou o rastafári barbudo usando uma boina de crochê verde, vermelha e amarela e o que parecia ser uma minissaia de lã: todos reagiam do mesmo jeito.

— Você é o cara que tem um limão?

— Acho que sim.

— Mostre o limão.

— Está no hotel. Olha, estou procurando Callyanne Higgle. Ela deve ter uns sessenta anos. Americana. Sempre tem uma enorme caneca de café na mão.

— Nunca ouvi falar.

Fat Charlie logo descobriu que andar de bicicleta pela ilha tinha seus perigos. O principal meio de transporte ali eram as vans. Clandestinas, inseguras e sempre superlotadas, elas corriam pela ilha como loucas, buzinando e rangendo os freios, entrando nas curvas tão depressa que o carro ficava sobre duas rodas, mas confiavam no peso dos passageiros para garantir que não capotassem. Fat Charlie teria morrido umas dez vezes logo na primeira manhã, não fosse a batida do baixo e da bateria que todas tocavam no máximo. Podia senti-la na boca do estômago antes mesmo de escutar os motores, e tinha tempo o bastante para desviar a bicicleta para o acostamento.

Embora nenhuma das pessoas com quem falou foi bem o que se pode chamar de prestativa, todas foram extremamente simpáticas. Fat Charlie parou várias vezes durante a expedição daquele dia, para o sul, e encheu a garrafa de água. Parava em cafeterias e em casas particulares. Todos ficavam muito satisfeitos ao vê-lo, mesmo

que não tivessem qualquer informação sobre a sra. Higgler. Ele voltou ao hotel Dolphin a tempo do jantar.

No dia seguinte, foi para o norte. No fim da tarde, quando voltava para Williamstown, parou no topo de um penhasco, desmontou da bicicleta e foi com ela até o portão de uma casa luxuosa que se erguia solitária acima da baía. Apertou o botão do interfone e tentou falar, mas ninguém respondeu. Um carro preto e grande estava parado na entrada. Fat Charlie pensou na possibilidade de o lugar estar deserto, mas viu alguém mexer na cortina em um dos quartos do segundo andar.

Apertou o botão outra vez.

— Alô — disse. — Eu só queria saber se posso encher minha garrafa de água aqui.

Ninguém respondeu. Talvez tivesse apenas imaginado que alguém estivesse na janela. Parecia muito propenso a imaginar coisas naquele lugar: começou a sentir que era observado, mas não por alguém na casa, e sim por alguém ou alguma coisa nos arbustos que margeavam a estrada.

— Desculpe o incômodo — anunciou para o interfone e montou outra vez na bicicleta. Era só descida dali até Williamstown. Tinha certeza de que passaria por uma ou duas lanchonetes no caminho, ou por alguma casa mais amistosa.

Estava descendo a estrada — os penhascos haviam se transformado em uma colina íngreme até o mar — quando um carro preto se aproximou por trás e acelerou, rugindo. Fat Charlie percebeu tarde demais que não fora visto pelo motorista, pois o veículo passou raspando no guidom, e ele desabou morro abaixo com a bicicleta. O carro preto seguiu em frente.

Fat Charlie conseguiu se recuperar na metade da descida.

— Nossa, podia ter sido um acidente feio — comentou em voz alta.

O guidom estava torto. Ele empurrou a bicicleta morro acima, de volta para a estrada. A vibração grave e surda de um baixo o alertou

da aproximação de uma van, e Fat Charlie fez sinal para que ela parasse.

— Posso botar a bicicleta lá atrás?

— Não tem espaço — retrucou o motorista, mas puxou algumas cordas de debaixo do assento para prender a bicicleta no teto do carro. Em seguida, sorriu.

— Você deve ser o inglês que tem um limão.

— Não está comigo. Deixei no hotel.

Fat Charlie se apertou dentro da van, onde o som estrondoso do baixo conseguiu se transformar, contra todas as probabilidades, em “Smoke on the Water”, do Deep Purple. Ele se apertou ao lado de uma mulher gorda carregando uma galinha no colo. Atrás deles, duas garotas brancas conversavam sobre as festas que tinham ido na noite anterior e os defeitos dos namorados de verão que tinham acumulado durante as férias.

Fat Charlie reparou no carro preto — um Mercedes — que voltava pela estrada. Tinha um grande arranhão na lateral. Sentiu-se culpado e torceu para que a bicicleta não tivesse estragado demais a pintura. Os vidros eram tão escuros que o carro podia até não ter motorista...

Aí uma das garotas deu um tapinha no ombro de Fat Charlie e perguntou se ele sabia de alguma festa boa na ilha, naquela noite. Quando ele respondeu que não, a menina começou a contar sobre uma festa que acontecera em uma caverna, duas noites antes, com piscina, luzes, DJ e tudo mais. Por causa disso, Fat Charlie sequer reparou que o Mercedes preto agora seguia a van até Williamstown, e que o carro só se afastou depois de Fat Charlie tirar a bicicleta do teto da van (“Na próxima vez, traga o limão!”) e entrar com ela no saguão do hotel.

Foi só então que o carro voltou para a casa no alto do penhasco.

Benjamin, o concierge, examinou a bicicleta e disse a Fat Charlie que não se preocupasse, pois a consertariam e a deixariam como nova até o dia seguinte.

Fat Charlie voltou para o quarto de hotel, que tinha paredes da cor da água do mar, onde estava seu limão, apoiado no aparador como um pequeno Buda verde.

— Você não ajuda em nada — reclamou para o limão.

O que foi injusto. Ele era apenas um limão. Não havia nada remotamente especial nele. Ele estava fazendo o melhor que podia.

* * *

Histórias são como teias, conectadas fio a fio, e cada uma segue até o centro, porque o centro é o fim. Cada pessoa é um fio da história.

Veja Daisy, por exemplo.

Daisy não teria durado tanto na polícia sem ter um lado mais ajuizado por natureza, que era quase tudo o que as pessoas viam. Respeitava as leis e respeitava as regras. Entendia que muitas dessas regras eram bastante arbitrárias — como decisões sobre onde se pode estacionar ou até que horas as lojas têm autorização para funcionar —, mas sabia também que até elas ajudavam no quadro geral. Mantinham a sociedade segura. Mantinham as coisas seguras.

Sua colega de apartamento, Carol, achou que ela estava louca.

— Você não pode simplesmente anunciar que vai sair de férias. As coisas não funcionam assim. Você não é uma policial de seriado de TV, sabia? Não pode sair viajando pelo mundo só para seguir uma pista.

— Então não estou fazendo isso — retrucara Daisy, sem um pinga de sinceridade. — Estou só tirando umas férias.

Ela disse aquilo de modo tão convincente que a policial sensata que vivia em sua cabeça ficou quieta, em choque. Mas logo começou a explicar exatamente o que ela estava fazendo de errado, começando por observar que Daisy estava prestes a tirar uma licença sem qualquer autorização — o que era equivalente, murmurou a tira sensata, à negligência profissional — e continuando o discurso a partir daí.

A tira sensata dentro dela continuou falando a caminho do aeroporto e também enquanto atravessava o Atlântico. Observou que, mesmo que Daisy conseguisse evitar uma marca negativa permanente em sua ficha, isso sem falar na chance de ser expulsa da polícia, mesmo que ela encontrasse Grahame Coats, não havia nada que ela pudesse fazer quanto a isso. A força policial de Sua Majestade não via com bons olhos o rapto de criminosos em países estrangeiros, muito menos sua apreensão, e a tira sensata duvidava muito que Daisy pudesse convencê-lo a voltar ao Reino Unido por vontade própria.

Foi só quando desembarcou do pequeno avião vindo da Jamaica e sentiu o ar de Saint Andrews — terroso, picante, úmido, quase adocicado —, que a tira sensata parou de comentar como ela estava agindo de forma louca e irracional. Isso porque ela foi abafada por outra voz. “Malfeitores, cuidado!”, exclamava a voz, “Cuidado! Fiquem atentos, malfeitores de todos os cantos!”, e Daisy ia marchando no ritmo. Grahame Coats assassinara uma mulher em seu escritório, em Aldwych, e escapara ileso. E fizera aquilo praticamente debaixo do nariz de Daisy.

Ela balançou a cabeça, pegou a mala, foi muito simpática ao informar ao funcionário da imigração que estava ali de férias e foi para a fila de táxis.

— Gostaria de um hotel não muito caro, mas que não seja nojento, por favor — disse ao motorista.

— Sei onde fica o lugar certo para você, querida — respondeu ele. — Entre.

* * *

Spider abriu os olhos e descobriu que estava deitado no chão, de bruços, com os braços amarrados a uma grande estaca cravada na terra. Não podia mover as pernas ou girar o pescoço o bastante para olhar para trás, mas podia apostar que suas pernas também

estavam imobilizadas de modo parecido. O movimento que fez ao tentar se erguer para olhar para trás fez suas feridas arderem.

Abriu a boca, e sangue escuro escorreu para a terra, umedecendo-a.

Ouviu um som e virou a cabeça o máximo que pôde. Uma mulher branca olhava para ele com muita curiosidade.

— Você está bem? Que pergunta boba. Olhe só para você. Imagino que seja outro *duppy*. Acertei?

Spider pensou no assunto. Não achava que fosse um fantasma. Então balançou a cabeça.

— Se for, não há nada do que se envergonhar. Pelo que parece, eu mesma sou um desses *duppies*. Nunca tinha ouvido o termo, mas conheci um senhor encantador no caminho para cá, e ele me contou tudo sobre o assunto. Deixe-me ver se posso ajudar em alguma coisa.

Ela se agachou ao lado de Spider e esticou os braços para tentar soltar as amarras.

A mão dela atravessou seu corpo. Spider pôde sentir os dedos roçando sua pele de leve, como finos fios de névoa.

— Infelizmente, parece que não consigo tocar em você — comentou ela. — Mas isso significa que você ainda não está morto. Então, anime-se.

Spider torceu para que a mulher fantasma fosse embora logo. Não estava conseguindo pensar direito.

— Enfim, depois que compreendi o que estava acontecendo, resolvi permanecer neste plano até conseguir me vingar do meu assassino. Expliquei isso para Morris, que apareceu em uma tela de televisão na Selfridges. Ele respondeu que acreditava que eu não tinha entendido direito o sentido de ter desencarnado. Mas se estão achando que eu vou dar a outra face, vão ver só. Há vários precedentes. E tenho certeza de que posso fazer igual a Banquo, naquele banquete, se tiver chance. Você consegue falar?

Spider balançou a cabeça, e sangue escorreu da testa para os olhos. Ardeu. Ele se perguntou quanto tempo levaria para crescer

uma língua nova. Prometeu conseguira fazer um fígado novo crescer a cada dia, e Spider tinha quase certeza de que um fígado devia dar muito mais trabalho que uma língua. Fígados faziam reações químicas — bilirrubina, ureia, enzimas, essas coisas. Eles metabolizam o álcool, e só isso já devia dar um trabalhão. Tudo o que as línguas faziam era falar. Bem, isso e lambar, é claro...

— Não posso ficar aqui batendo papo — anunciou a senhora fantasma de cabelo loiro. — Acho que tenho um longo caminho pela frente.

Ela começou a se afastar, e desaparecia enquanto caminhava. Spider levantou a cabeça e a observou passar de uma realidade para outra, como uma fotografia desbotando à luz do sol. Tentou chamá-la de volta, mas os únicos ruídos que conseguia produzir saíam abafados e sem sentido. Sem língua.

Em algum lugar ao longe, ouviu o pio de uma ave.

Testou as amarras. Elas resistiram.

Acabou pensando mais uma vez na história que Rosie contara sobre o corvo que salvou um homem de um puma. Aquilo ficava incomodando no fundo da mente, era pior que os cortes no rosto e no peito. *Concentre-se*. O homem estava deitado no chão, lendo ou tomando um banho de sol. O corvo grasnou em cima da árvore. Havia um grande felino nos arbustos densos...

E então a história se reformulou, e ele conseguiu entender tudo. Era só uma questão de como examinar os fatores.

E se, pensou, a ave não estivesse fazendo barulho para avisar o homem sobre o grande felino à espreita? E se, na verdade, ela estivesse avisando o puma sobre o homem no chão — morto, dormindo ou morrendo. Avisar que tudo o que o grande felino precisava fazer era dar o bote. E então o corvo se banquetearia com o que sobrasse...

Spider abriu a boca para gemer, e seu sangue escorreu e empoçou sobre o barro seco.

A realidade se diluiu. Naquele lugar, o tempo passou.

Spider, sem língua e furioso, ergueu e virou a cabeça para olhar as aves fantasmas que voavam ao seu redor, gritando.

Ele ficou se perguntando onde estava. Aquele não era o universo cor de cobre da mulher-pássaro, nem a caverna dela, mas também não era o lugar que ele costumava chamar de mundo real. Só que estava mais perto do mundo real do que de qualquer outro, perto o suficiente para que quase pudesse sentir seu gosto — ou melhor, até teria sentido seu gosto se pudesse sentir o gosto de qualquer coisa além do amargor férreo de sangue. Tão perto que, se não estivesse preso a estacas no chão, poderia tocá-lo.

Se não tivesse certeza absoluta da própria sanidade, uma certeza em um nível que só costuma ser vista em pessoas que chegaram à conclusão de que sem dúvida alguma são Júlio César e foram enviados para salvar o mundo, poderia até pensar que estava louco. Primeiro viu uma loira que dizia ser um *duppy*, agora estava ouvindo vozes. Bem, uma voz, pelo menos: a de Rosie.

— Eu não sei — dizia ela. — Achei que seria uma viagem de férias. Mas ver todas essas crianças carentes é de partir o coração. Elas precisam de tanta coisa... — E então, quando Spider tentava compreender o significado daquilo, ela acrescentou: — Eu me pergunto se ela ainda vai demorar muito no banho. Que bom que o senhor tem bastante água quente aqui.

Spider ficou pensando se as palavras de Rosie tinham alguma importância, se detinham a chave para escapar daquela situação. Achava improvável. Mas, mesmo assim, ouviu com mais atenção, pensando se o vento traria mais palavras de um mundo para outro. Não ouvia qualquer coisa além do som das ondas quebrando na arrebentação às suas costas, longe e muito abaixo. Apenas silêncio. Mas era um tipo específico de silêncio. Fat Charlie já imaginara, certa vez, que havia vários tipos de silêncio. Sepulturas têm um silêncio próprio, assim como o espaço e o cume das montanhas. Aquele era o silêncio da caçada. O silêncio da espreita. Naquele silêncio, algo se movia sobre patas aveludadas, os músculos parecendo molas de aço tensionadas sob a pelagem macia. Algo da

cor das sombras na relva alta, algo que iria se certificar de que ninguém ouviria qualquer som que não tivesse sido feito com a intenção de ser ouvido. Era um silêncio que se movia, lenta e implacavelmente, de um lado a outro à frente de Spider, chegando cada vez mais perto.

Spider escutou aquilo no silêncio, e os pelos de sua nuca se eriçaram. Ele cuspiu sangue na terra perto de seu rosto e esperou.

* * *

Grahame Coats andava de um lado para outro em sua casa, no alto do penhasco. Ia do quarto para o escritório, depois descia as escadas até a cozinha e subia de volta até a biblioteca, e de lá andava de volta para o quarto. Estava com raiva de si mesmo: como podia ter sido tão burro a ponto de pensar que a visita de Rosie fora pura coincidência?

Percebeu a verdade quando tocaram a campainha e pôde ver o rosto idiota de Fat Charlie no monitor do circuito interno de TV. Não havia dúvida. *Era uma conspiração.*

Agira como um tigre, pegando o carro, seguro de que seria fácil atropelá-lo e fugir. Se encontrassem um ciclista estropiado na estrada, colocariam a culpa em uma das vans. Infelizmente, ele não contara com a possibilidade de Fat Charlie pedalar tão perto da encosta. Não quisera levar o carro mais perto da beira da estrada, e agora estava arrependido. Não, Fat Charlie é que enviara as mulheres que agora estavam na despensa de carnes. Elas eram espiãs. Tinham se infiltrado na casa de Grahame Coats. Era uma sorte ele ter descoberto o plano. Sabia que havia algo de errado com elas.

Enquanto pensava nas mulheres, lembrou que ainda não as alimentara. Devia dar algo para elas comerem. E um balde. Era provável que elas precisassem de um balde, depois de vinte e quatro horas. Ninguém ia poder dizer que ele era um animal.

Tinha comprado uma pistola em Williamstown, na semana anterior. Era muito fácil comprar armas em Saint Andrews. Era esse tipo de ilha. Mas a maioria das pessoas não tinha interesse em comprar armas de fogo. Também era esse tipo de ilha. Ele pegou a arma na gaveta da mesa de cabeceira e desceu até a cozinha. Pegou um balde de plástico embaixo da pia e jogou lá dentro alguns tomates, um inhame cru, um pedaço meio comido de queijo cheddar e uma caixa de suco de laranja. Então, satisfeito consigo mesmo por lembrar, pegou um rolo de papel higiênico.

Desceu até a adega. Não havia ruído vindo do interior da despensa de carnes.

— Tenho uma arma e não tenho medo de usá-la. Vou abrir a porta. Por favor, sigam até o fundo, virem-se de costas e apoiem as mãos na parede. Trouxe comida. Se colaborarem, ambas serão liberadas ilesas. Se colaborarem, ninguém vai se machucar. O que significa que não quero nenhuma gracinha — enfatizou, feliz ao notar que era capaz de utilizar um batalhão inteiro de clichês que até então nunca pensara que se aplicariam à sua situação.

Ele acendeu as luzes do cômodo e abriu as trancas. As paredes eram de pedra e tijolo. Correntes enferrujadas pendiam do teto.

As duas estavam encostadas na parede do fundo. Rosie olhava para a pedra. A mãe dela olhava por cima do ombro, encarando-o como uma ratazana encurralada, furiosa e cheia de ódio.

Grahame Coats colocou o balde no chão. Mas continuou segurando a arma.

— Um rango de primeira — comentou. — E, antes tarde do que nunca, um balde. Vejo que estavam usando aquele canto. Também trouxe papel higiênico. Não digam que nunca fiz nada por vocês.

Rosie interveio:

— Você vai nos matar, não vai?

— Não o provoque, menina idiota — reclamou a mãe. Depois, abrindo uma espécie de sorriso, continuou: — Agradecemos pela comida.

— É claro que não vou matar vocês — retrucou Grahame Coats. Só quando ouviu as palavras saírem de sua boca é que ele admitiu para si mesmo que sim, é claro, teria que matá-las. Havia outra opção? — Vocês não me contaram que Fat Charlie as mandou aqui.

— Viemos em um cruzeiro — respondeu Rosie. — Deveríamos estar em Barbados hoje à noite, comendo peixe frito. Fat Charlie está na Inglaterra. Acho que ele nem sabe que estamos aqui. Eu não contei para ele.

— Não importa o que você diz — retrucou Grahame Coats. — Eu tenho a arma.

Ele fechou a porta e depois a trancou. Do outro lado, pôde ouvir a mãe de Rosie resmungando:

— E aquele bicho. Por que não perguntou a ele sobre o bicho?

— Porque você está imaginando coisas, mãe. Já falei milhões de vezes que não tem bicho nenhum aqui dentro. Enfim, ele está doido. Acho que era até capaz de concordar com você. Talvez ele também veja tigres invisíveis.

Irritado com aquilo, Grahame Coats apagou as luzes da despensa de carnes, pegou uma garrafa de vinho tinto, subiu a escada e bateu a porta da adega ao sair.

No escuro do subsolo da casa, Rosie dividiu o pedaço de queijo em quatro partes e comeu uma delas o mais devagar que conseguiu.

— O que ele quis dizer com aquela história sobre Fat Charlie? — perguntou à mãe, depois que o queijo se dissolveu na boca.

— Aquele seu Fat Charlie idiota. Eu não quero saber de Fat Charlie — resmungou a mãe. — É por causa dele que estamos aqui.

— Não, estamos aqui porque aquele cara é doido de pedra. É só um maluco armado. Não é culpa de Fat Charlie.

Rosie tinha tentado não pensar no ex-noivo, porque aquilo sempre a fazia pensar em Spider...

— Ele voltou — anunciou a mãe. — O bicho voltou. Estou sentindo o cheiro dele.

— Claro, mamãe — concordou Rosie.

Sentou-se no chão de concreto e pensou em Spider. Sentia saudades. Resolveu que tentaria localizá-lo assim que Grahame Coats caísse em si e as libertasse. Tentaria descobrir se havia chance para um novo começo. Sabia que não passava de um devaneio, mas era um pensamento agradável e reconfortante.

Ficou se perguntando se Grahame Coats as mataria no dia seguinte.

* * *

Spider estava preso ao chão, a distância da chama de uma vela, ao alcance da fera.

A tarde chegava ao fim, e o sol já estava baixo às suas costas.

O nariz, os lábios e a boca de Spider estavam pressionados contra algo que já tinha sido terra seca, antes que a saliva e o sangue da sua boca a deixassem ensopada. Agora era uma bola de lama, uma bolota grosseira de barro avermelhado. Ele moldara a terra em uma forma mais ou menos esférica. Agora tentava movê-la, passando o nariz por baixo dela e jogando a cabeça para cima. Nada acontecia, assim como nada acontecera nas... Quantas vezes já tentara, vinte? Cem? Não estava contando. Só continuava tentando. Afundava o rosto mais fundo na terra, empurrava o nariz mais para baixo da bola de barro, impulsionando a cabeça para cima e para frente...

Nada acontecia. Nada iria acontecer.

Precisava abordar a situação de outra forma.

Envolveu a bola com os lábios. Inspirou o mais fundo que pôde. Em seguida, expeliu o ar pela boca. A bola saltou de seus lábios fazendo um barulho semelhante ao de uma rolha de champanhe e aterrisou a cerca de cinquenta centímetros dali.

Então moveu a mão direita. O pulso estava amarrado, a corda puxava com força na direção da estaca. Ele esticou a mão e os dedos. Tentou alcançar o pedaço de lama ensanguentada, mas não conseguiu.

Estava tão perto...

Spider respirou fundo outra vez, mas engasgou com a poeira seca e começou a tossir. Tentou de novo, virando a cabeça para o lado para encher os pulmões. Depois a virou para o outro lado e começou a soprar na direção da bola, expelindo o ar com toda a força que tinha.

A bola de barro se deslocou pouco mais de um centímetro, mas era o suficiente. Ele se esticou e conseguiu segurar o barro entre os dedos. Moldou a argila entre o polegar e o indicador, criando uma pequena ponta, depois girou a bola na mão e repetiu o processo. Fez isso oito vezes.

Repetiu tudo, dessa vez afinando mais as saliências na bola de argila. Uma delas caiu no chão, mas as outras ficaram firmes. No fim, segurava algo que parecia uma pequena bola de barro com sete pontas, como uma escultura do sol feita por uma criança.

Olhou para sua obra com orgulho: dadas as circunstâncias, sentia tanto orgulho daquilo quanto uma criança poderia sentir de algo que fez na escola.

Mas a palavra seria a parte mais difícil. Fazer uma aranha ou qualquer coisa bem parecida a partir de sangue, cuspe e barro era fácil. Era algo que todos os deuses, até os deuses menores e travessos, como Spider, sabiam fazer. Mas a parte final da Criação seria a mais difícil. É preciso uma palavra para dar vida a alguma coisa. É preciso nomeá-la.

Ele abriu a boca.

— Hrrurrrurrr — disse, sem língua.

Nada aconteceu.

Ele tentou outra vez.

— Hrrurrrurrr!

O barro continuava a ser uma forma inerte em sua mão.

Deixou o rosto cair outra vez na terra. Estava exausto. Cada movimento reabria as feridas no rosto e no peito. Elas gotejavam, ardiam e — pior ainda — coçavam. *Pense!*, disse a si mesmo. Deve haver um jeito de fazer isso... De falar sem a língua...

Ainda havia uma camada de barro em seus lábios. Ele os puxou para dentro da boca, umedecendo-os da melhor forma possível sem a língua.

Respirou fundo e forçou o ar a sair pelos lábios contraídos, fazendo o possível para controlá-lo o melhor possível, enunciando uma palavra com tanta certeza que nem o universo poderia argumentar. Descreveu a coisa em sua mão e depois disse o próprio nome, que era a magia mais poderosa que conhecia.

— Aaah-ua-nha.

E em sua mão, onde havia uma bola de lama ensanguentada, surgiu uma aranha cor de barro vermelho com sete patas longas e delgadas.

Me ajude, pensou Spider. *Vá buscar ajuda*.

A aranha o encarou com os olhos brilhando ao sol. Então saltou da mão dele para a terra e foi mancando capim adentro, dando passos bambos e desequilibrados.

Spider ficou olhando até ela sumir de vista, depois apoiou a cabeça na terra e fechou os olhos.

Então o vento mudou, e deu para sentir no ar o leve cheiro de amônia dos felinos machos. A fera tinha marcado seu território...

Lá no alto, no céu, ele pôde ouvir as aves grasnarem em triunfo.

* * *

Fat Charlie sentiu a barriga roncar. Se ainda tivesse algum dinheiro, teria jantado em outro lugar, só para conseguir se afastar do hotel, mas estava sem um tostão, e o jantar já estava incluído no preço da diária. Era por isso que, assim que o relógio marcou sete horas, ele desceu para o restaurante.

A maîtresse tinha um sorriso fantástico, e disse a ele que levaria mais alguns minutos para abrir o restaurante. A banda precisava de mais um tempinho para a passagem de som. Então ela o encarou. Fat Charlie estava começando a reconhecer aquele olhar.

— Você...? — começou ela.

— Sim — respondeu, resignado. — Até trouxe ele comigo.

Ele tirou o limão do bolso e o mostrou a ela.

— É muito bonito — comentou a moça. — Sem dúvidas, é um limão. Eu já ia perguntar, o senhor quer o cardápio à la carte ou vai preferir o bufê?

— O bufê.

O bufê estava incluído na diária. Ele ficou parado em frente ao restaurante, segurando o limão.

— Espere só um instante — pediu a maîtresse.

Uma pequena mulher passou pelo corredor por trás de Fat Charlie. Ela sorriu para a maîtresse e perguntou:

— O restaurante já está aberto? Estou morrendo de fome.

Ouviu-se um *tu-du-dum* final do baixo e um *plink* do piano elétrico. A banda largou os instrumentos e acenou para a maîtresse.

— Estamos abertos — respondeu ela. — Entrem.

A pequena mulher olhou para Fat Charlie com uma expressão de surpresa e cautela.

— Olá, Fat Charlie. Por que está com esse limão?

— É uma longa história.

— Bem, temos todo o jantar à frente. Por que não me conta? — sugeriu Daisy.

* * *

Rosie se perguntou se loucura era contagiosa. Naquela escuridão cegante do subsolo da casa no penhasco, sentiu algo roçar nela ao passar. Algo macio e ágil. Algo grande. Algo que rosnava baixinho enquanto rodeava as duas.

— Você também ouviu isso? — perguntou.

— Claro que ouvi, sua idiota — respondeu a mãe. Então disse: — Sobrou um pouco de suco de laranja?

Rosie tateou na escuridão e passou a caixa de suco para sua mãe. Ouviu o som de alguém bebendo.

— Não é esse bicho que vai nos matar. É *ele* — disse a mãe.

— Grahame Coats. É.

— Ele é um homem mau. Está sendo controlado por alguma coisa, como se fosse um cavalo selado. Mas um cavalo mau, já que ele é um homem mau.

Rosie estendeu o braço e segurou a mão ossuda da mãe. Não respondeu. Não havia muito a dizer.

Após um tempo, a mãe voltou a falar:

— Sabe, tenho muito orgulho de você. Você foi uma boa filha.

— Ah.

A ideia de não ser uma decepção para a mãe era novidade, algo que ela não tinha certeza se acreditava.

— Talvez você devesse ter se casado com Fat Charlie. Aí não estaríamos aqui.

— Nada disso — respondeu Rosie. — Eu não deveria ter me casado com Fat Charlie. Eu não o amo. Então, você não estava de todo errada.

Eles ouviram uma porta bater lá em cima.

— Ele saiu — comentou Rosie. — Rápido, comece a cavar um túnel.

Primeiro, ela deu risada. Depois começou a chorar.

* * *

Fat Charlie tentava entender o que Daisy estava fazendo na ilha. Ela fazia o mesmo esforço para tentar entender o que ele estava fazendo ali. Nenhum dos dois parecia ter muito sucesso com isso. No pequeno palco ao fundo do salão, uma cantora — que era boa demais para a Sexta Musical do restaurante de um hotel tão pequeno — com um vestido longo, justo e vermelho, cantava “I’ve Got You Under My Skin”.

Daisy se pronunciou:

— Então você está procurando a senhora de quem era vizinho durante a infância, porque pode ser que ela possa ajudá-lo a encontrar seu irmão.

— Eu recebi uma pena. Se a sra. Higgler ainda estiver com ela, talvez eu consiga trocá-la pelo meu irmão. Vale a tentativa.

Ela piscou devagar, pensativa, nem um pouco impressionada, e comeu um pouquinho da salada. Fat Charlie retrucou:

— Bem, e você está aqui porque acredita que Grahame Coats fugiu para cá depois de matar Maeve Livingstone. Mas não veio a serviço da polícia. Está aqui por conta própria, com base apenas na suposição de que ele está nessa ilha. E, se isso for verdade, não há absolutamente nada que você possa fazer.

Daisy lambeu uma semente de tomate do canto dos lábios e pareceu desconfortável.

— Não vim aqui a serviço da polícia — repetiu. — Vim como turista.

— Mas você largou o trabalho e veio para cá atrás dele. Acho que devem poder prender você por causa disso, ou coisa do tipo.

Daisy foi seca ao responder:

— Então é bom que Saint Andrews não tenha tratado de extradição, não é mesmo?

— Meu Deus.

Fat Charlie tinha murmurado aquilo porque a cantora saíra do palco e começara a andar pelo restaurante com um microfone sem fio. Naquele instante, estava perguntando a dois turistas alemães de onde eles eram.

— Por que ele viria para cá? — perguntou Fat Charlie.

— Contas bancárias secretas. Imóveis baratos. Sem tratados de extradição. E talvez ele goste muito de frutas cítricas.

— Passei dois anos morrendo de medo daquele homem — comentou ele. — Vou pegar mais daquele peixe com banana verde. Você vem?

— Estou satisfeita — respondeu Daisy. — E quero deixar espaço para a sobremesa.

Fat Charlie foi até o bufê, fazendo a volta e pegando o caminho mais longo para evitar o olhar da cantora. Era mesmo muito bonita, com o vestido vermelho coberto de lantejoulas que refletiam a luz,

brilhando sempre que ela se mexia. Ela era bem melhor que a banda. Fat Charlie torceu para que a mulher parasse de interagir com os clientes, voltasse ao palco e continuasse a cantar as músicas de sempre — tinha gostado da interpretação dela de “Night and Day”, e também da versão especialmente emocionante de “Spoonful of Sugar”. Ou, pelo menos, que parasse de falar com as pessoas do lado do salão onde ele estava.

Montou um prato com uma pilha alta das coisas que gostara de comer da primeira vez. *Andar de bicicleta pela ilha abria mesmo o apetite*, pensou.

Quando voltou para a mesa, viu Grahame Coats, com algo que lembrava vagamente o início de uma barba no rosto, sentado ao lado de Daisy. Ele sorria como uma fuinha doidona sob efeito de metanfetamina.

— Fat Charlie — anunciou Grahame Coats e deu uma risada que pareceu desconfortável. — Impressionante, não é mesmo? Venho até aqui procurando você, para a gente bater um papinho, e o que encontro de bônus? Esta policialzinha glamorosa. Por favor, sente-se. Tente não fazer uma cena.

Fat Charlie ficou parado, igualzinho a um boneco de cera.

— Sente-se — repetiu Grahame Coats. — Estou apontando uma arma para a barriga da srta. Day.

Daisy lançou um olhar suplicante para Fat Charlie e assentiu. Estava com as mãos espalmadas sobre a toalha de mesa.

Fat Charlie sentou-se.

— Deixe essas mãos onde eu possa vê-las. Em cima da mesa, igualzinho às dela.

Fat Charlie obedeceu.

Grahame Coats fungou.

— Sempre soube que você era um policial disfarçado, Nancy. Um *agent provocateur*, não é mesmo? Entra no meu escritório, arma uma para cima de mim e rouba até minhas calças.

— Eu nunca... — começou Fat Charlie, mas viu a expressão nos olhos de Grahame Coats e calou a boca.

— Vocês pensaram que eram tão espertos... Pensaram que eu ia cair nessa. Por isso mandaram as outras duas, não é? As que estão lá em casa? Achavam mesmo que eu ia acreditar que elas vieram de cruzeiro? Vocês ainda precisam fazer muito mais do que isso para conseguir me enganar, sabiam? Para quem mais abriram o bico? Quem mais sabe disso?

Daisy respondeu:

— Não entendi muito bem do que você está falando, Grahame.

A cantora estava terminando “Some of These Days”. Ela tinha a voz profunda e cantava com a alma, envolvendo a todos como um cachecol de veludo.

*Some of these days
You're going to miss me honey
Some of these days
You're gonna be so lonely
You'll miss my huggin'
You'll miss my kissin'...*

— Você vai pagar a conta — anunciou Grahame. — Depois vou acompanhá-lo, junto com esta moça, até o carro. Então vamos para minha casa, onde teremos uma conversa de verdade. Se eu vir alguma gracinha, mato os dois. *Capiche?*

Fat Charlie *capichou*. E também *capichou* quem estava dirigindo o Mercedes preto naquela tarde e como quase morrera naquele dia. Agora começava a *capichar* como Grahame Coats era doido de pedra, além de como ele e Daisy tinham poucas chances de escapar vivos.

A cantora terminou a música. As outras pessoas no restaurante aplaudiram. Fat Charlie manteve as mãos espalmadas na mesa. Seu olhar foi além de Grahame Coats, chegando até a cantora, e, com o olho que estava fora do campo de visão de Grahame Coats, piscou para ela. A mulher estava cansada das pessoas evitando seus olhares, e a piscadela de Fat Charlie foi muito bem-vinda.

Daisy interveio:

— Grahame, é óbvio que vim aqui por sua causa, mas Charlie só...

— Ela parou de falar e fez o tipo de expressão que só dá para fazer ao sentir o cano de uma arma ser pressionado ainda mais na barriga.

— Escutem aqui — retrucou Grahame Coats. — Para todas as pessoas inocentes aqui reunidas, somos bons amigos. Vou botar a arma no bolso, mas ela ainda estará apontada para você. Vamos nos levantar. Depois vamos para o meu carro, aí eu vou...

Ele parou de falar. Uma mulher de vestido vermelho cintilante, segurando um microfone, caminhava para a mesa deles com um enorme sorriso no rosto. Avançava na direção de Fat Charlie.

— Qual é o seu nome, querido?

Então aproximou o microfone do rosto dele.

— Charlie Nancy — A voz dele saiu engasgada, vacilante.

— E de onde você é, Charlie?

— Da Inglaterra. Eu e meus amigos. Somos todos de lá.

— E o que você faz, Charlie?

Tudo pareceu ficar mais lento. Era como mergulhar de um penhasco direto para o oceano. Era a única saída. Ele respirou fundo e respondeu:

— No momento estou sem emprego, mas, na verdade, sou cantor. Eu canto. Assim como você.

— Como eu? E que tipo de músicas você canta?

Fat Charlie engoliu em seco.

— O que você tem no seu repertório?

Ela virou para as outras pessoas na mesa.

— Vocês acham que tem problema fazê-lo cantar para nós? — perguntou, gesticulando com o microfone.

— Hã. Acho que não. Não. Claro que de jeito nenhum, fora de questão — respondeu Grahame Coats.

Daisy deu de ombros, as mãos espalmadas sobre a mesa.

A mulher de vestido vermelho virou para o restante do salão e perguntou ao público:

— E aí?

Houve uma farfalhar de aplausos das pessoas que jantavam nas outras mesas, e aplausos um pouco mais entusiasmados do pessoal que trabalhava lá.

— Cante para nós! — exclamou o barman.

A cantora se inclinou mais para perto de Fat Charlie, cobriu o microfone e disse:

— É melhor ser alguma coisa que os rapazes da banda conheçam.

— Eles conhecem “Under the Boardwalk”?

A mulher assentiu, anunciou a música e entregou o microfone a ele.

A banda começou a tocar. A cantora conduziu Fat Charlie até o palquinho. Ele sentia o coração acelerado no peito.

Fat Charlie começou a cantar, e o público começou a ouvir.

Tudo o que ele queria era ganhar tempo, mas se sentia muito bem. Ninguém estava jogando coisas nele. Parecia haver bastante espaço em sua cabeça para pensar. Estava consciente de todos no salão: os turistas, os funcionários e as pessoas no bar. Podia ver tudo: tanto o barman medindo doses para um coquetel, quanto uma velha senhora no fundo do salão, enchendo uma grande caneca de plástico com café. Ainda estava aterrorizado, mas pegou todo o medo e toda a raiva que sentia e os jogou na música, deixando tudo aquilo virar uma canção sobre amor e tranquilidade. Enquanto cantava, pensava:

O que Spider faria? O que meu pai faria?

Ele cantou. Durante a música, disse a todos o que planejava fazer com sua amada, e a maior parte de seus planos envolvia fazer amor.

A cantora de vestido vermelho sorria, estalava os dedos e balançava o corpo no ritmo da música. Ela se debruçou sobre o microfone do tecladista e começou a acompanhá-lo.

Eu estou mesmo cantando diante de uma plateia, pensou Fat Charlie. *Não acredito.*

Manteve os olhos fixos em Grahame Coats.

Quando chegou ao último refrão, ele começou a bater palmas acima da cabeça, e logo todo o salão batia palmas com ele, os clientes, garçons e chefs. Todo mundo menos Grahame Coats, cujas mãos estavam embaixo da toalha de mesa, e Daisy, cujas mãos estavam espalmadas sobre a mesa. Daisy o encarava não só como se achasse que ele fosse doido de pedra, mas também como se tivesse escolhido um momento bastante bizarro para descobrir seu talento para o canto.

O público aplaudiu, e Fat Charlie sorriu e cantou. Enquanto cantava, soube, sem sombra de dúvida, que tudo ficaria bem. Todos ficariam bem: ele, Spider, Daisy e até Rosie, onde quer que ela estivesse, ficariam bem. Sabia o que fazer: era algo tolo e improvável, uma atitude digna de um idiota, mas funcionaria. E, quando as últimas notas da canção terminaram, ele disse:

— Tem uma jovem na mesa em que eu estava sentado. O nome dela é Daisy Day. Ela também é da Inglaterra. Daisy, pode dar um tchauzinho para todos?

Ela o encarou com um olhar desesperado, mas levantou uma das mãos e acenou.

— Eu queria dizer uma coisa para Daisy, e ela não sabe o que é.
— *Se isso não funcionar*, sussurrou uma vozinha, no fundo de sua cabeça, *ela vai morrer. Sabia?* — Mas vamos torcer para que ela diga sim. Daisy? Quer casar comigo?

O salão ficou em silêncio. Fat Charlie manteve o olhar fixo na policial, torcendo para ela entender e entrar na onda.

Daisy assentiu.

Os frequentadores do restaurante aplaudiram. *Aquilo* sim é que era um show de verdade. A cantora, a maîtresse e várias garçonetes foram até a mesa, fizeram Daisy se levantar e a arrastaram até a pista de dança. Elas a levaram até Fat Charlie, que passou o braço pela cintura dela logo que a banda começou a tocar “I Just Called to Say I Love You”.

— Você trouxe um anel para ela? — perguntou a cantora.

Ele enfiou a mão no bolso. Então se virou para Daisy:

— Aqui, isso é para você.

Ele a abraçou e beijou. *Se alguém for levar um tiro*, pensou, *a hora é agora*. Então o beijo terminou, e as pessoas começaram a apertar sua mão e a abraçá-lo. Um homem, que dizia estar na cidade para o festival de música, insistiu em dar seu cartão a Fat Charlie. Daisy, com uma expressão muito estranha no rosto, segurava o limão que ele lhe entregara. Quando olhou para trás, para a mesa onde estavam sentados, Fat Charlie viu que Grahame Coats tinha ido embora.

CAPÍTULO

TREZE

QUE ACABA SENDO DESFAVORÁVEL PARA ALGUNS

AS AVES ESTAVAM bem animadas. Grasnavam, gritavam e chilreavam no topo das árvores. *É agora*, pensou Spider. Então, começou a praguejar. Estava exausto, acabado. Não tinha mais forças. Não sentia qualquer coisa além de fadiga e exaustão.

Considerou ficar deitado no chão e se deixar ser devorado. Concluiu que, no geral, seria uma maneira horrível de morrer. Sequer tinha certeza de que seria capaz de fazer um fígado crescer outra vez. No entanto, tinha bastante certeza de que não faria muita diferença, já que, não importava o que fosse, a coisa à espreita não tinha planos de pegar só o fígado.

Começou a tentar derrubar a estaca. Contava até três e puxava a corda como dava, fazendo o máximo de força que podia para tentar mover a estaca, então contava até três e repetia tudo de novo.

Obteria quase o mesmo efeito se tentasse arrastar uma montanha para o outro lado da estrada. Um, dois, três... *puxa*. E *puxa*. E *puxa*. Queria saber se a fera chegaria logo.

Um, dois, três... *puxa*. Um, dois, três... *puxa*.

Em algum lugar, alguém cantava. Dava para ouvir. E a canção fez Spider abrir um sorriso. Pensou em como ainda queria ter a língua:

ia mostrá-la para o Tigre, quando ele finalmente desse o ar da graça. A ideia lhe deu forças.

Um, dois, três... *puxa*.

A estaca cedeu e balançou um pouco.

Mais um puxão, e ela saiu do solo com a mesma facilidade que uma espada é tirada de uma pedra.

Ele puxou as cordas e trouxe a estaca para as mãos. Tinha cerca de um metro de comprimento, e uma das extremidades fora afiada para que pudesse ser cravada na terra. Ele a deslizou para fora do enlace da corda com as mãos dormientes, e o nó que prendia seus pulsos ficou pendurado, agora inútil. Ergueu a estaca com a mão direita. Daria para o gasto. Então notou que era observado: algo o vigiava havia um tempo, como um gato à espreita na toca de um rato.

A fera aproximou-se dele em silêncio — ou quase —, insinuando-se em sua direção como uma sombra se movendo durante o dia. O único movimento que o olho conseguia perceber era o da cauda, que se agitava com impaciência. Não fosse isso, poderia muito bem ser uma estátua ou até um monte de areia que, devido a alguns reflexos da luz, acabava parecendo um pouco com uma fera monstruosa. A pelagem tinha cor de areia, e os olhos, vidrados, eram verdes como o mar de inverno. O rosto era o mesmo rosto largo e cruel de uma pantera. Nas ilhas, qualquer felino de grande porte era chamado de Tigre, e aquele era todos os grandes felinos que já existiram — só que maior, mais perverso e mais perigoso.

Os tornozelos de Spider ainda estavam presos, e ele mal conseguia andar. As mãos e os pés formigavam. Ele pulava de uma perna para outra e tentava passar a impressão de que o fazia de propósito, que era alguma espécie de dança intimidadora, e não porque doía ficar parado.

Queria se abaixar e desamarrar os tornozelos, mas não ousava tirar os olhos da fera.

A estaca era pesada e grossa — curta demais para servir de lança, só que malfeita e grande demais para ser qualquer outra

coisa. Spider a segurava pela extremidade mais fina e afiada e olhava para o mar, ignorando o animal de propósito, confiando na visão periférica.

O que mais ela disse? *Você vai berrar. Vai chorar. Seu medo vai provocá-lo.*

Spider começou a chorar. Depois berrou como um bezerro ferido, perdido, succulento e solitário.

Houve um vislumbre de movimento cor de areia. Mal deu tempo de registrar os borrões de dentes e garras movendo-se em sua direção. Spider girou a estaca como um bastão de beisebol, golpeando com toda a força. Sentiu-a acertar o focinho da fera com um baque surdo muito agradável.

O Tigre parou, olhou fixo para ele, como se não conseguisse acreditar no que via, e soltou um rosnado gutural, um som lamurioso. Depois se virou e voltou para os arbustos de onde viera, o andar tenso, como se tivesse um compromisso que quisesse evitar. Olhou para Spider por cima do ombro, ressentido. Era uma fera ferida, e seu olhar era o de um animal que já planejava o retorno.

Spider o observou ir embora.

Então se sentou e desamarrou os tornozelos.

Caminhou um pouco trôpego ao longo da borda do penhasco, acompanhando o declive suave. Logo um riacho cruzou seu caminho, despencando da beira do precipício em uma cachoeira reluzente. Spider se ajoelhou, uniu as mãos em concha e bebeu a água fresca.

Então começou a coletar pedras. Pedras boas, do tamanho de um punho. Ele as empilhou como se fossem bolas de neve.

* * *

— Você quase não comeu — comentou Rosie.

— *Você é que tem que comer. Precisa ficar forte* — respondeu a mãe. — Comi um pouco daquele queijo. Foi o suficiente.

Era frio na despensa de carnes, e escuro. Mas não o tipo de escuro ao qual os olhos se acostumam. Não havia luz. Rosie dera uma volta no local, passando os dedos pelas paredes de cal, pedra e tijolos bem velhos, procurando algo que pudesse ajudar, mas não havia qualquer coisa útil.

— Antes você comia — comentou Rosie. — Quando papai era vivo.

— Seu pai também costumava comer. E veja só o resultado: um ataque cardíaco com quarenta e um anos. Em que mundo vivemos?

— Mas ele amava comida.

— Ele amava tudo — respondeu a mãe, amargurada. — Amava comida, amava pessoas, amava a filha. Amava cozinhar. Me amava. E qual foi o resultado? Só acabou indo mais cedo para o túmulo. Não dá para sair por aí amando as coisas desse jeito. Já lhe disse isso.

— É. Acho que já disse mesmo. — Caminhou na direção do som da voz da mãe, a mão erguida diante do rosto para evitar bater em uma das correntes de metal que pendiam do teto. Encontrou o ombro ossudo e passou o braço em volta dele. — Não estou com medo — declarou, no escuro.

— Então você é doida.

Rosie soltou a mãe e voltou para o centro da despensa de carnes. De repente, algo rangeu. Poeira e pó de gesso caíram do teto.

— Rosie? O que você está fazendo? — perguntou a mãe.

— Balançando na corrente.

— Tome cuidado, menina. Se essa corrente ceder, você vai acabar caindo no chão e quebrando a cabeça antes mesmo de conseguir explicar o que está fazendo. — A filha não respondeu. A sra. Noah insistiu: — Eu já disse. Você está doida.

— Não, não estou. Só não estou mais com medo.

Acima deles, dentro da casa, a porta da frente bateu.

— Barba Azul voltou para casa — comentou a mãe de Rosie.

— Eu sei. Eu ouvi. Mesmo assim, não estou com medo.

* * *

As pessoas não paravam de dar tapinhas nas costas de Fat Charlie e de lhe pagar bebidas que vinham com enfeites de miniguardachuvas. Além disso, já tinha recebido cinco cartões de pessoas que trabalhavam no meio musical e que estavam na ilha para o festival.

Por todo o salão, as pessoas sorriam para ele. Mantinha um braço em volta de Daisy, podia senti-la tremendo. Ela levou os lábios até seu ouvido e falou:

— Você é doido de pedra, sabia?

— Funcionou, não foi?

Daisy olhou para ele.

— Você é cheio de surpresas.

— Vamos lá, ainda não acabou.

Ele chamou a maîtresse.

— Com licença... Enquanto eu cantava apareceu uma senhora. Ela entrou e encheu a caneca de café na cafeteira lá atrás, perto do bar. Para onde ela foi?

A maîtresse piscou e deu de ombros.

— Não sei...

— Sabe, sim — retrucou Fat Charlie. Sentia-se seguro e astuto. Sabia que em breve voltaria a se sentir como ele mesmo, mas cantara para uma plateia e gostara disso. Cantara para salvar a vida de Daisy e a própria, e conseguira. — Vamos conversar lá fora.

Era a canção. Enquanto cantava, tudo ficara perfeitamente claro. Ainda estava claro. Foi para o corredor, e Daisy e a maîtresse o seguiram.

— Qual o seu nome? — perguntou à maîtresse.

— Clarissa.

— Olá, Clarissa. Qual é o seu sobrenome?

Daisy interrompeu:

— Charlie, não é melhor chamar a polícia?

— Daqui a pouquinho. Clarissa de quê?

— Higgle.

— E qual é a sua relação com Benjamin? O concierge?

— Ele é meu irmão.

— E qual é exatamente a relação entre vocês e a sra. Higgler?
Callyanne Higgler?

— Eles são minha sobrinha e sobrinho, Fat Charlie — respondeu a sra. Higgler, na porta. — Agora, acho que seria melhor você ouvir essa sua noiva e chamar a polícia. Não é mesmo?

* * *

Spider estava parado à margem do riacho no topo do penhasco, sentado de costas para a encosta e com uma pilha de pedras para arremessar à frente. Foi quando apareceu um homem cortando caminho pelo capim alto. O homem estava nu, exceto por uma faixa de pele cor de areia ao redor da cintura, com uma cauda pendendo na parte de trás. Usava um colar de dentes pontudos, brancos e afiados. O cabelo era negro e comprido. Ele caminhou com naturalidade na direção de Spider, como se tivesse apenas saído para uma caminhada matinal rotineira e ver o outro ali sentado fosse uma surpresa agradável.

Spider pegou uma pedra do tamanho de uma toranja e a equilibrou na mão.

— Olá, filho de Anansi — cumprimentou o estranho. — Eu estava só de passagem e vi você, então fiquei pensando se podia fazer alguma coisa para ajudar. — O nariz dele parecia meio quebrado e inchado.

Spider balançou a cabeça. Sentia falta da língua.

— Quando vi você por lá, fiquei pensando: *coitadinho do filho de Anansi, deve estar com tanta fome*. — O estranho abriu um sorriso grande demais. — Aqui. Tenho comida o suficiente para dividir.

Ele carregava um saco no ombro. Abriu-o, enfiou a mão direita lá dentro e tirou um cordeiro recém-abatido. Segurava a carcaça pelo pescoço, e a cabeça balançava.

— Seu pai e eu compartilhamos diversas refeições. Por que nós dois não poderíamos fazer o mesmo? Você vai acendendo o fogo, e eu limpo o carneiro e preparo um espeto para nós dois. Não dá para quase sentir o gosto?

Spider estava com tanta fome que não conseguia nem pensar. Se ainda tivesse sua língua, talvez teria dito *sim*, confiante em sua habilidade de se livrar de problemas com a conversa. Mas não tinha mais língua. Então pegou uma segunda pedra com a mão esquerda.

— Vamos nos banquetear e ser amigos. E que não haja mais mal-entendidos entre nós — sugeriu o estranho.

E aí o abutre e o corvo limparão meus ossos, pensou Spider.

O estranho deu outro passo em sua direção, e Spider decidiu que aquela era sua deixa para atirar a primeira pedra. Tinha uma boa mira e uma tacada excelente, e a pedra atingiu bem onde ele queria: no braço direito do estranho. O homem deixou o carneiro cair. A pedra seguinte o atingiu na lateral da cabeça — Spider estava mirando em um ponto bem entre os olhos afastados demais do homem, mas ele desviou.

Então o estranho saiu correndo a passos largos, a cauda estendida às costas. Enquanto corria, às vezes parecia homem, às vezes, animal.

Quando o sujeito sumiu, Spider foi pegar o cordeiro onde ele caíra. Ao se aproximar da carcaça, viu que ela se mexia, e, por um instante, achou que o bicho estivesse vivo. Então viu que a carne estava infestada de vermes. Fedia muito, e o fedor do cadáver o ajudou a esquecer o quanto estava com fome por um tempo.

Spider carregou a carcaça com os braços estendidos até a beira do precipício e o atirou no mar lá embaixo. Então lavou as mãos no riacho.

Não sabia há quanto tempo estava naquele lugar. Lá, o tempo se estendia e encolhia. O sol estava baixo no horizonte.

Depois do pôr do sol, mas antes do nascer da lua, pensou Spider.
É nessa hora que a fera vai voltar.

* * *

O representante da Polícia de Saint Andrews, um sujeito de alegria inabalável, sentou-se no escritório da administração do hotel com Daisy e Fat Charlie e ouviu tudo o que cada um deles tinha a dizer com o rosto largo congelado em um sorriso plácido, embora inexpressivo. Às vezes, erguia um dedo para coçar o bigode.

Eles contaram ao policial que um fugitivo da justiça chamado Grahame Coats os abordara enquanto jantavam e ameaçara Daisy com uma arma. O que, também foram forçados a admitir, ninguém além de Daisy chegara a ver de fato. Então Fat Charlie contou sobre o incidente com o Mercedes preto e a bicicleta, e não, ele não chegara a ver quem estava dirigindo o veículo. Mas sabia de onde o carro viera. Contou ao policial sobre a casa no alto do penhasco.

O homem tocou o bigode grisalho, pensativo.

— É verdade, tem mesmo uma casa onde você está falando. Só que não pertence a esse homem, Coats. Longe disso. O senhor está falando da casa de Basil Finnegan, um sujeito bastante distinto. Por muitos anos, o sr. Finnegan demonstrou interesse saudável na lei e na ordem. Doou dinheiro para escolas, mas, o que é mais importante, contribuiu com uma soma considerável para a construção de uma nova delegacia policial.

— Ele apontou uma arma para a minha barriga — retrucou Daisy. — E disse que, a não ser que o acompanhássemos, ia atirar.

— Se esse fosse mesmo o sr. Finnegan, mocinha, tenho certeza de que haveria uma explicação muito simples. — O policial abriu uma maleta e retirou um grosso maço de papéis. — Aqui vai uma sugestão: pensem no assunto. Reflitam durante a noite. Se, de manhã, ainda estiverem convencidos de que foi mais do que um exagero, uma coisa do momento, basta preencher esse formulário e deixar as três vias na delegacia. Perguntem onde fica a nova delegacia, nos fundos da praça da cidade. Todo mundo sabe onde é.

Ele apertou a mão dos dois e seguiu seu caminho.

— Você devia ter contado que também é policial — sugeriu Fat Charlie. — Talvez ele nos levasse mais a sério.

— Acho que não teria ajudado. Qualquer um que chama uma mulher de “mocinha” já a excluiu do grupo de pessoas a quem vale a pena ouvir.

Eles foram até a recepção do hotel.

— Aonde ela foi? — perguntou Fat Charlie.

Benjamin Higgle respondeu:

— Tia Callyanne? Está esperando vocês na sala de reuniões.

* * *

— Pronto — disse Rosie. — Sabia que ia conseguir. Era só continuar me balançando.

— Ele vai matar você.

— Ele vai nos matar de qualquer jeito.

— Não vai funcionar.

— Mãe. Você tem uma ideia melhor?

— Ele vai ver você.

— Mãe. Pode parar de ser tão negativa? Se tem alguma sugestão que possa ajudar, por favor, diga. Se não tiver, nem se dê ao trabalho. Está bem?

Silêncio.

— Eu podia mostrar o traseiro para ele.

— O quê? — indagou Rosie.

— Você me ouviu.

— Hum. Em vez de?

— Além de.

Silêncio. Então Rosie comentou:

— Bem, mal não pode fazer.

* * *

— Olá, sra. Higgler — cumprimentou Fat Charlie. — Eu quero aquela pena de volta.

— E por que você acha que estou com a sua pena? — perguntou ela, os braços cruzados sobre os seios fartos.

— A sra. Dunwiddy me contou.

Pela primeira vez, a sra. Higgler pareceu surpresa.

— Então Louella disse que a pena está comigo?

— Sim, ela disse que a pena está com a senhora.

— Eu só estou tentando descobrir se é seguro falar. — A sra. Higgler gesticulou com a caneca de café, indicando Daisy. — Você não acha que eu vou abrir o bico na frente dela, né? Nem sei quem ela é.

— Essa é Daisy. Pode dizer a ela qualquer coisa que diria a mim.

— É a sua noiva — comentou a sra. Higgler. — Ouvi falar.

Fat Charlie sentiu o rosto esquentar.

— Ela não é minha... Na verdade, não somos. Eu precisava falar alguma coisa para livrá-la do cara que estava armado. Parecia a coisa mais simples a dizer.

A sra. Higgler o encarou. Por trás dos óculos grossos, os olhos dela começaram a brilhar.

— Fiquei sabendo que foi no meio de uma canção. Diante de um monte de gente. — Ela balançou a cabeça, de um jeito que velhos fazem quando refletem sobre a tolice dos jovens. Ela abriu a bolsa preta, tirou um envelope de dentro e o entregou a Fat Charlie. — Prometi a Louella que a manteria em segurança.

Fat Charlie pegou a pena do envelope, que estava um pouco esmagada no lugar onde ele a apertara na noite do ritual mágico.

— Certo. A pena. Excelente. — Então se virou para a sra. Higgler: — E agora, o que eu faço com ela?

— Você não sabe?

A mãe de Fat Charlie o ensinara, quando pequeno, a contar até dez antes de perder a paciência. Ele contou, em silêncio e sem pressa, e logo em seguida perdeu a paciência.

— É claro que eu não sei o que fazer com ela, sua velha idiota! Nessas duas últimas semanas fui preso, perdi minha noiva e meu emprego, vi meu irmão meio imaginário ser devorado por uma muralha de aves em Piccadilly Circus e voei de um lado a outro do Atlântico como uma bola de pingue-pongue. E hoje ainda subi diante de uma plateia e... E *cantei*. Tudo porque meu ex-patrão psicopata estava apontando uma arma para a barriga da garota que estava jantando comigo. Só estou tentando resolver a confusão em que minha vida se transformou desde que *a senhora* pensou que talvez eu fosse querer falar com meu irmão. Então, não: não sei o que fazer com essa maldita pena. É para queimá-la? Picá-la e comê-la? Fazer um ninho com ela? Segurá-la à minha frente e pular da janela?

A sra. Higgler parecia irritada.

— Você precisa perguntar a Louella Dunwiddy.

— Não tenho certeza se dá para fazer isso. Ela não parecia muito bem da última vez em que a vi. E não temos muito tempo.

Daisy interveio:

— Ótimo, você conseguiu a pena de volta. Agora podemos, por favor, falar sobre Grahame Coats?

— Isso não é só uma pena. É a pena que ganhei em troca do meu irmão.

— Então a troque de volta e vamos seguir em frente. Precisamos fazer alguma coisa.

— Não é tão simples — respondeu Fat Charlie. Então parou e pensou no que dissera e no que Daisy respondera. Olhou admirado para a mulher. — Meu deus, como você é esperta!

— Eu me esforço. O que foi que eu falei?

Não tinham quatro velhinhas, mas tinham a sra. Higgler, Benjamin e Daisy. O jantar estava quase terminando, então Clarissa, a maîtresse, pareceu muito feliz em se juntar a eles. Não tinham as terras de quatro cores, mas havia areia branca da praia atrás do hotel, terra preta do canteiro de flores à frente, lama vermelha da lateral e a areia multicolorida que vinha em tubos de ensaio vendidos na loja

de lembranças. As velas que pegaram no bar da piscina eram pequenas e brancas, não altas e negras. A sra. Higgler garantiu que dava para encontrar todas as ervas de que precisavam ali na ilha, mas Fat Charlie pediu a Clarissa para trazer um ramo de *bouquet garni* da cozinha.

— Acho que é tudo uma questão de confiança — explicou Fat Charlie. — A coisa mais importante não são os detalhes. É a atmosfera mágica.

A atmosfera mágica, no caso, não se intensificou com a tendência de Benjamin Higgler de olhar ao redor da mesa e ter um ataque de risadinhas, nem com o fato de Daisy não parar de comentar que tudo aquilo era bem idiota.

A sra. Higgler jogou o *bouquet garni* em uma tigela com um resto de vinho branco.

Ela começou a cantarolar. Ergueu as mãos para encorajá-los, e os outros se juntaram a ela, parecendo abelhas bêbadas. Fat Charlie ficou esperando alguma coisa acontecer.

Nada aconteceu.

— Fat Charlie, cante você também — mandou a sra. Higgler.

Ele engoliu em seco. *Não há nada a temer*, disse a si mesmo. Já tinha cantado diante de um salão cheio de gente e pedido uma mulher que mal conhecia em casamento diante de uma plateia. Cantarolar era moleza.

Identificou a nota que a sra. Higgler entoava e a deixou vibrar em sua garganta...

Segurou a pena. Cantou e se concentrou.

Benjamin parou de dar risadinhas. Arregalou os olhos. Seu rosto parecia alarmado, e Fat Charlie ia parar de cantar para perguntar por que ele estava incomodado, mas a canção agora estava dentro dele, e as velas tremeluziam...

— Olhe só para ele! — exclamou Benjamin. — Ele está...

E Fat Charlie teria se perguntado o que estava, exatamente, mas era tarde demais.

A neblina se dissipou.

Fat Charlie caminhava por uma ponte, uma passarela longa e branca que cruzava uma grande extensão de água cinzenta. Um pouco à frente, no meio da ponte, havia um homem sentado em uma cadeira de madeira. Estava pescando. Usava um chapéu fedora verde cobrindo os olhos. Parecia cochilar, e não se moveu quando Fat Charlie se aproximou.

Fat Charlie reconheceu o homem e pôs a mão em seu ombro.

— Sabia que era fingimento. Não acreditei que estivesse morto de verdade.

O homem na cadeira não se mexeu, mas sorriu.

— Isso mostra que você não sabe nada. Estou mortinho da silva.
— Ele se espreguiçou de um jeito exagerado, puxou uma cigarrilha preta de trás da orelha e a acendeu com um fósforo. — É, estou morto. E acho que vou ficar assim por um tempo. Se a pessoa não morre de vez em quando, começam a achar que ela sempre vai estar lá.

— Mas...

Anansi levou o indicador aos lábios, pedindo silêncio. Ele pegou a vara de pescar e começou a enrolar a linha. Apontou para uma pequena rede, que Fat Charlie pegou e segurou estendida enquanto o pai levava até ela um peixe prateado e comprido que não parava de se debater. Então tirou o anzol da boca do peixe e o jogou em um balde branco.

— Pronto. O jantar de hoje está garantido.

Pela primeira vez, Fat Charlie percebeu que era noite quando se sentou à mesa com Daisy e os Higglers, embora, onde ele estava agora, o sol ainda ia baixo no céu, mas ainda não tinha se posto.

O pai dobrou a cadeira e a entregou junto com o balde a Fat Charlie, para que ele carregasse. Os dois saíram andando pela ponte. O sr. Nancy começou a falar:

— Sabe, sempre pensei que explicaria como tudo funciona, caso algum dia você viesse falar comigo. Mas parece que você está indo muito bem por conta própria. Então, o que o trouxe aqui?

— Não sei direito. Estava procurando a mulher-pássaro. Quero devolver a pena dela.

— Você não devia se meter com esse tipo de gente — comentou o pai, displicente. — Nunca dá em nada de bom. Aquela lá é um balaio de ressentimentos. Mas é covarde.

— Foi Spider... — retrucou Fat Charlie.

— O que é culpa sua. Não devia ter deixado aquela velha intrometida mandar metade de você embora...

— Eu era só uma criança. Por que *você* não fez alguma coisa?

Anansi afundou o chapéu na cabeça.

— A velha Dunwiddy não podia fazer nada que você não deixasse. Afinal de contas, você é *meu* filho.

Fat Charlie pensou naquilo, então respondeu:

— Mas por que você não *me contou*?

— Você está indo bem, está descobrindo tudo sozinho. Descobriu as canções, não foi?

Fat Charlie se sentiu ainda mais desajeitado, gordo e decepcionante para o pai, mas não respondeu que “não”. Em vez disso, falou:

— O que você acha?

— Acho que você está quase lá. O mais importante sobre as canções é que elas são como as histórias: não valem droga nenhuma, a menos que alguém as escute.

Estavam se aproximando do fim da ponte. Fat Charlie sabia, sem que lhe dissessem, que aquela era a última chance que os dois teriam de conversar. Havia tantas coisas que precisava descobrir, tantas coisas que queria saber.

— Pai, quando eu era criança... Por que você me humilhava?

O velho franziu a testa.

— Humilhava? Eu amava você.

— Você me fez ir à escola fantasiado de presidente Taft. É isso que chama de amor?

O velho soltou um som parecido com um ganido que podia muito bem ser uma risada, depois tragou a cigarrilha. A fumaça escapou

de seus lábios, e mais parecia um balão de diálogos fantasmagórico.

— Sua mãe ficou me perturbando por causa disso — comentou. — Não temos muito tempo, Charlie. Quer mesmo ficar discutindo durante o pouco que nos resta?

Fat Charlie balançou a cabeça.

— Melhor não.

Eles chegaram ao fim da ponte.

— Bem, quando encontrar seu irmão, quero que entregue uma coisa a ele, em meu nome.

— O quê?

O pai ergueu a mão, baixou a cabeça de Fat Charlie e beijou sua testa de leve.

— Isso.

Fat Charlie se endireitou. O pai o encarava com uma expressão que, se estivesse no rosto de qualquer outra pessoa no mundo, ele teria pensado que era orgulho.

— Me deixe ver essa pena.

Fat Charlie enfiou a mão no bolso. A pena estava lá, parecendo ainda mais amassada e destroçada do que antes.

O pai estalou a língua e ergueu a pena contra a luz.

— É uma bela pena — comentou. — Não é bom deixá-la toda amassada. Ela não vai aceitá-la de volta neste estado. — O sr. Nancy passou a mão pela pena, que ficou como nova outra vez. Então ficou olhando para ela com o cenho franzido. — E aí você vai deixá-la toda amassada de novo. — Ele bafejou sobre as unhas e as poliu no paletó. Então pareceu se decidir. Tirou o chapéu fedora da cabeça e enfiou a pena na fita que o envolvia. — Pronto. E, de quebra, você vai ficar bem com um chapéu bacana desses. — Ele enfiou o chapéu na cabeça do filho. — Ficou ótimo.

Fat Charlie deu um suspiro.

— Pai, eu não uso chapéu. Vou ficar ridículo. Vou ficar com cara de idiota. Por que você sempre tenta me fazer passar vergonha?

Sob a luz que ia se acabando, o pai olhou para o filho.

— Acha mesmo que eu mentiria para você? Filho, para usar chapéu basta ter atitude. E você tem. Acha mesmo que eu diria que ficou bom se não tivesse ficado? Ficou muito elegante. Não acredita em mim?

— Na verdade, não.

— Então olhe ali — sugeriu o pai, apontando para a murada da ponte.

A água abaixo deles estava imóvel, lisa como um espelho, e o homem que o encarava de volta parecia mesmo elegante, com seu novo chapéu verde.

Fat Charlie ergueu os olhos para explicar que talvez estivesse enganado, mas o pai já tinha desaparecido.

Saiu da ponte, entrando na noite.

* * *

— Muito bem, quero saber exatamente onde ele está. Aonde ele foi? O que fez com ele?

— Eu não fiz nada. Meu Deus, garota — respondeu a sra. Higgler.

— Isso não aconteceu da última vez.

— Pareceu que ele foi teleportado de volta para a nave mãe — comentou Benjamin. — Irado. Efeitos especiais na vida real.

— Quero que a senhora traga Fat Charlie de volta — exigiu Daisy, enfática. — Traga ele aqui *agora mesmo*.

— Mas eu nem sei onde ele está — retrucou a sra. Higgler. — E eu não o mandei para lá. Ele fez isso sozinho.

— Mas e se ele estiver lá fazendo o que tem que fazer e nós o trouxermos de volta? Podemos estragar tudo — interveio Clarissa.

— Exatamente — concordou Benjamin. — Seria como teleportar de volta a equipe de exploração bem no meio da missão.

Daisy pensou naquilo por alguns instantes e ficou muito irritada ao perceber que fazia sentido. Bem, tanto sentido quanto qualquer outra coisa naqueles dias.

Clarissa se pronunciou outra vez:

— Se vocês não precisarem mais de mim, tenho que voltar para o restaurante. Para ver se está tudo bem.

A sra. Higgler bebericou o café.

— Pode ir — anunciou.

Daisy deu um tapa na mesa.

— Ora, por favor! Temos um assassino à solta, e Fat Charlie foi teleportado para a nave mestra.

— Nave mãe — corrigiu Benjamin.

A sra. Higgler piscou. Então concordou:

— Está bem, temos que fazer alguma coisa. Qual é a sua sugestão?

— Não sei — admitiu Daisy, e se odiou por isso. — Passar o tempo, acho.

Ela pegou o exemplar do jornal *Williamstown Courier* que a sra. Higgler estava lendo mais cedo e começou a folheá-lo.

A história sobre as turistas desaparecidas, as mulheres que não tinham voltado para o navio, estava em uma coluna na página três. *As que estão lá em casa*, repetiu Grahame Coats, em sua cabeça. *Achavam mesmo que eu ia acreditar que elas vieram de cruzeiro?*

Ora, Daisy era policial, afinal de contas.

— Preciso de um telefone — disse.

— Vai ligar para quem?

— Acho que vou começar com o ministro do turismo e o delegado e vou continuar a partir daí.

* * *

O sol carmesim encolhia no horizonte. Se não fosse quem era, Spider estaria desesperado. Naquele lugar, na ilha, havia uma linha bem distinta entre dia e noite, e Spider assistiu à última migalha vermelha de sol ser engolida pelo mar. Tinha as pedras e as duas estacas.

Queria muito ter uma fogueira.

Ficou tentando descobrir quando a lua apareceria. Quando ela surgisse, Spider talvez tivesse uma chance.

O sol se pôs — os últimos traços de vermelho afundaram no mar escuro —, e veio a noite.

Ouviu-se uma voz na escuridão.

— Filho de Anansi, em breve, eu me alimentarei. Você não saberá onde estou até sentir minha respiração quente na nuca. Fiquei ao lado do seu corpo preso em estacas, disposto para mim. Poderia ter esmagado seu pescoço ali mesmo, mas reconsiderarei. Matá-lo dormindo não teria me dado prazer algum. Quero sentir você morrer. Quero que saiba por que tirei sua vida.

Spider jogou uma pedra na direção de onde achou que a voz vinha, mas a ouviu bater no mato, inofensiva.

A voz continuou:

— Você tem dedos, mas eu tenho garras mais afiadas que facas. Você tem duas pernas, mas eu tenho quatro patas que nunca se cansam, que podem correr dez vezes mais rápido que você pode pensar em correr e ainda continuar avançando. Seus dentes podem comer carne, mas só se o fogo a tiver deixado macia e sem gosto, porque são dentes pequenos de macaco, bons para mastigar frutas macias e insetos rastejantes. Mas eu tenho dentes que podem rasgar e arrancar a carne ainda viva dos ossos, e posso engoli-la enquanto o sangue da presa ainda jorra para os céus.

Então Spider fez um ruído. Era o tipo de ruído que podia ser feito sem língua, sem nem mesmo abrir os lábios. Era meio que um “hmph” de ironia e desprezo. Parecia dizer: *Você pode até ser tudo isso, Tigre, mas e daí? Todas as histórias que já foram contadas são de Anansi. Ninguém conta histórias do Tigre.*

Ouviu-se um rugido na escuridão, um rugido de frustração e fúria.

Spider começou a cantarolar a melodia de “Tiger Rag”. É uma canção antiga, boa para provocar os tigres. “Pegue aquele tigre”, “Onde foi parar o tigre?”, diz a letra.

Da próxima vez que a voz surgiu em meio às trevas, estava mais perto.

— Estou com sua mulher, filho de Anansi. Quando acabar com você, vou rasgar a carne dela. Aposto que a carne dela é mais doce que a sua.

Spider soltou um “hmph!”, comum às pessoas que sabem que estão mentindo para elas.

— O nome dela é Rosie.

Então Spider fez um ruído involuntário.

Na escuridão, alguém deu risada.

— E sobre seus olhos — prosseguiu a voz —, você tem olhos que, quando muito, veem o óbvio, e só em plena luz do dia. Mas meu povo tem olhos que podem ver os pelos se arrepiarem em seus braços enquanto falo, o terror em seu rosto. E veem tudo isso quando é noite. Tenha medo de mim, filho de Anansi. E se tiver que fazer alguma prece, faça agora.

Spider não tinha preces, mas tinha pedras, e podia jogá-las. Talvez desse sorte e uma delas acertasse alguma coisa no escuro. Ele sabia que seria um milagre se isso acontecesse, mas passara a vida inteira confiando em milagres.

Estendeu a mão para pegar outra pedra.

Algo roçou as costas de sua mão.

Olá, cumprimentou a pequena aranha de barro, em sua mente.

Olá, pensou Spider. Olha, estou um pouco ocupado aqui, tentando não ser devorado, então se você puder ficar quietinha por um tempinho...

Mas eu as trouxe, pensou a aranha. Como você pediu.

Como eu pedi?

Você não me mandou buscar ajuda? Eu as trouxe comigo. Elas seguiram o fio da minha teia. Não há aranhas neste universo, então escapei para o outro. Teci uma teia de lá até aqui e daqui para lá. Trouxe as guerreiras. Trouxe as corajosas.

— Em que está pensando? — indagou a voz do grande felino, na escuridão. E então completou, com humor um tanto refinado: — Qual é o problema? O gato comeu sua língua?

Uma única aranha é silenciosa. Elas cultivam o silêncio. Mesmo as que fazem ruídos tentam permanecer o mais imóvel possível, à espera. O que as aranhas mais fazem é esperar.

Bem lentamente, a noite foi se enchendo de um farfalhar baixinho.

Spider pensou na gratidão e no orgulho que sentia pela pequena aranha de sete patas que criara de sangue, saliva e terra. Ela escalou depressa das costas de sua mão até o ombro.

Ele não podia vê-las, mas sabia que estavam todas ali: as aranhas grandes e as pequenas, as aranhas venenosas e as que apenas picavam, as aranhas grandes e peludas e as elegantes e quitinosas. Seus olhos captavam toda a luz disponível, mas enxergavam pelas pernas, e a partir das vibrações construía uma imagem virtual do mundo ao redor.

Eram um exército.

O Tigre falou outra vez, em meio à escuridão:

— Quando você estiver morto, filho de Anansi, quando toda a sua linhagem estiver morta, as histórias serão minhas. As pessoas voltarão a contar as histórias do Tigre. Vão se reunir e louvar minha inteligência e minha força, minha crueldade e minha alegria. Todas as histórias serão minhas. Todas as canções serão minhas. O mundo voltará a ser como antes: um lugar difícil. Sombrio.

Spider escutou o farfalhar de seu exército.

Estava sentado à beira do precipício por um motivo. Embora não oferecesse lugar para onde recuar, também significava que o Tigre não poderia vir correndo para cima dele, teria que se aproximar bem lentamente.

Spider começou a rir.

— Do que você está rindo, filho de Anansi? Perdeu o juízo?

Spider deu uma risada ainda mais alta e mais longa.

Um uivo percorreu a escuridão. O Tigre encontrara seu exército.

Existem muitos tipos de veneno de aranha. Às vezes demora bastante para uma picada fazer efeito. Biólogos passaram anos estudando isso: há aranhas cujo veneno pode fazer o local afetado necrosar e morrer, o que às vezes pode acontecer mais de um ano

após a picada. E por que as aranhas fazem isso? É simples: porque acham engraçado. E porque não querem que você se esqueça delas.

Viúvas-negras picaram o focinho machucado do Tigre, e tarântulas atacaram as orelhas: em instantes, os pontos sensíveis de seu corpo começaram a arder e latejar, a inchar e coçar. O Tigre não entendia o que estava acontecendo, só sabia que, de repente, seu corpo ardia e doía — e que estava com medo.

Spider deu uma risada mais alta e mais longa, e ouviu o que parecia um animal enorme correndo para dentro da mata, rugindo de agonia e medo.

Então se sentou e esperou. O Tigre voltaria. Spider não tinha dúvidas. O assunto ainda não estava resolvido.

Ele pegou a aranha de sete patas do ombro e a acariciou, passando os dedos pelo corpo largo.

Um pouco mais abaixo, na encosta, algo brilhava com uma luz verde fria, tremeluzindo como as luzes de uma pequena cidade, acendendo e apagando na noite. E vinha em sua direção.

O pisca-pisca se revelou ser uma nuvem de cem mil vaga-lumes. Havia uma silhueta iluminada no centro daquela luz tremeluzente, uma figura escura em forma de homem. Caminhava morro acima, determinada.

Spider ergueu uma pedra e preparou mentalmente as tropas de aranhas para mais um ataque. Então parou. Havia algo familiar na figura que brilhava à luz dos vaga-lumes: ela usava um chapéu fedora verde.

* * *

Grahame Coats tinha bebido quase toda a meia garrafa de rum que encontrara na cozinha. Tinha aberto o rum porque não queria descer até a adega e porque achou que aquilo fosse deixá-lo bêbado mais rápido que o vinho. Infelizmente, não foi o caso. A bebida não parecia estar fazendo efeito, muito menos fornecendo a

sensação de se estar desconectado emocionalmente que ele julgava precisar. Caminhou pela casa com a garrafa em uma das mãos e um copo meio cheio na outra, tomando ora um gole de um, ora de outro. Captou um vislumbre do próprio reflexo no espelho, todo suado e acabado.

— Ânimo — disse em voz alta. — As linhas são tortas mesmo. Tem que ver o lado bom das coisas. Quebrar os ovos da omelete. O apressado come cru. Depois da tempestade...

O rum estava quase acabando.

Ele voltou para a cozinha. Abriu vários armários, até que encontrou uma garrafa de licor escondida. Pegou-a e aninhou-a nos braços, agradecido, como se ela fosse uma velha amiga bem pequenininha que tivesse acabado de voltar depois de muitos anos no mar.

Desatarraxou a tampa da garrafa. Era licor para cozinhar, mas ele bebeu como se fosse limonada.

Grahame Coats percebeu outras coisas enquanto procurava álcool na cozinha. Havia, por exemplo, facas. Algumas eram bem afiadas. Em uma das gavetas, tinha até uma pequena serra de aço inoxidável. Grahame Coats achou isso ótimo. Seria uma solução bem simples para o problema do porão.

— *Habeas corpus* — disse. — Ou *habeas delicti*. Um desses. Se não há corpo, não há crime. *Ergo. Quod erat demonstrandum*.

Ele tirou a arma do bolso do paletó e a colocou sobre a mesa da cozinha. Arrumou as facas em volta dela, formando um padrão parecido com os raios de uma roda.

Então falou, no mesmo tom que usava para convencer boy bands inocentes de que era hora de assinar o primeiro contrato com ele e abraçar a fama, ou melhor, a fortuna:

— Bem, antes tarde do que nunca.

Prendeu três facas no cinto com a lâmina para baixo, guardou a serra no bolso do paletó e, com a arma na mão, desceu a escada da adega. Acendeu as luzes, piscou para as garrafas de vinho ali ao lado — cada uma em um suporte, todas cobertas por uma fina

camada de poeira —, e parou ao lado da porta de ferro da despensa de carnes. Então gritou:

— Muito bem! Para sorte de vocês, não quero fazer mal a ninguém. Vou deixar as duas saírem. Foi só um mal-entendido. Mesmo assim, sem ressentimentos. Não adianta chorar pelo leite derramado. Vão para a parede dos fundos. Fiquem em posição. Nada de gracinhas.

A quantidade de clichês existentes para pessoas armadas é meio reconfortante, pensou, enquanto abria as trancas. Aquilo o fazia sentir-se membro de uma irmandade: Bogart estava ao seu lado, junto com Cagney e todas as outras pessoas que gritavam com as outras em seriados policiais.

Acendeu a luz e abriu a porta. A mãe de Rosie estava parada de costas, perto da parede dos fundos. Quando Grahame Coats entrou, ela levantou a saia e sacudiu a bunda morena surpreendentemente magra.

Grahame Coats ficou de queixo caído. Foi nesse momento que Rosie golpeou seu pulso com um pedaço de corrente enferrujada, jogando a arma para o outro lado da despensa.

Com o entusiasmo e a precisão de uma mulher muito mais jovem, a mãe de Rosie deu um chute em seu saco. Quando ele botou as mãos na virilha e caiu de joelhos, emitindo ruídos em uma frequência que só cães e gatos poderiam ouvir, Rosie e a mãe fugiram, aos trancos e barrancos.

Elas bateram a porta, e Rosie virou uma das trancas. As duas se abraçaram.

Ainda estavam na adega quando todas as luzes se apagaram.

— Deve ter sido um fusível queimado — disse Rosie, tentando tranquilizar a mãe.

Não estava muito certa daquilo, mas não havia outra explicação.

— Você devia ter virado as duas trancas — comentou a mãe.

Em seguida gritou um “Ai!” ao tropeçar em alguma coisa e soltou um palavrão.

— Veja pelo lado bom — retrucou Rosie. — *Ele* também não consegue enxergar no escuro. Segure minha mão, acho que a escada é por aqui.

Quando a luz se apagou, Grahame Coats estava de quatro no chão de concreto da despensa de carnes, já no escuro. Algo quente escorria por sua perna. Por um momento desagradável, achou que tivesse molhado as calças, até que percebeu que a lâmina de uma das facas presas em seu cinto fizera um corte fundo no alto da perna.

Parou de se mover e deitou-se no chão. Chegou à conclusão de que beber tanto fora uma atitude muito sensata: era praticamente um anestésico. Resolveu dormir.

Mas não estava sozinho ali dentro. Havia alguém ali com ele. Algo que se movia em quatro patas.

Ouviu um rosnado:

— Levante-se.

— Não consigo. Estou ferido. Quero a minha cama.

— Você é uma criatura desprezível, destrói tudo que toca. Agora se levante.

Grahame Coats retrucou, naquele tom razoável de bêbado:

— Eu adoraria, mas não posso. Vou ficar deitado aqui no chão só um pouquinho. Mas, de qualquer jeito, ela trancou a porta. Eu ouvi.

Ele ouviu um som meio arranhado do outro lado da porta, como uma tranca abrindo bem devagar.

— A porta está aberta. Se você ficar aqui, vai morrer. — Ouviu um farfalhar impaciente, o ruído furtivo de uma cauda e um rugido meio abafado no fundo da garganta. — Me dê a mão e jure obediência. Convide-me para entrar em você.

— Eu não enten...

— Me dê a mão ou vai sangrar até a morte.

No escuro da despensa de carnes, Grahame Coats estendeu a mão. Alguém — ou alguma coisa — a segurou firmemente, o que foi meio reconfortante.

— E então, algum problema em eu entrar?

Grahame Coats foi tomado por um instante de fria sobriedade. Já fora longe demais. Nada do que fizesse pioraria a situação.

— Claro que de jeito nenhum — murmurou.

Ao dizer aquilo, começou a se transformar. Via no escuro como se fosse dia. Por apenas um instante, pensou ter visto algo ao seu lado, algo maior que um homem e com dentes muito, muito afiados. Mas a coisa desapareceu de repente, e Grahame Coats sentia-se fantástico. Sua perna não sangrava mais.

Conseguia ver muito bem naquela escuridão. Tirou as facas do cinto e as largou no chão. Também arrancou os sapatos. Havia uma arma no chão, mas ele a deixou lá. Armas eram para macacos, corvos e fracotes. Ele não era um macaco.

Era um caçador.

Ergueu-se nas mãos e nos joelhos, então caminhou de quatro na direção da adega.

Conseguia ver as mulheres. Elas tinham encontrado a escada que levava à casa e estavam subindo às cegas, de mãos dadas na escuridão.

Uma delas era velha, a carne já dura. A outra era jovem e tenra. Sentiu a boca salivar, a boca de alguém que era apenas em parte Grahame Coats.

* * *

Fat Charlie saiu da ponte e adentrou o lusco-fusco, o chapéu fedora verde do pai enfiado na cabeça. Avançou pela praia rochosa, subindo o declive, escorregando nas pedras e chapinhando em poças. Então pisou em algo que se movia. Perdeu o equilíbrio e tirou depressa o pé.

A coisa se ergueu, e continuou a se erguer. Seja lá o que fosse, era enorme. A princípio, Fat Charlie pensou que ela tivesse o tamanho de um elefante, mas a coisa continuou a crescer.

Luz, pensou Fat Charlie. Cantou em voz alta, e todos os vagalumes daquele lugar se agruparam ao seu redor, exibindo a luzinha

verde e tremeluzente. Sob a luz deles, Fat Charlie pôde ver que dois olhos maiores que pratos o encaravam, grudados em um rosto reptiliano e presunçoso.

Ele os encarou de volta.

— Boa noite — cumprimentou, animado.

A voz da criatura era macia como uma almofada de seda.

— Olá. Ora, ora. Você tem a cara do meu jantar.

— Sou Charlie Nancy — disse Charlie Nancy. — Quem é você?

— Sou o Dragão. E vou mastigar você inteirinho, homenzinho de chapéu.

Charlie piscou.

O que meu pai faria? O que Spider faria? Não fazia ideia. Vamos lá! Spider é meio que parte de mim, afinal. Posso fazer tudo o que ele faz.

— Hã. Você está cansado de conversar comigo e vai me deixar passar sem ser perturbado — disse ao Dragão, com o máximo de convicção que conseguiu reunir.

— Nossa. Boa tentativa. Mas, infelizmente, não estou cansado de conversar — retrucou o Dragão, animado. — Na verdade, vou devorar você.

— Por acaso você tem medo de limões? — perguntou Charlie, antes de lembrar que dera o limão para Daisy.

A criatura deu uma risada de escárnio.

— Há. Nada me dá medo.

— Nada?

— Nada.

Então Charlie perguntou:

— Tem certeza de que nada *mata você de medo*?

— É. Nada me mata de medo — admitiu o dragão.

— Sabe, tem um monte de nada nos meus bolsos. Quer ver?

— Não mesmo — respondeu o Dragão, parecendo se sentir desconfortável.

Ele bateu asas, fazendo um barulho semelhante ao de velas de navio ao vento, e Fat Charlie ficou sozinho na praia.

— Isso foi fácil demais — comentou.

Continuou a andar. Criou uma canção para a caminhada. Charlie sempre teve vontade de criar canções, mas nunca o fizera, ainda mais porque acreditava que, se fizesse uma, alguém pediria para cantá-la — o que não teria sido muito bom, assim como morrer enforcado não teria sido muito bom. Mas agora ligava cada vez menos, e cantou a canção para os vaga-lumes, que o seguiram morro acima. Era uma canção sobre encontrar a mulher-pássaro e recuperar o irmão. Torcia para que os vaga-lumes estivessem gostando. A luz deles parecia pulsar e piscar no ritmo da música.

A mulher-pássaro esperava por ele no alto do morro.

Charlie tirou o chapéu e sacou a pena da faixa.

— Aqui. Acredito que isso seja seu.

Ela não fez menção de pegá-la.

— Nosso trato está acabado — insistiu Charlie. — Eu trouxe a pena. Quero meu irmão. Você o levou. Quero ele de volta. A linhagem de Anansi não era minha, para eu poder dar a alguém.

— E se eu não estiver mais com seu irmão?

Era difícil dizer, à luz dos vaga-lumes, mas Charlie achou que os lábios dela não tinham se movido. No entanto, as palavras o envolviam, com o canto dos noitibós e os pios das corujas.

— Quero meu irmão de volta. E são e salvo. E quero agora. Ou o que quer que tenha acontecido entre você e meu pai terá sido apenas o início. Entendeu? Só o começo.

Charlie nunca ameaçara outra pessoa. Não tinha ideia de como levaria aquilo adiante — mas tinha certeza de que o faria.

— Seu irmão estava comigo, mas arranquei a língua dele e o larguei no mundo do Tigre. Não posso fazer mal à linhagem de seu pai. Mas o Tigre pode, basta arranjar coragem — respondeu ela, naquele trovejar amargo e distante.

Fez-se silêncio. Os sapos e as aves noturnos ficaram absolutamente quietos. Ela o encarou, impassível. Seu rosto era quase parte das sombras. A mulher-pássaro enfiou a mão no bolso da capa de chuva.

— Me dê a pena.

Charlie colocou a pena na mão dela.

Então se sentiu mais leve, como se tivesse se livrado de mais do que uma pena velha...

Foi quando a mulher colocou uma coisa em sua mão. Era fria e úmida. Parecia um pedaço de carne, e Charlie teve que reprimir a vontade de atirá-lo longe.

— Devolva isso a ele — explicou a mulher-pássaro, com a voz da noite. — Ele não precisa mais se vingar de mim.

— Como vou levar isso ao mundo do Tigre?

— Como você chegou aqui? — perguntou ela, parecendo achar graça, e Charlie viu que estava sozinho na colina.

Abriu a mão e olhou para o pedaço de carne que havia ali, mole e com bordas irregulares. Parecia uma língua, e Charlie sabia de quem ela devia ser.

Estou colocando o chapéu de pensar, disse a si mesmo, enquanto enfiava o chapéu fedora de volta na cabeça.

Em seus pensamentos, aquilo não pareceu tão ridículo. Não era um chapéu de pensar, mas era o tipo de chapéu usado por alguém que não só pensava, mas que também chegava a conclusões importantes e vitais.

Imaginou que os mundos fossem como uma teia. A imagem reluzia em sua mente, conectando-o com todos que conhecia. O fio que o ligava a Spider era forte e brilhante, cintilando com uma luz fria, como um vaga-lume ou uma estrela.

Spider já fora parte dele. Charlie se agarrou a esse pensamento e deixou que a teia preenchesse sua mente. Além disso, estava com a língua do irmão nas mãos, algo que fora parte de Spider até pouco tempo e que desejava com todas as forças ser parte dele outra vez. As coisas vivas tinham memória.

A fortíssima luz da teia brilhava ao seu redor. Tudo o que Charlie precisava era segui-la.

Ele a seguiu, e os vaga-lumes se aglomeraram ao seu redor e viajaram junto com ele.

— Ei. Sou eu.

Spider respondeu com um grunhido baixo e terrível.

Sob o brilho da luz dos vaga-lumes, Charlie viu que o irmão estava com um aspecto horrível: parecia um animal machucado. Crostas de feridas marcavam seu rosto e peito.

— Acho que isso é seu — comentou.

Spider pegou a língua com o irmão e fez um gesto exagerado de agradecimento. Então a enfiou na boca, endireitou no lugar e apertou. Charlie ficou olhando e esperando. Spider logo pareceu ficar satisfeito. Experimentou alguns movimentos com a língua, levando-a de um lado a outro como se lambesse os beiços, depois abriu bem a boca e mexeu a língua lá dentro. Então a fechou e se levantou. Finalmente, com a voz ainda meio trêmula, disse:

— Chapéu legal.

* * *

Rosie conseguiu chegar primeiro no topo da escada, então abriu a porta da adega. Entrou na casa aos tropeços e esperou a mãe passar. Em seguida, trancou a porta da adega. A casa estava sem luz, mas a lua estava alta e quase cheia no céu, e, depois de toda aquela escuridão, o luar pálido que entrava pelas janelas da cozinha parecia até um holofote.

Criancinhas, venham brincar, pensou Rosie, lembrando-se de uma velha cantiga. *Hoje o sol é o luar...*

— Ligue para a polícia — mandou a mãe.

— Onde fica o telefone?

— Como é que eu vou saber onde fica o telefone? Ele ainda está lá embaixo.

— Certo — respondeu Rosie, pensando se devia encontrar um telefone e ligar para a polícia ou só dar o fora daquela casa. Mas, antes de chegar a uma decisão, era tarde demais.

Houve um estrondo tão alto que seus ouvidos doeram, e a porta da adega foi arrombada.

Uma sombra saiu de lá.

Era real. Rosie sabia que era real. Estava olhando para ela. Mas era impossível: era a sombra de um grande felino, peludo e enorme. Porém, por mais estranho que fosse, a sombra pareceu ficar *mais escura* quando a luz do luar a atingiu. Rosie não conseguia ver os olhos da criatura, mas sabia que ela a observava. E sabia que ela estava com fome.

Aquilo ia matá-la. Tudo terminaria ali mesmo.

A mãe anunciou:

— Ela quer você, Rosie.

— Eu sei.

Ela pegou a maior coisa que tinha ali por perto: um bloco de madeira que servia para guardar facas, mas que não tinha nenhuma, e o jogou na sombra com toda a força. Então, sem esperar para ver se acertara, saiu da cozinha correndo o mais rápido que podia e entrou no corredor. Sabia onde ficava a porta da frente...

A coisa escura e de quatro patas se moveu mais rápido. Saltou por cima da cabeça de Rosie e aterrissou diante dela quase sem fazer barulho.

Rosie recuou contra a parede, sentindo a boca seca.

A fera estava posicionada entre elas e a porta da frente, e avançava lenta e silenciosamente na direção de Rosie, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Foi então que a mãe saiu correndo da cozinha, passou por Rosie e continuou correndo pelo corredor enluarado na direção da enorme sombra, agitando os braços. Com os punhos magros, socou a criatura nas costelas. Houve uma pausa, como se o mundo estivesse prendendo a respiração, e a fera reagiu. Com um movimento borrado, a mãe de Rosie foi jogada no chão, e a sombra começou a sacudi-la como um cachorro faria com uma boneca de pano entre os dentes.

A campainha tocou.

Rosie queria pedir ajuda, mas, em vez disso, começou a gritar bem alto, sem parar. Quando encontrava uma aranha na banheira, gritava como uma atriz de filme de terror B em seu primeiro encontro com um homem fantasiado de monstro. Mas agora estava em uma casa escura com um tigre feito de sombra e um assassino em potencial. Sendo que pelo menos uma, mas talvez duas dessas entidades, tinha acabado de atacar sua mãe. Pensou em algumas possíveis atitudes a tomar (*a arma*: a arma estava lá na despensa. Precisava descer e pegar a arma. Ou *a porta*: podia tentar desviar da mãe e da sombra e destrancar a porta da frente), mas seus pulmões e sua boca apenas gritavam.

Algo bateu com força na porta da frente.

Estão tentando arrombar, pensou. Não vão conseguir entrar por aquela porta. Ela é bem resistente.

A mãe estava jogada no chão sob um feixe de luar, e a sombra estava abaixada sobre ela. A criatura jogou a cabeça para trás e deu um rugido profundo e gorgolejante, que era ao mesmo tempo de medo, desafio e posse.

Estou tendo alucinações, pensou Rosie, com uma certeza perturbadora. Fiquei trancada no subsolo por dois dias, e agora estou tendo alucinações. Não tem tigre nenhum aqui.

Pelo mesmo motivo, tinha certeza de que não havia uma mulher pálida ao luar, apesar de poder vê-la caminhando pelo corredor. Uma mulher loira com as pernas longas e os quadris estreitos de uma dançarina. Ela parou ao alcançar a sombra do tigre. Então disse:

— Olá, Grahame.

A sombra-fera ergueu a cabeça enorme e rosnou.

— Não vá pensando que pode se esconder de mim nessa fantasia boba de tigre — retrucou a mulher. Ela não parecia muito feliz.

Rosie percebeu que dava para ver a janela através da parte superior do corpo dela. Então recuou até ficar com as costas contra a parede.

A fera rugiu de novo, dessa vez com um pouco mais de hesitação.

A mulher respondeu:

— Não acredito em fantasmas, Grahame. Passei a vida inteira sem acreditar em fantasmas. Aí conheci você. Você fez a carreira de Morris ir por água abaixo. Nos roubou. Me matou. E, para piorar, me obrigou a acreditar em fantasmas.

A sombra em forma de grande felino agora gemia e recuava pelo corredor.

— Não pense que vai conseguir fugir de mim assim, seu homenzinho inútil. Pode fingir ser um tigre o quanto quiser. Você não é um tigre. É um rato. Não, isso é um insulto a um sem-fim de nobres roedores. Você é menos que um rato. É um hamster. É uma fuinha.

Rosie disparou pelo corredor. Passou pela sombra, passou pela mãe caída, passou correndo *através* da mulher pálida — sentiu que atravessava um nevoeiro. Chegou à porta da frente e começou a procurar a tranca.

Não sabia se era apenas em sua cabeça ou se vozes de verdade discutiam. Rosie ouviu alguém dizendo:

“Não dê atenção a ela, seu idiota. Ela não vai conseguir encostar em você. É só um fantasma. Quase nem é real. Pegue a garota! Detenha a garota!”

E outra pessoa respondia:

“Você com certeza tem um argumento válido, mas não estou convencido de que considerou todas as circunstâncias em relação a... Bem, ser prudente... Hã, a melhor das qualidades. Está me entendendo?”

“Eu digo o que fazer. Você obedece.”

“Mas...”

— O que eu quero saber é quão fantasma você é, nesse momento. Sabe, não posso tocar nas pessoas. Na verdade, não posso nem tocar nas coisas. Mas *posso* tocar em fantasmas — comentou a mulher pálida.

Ela mirou um chute bem forte na cara da fera. O gato-sombra rosnou e recuou um passo, e o pé o errou por pouco mais de um

centímetro.

O chute seguinte acertou, o que fez a fera urrar de dor. Mais um chute onde deveria ser o focinho do felino-sombra. A criatura soltou um ruído de gato sendo lavado com xampu, um uivo solitário de pavor e ultraje, vergonha e derrota.

O corredor se encheu com o som do riso de uma mulher morta, um riso de prazer e exultação.

— Fuinha — anunciou a voz da mulher pálida, mais uma vez. — Grahame, você é uma fuinha.

Um vento frio soprou pela casa.

Rosie abriu a última trava e girou a tranca. A porta se abriu. Fachos de lanternas fortes e cegantes iluminaram tudo. Pessoas. Carros. Uma voz feminina disse:

— É uma das turistas desaparecidas. — Então completou: — Meu Deus.

Rosie se virou.

Sob o facho da lanterna, pôde ver a mãe jogada no chão de lajotas. Ao lado dela, descalço, inconsciente e inconfundivelmente humano, encontrava-se Grahame Coats. Um líquido vermelho estava espalhado ao redor deles, parecendo tinta escarlata. Por um instante, Rosie não conseguiu entender o que era.

Uma mulher falava com ela.

— Você é Rosie Noah. Meu nome é Daisy. Vamos encontrar um lugar para você sentar. Quer se sentar?

Alguém devia ter encontrado o painel de disjuntores, pois as luzes se acenderam em toda a casa.

Um homem grande, usando o uniforme da polícia, estava agachado junto aos corpos.

— Sem dúvida é o sr. Finnegan. E não está respirando.

— Sim, por favor, estou com muita vontade de me sentar — disse Rosie.

* * *

Charlie se sentou ao lado de Spider, na beira do penhasco enluarado, as pernas balançando na borda.

— Sabe, você era parte de mim. Quando éramos criança.

Spider inclinou a cabeça para o lado.

— É mesmo?

— Acho que sim.

— Bem, isso explica algumas coisas. — Ele estendeu a mão: uma aranha de barro com sete patas estava parada em seus dedos, sentindo o ar. — Mas, e agora? Você vai me incorporar de volta ou algo do tipo?

Charlie franziu a testa.

— Acho que você se saiu bem melhor do que se ainda fosse parte de mim. E se divertiu muito mais.

Spider mudou de assunto:

— Rosie. O Tigre sabe sobre Rosie. Precisamos fazer alguma coisa.

— Claro que sim — concordou Charlie.

Era como contabilidade, pensou. *Basta inserir números em uma coluna e os tirar de outra*. Se tudo fosse feito da maneira correta, acabaria dando certo no fim da página. Ele pegou a mão do irmão.

Eles levantaram e deram um passo à frente, para além do penhasco...

... E tudo ficou brilhante...

Um vento frio soprava entre os mundos.

Charlie perguntou:

— Sabia que você não é a parte mágica de mim?

— Não sou?

Spider deu mais um passo. Estrelas cadentes passavam às dezenas, riscando o céu escuro. Alguém, em algum lugar, tocava uma música alta e aguda em uma flauta.

Mais um passo, e agora ouviam o barulho de sirenes ao longe.

— Não, não é. Imagino que a sra. Dunwiddy achava que era. Ela nos dividiu, mas nunca entendeu direito o que estava fazendo. Somos mais como duas metades de uma estrela-do-mar. Você

cresceu e se transformou em uma pessoa por inteiro. — Então completou, percebendo que era verdade enquanto dizia: — E eu também.

Eles estavam parados na beira do precipício ao amanhecer. Uma ambulância subia o morro, as luzes piscando, e outra vinha atrás dela. Elas estacionaram ao lado da estrada, junto de um grupo de carros da polícia.

Daisy parecia estar dando ordens a todos.

— Não há muito o que possamos fazer aqui. Não agora — comentou Charlie. — Vamos.

O último vaga-lume o deixou, piscando a caminho do sono.

Eles pegaram a primeira van da manhã de volta para Williamstown.

* * *

Maeve Livingstone estava sentada no andar de cima, na biblioteca da casa de Grahame Coats, cercada pelas obras de arte, os livros e os DVDs do antigo agente do seu marido. Ela olhou pela janela. Lá embaixo, os paramédicos do serviço de emergência da ilha colocavam Rosie e a mãe em uma ambulância, e Grahame Coats em outra.

Tinha sido muito bom chutar o misto de coisa e fera que Grahame Coats se tornara. Foi a coisa mais satisfatória que fizera desde que fora assassinada — mas, se fosse honesta consigo mesma, teria que admitir que dançar com o sr. Nancy era o segundo lugar apenas por pouco. O homem era muito ágil e tinha pés bem leves.

Ela estava cansada.

— Maeve?

— Morris? — Ela olhou ao redor, mas o aposento estava vazio.

— Eu não queria incomodar, caso você ainda estivesse ocupada, querida.

— Isso é muito gentil da sua parte, mas acho que já terminei.

As paredes da biblioteca começavam a desaparecer. Estavam perdendo a cor e a forma. O mundo por trás delas começava a surgir. Sob a luz dele, Maeve viu uma figura pequena esperando por ela.

Sua mão deslizou para a do marido, e ela perguntou:

— Aonde vamos, Morris?

Ele explicou.

— Ah. Bem, vai ser uma mudança agradável. Sempre quis ir para lá.

E, de mãos dadas, eles foram.

CAPÍTULO

CATORZE

QUE CHEGA A VÁRIAS CONCLUSÕES

CHARLIE ACORDOU COM alguém batendo à porta. Desorientado, olhou ao redor: estava em um quarto de hotel. Vários acontecimentos improváveis se amontoavam em sua cabeça como mariposas ao redor de uma lâmpada, e, enquanto tentava compreendê-los, deixou que os pés o conduzissem até a porta do quarto. Piscou para o diagrama que informava aonde ir em caso de incêndio, tentando lembrar o que acontecera na noite anterior. Então destrancou a porta e a abriu.

Daisy olhou para ele e perguntou:

— Você dormiu de chapéu?

Charlie ergueu a mão e tocou a cabeça. Estava mesmo de chapéu.

— É — respondeu. — Acho que sim.

— Nossa. Bem, pelo menos tirou os sapatos. Sabia que você perdeu toda a ação ontem à noite?

— Perdi?

— Escove os dentes — sugeriu, solícita. — E troque a camisa. É, perdeu. Enquanto você estava... — Ela hesitou. Pensando bem, parecia bem improvável que ele tivesse desaparecido por causa de um ritual de magia. Essas coisas não acontecem. Não no mundo

real. — Enquanto você estava fora, consegui levar o delegado até a casa de Grahame Coats. Ele sequestrou aquelas turistas.

— Turistas...?

— Foi o que ele disse no jantar, alguma coisa sobre termos mandado duas pessoas até lá, as duas mulheres que estavam na casa dele. Eram sua noiva e a mãe dela. Ele as trancou no porão.

— Elas estão bem?

— Estão no hospital.

— Ah.

— O estado da mãe é pior. Acho que sua noiva vai ficar bem.

— Quer parar de chamá-la assim? Rosie não é mais minha noiva. Ela terminou o noivado.

— Sim. Mas você não, não é?

— Ela não me ama — explicou Charlie. — Bem, vou escovar os dentes e trocar de camisa, e preciso de um pouco de privacidade.

— Você também devia tomar um banho. E esse chapéu fede a charuto.

— É uma herança de família.

Ele foi para o banheiro e trancou a porta.

* * *

O hospital ficava a uma caminhada de dez minutos do hotel, e Spider estava sentado na sala de espera segurando um exemplar antigo da *Entertainment Weekly* como se estivesse realmente interessado na revista.

Charlie deu um tapinha no ombro dele, e Spider levou um susto. Ele ergueu os olhos, desconfiado, mas relaxou um pouco ao ver o irmão.

— Eles disseram que preciso esperar aqui fora. Já que não sou da família nem nada.

Charlie ficou intrigado.

— Ora, por que você não *disse* que era da família? Ou um médico?

Spider pareceu desconfortável.

— Bem, é fácil fazer essas coisas quando você não *se importa*. Se não faz diferença eu entrar ou não, aí fica fácil. Mas agora que importa, eu odiaria atrapalhar ou fazer alguma coisa errada. E se, sei lá, eu tentasse e eles negassem, e aí... Do que você está rindo?

— Nada, na verdade. É que isso me parece um pouco familiar. Venha. Vamos encontrar Rosie. — Então se virou para Daisy, quando pegaram um corredor qualquer. — Sabe, há duas maneiras de circular por um hospital. Ou você se passa por alguém que tem todo o direito de estar aqui... Ali, Spider. Vista o jaleco branco atrás da porta, é do seu tamanho... Ou tem que se destacar tanto que ninguém vai reclamar. Vão deixar o problema para outra pessoa.

Ele começou a cantarolar.

— Que música é essa? — perguntou Daisy.

— Chama-se “Yellow Bird” — respondeu Spider.

Charlie enfiou o chapéu na cabeça, e eles entraram no quarto de Rosie.

Ela estava sentada na cama, lendo uma revista com cara de preocupada. Quando viu os três entrarem, pareceu ainda mais preocupada. Rosie olhou de Spider para Charlie, e então de volta para Spider.

— Vocês dois estão muito longe de casa.

— Todos estamos — retrucou Charlie. — Bem, você já conhece o Spider. Esta é Daisy. Ela é da polícia.

— Não tenho certeza se ainda sou — retrucou Daisy. — Devo estar bem encrencada.

— Foi você que apareceu lá, ontem à noite, não foi? Você que levou a polícia da ilha até a casa? — Rosie hesitou. — Alguma notícia de Grahame Coats?

— Ele está na UTI, assim como sua mãe.

— Bem, se mamãe acordar antes dele, espero que mate aquele safado. Eles não me contam nada sobre o estado dela, só falam que é muito sério e que vão me informar assim que tiverem alguma novidade. — Ela olhou para Charlie, parecendo sincera ao

acrescentar: — Sabe, ela não é tão má quanto parece. É só dar um tempo para conhecê-la. Nós tivemos muito tempo para conversar, trancadas no escuro. Ela é legal. — Rosie assoou o nariz. — Eles acham que ela não vai resistir. Não disseram com essas palavras, mas meio que deixaram subentendido. É engraçado. Achei que ela sobreviveria a qualquer coisa.

— Eu também — concordou Charlie. — Achava até que, se houvesse uma guerra nuclear, ainda restariam baratas radioativas e sua mãe.

Daisy pisou no pé dele.

— Eles descobriram mais alguma coisa sobre o que a feriu?

— Eu contei a eles. Havia alguma espécie de animal na casa. Talvez fosse só Grahame Coats. Quer dizer, era meio que ele, mas também outra pessoa. Ele estava atrás de mim, mas mamãe o distraiu, e ele foi atrás dela...

Rosie tinha contado o que acontecera com todos os detalhes possíveis para a polícia da ilha naquela manhã. Decidira não falar sobre a loira fantasma. Às vezes as pessoas surtam sobre pressão, e achou melhor não deixar que ninguém soubesse que ela tinha surtado.

Ela parou de falar de repente. Estava encarando Spider como se tivesse acabado de lembrar quem ele era.

— Eu ainda odeio você, sabia? — Spider não respondeu, mas seu rosto foi tomado por uma expressão de extrema tristeza. Ele não parecia mais um médico, e sim um homem que tinha roubado um jaleco de atrás de uma porta e estava preocupado que alguém descobrisse. Um tom onírico surgiu na voz dela. — Só que, quando eu estava no escuro, achei que você estava me ajudando. Que estava mantendo o animal afastado. O que aconteceu com seu rosto? Está todo arranhado.

— Foi um bicho — disse Spider.

— Sabe, agora que estou vendo os dois juntos, vocês não são nada parecidos — comentou Rosie.

— Eu sou mais bonito — disse Charlie, e o pé de Daisy encontrou seus dedos pela segunda vez.

— Ainda bem — murmurou Daisy. E em seguida, um pouco mais alto: — Charlie? Precisamos ir lá fora conversar sobre uma coisa. Agora.

Eles saíram para o corredor, deixando Spider no quarto.

— O quê? — perguntou Charlie.

— O que o quê? — indagou Daisy.

— O que nós temos para conversar?

— Nada.

— Então o que estamos fazendo aqui? Você ouviu. Ela o odeia. Nós não devíamos deixá-los sozinhos. A essa altura, Rosie já o matou.

Daisy olhou para ele com o tipo de expressão que Jesus faria para um fiel que tivesse acabado de explicar que era alérgico a pão e peixes, então será que Ele poderia preparar uma saladinha de frango? Havia pena na expressão, misturada a uma compaixão quase infinita.

Ela levou o indicador aos lábios e o puxou de volta na direção da porta. Charlie olhou para o interior do quarto de hospital: Rosie não parecia estar matando Spider. Muito pelo contrário, aliás.

— Ah.

Eles estavam se beijando. Dizendo assim, daria até para perdoar alguém que pensasse que foi um beijo normal, só lábios, pele e talvez até um pouco de língua. Mas essa descrição deixa de fora a forma como Spider sorria, como seus olhos brilhavam. E, depois, quando se separaram, como suas costas estavam eretas, igualzinho as de um homem que acabara de descobrir a arte de ficar de pé e aprendera a fazê-lo melhor do que qualquer um.

Quando Charlie voltou a atenção para o corredor, viu Daisy conversando com vários médicos e o policial que tinham encontrado na noite anterior.

— Bem, sempre achamos que ele fosse um homem mau — disse o policial para Daisy. — Quer dizer, francamente, só se vê esse tipo

de comportamento em estrangeiros. As pessoas da ilha nunca fariam esse tipo de coisa.

— É óbvio que não — concordou Daisy.

— Estamos muito, muito agradecidos. — O delegado deu tapinhas no ombro dela, o que fez Daisy trincar os dentes. — Esta moça salvou a vida daquela mulher — disse a Charlie, dando tapinhas condescendentes em seu ombro também, antes de sair com os médicos pelo corredor.

— Então, o que está acontecendo? — perguntou Charlie.

— Bem, Grahame Coats morreu — respondeu ela. — Mais ou menos. E eles acham que as chances da mãe de Rosie não são nada boas.

— Sei. — Pensou um pouco naquilo. Quando chegou a uma conclusão, disse: — Você se importa se eu falar um pouco com meu irmão? Acho que nós dois precisamos ter uma conversinha.

— Vou voltar para o hotel, de qualquer jeito. Quero conferir meus e-mails. Acho que terei que dar mil desculpas pelo telefone. Descobrir se ainda tenho um emprego.

— Mas você é uma heroína, não é?

— Não acho que era para isso que estavam me pagando — comentou ela, desanimada. — Encontre-me no hotel quando terminar.

Spider e Charlie caminharam pela rua principal de Williamstown sob o sol da manhã.

— Sabe, esse chapéu é mesmo muito legal — disse Spider.

— Acha mesmo?

— Acho. Posso experimentar?

Charlie deu o fedora verde para o irmão, que o botou e olhou para seu reflexo na vitrine de uma loja. Ele fez uma careta e devolveu o chapéu para Charlie.

— Toma — disse, decepcionado. — Fica melhor em você.

Charlie colocou o fedora. Alguns chapéus só podem ser usados se você estiver disposto a ser ousado, a incliná-los em determinado ângulo e caminhar com um andar afetado, quase como se estivesse

gingando. Eles exigem muito de você. Aquele chapéu era desse tipo, e Charlie estava à altura dele.

— A mãe de Rosie está morrendo — contou.

— É.

— Eu, na verdade, não gostava nada, *nada* dela.

— Eu não a conheci tão bem quanto você. Mas com o tempo, tenho certeza de que eu também não teria gostado nada, nada dela.

— Temos que tentar salvar a vida dela, não é? — perguntou Charlie, sem entusiasmo, como alguém observando que estava na hora de fazer uma visita ao dentista.

— Acho que não conseguimos fazer esse tipo de coisa.

— Nosso pai fez algo assim pela mamãe. Ele conseguiu fazê-la melhorar por um tempo.

— Mas isso era ele. Eu não sei como a gente faria isso.

— O lugar no fim do mundo. O das cavernas.

— O início do mundo, não o fim. O que tem ele?

— Nós podemos ir até lá? Sem toda aquela parafernália de velas e ervas?

Spider ficou quieto. Então assentiu.

— Acho que sim.

Eles se viraram juntos, em uma direção que normalmente não existia, e caminharam para longe da rua principal de Williamstown.

Agora o sol estava alto no céu, e Charlie e Spider caminhavam por uma praia cheia de crânios. Não eram crânios exatamente humanos, e cobriam a praia como seixos amarelos. Charlie os evitava quando podia, enquanto Spider os esmagava ao passar. No fim da praia, pegaram uma entrada à esquerda — que era à esquerda de absolutamente tudo —, e as montanhas do início do mundo se assomaram acima deles, e os penhascos, abaixo.

Charlie lembrou-se da última vez que estivera ali. Parecia fazer mil anos.

— Onde está todo mundo? — perguntou em voz alta, e sua voz ecoou nas rochas e voltou até ele, que disse mais alto: — Olá?

E lá estavam eles, observando-o. Agora pareciam maiores, mais animais do que humanos, *mais selvagens*. Ele percebeu que os vira como pessoas da última vez porque esperara encontrar pessoas. Mas eles não eram gente. Enfileirados na rocha acima de Charlie e Spider estavam o Leão e o Elefante, o Crocodilo e a Cobra, o Coelho e o Escorpião, e o restante deles, centenas, que o encaravam com olhares sérios: animais que reconhecia e animais que ninguém vivo conseguiria identificar. Todos os animais que já existiram em histórias e com os quais as pessoas já sonharam, que adoraram ou que domesticaram.

Charlie viu todos eles.

Uma coisa é cantar para salvar a própria pele em um salão cheio de gente jantando, no calor do momento, com o cano de uma arma na barriga da garota que você...

Que você...

Ah. Bem, pensou Charlie. *Posso me preocupar com isso depois.*

Naquele momento, ele se segurava para não hiperventilar e nem sair correndo.

— Deve haver centenas deles — comentou Spider, e havia assombro em sua voz.

Perceberam um movimento no ar sobre uma rocha próxima, que se mostrou ser a mulher-pássaro. Ela cruzou os braços e os encarou.

— Seja lá o que você vai fazer — disse Spider ao irmão —, é melhor começar logo. Eles não vão ficar esperando para sempre.

A boca de Charlie estava seca.

— Certo.

— Então. Hã. O que exatamente vamos fazer agora?

— Vamos cantar para eles.

— O quê?

— Só assim poderemos consertar as coisas. Eu descobri. Nós vamos cantar tudo o que aconteceu, você e eu.

— Eu não entendo. *Cantar o quê?*

— A *canção* — disse Charlie. — Você canta a canção, você conserta as coisas. — Agora ele soava desesperado. — A *canção*.

Os olhos de Spider pareciam poças de chuva, e Charlie viu neles coisas que não tinha visto antes: afeição, talvez, e confusão, mas principalmente arrependimento.

— Não sei do que você está falando.

O Leão olhou para eles pela borda de uma saliência na rocha. O Macaco os observava do alto de uma árvore. E o Tigre...

Charlie viu o Tigre. Ele andava devagar sobre as quatro patas. A cara estava inchada e machucada, mas havia um brilho em seus olhos, e ele parecia que ficaria mais do que feliz em dar o troco nos dois.

Charlie abriu a boca, mas tudo que conseguiu emitir foi um coaxar rouco, como se ele tivesse acabado de engolir uma rã bem nervosa.

— Não adianta — sussurrou para Spider. — Essa foi uma ideia idiota, não foi?

— Foi.

— Acha que podemos simplesmente ir embora de novo?

O olhar nervoso de Charlie varreu a encosta e as cavernas, assimilando cada uma das centenas de criaturas, totens anteriores à criação do mundo. Havia uma figura que ele não vira da última vez: um homem pequeno com luvas cor de lima, um bigode fino e sem o chapéu fedora para cobrir o cabelo rareando.

Quando seus olhares se encontraram, o velho piscou.

Não era muito, mas era o suficiente.

Charlie encheu os pulmões e começou a cantar.

— Eu sou Charlie — cantou. — Sou filho de Anansi. Ouçam enquanto canto minha canção. Ouçam enquanto canto minha vida.

E ele cantou a canção de um menino que era metade deus e que foi dividido em dois por uma velha com raiva. Cantou sobre o pai, e cantou sobre a mãe.

Cantou sobre nomes e palavras, sobre os alicerces da realidade, os mundos que formam mundos, as verdades por trás de como as

coisas são. Cantou sobre destinos adequados e conclusões justas para aqueles que teriam ferido a ele e aos seus.

Ele cantou o mundo.

Era uma canção boa, e era sua canção. Às vezes tinha palavras, às vezes não se ouvia palavra alguma.

Enquanto cantava, todas as criaturas presentes começaram a acompanhar batendo as mãos e os pés e cantarolando. Charlie se sentiu como o fio condutor de uma canção maior que englobava a todos. Cantou sobre as aves, sobre a magia de olhar para o alto e vê-las em voo, sobre o brilho de uma pena ao sol da manhã.

Os totens agora dançavam as danças de suas espécies. A mulher-pássaro dançava a dança giratória das aves, exibindo as penas da cauda e jogando o bico para trás.

Apenas uma criatura não dançava na encosta.

O Tigre agitava a cauda. Ele não batia palmas, cantava ou dançava. Estava com o rosto cheio de hematomas e o corpo coberto de ferimentos e marcas de picadas. Tinha descido pelas rochas sem fazer barulho, um passo de cada vez, até chegar perto de Charlie.

— As canções não pertencem a você — rosnou.

Charlie olhou para ele e cantou sobre o Tigre, sobre Grahame Coats e sobre aqueles que se aproveitavam de inocentes. Ele se virou: Spider encarava o irmão com admiração. O Tigre rugiu de raiva, e Charlie pegou o rugido e teceu a canção ao redor dele. Então ele mesmo soltou um rugido igual ao do Tigre. Bem, o rugido começou igual ao do Tigre, mas aí Charlie o mudou e o transformou em uma espécie de rugido engraçado, e todas as criaturas que observavam das rochas começaram a rir. Não conseguiram evitar. Charlie fez o rugido pateta de novo. Como toda imitação, como toda caricatura perfeita, teve o efeito de tornar aquilo do qual se fazia graça intrinsecamente ridículo. Ninguém jamais ouviria o rugido do Tigre outra vez sem lembrar da imitação de Charlie. “Mas que rugido pateta”, diriam.

O Tigre deu as costas para Charlie. Ele saiu desabalado pelo meio da multidão, rugindo enquanto corria, o que só fez todos rirem ainda

mais. O Tigre voltou para sua caverna, irritadíssimo.

Spider fez um movimento rápido com a mão.

Houve um estrondo, e a entrada da caverna do Tigre desmoronou e ficou coberta de rochas. Spider pareceu satisfeito. Charlie continuou a cantar.

Ele cantou a canção de Rosie Noah e a canção da mãe de Rosie: cantou uma vida longa para a sra. Noah e toda a felicidade que ela merecia.

Cantou sobre sua vida, sobre a vida de todos. Na canção, imaginou o padrão daquelas vidas como uma teia com uma mosca presa. Então envolveu a mosca com sua canção, assegurou-se de que ela não poderia escapar e remendou a teia com novos fios.

E agora a canção estava chegando ao fim.

Charlie percebeu, com grande surpresa, que gostava de cantar para os outros, e descobriu naquele momento que era isso que queria passar o resto da vida fazendo. Iria cantar: não canções grandes e mágicas que criavam mundos ou recriavam a existência. Apenas pequenas canções que fariam as pessoas felizes: que as fariam dançar e, por algum tempo, se esquecer de seus problemas. E soube que sempre sentiria medo antes de se apresentar, o medo do palco nunca desapareceria, mas também entendeu que seria como pular em uma piscina, o desconforto da água fria só duraria alguns segundos, depois se sentiria bem...

Mas nunca *tão bem assim*. Nunca bem daquele jeito outra vez. Mas bem o suficiente.

E então, a canção terminou. Charlie baixou a cabeça. As criaturas no alto do penhasco ecoaram as últimas notas, pararam de bater os pés, pararam de bater palmas, pararam de dançar. Charlie tirou o chapéu fedora verde do pai e abanou o rosto com ele.

— Isso foi incrível — murmurou Spider.

— Você também podia ter feito a mesma coisa — afirmou Charlie.

— Acho que não. O que aconteceu no fim? Eu senti você fazendo *alguma coisa*, mas não consegui entender exatamente o que era.

— Eu resolvi as coisas para nós — disse Charlie. — Eu acho. Não tenho muita certeza... — E não tinha mesmo. Agora que a canção terminara, seu conteúdo começara a desaparecer como um sonho pela manhã.

Ele apontou para a entrada da caverna que estava bloqueada pelas rochas.

— Você fez isso?

— Sim — disse Spider. — Era o mínimo que eu podia fazer. Mas o Tigre vai acabar cavando uma saída. Para ser sincero, eu queria ter feito algo pior do que só bater a porta na cara dele.

— Não precisa se preocupar — disse Charlie. — Eu fiz algo muito pior.

Ele observou os animais se dispersarem. O pai deles não estava em nenhum lugar à vista, o que não o surpreendeu.

— Vamos — disse a Spider. — Temos que voltar.

* * *

Spider voltou para ver Rosie no horário de visita. Levava uma grande caixa de chocolates, a maior que a lojinha do hospital tinha.

— Para você — disse.

— Obrigada. Os médicos falaram que acham que minha mãe vai se recuperar. Parece que ela acordou e pediu mingau. Dizem que é um milagre.

— É. Sua mãe pedir comida. Para mim, parece mesmo um milagre.

Rosie deu um tapinha no braço dele, em seguida deixou a mão repousando ali. Após algum tempo, disse:

— Sabe, você vai achar bobagem, mas quando eu estava no escuro com minha mãe, achei que você estava me ajudando. Senti que você mantinha a fera afastada. Que se você não estivesse lá, ela teria nos matado.

— Hum, eu provavelmente ajudei.

— Sério?

— Não sei. Acho que sim. Eu também estava encrencado, e pensei em você.

— Você estava muito encrencado?

— Bastante. Sim.

— Pode me servir um copo d'água, por favor?

Ele serviu.

— Spider, o que você faz?

— Faço?

— Seu trabalho.

— Qualquer coisa que me dê vontade.

— Talvez eu fique na ilha por um tempo — disse Rosie. — As enfermeiras me disseram que estão precisando muito de professores aqui. Eu gostaria de saber que estou fazendo a diferença.

— Isso pode ser divertido.

— E o que você faria, se eu ficasse?

— Ah. Bem, se você ficasse aqui, eu com certeza poderia arranjar alguma coisa para me ocupar.

Seus dedos se entrelaçaram, apertados como um nó de marinheiro.

— Acha que podemos fazer isso funcionar? — perguntou ela.

— Acho que sim — respondeu Spider, sério. — E se ficar entediado com você, eu simplesmente vou embora e faço outra coisa. Por isso, não se preocupe.

— Ah, não estou nem um pouco preocupada.

E não estava mesmo. Havia determinação em sua voz, por baixo da ternura. Dava para perceber de onde a mãe de Rosie tirara a dela.

* * *

Charlie encontrou Daisy em uma espreguiçadeira na praia. Pensou que ela tivesse dormido pegando sol. Quando sua sombra a tocou, ela disse, sem abrir os olhos:

— Oi, Charlie.
— Como você soube que era eu?
— Seu chapéu fede a charuto. Quando vai se livrar dele?
— Não vou — respondeu Charlie. — Já disse. É uma herança de família. Pretendo usá-lo até morrer, depois deixá-lo para meus filhos. Então, você ainda tem um emprego na polícia?
— Mais ou menos. Meu chefe disse que concluíram que eu estava estressada devido ao excesso de trabalho, e estou de licença médica até me sentir bem o suficiente para voltar.
— Ah, e quando vai ser isso? — indagou Charlie.
— Não tenho certeza. Você pode me passar o bronzeador?
Charlie trazia uma caixinha no bolso. Ele a pegou e a pôs sobre o braço da espreguiçadeira.
— Só um minutinho. Hã. — Ele fez uma pausa. — Sabe, nós já passamos por essa grande situação embaraçosa uma vez sob a mira de uma arma. — Ele abriu a caixa. — Mas quero lhe dar isso. Bem, Rosie o devolveu para mim. E podemos trocar por um de que você goste. Um diferente. Esse provavelmente nem vai caber. Mas é seu. Se você quiser. E, bem, me quiser.
Ela estendeu a mão e pegou o anel de noivado.
— Humph. Está bem. Desde que você não esteja fazendo isso só para pegar seu limão de volta.

* * *

O Tigre estava à espreita. A cauda balançava de um lado para outro com irritação enquanto andava para cima e para baixo na entrada de sua caverna. Seus olhos ardiam como tochas cor de esmeralda nas sombras.

— O mundo inteiro e todas as coisas me pertenciam — disse o Tigre. — A lua, as estrelas, o sol e as histórias. Eu possuía todos eles.

— Sinto que é meu dever lhe informar que você já disse isso — observou uma vozinha no fundo da caverna.

O Tigre parou de andar, virou-se e adentrou mais a caverna, eriçando o pelo como um tapete de pele sobre molas hidráulicas. Ele caminhou em silêncio até o fundo, até chegar à carcaça de um boi, e disse, em voz baixa:

— Como é?

Ele ouviu um arranhar no interior da carcaça. A ponta de um focinho projetou-se para fora da caixa torácica.

— Na verdade, eu estava, por assim dizer, concordando com você. Era isso o que eu estava fazendo.

Pequenas mãos brancas arrancaram uma tira fina de carne ressecada de entre duas costelas, revelando um animalzinho da cor de neve suja. Podia ser um mangusto albino ou talvez alguma espécie de fuinha particularmente astuta em sua pelagem de inverno. Tinha olhos de bicho carniceiro.

— O mundo inteiro e todas as coisas me pertenciam. A lua, as estrelas, o sol e as histórias. Eu possuía tudo — imitou a fuinha. Então acrescentou: — E tudo teria sido meu de novo.

O Tigre encarou o pequeno animal. Sem aviso, uma pata enorme desceu sobre o boi morto destroçando as costelas, quebrando a carcaça em fragmentos fedorentos, prendendo a fuinha contra o chão. O animalzinho se debateu e contorceu, mas não conseguiu escapar.

— Você está aqui porque eu permito — disse o Tigre, com a cabeça enorme a poucos centímetros da cabecinha do animal pálido. — Entendeu? Da próxima vez que disser algo irritante, vou arrancar sua cabeça.

— Uhummph — falou a coisa que parecia uma fuinha.

— Você não ia gostar se eu arrancasse seu couro, ia?

— *Nnghão* — respondeu o animalzinho. Os olhos dele eram de um azul pálido, como lascas de gelo, e brilhavam enquanto ele se contorcia sob o peso da enorme pata.

— Então você promete que vai se comportar e ficar quieto? — rosnou o Tigre.

Ele ergueu um pouco a pata para permitir que o animal respondesse.

— Sem dúvida — disse a coisa branca e pequena, com muita educação.

Então, com um movimento traiçoeiro, ele girou a cabeça e afundou os dentinhos afiados na pata do Tigre. A fera berrou de dor, puxou a pata e arremessou o animalzinho pelo ar. O bichinho quicou no teto de pedra, caiu em uma saliência e disparou, como um raio esbranquiçado, bem para o fundo da caverna, onde o teto era mais baixo e havia muitos esconderijos para um animal pequeno, lugares que um animal maior não podia alcançar.

O Tigre avançou o máximo que pôde para o fundo da caverna.

— Acha que não posso esperar? — perguntou. — Cedo ou tarde, você vai ter que sair, e eu não vou a lugar algum.

O Tigre se deitou. Fechou os olhos e logo começou a fazer ruídos de ronco bem convincentes.

Após cerca de meia hora de roncos do Tigre, o animal pálido saiu das rochas sem fazer barulho e deslizou de sombra em sombra, tentando alcançar um osso grande que ainda tinha bastante carne boa, bastava ignorar o fedor, e ele ignorava. Mesmo assim, para isso, o pequeno animal teria que passar pela grande fera. Ele se escondeu nas sombras, então arriscou sair com as patinhas silenciosas.

Ao passar pelo bicho adormecido, uma das patas dianteiras do Tigre se projetou e as garras fincaram a cauda da criatura no chão. A outra pata o segurou pelo pescoço. O grande felino abriu os olhos.

— Pelo jeito, parece que estamos presos um ao outro. Por isso, tudo o que peço é que você faça um esforço. Nós dois podemos fazer um esforço. Duvido muito que fiquemos amigos um dia, mas talvez possamos aprender a nos tolerar.

— Entendo o que quer dizer — retrucou a fuinha. — Nada como um dia após o outro.

— Isso é um exemplo do que estou falando — explicou o Tigre. — Você só precisa aprender a calar a boca.

— Em boca fechada não entra mosca — concordou o animalzinho.
— Agora você está me irritando de novo — avisou o Tigre. — Estou lhe avisando: se me irritar, arranco seu couro.

— Você insiste em falar “arrancar meu couro”. Agora, quando diz “arrancar meu couro”, imagino que isso, na verdade, seja alguma espécie de metáfora, sugerindo que você vá gritar comigo, talvez com muita raiva, não?

— Vou arrancar seu couro. Depois mastigá-lo. Depois engoli-lo — explicou o Tigre. — Nenhum de nós pode sair até o filho de Anansi esquecer que estamos aqui. Do jeito que aquele desgraçado parece ter armado as coisas, mesmo se eu matar você pela manhã, provavelmente vai ter reencarnado de volta nesta maldita caverna no fim da tarde. Por isso, não me irrite.

O pequeno animal albino disse:

— Ah, bem, cada macaco...

— Se você falar “no seu galho” — interrompeu o Tigre —, vou ficar irritado, e haverá graves consequências. Não. Diga. Nada. Irritante. Consegue fazer isso?

Houve um breve silêncio na caverna no fim do mundo. Ele foi rompido por uma vozinha de fuinha dizendo:

— Claro que de jeito nenhum.

A fuinha começou a dizer “Aiiii!”, mas o ruído foi silenciado de um jeito bem repentino e eficiente.

Em seguida, na caverna, ouvia-se apenas o som de mastigação.

* * *

Se há uma coisa que os livros não contam sobre caixões — porque, francamente, não é um grande argumento de venda para as pessoas que vão comprá-lo — é o quão confortáveis eles são.

O sr. Nancy estava muito satisfeito com seu caixão. Agora que toda a animação terminara, ele voltara ao caixão e cochilava confortavelmente. De vez em quando, acordava e lembrava onde estava, então rolava para o lado e voltava a dormir.

Como dizia o poeta, a cova é um belo recanto, sem mencionar íntimo, e por isso um ótimo local para descansar. Sete palmos abaixo da terra, o melhor lugar que existe. Anansi achava que só teria que começar a pensar em acordar em uns vinte anos, mais ou menos.

Ele abriu um olho quando o funeral começou.

Podia ouvi-los na superfície: Callyanne Higgler, a sra. Bustamonte e a outra, a magra, além de uma pequena horda de netos, bisnetos e tataranetos, todos suspirando, lamentando e se debulhando em lágrimas pela falecida sra. Dunwiddy.

O sr. Nancy pensou em enfiar uma mão para fora da terra e agarrar o tornozelo de Callyanne Higgler. Era algo que tinha vontade de fazer desde que vira *Carrie, a Estranha* em um cinema drive-in, trinta anos antes, mas, agora que a oportunidade se apresentava, conseguiu resistir à tentação. Na verdade, não queria se dar ao trabalho. Ela iria gritar, ter um ataque cardíaco e morrer, e então o maldito Memorial Jardim do Repouso ficaria ainda mais cheio do que já era.

Além disso, daria muito trabalho. Havia bons sonhos para serem sonhados no mundo sob a terra. *Vinte anos*, pensou. *Talvez vinte e cinco*. A essa altura, ele talvez até tivesse netos. É sempre interessante saber que cara têm os netos.

Podia ouvir Callyanne Higgler chorando copiosamente acima dele. Então ela parou de soluçar por tempo suficiente para anunciar:

— Bem, não é que ela não tenha vivido uma vida longa e boa. A mulher tinha cento e três anos quando morreu.

— Cento e quatro! — exclamou uma voz irritada, vinda de debaixo da terra, ao lado dele.

O sr. Nancy estendeu um braço imaterial e bateu com força no exterior do caixão novo.

— Fale mais baixo, mulher — reclamou. — Tem gente aqui querendo dormir.

Rosie deixou bem claro para Spider que esperava que ele arranjasse um emprego fixo, do tipo que envolvia acordar de manhã e ir para algum lugar.

Por isso, certa manhã, um dia antes de Rosie receber alta do hospital, Spider acordou cedo e foi até a biblioteca da cidade. Acessou o computador do lugar, conectou-se à internet e, com muito cuidado, limpou todas as contas bancárias restantes de Grahame Coats. Aquelas que as polícias de vários continentes ainda não tinham conseguido encontrar. Ele vendeu o haras na Argentina, comprou uma pequena empresa já existente, aplicou o dinheiro nela e deu entrada no pedido para transformá-la em uma organização de caridade. Enviou um e-mail, em nome de Roger Bronstein, contratando um advogado para administrar os negócios da fundação e sugeriu a ele que talvez fosse uma ótima ideia entrar em contato com a srta. Rosie Noah, nativa de Londres, que atualmente residia em Saint Andrews, e contratá-la para a parte filantrópica.

Rosie foi contratada. Sua primeira tarefa foi procurar um escritório.

Depois disso, Spider passou quatro dias inteiros caminhando (e, à noite, dormindo) na praia que circundava a maior parte da ilha, provando a comida de todos os restaurantes que encontrava pelo caminho, até chegar à Barraquinha de Peixe do Dawson. Ele experimentou o peixe-voador frito, os figos verdes cozidos, o frango grelhado e a torta de coco, depois visitou a cozinha e conheceu o chef, que era também o proprietário, e lhe ofereceu um monte de dinheiro pela sociedade e por aulas de culinária.

A Barraquinha de Peixe do Dawson virou um restaurante, e o sr. Dawson se aposentou. Às vezes, Spider fica no salão do restaurante, às vezes na cozinha: se for lá procurar por ele, você vai encontrá-lo. A comida é a melhor da ilha. Ele está mais gordo do que antes, apesar de não tão gordo quanto ficará se continuar a provar tudo o que cozinha.

Não que Rosie se importe.

Ela dá aulas, faz trabalho voluntário e muita caridade e, se às vezes sente falta de Londres, não demonstra. A mãe de Rosie, por

outro lado, sente falta de Londres o tempo todo e reclama bastante, mas interpreta toda sugestão de voltar para lá como uma tentativa de afastá-la de seus netos ainda não nascidos (e, por sinal, ainda não concebidos).

Nada daria a este autor maior prazer do que poder garantir ao leitor que, após seu retorno do vale da sombra da morte, a mãe de Rosie tivesse se tornado uma nova pessoa, uma mulher alegre e gentil com todos, cujo apetite recém-adquirido por comida só fosse igualado ao apetite pela vida e tudo o que ela tivesse para oferecer. Mas o respeito pela verdade me obriga a ser honesto, e a verdade é que, quando recebeu alta do hospital, a mãe de Rosie ainda era ela mesma, desconfiada e egoísta como sempre, apesar de significativamente mais frágil e dada a dormir com a luz acesa.

Ela anunciou que iria vender o apartamento em Londres e se mudar para qualquer lugar no mundo onde Rosie e Spider fossem, para ficar perto dos netos. E, com o passar do tempo, ela começou a soltar comentários ácidos sobre a ausência de netos, a quantidade e qualidade dos espermatozoides de Spider, a frequência e as posições das relações sexuais dos dois e a facilidade da fertilização *in vitro* hoje em dia, que nem era um procedimento tão caro assim. Chegou ao ponto de Spider considerar seriamente não ir mais para a cama com Rosie só para irritar a mãe dela. Ele pensou sobre isso por uns onze segundos na tarde em que a mãe de Rosie entregou a eles fotocópias do artigo de uma revista qualquer que sugeria que Rosie devia plantar bananeira por meia hora depois do sexo. Spider chegou a mencionar a ideia para Rosie na mesma noite, mas ela riu e disse que a mãe não tinha permissão de entrar no quarto deles, e que ela não ia plantar bananeira depois de fazer amor por nada neste mundo.

A sra. Noah tem um apartamento em Williamstown, perto da casa de Rosie e Spider. Duas vezes por semana, uma das muitas sobrinhas de Callyanne vai até a casa para ver como ela está, passa o aspirador, tira o pó das frutas de vidro (as de cera derretiam

com o calor da ilha), prepara um pouco de comida e a deixa na geladeira. Às vezes a mãe de Rosie come, outras vezes, não.

* * *

Charlie é cantor hoje em dia. Ele perdeu bastante peso, e agora é um homem magro cuja marca registrada é um chapéu fedora. Ele tem vários fedoras em cores variadas, mas seu favorito é o verde.

Charlie tem um filho. O nome dele é Marcus. O menino tem quatro anos e meio e possui aquele tipo de seriedade e sisudez que apenas crianças pequenas e gorilas conseguiram dominar.

Ninguém mais chama Charlie de “Fat Charlie”, e, honestamente, às vezes ele sente falta disso.

Era uma manhã de verão, e já estava claro lá fora. Podia ouvir barulhos vindos do quarto ao lado. Charlie deixou Daisy dormir. Levantou da cama em silêncio, pegou uma camiseta e uns shorts e foi até a porta ao lado para encontrar o filho pelado no chão, brincando com um trenzinho de madeira. Juntos, colocaram as camisetas, os shorts e os chinelos. Charlie botou um chapéu, e os dois caminharam até a praia.

— Papai? — O rosto do menino estava sério, e ele parecia refletindo muito sobre alguma coisa.

— O que foi, Marcus?

— Quem foi menos presidente?

— Você quer dizer o pior?

— Não. Em dias. Quem ficou menos tempo?

— Harrison. Ele pegou pneumonia no dia da posse e morreu. Foi presidente por quarenta e poucos dias, e passou a maior parte deles morrendo.

— E quem ficou mais tempo?

— Franklin Delano Roosevelt. Ele cumpriu três mandatos completos. Morreu no cargo durante o quarto. Vamos deixar nossos chinelos aqui.

Eles colocaram os chinelos em uma pedra e continuaram andando na direção das ondas, com os pés afundando na areia molhada.

— Como você sabe tanto sobre presidentes?

— Porque, quando eu era pequeno, meu pai achou que seria bom eu aprender sobre eles.

— Ah.

Eles entraram no mar e foram caminhando na direção de uma rocha que só ficava descoberta durante a maré baixa. Após um tempo, Charlie pegou o menino no colo e o colocou nos ombros.

— Papai?

— O que foi, Marcus?

— Petúnia disse que você é famoso.

— E quem é Petúnia?

— Da escolinha. Ela disse que a mãe dela tem todos os seus CDs. E que adora ouvir você cantando.

— Ah.

— Você é famoso?

— Na verdade, não. Só um pouquinho. — Ele tirou Marcus dos ombros e o pôs em cima da rocha antes de subir nela também. — Está bem. Pronto para cantar?

— Estou.

— O que você quer cantar?

— Minha música favorita.

— Não sei se ela vai gostar dessa.

— Vai, sim.

Marcus tinha uma certeza inabalável.

— Está bem. Um, dois, três...

Eles cantaram “Yellow Bird” juntos, que era a música favorita de Marcus naquela semana, e depois cantaram “Zombie Jamboree”, que era a segunda favorita, e “She’ll Be Coming Round the Mountain”, a terceira favorita. Marcus, que tinha olhos melhores do que os de Charlie, avistou-a quando cantavam os estrofes finais de “She’ll Be Coming Round the Mountain” e começou a acenar.

— Olha ela lá, pai.

— Tem certeza?

A névoa da manhã transformava o mar e o céu no mesmo borrão pálido, e Charlie apertou os olhos para o horizonte.

— Não vejo nada.

— Ela mergulhou. Já, já vai estar aqui.

Charlie ouviu um barulho na água, e ela emergiu logo abaixo deles. Com um impulso, um giro e uma sacudidela, sentou-se na rocha ao lado dos dois; a cauda prateada ainda mergulhada no Atlântico, e as gotas de água nas escamas brilhando ao sol. Ela tinha o cabelo acobreado e comprido.

Então, os três cantaram juntos: o homem, o menino e a sereia. Eles cantaram “The Lady Is a Tramp” e “Yellow Submarine”, e depois Marcus ensinou à sereia a letra da canção de abertura dos Flintstones.

— Ele parece você quando era pequeno — comentou a sereia, com Charlie.

— Você me conheceu nessa época?

Ela sorriu.

— Antigamente, você e seu pai costumavam caminhar pela praia. Ele era um cavalheiro, sempre muito gentil. — Ela suspirou. As sereias suspiram melhor que qualquer um. — Vocês deviam voltar. A maré está subindo.

Ela jogou o cabelo comprido para trás e mergulhou no oceano. Ergueu a cabeça acima das ondas, levou a ponta dos dedos aos lábios e mandou um beijo para Marcus, antes de desaparecer sob as águas.

Charlie colocou o filho nos ombros e caminhou de volta à praia, onde o menino desceu para a areia. Ele tirou o velho chapéu fedora e o pôs na cabeça do filho. Era grande demais para o menino, mas mesmo assim ele sorriu.

— Ei, quer ver uma coisa legal? — perguntou Charlie.

— Tudo bem. Mas quero tomar café da manhã. Panquecas. Não, quero mingau de aveia. Não, quero panquecas.

— Preste atenção.

Charlie começou a dançar com os pés descalços uma espécie de sapateado arrastado pela areia.

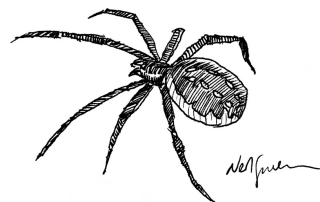
— Eu também consigo fazer isso — disse Marcus.

— É mesmo?

— Olhe só, papai.

Ele também conseguia.

Juntos, o homem e o menino dançaram pela areia até chegarem em casa, cantando uma canção sem letra que inventaram pelo caminho. Ela permaneceu no ar mesmo depois que os dois entraram para tomar o café da manhã.



UMA CENA CORTADA
E
DUAS QUESTÕES

Pense nisto como uma dessas cenas estranhas que normalmente aparecem como extras nos DVDs. São cenas de que todo mundo gostou, mas que, cortadas, faziam o filme fluir melhor. Esta é uma delas.

Eu realmente gostei de escrevê-la, e minha editora na Headline, a formidável Jane Morpeth, ficou triste quando lhe contei que iria cortá-la, porque gostou dela. Por falar nisso, eu também gostei, só que ela estava atrapalhando o ritmo do capítulo, e depois que cerrei os dentes e a tirei da história, tudo funcionou muito melhor.

Acredito de verdade que cenas cortadas devem permanecer cortadas.

Mesmo assim, esta cena tinha Spider fazendo o que faz melhor. Também tinha pássaros. E, na minha cabeça, era o trecho do livro que parecia muito um desenho da Warner Brother's.

Então, quando Jane perguntou se eu estaria disposto a permitir que ela aparecesse, só dessa vez, no fim da edição britânica de Os filhos de Anansi, eu me peguei, para minha surpresa, aceitando. E agora ela também está neste livro.

Ela entrava no meio de uma versão inicial da cena que ainda está no livro, no fim do capítulo onze. (Esta cena seria do capítulo onze, dividida em dois ou três segmentos, e aconteceria entre a chegada de Fat Charlie ao hotel e o fim do capítulo.)

— Neil

AS AVENTURAS DE SPIDER

SPIDER IMAGINAVA ESTAR em outro lugar. Repassava em sua mente os lugares que conhecia, lembrava ou inventava, desejando estar neles. Nada aconteceu. Ele permaneceu exatamente onde estava, preso pelas correntes de ossos em sua cela forrada de penas.

Resolveu tentar de outra maneira. Pensou em uma pessoa e tentou estar com ela. Na maioria das vezes, esse costumava ser um método de viagem pouco confiável: Spider tinha problemas com pessoas. Tinha dificuldade de lembrar seus rostos, nomes ou, às vezes, até mesmo se elas existiam ou não.

Pensou em Fat Charlie. Pensou nas antigas namoradas, mas essas lembranças pareceram especialmente falsas, se reconfigurando em uma coleção de seios, lábios, pele e sorrisos, e evaporaram de sua mente. Por último, pensou em Rosie. Pensou em seus olhos, seu calor, no formato de seu nariz, no cheiro de seu cabelo.

(E em um cruzeiro, cochilando à beira da piscina, Rosie se remexeu, inquieta.)

Bem, pensou Spider, *se não consigo sair de um jeito, terei que pensar em outro*. Havia mais de uma maneira de resolver um problema, afinal de contas.

Ele tentou mudar de forma, sem resultado. Tentou gritar. Tentou gritar mais alto.

Ouviu um farfalhar. Havia dois grouns parados à sua frente, olhando para ele com curiosidade.

Não é impossível ser como Spider. Tudo de que você precisa é uma certeza total e absoluta de que tudo vai dar certo; uma confiança arrogante que beira a psicose; a convicção de ser um

sujeito bastante esperto e de que o universo sempre pode dar uma mãozinha.

— Sabe — disse Spider para as aves —, não quero atrapalhar, mas estas correntes estão um pouco frouxas. Um puxão mais forte e eu posso cair.

Talvez os pássaros tenham ficado preocupados. Spider não conseguiu ter certeza. É difícil saber com as aves.

— São muito malfeitas — disse Spider. — Quem quer que tenha criado estas correntes deveria ficar envergonhado. Na verdade, eu poderia sair daqui em poucos minutos, e imaginem a encrenca em que vocês estariam se eu simplesmente caísse delas e saísse andando. Um péssimo trabalho.

Os grou se entreolharam. Um deles caminhou para trás na direção da parede. Spider o observou dar um passo para a direita, depois esticar o bico até a parede e tocar uma pena específica, mais clara que as demais. E então desaparecer.

— Quer saber? — disse Spider para o grou remanescente. — Vamos apenas fingir que eu não falei nada. Eu odiaria criar qualquer problema para vocês.

Ouviu um farfalhar, e então o espaço se encheu com grandes corvos, que pousaram nas correntes de ossos e começaram a andar por elas como engenheiros examinando o trabalho de uma construtora concorrente, que deixou a cidade sem terminar a obra. Eles crocitavam e grasnavam no que Spider tinha certeza de ser o equivalente corvídeo para: “Quem foi o responsável por montar este negócio, afinal?”

Com uma ordem do líder, as correntes se cobriram de corvos, bicando e mexendo nos ossos com as patas, enfiando e batendo os bicos negros nos ossos. Um grasnar alto, e as correntes desmontaram. Os ossos desmoronaram no chão, e Spider desabou com eles. O chão estava coberto de gravetos e pequenas penas salpicados e manchados de cocô de pássaro.

Spider se levantou e notou, pela primeira vez, os gansos. Havia cinco deles, e eles o cercaram, grasnando, sibilando e bicando, para

garantir que Spider ficasse no meio do grupo. Um ganso irritado e com o pescoço abaixado consegue intimidar um cachorro com um grasnido, e aqueles eram gansos infernais.

Spider sorriu para eles.

Sob os bicos inteligentes dos corvos, as correntes de ossos foram remontadas com habilidade. Os gansos começaram a baixar os pescoços outra vez, grasnando e sibilando, empurrando Spider na direção das correntes, à espera.

— Ei — disse para os gansos. — Me deem um pouco de espaço para respirar. Eu vou voltar, está bem?

Ele se virou para onde as correntes pendiam, contou até três e disparou para a parede em que o grou havia desaparecido. Sob a luz fraca, ele se lançou na direção de uma pena mais pálida que as outras e esperou.

A parede começou a se desfazer até ficar translúcida, e ele a atravessou, triunfante, com gansos raivosos bicando seus calcanhares, e percebeu, ao fazer isso, que podia ter cometido um pequeno erro.

Por algum motivo, ele tinha imaginado que a cela ficava nas profundezas da terra, afinal de contas, é onde as pessoas costumam construir celas. Mas, em geral, as aves não gostam do subterrâneo. A árvore era enorme, mais alta que uma sequoia gigante, e estava tomada por uma grande quantidade de ninhos, incluindo, logo acima dele, o ninho do qual escapara. Abaixo, se aproximando na velocidade de um carro esportivo desgovernado, estava o chão.

— Sem problema — disse Spider para si mesmo.

Ele tentou se transportar para algum lugar outra vez, sem mais sorte ou sucesso que antes. Tentou mudar de forma de novo — uma aranha pequena poderia planar nas correntes de ar. Nada aconteceu. O chão ficava cada vez mais próximo.

Ainda assim, pensou, se não pudesse se transportar nem se transformar, a probabilidade era que, onde quer que estivesse, aquele lugar não fosse real. Era feito de ideias, não de matéria.

Enquanto acreditasse que aquilo era Maya — uma ilusão —, ele ficaria bem. O ar frio passou por ele. Ele abriu os braços e as pernas. O ar frio passou por ele.

Então Spider atingiu o solo.

Não é real, pensou quando perdeu o fôlego com o impacto, e, por um momento, tudo ficou escuro.

* * *

Spider se levantou. Sentia dor no corpo inteiro, mas nada parecia estar quebrado.

Ele se perguntou se tinha seu próprio universo de bolso por aí, um lugar cheio de teias e aranhas ágeis e habilidosas que gostavam de contar histórias. Ele não sabia ao certo onde procurá-lo, se é que tinha mesmo um. Seu pai saberia, é claro...

O céu era cor de cobre, e a terra, arenosa e cinza, e tudo cheirava a canela e noz-moscada. Tinha que haver uma saída. Isso era óbvio. Tudo que entra, sai. Ele escolheu uma direção, mas não correu. Em vez disso, caminhou, cobrindo muita distância mesmo assim. Spider caminhava como muita gente corria.

Em um arbusto, havia uma ave enorme olhando para ele.

— Você sabe que nunca vai escapar daqui, não sabe? — disse ela.

— Aposto tudo o que tenho que vou — respondeu Spider. — E você vai me ajudar.

Pássaros não conseguem sorrir com escárnio, eles não têm como fazer isso, mas aquele quase conseguiu.

— Tudo o que você tem?

— Tudo, se você não me mostrar a saída. Então, por favor, como saio deste lugar?

— Nunca vou contar — disse a ave.

— Feche os olhos — pediu Spider — e conte até dez. Prometo que, quando você terminar de contar, terá me mostrado o caminho.

A ave fechou os olhos.

— Um — começou ela. — Dois. Três. Quatro.

Com um movimento rápido, Spider quebrou o pescoço da ave, que parou de contar.

— Mesmo assim, não quero que você ache que sou mentiroso — disse Spider.

Ele depenou o pássaro, separou as penas em um canto, depois acendeu uma pequena fogueira na terra, assou e comeu a carne, limpou os ossos e, por fim, jogou-os na areia.

Eles caíram em várias direções. Spider os reuniu de novo.

— Lembre-se — disse ele. — Você não pode mentir quando está morto. — Dessa vez, quando ele jogou os ossos, eles apontaram claramente para uma direção. — É assim que eu gosto. Alguém que honra suas dívidas.

Ele vestiu as penas da ave e caminhou até o alto de um morro. À sua frente, havia uma fenda no céu, um pequeno corte no tecido acobreado daquele mundo. Através dela, podia ver escuridão, e, por trás da escuridão, as estrelas. Spider não se importava mais se correr era deselegante. Ele correu.

Quando chegou ao pé do morro, muitas aves surgiram a sua volta.

— Pare! — gritaram.

Spider parou.

— Eu sou uma ave — disse Spider. — Igual a vocês.

Ele estava certo de que, até no universo da mulher-pássaro, ter convicção suficiente podia tornar verdadeiras as palavras que dizia para aqueles dispostos a ouvi-las.

— Que tipo de ave você é? — perguntou uma garça, intrigada. — Uma ema? Um avestruz? Um moa?

— É. Claro. Algo assim — respondeu Spider. — Ei, algum de vocês viu Spider por aí? Ouvi dizer que ele fugiu. Me mandaram vigiar a saída.

— Nós também estamos procurando por ele — disse uma águia. — Mas não o vimos. Na verdade, achamos que você fosse ele quando o vimos vindo para cá.

— Não, não acharam — afirmou Spider. — Vocês pensaram que eu era só mais uma ave.

— Ah. Isso. Foi isso o que pensamos — concordou a garça.

— Esperem aqui e vigiem a saída. Vou dar uma espiadinha lá fora para ter certeza de que ele não chegou aqui antes de nós.

Spider atravessou a fenda no céu.

À sua frente, via uma ilha com uma pequena montanha no centro. Via um céu de puro azul, palmeiras balançando ao vento e uma gaivota voando alto. Mas, mesmo enquanto observava, aquele mundo parecia se afastar. Era como se estivesse olhando pelo lado errado do telescópio. O mundo encolhia e fugia, e quanto mais Spider corria em sua direção, mais longe ele parecia ficar.

A ilha tornou-se um reflexo em uma poça. Depois, o nada.

Estava em uma caverna. As bordas eram ásperas, mais ásperas e afiadas que em qualquer outro lugar que Spider estivera. Aquele era um tipo diferente de lugar. A pena que usara caiu no solo rochoso. Ele se virou para a luz.

Ela estava de pé na entrada da caverna, entre ele e a saída. Aquela mulher sentara-se à sua frente em um restaurante grego em South London, e aves saíram de sua boca.

— Sabe, eu acabei de sair do seu mundo. E sou obrigado a dizer que você tem noções muito estranhas de hospitalidade. Se viesse ao meu mundo, eu prepararia um jantar, abriria uma garrafa de vinho, colocaria uma música suave e lhe proporcionaria uma noite inesquecível — comentou Spider.

O rosto dela estava impassível, como se esculpido em rocha negra. O vento agitava a barra de sua capa de chuva marrom. Ela, então, falou. A voz, aguda e solitária, pareceu o chamado de uma gaivota ao longe.

— Peguei você. Agora você vai atraí-lo para cá.

— Atraí-lo? Atrair quem?

— Você vai berrar. Vai chorar. Seu medo vai provocá-lo.

— Spider não chora.

Ele não sabia muito bem se isso era verdade.

Olhos tão negros e brilhantes quanto lascas de obsidiana encaravam profundamente os olhos de Spider. Eram como buracos negros: não deixavam escapar nada, nem mesmo informação.

— Se me matar, minha maldição cairá sobre você — ameaçou Spider.

Ele se perguntou se tinha mesmo uma maldição. Provavelmente sim.

— Não vou ser eu quem vai matar você.

A mulher levantou a mão, que na verdade era a pata de uma ave de rapina. Ela golpeou seu rosto e atacou seu peito, e as garras cruéis afundaram na carne, rasgaram a pele.

Não doeu, apesar de Spider saber que em breve doeria muito.

Gotas de sangue escorreram por seu peito e brotaram em seu rosto. Os olhos ardiam. O sangue tocou seus lábios. Ele pôde sentir seu gosto e cheiro ferroso.

— Agora você começa a morrer — anunciou a mulher, com o grito de aves distantes.

— Nós somos entidades razoáveis. Deixe-me sugerir uma alternativa que pode ser mais exequível e que possivelmente trará benefícios para ambas as partes. — Ele disse isso com um sorrisinho, de maneira bem convincente.

— Você fala demais — retrucou ela. Enfiou as garras afiadas na boca dele e, com um giro e um puxão violentos, arrancou sua língua. — Pronto. Durma.

COMO VOCÊ OUSA?

Por Neil Gaiman

NINGUÉM ATÉ AGORA fez a pergunta que eu temo, a pergunta que, espero, ninguém fará. Então eu mesmo vou perguntá-la e tentar respondê-la.

E a pergunta é: Como você ousa?

Ou em sua versão completa: Como você ousa, um inglês, escrever um livro sobre os Estados Unidos, sobre os mitos e a alma americanos? Como você ousa escrever sobre o que torna os Estados Unidos especiais como país, como nação, como ideia?

E, como inglês, meu impulso imediato é dar de ombros e prometer que isso não vai acontecer de novo.

Mas eu ousei em *Deuses americanos*, e foi necessário um tipo estranho de ousadia para escrever esse livro.

Quando era mais jovem, escrevi uma história em quadrinhos sobre sonhos e histórias chamada *Sandman* (agora compilada em dez *graphic novels*, e se você ainda não leu, deveria). Na época, sempre me faziam a mesma pergunta: “Como você consegue ambientar tanto dessa história nos Estados Unidos se mora na Inglaterra?”

E eu respondia que, em termos de mídia, o Reino Unido era praticamente um anexo dos Estados Unidos. Nós assistimos a filmes e seriados americanos. “Posso não descrever uma Seattle que vá satisfazer um morador”, eu costumava dizer, “mas vou descrevê-la tão bem quanto um nova-iorquino que nunca foi a Seattle.”

Eu estava errado, é claro. Não fazia nada disso. Na verdade, eu fazia uma coisa muito mais interessante: criava um Estados Unidos

imaginário, no qual as histórias de *Sandman* poderiam acontecer. Um local delirante e improvável muito além dos limites do real.

E isso me satisfez até que me mudei para os Estados Unidos, oito anos atrás.

Aos poucos, fui percebendo que os Estados Unidos sobre o qual escrevia era totalmente ficcional, e que os Estados Unidos real, aquele sob a superfície das aparências, era muito mais interessante que a ficção.

Acredito que a experiência do imigrante seja universal (mesmo que você seja o tipo de imigrante que, como eu, se agarra de modo quase supersticioso à sua cidadania original). De um lado, está você, e do outro, estão os Estados Unidos. O país é bem maior que você. Então você tenta entendê-lo. Tenta compreendê-lo, algo que, às vezes, não é bem recebido. Os Estados Unidos é grande o suficiente, e contém contradições suficientes, para ficar bem satisfeito em não ser compreendido. Como escritor, tudo o que eu podia fazer era descrever uma pequena parte do todo.

E mesmo assim ela era grande demais.

Eu não sabia que tipo de livro queria escrever até o verão de 1998, quando estava em Reykjavik, na Islândia. Foi então que fragmentos da trama, uma enorme quantidade de personagens e algo semelhante a uma estrutura surgiram em minha mente. O livro começou a tomar forma. Ele seria um thriller e falaria sobre um mistério envolvendo um assassinato, um romance e uma viagem. Falaria sobre a experiência do imigrante, sobre o que as pessoas acreditavam quando foram para os Estados Unidos e sobre o que aconteceu com as coisas em que elas acreditavam.

Eu queria escrever sobre os Estados Unidos como um lugar mítico.

E resolvi que, apesar de haver muitas coisas no livro que eu já sabia, descobriria ainda mais se caísse na estrada e visse o que mais podia encontrar. Então peguei o carro e dirigi até me deparar com um canto para escrever, e aí, pulei de um lugar para outro, às vezes em casa, às vezes não, por quase dois anos. Botei uma

palavra atrás da outra até criar um livro sobre um homem chamado Shadow e o misterioso emprego que lhe oferecem quando ele sai da prisão. Sobre a história de uma pequena cidade do Meio-Oeste e os desaparecimentos que ocorrem por lá todo o inverno. Ao escrevê-lo, descobri por que as atrações de beira de estrada são os locais mais sagrados dos Estados Unidos. Descobri muitos outros detalhes e momentos assustadores, deliciosos e, às vezes, apenas esquisitos.

Quando estava quase terminando, quando tudo o que restava era juntar os fios soltos, deixei outra vez o país, me enfurnei em uma casa grande, velha e fria na Irlanda e digitei tudo o que faltava digitar, tremendo, com um aquecedor ao lado.

Então o livro ficou pronto, e eu parei. Ao olhar para trás, noto que não tive ousadia nenhuma. Na verdade, eu não tive escolha.

DE ONDE VOCÊ TIRA SUAS IDEIAS?

Por Neil Gaiman

TODA PROFISSÃO TEM suas armadilhas. Aos médicos, por exemplo, são pedidas consultas gratuitas, aos advogados, aconselhamento jurídico, e aos agentes funerários comentam que aquela profissão deve ser muito interessante, e logo mudam de assunto. E aos escritores perguntam de onde tiramos nossas ideias.

No início, eu costumava dar às pessoas respostas sem graça e diretas: “Do Clube da Ideia do Mês”, “De uma lojinha de ideias na Bognor Regis”, “De um livro velho e empoeirado cheio de ideias que tenho no porão” ou até mesmo “De Pete Atkins”. (Essa última é um pouco difícil de entender sem uma pequena explicação. Pete Atkins é um roteirista de cinema e romancista de quem sou muito amigo, e há algum tempo resolvemos que, quando nos fizessem essa pergunta, eu diria que tirava minhas ideias dele, e ele, de mim. Na época, pareceu fazer sentido.)

Então me cansei das respostas sem humor e agora conto a verdade às pessoas. “Eu as invento”, digo a elas. “Na minha cabeça.”

Elas não gostam dessa resposta. Não sei por quê. Ficam infelizes, como se eu estivesse querendo me livrar delas. Como se houvesse um grande segredo e, por razões pessoais, eu não estivesse contando a elas como se faz.

E claro que não estou. Em primeiro lugar, porque eu mesmo não sei de onde as ideias vêm, o que as faz surgir e se um dia elas vão desaparecer. Em segundo, duvido que quem fez a pergunta realmente deseje uma palestra de três horas sobre o processo

criativo. E em terceiro, as ideias não são tão importantes. É verdade, não são. Todo mundo tem uma ideia para um livro, um filme, uma história, uma série de TV.

Já aconteceu com todo autor publicado: as pessoas vão falar com você e dizem que Têm Uma Ideia. E nossa, como ela é genial. É tão genial que querem que você Participe. A proposta é sempre a mesma: elas vão contar a ideia que tiveram (a parte difícil), você a transforma em um livro (a parte fácil), e vocês dois dividem o dinheiro meio a meio.

Eu sou até bastante simpático com essas pessoas. Digo, com muita honestidade, que na verdade tenho ideias demais e tempo de menos. E que desejo a elas toda a sorte do mundo.

As ideias não são a parte difícil. Elas são um pequeno componente do todo. Criar personagens verossímeis que façam mais o menos o que você as manda fazer é muito pior. E, de longe, a parte mais difícil é simplesmente sentar e botar uma palavra atrás da outra para montar o que quer que você esteja querendo construir e torná-lo interessante, inovador.

Mas, ainda assim, é isso o que as pessoas querem saber. No meu caso, elas também perguntam se eu tiro as ideias dos meus sonhos. (Resposta: não. A lógica dos sonhos não é a mesma das histórias. Transcreva um sonho e você vai ver. Ou melhor ainda, conte a alguém um sonho importante — “Bem, eu estava nessa casa que também era minha escola antiga, e havia uma enfermeira, que na verdade era uma bruxa velha, e então ela foi embora, mas havia uma folha, e eu não conseguia olhar para ela, mas sabia que, se a tocasse, alguma coisa terrível ia acontecer...” — e veja a pessoa perder o interesse na mesma hora.) E eu não dou respostas diretas. Até recentemente.

Minha filha, Holly, na época com sete anos, me convenceu a ir a sua escola fazer uma palestra para a turma. A professora ficou muito empolgada (“As crianças recentemente fizeram os próprios livros, por isso talvez você pudesse vir e contar a elas sobre como é

a vida de um escritor profissional. E conte várias histórias. Eles adoram histórias.”), e lá fui eu.

Elas sentaram no chão, eu tinha uma cadeira, cinquenta olhos de crianças de sete anos vidrados em mim.

“Quando eu tinha a idade de vocês, as pessoas me diziam para não inventar coisas”, eu disse a eles. “Hoje em dia, ganho dinheiro fazendo isso.” Eu falei por vinte minutos, depois eles fizeram perguntas.

E, após algum tempo, um deles acabou perguntando:

“De onde você tira suas ideias?”

E eu percebi que devia uma resposta a eles. Aquelas crianças não tinham idade suficiente para saber a resposta. E é uma pergunta absolutamente razoável se não lhe perguntam isso toda a semana.

Foi isto o que respondi a eles:

Você tem ideias quando fantasia. Tem ideias quando fica entediado. Tem ideias o tempo todo. A única diferença entre escritores e as outras pessoas é que percebemos quando estamos fazendo isso.

Você tem ideias quando faz a si mesmo perguntas simples. A pergunta mais importante de todas é apenas: “E se?”

(E se você acordasse com asas? E se sua irmã virasse um camundongo? E se todos aqui descobrissem que a professora está planejando devorar um de vocês no final do semestre, mas não soubessem quem?)

Outra pergunta importante é: “O que aconteceria?”(O que aconteceria se a vida real fosse como os musicais de Hollywood? O que aconteceria se eu pudesse encolher e ficar do tamanho de um botão? O que aconteceria se um fantasma fizesse minha lição de casa?)

E depois há as outras: “O que será que...” (O que será que ela faz quando está sozinha?); e “Se isso continuar” (Se isso continuar, os telefones vão começar a falar uns com os outros e acabar com o intermediário...) e “Não seria interessante...” (Não seria interessante se o mundo antigamente fosse governado por gatos?).

Essas perguntas, e outras como elas, e as perguntas que elas, por sua vez, geram (“Bem, se os gatos governavam o mundo antigamente, por que não governam mais? E como eles se sentem em relação a isso?”) são um dos lugares de onde as ideias vêm.

Uma ideia não precisa ser uma trama completa, só um ponto para começar a criar. Tramas costumam se gerar sozinhas quando se começa a fazer perguntas sobre qualquer que seja esse ponto de partida.

Às vezes a ideia é uma pessoa (“Tem um garoto que quer aprender sobre magia”). Às vezes é um lugar (“Tem um castelo no fim do tempo, que é o único lugar que existe...”). Às vezes é uma imagem (“Uma mulher caminhando por um quarto escuro cheio de rostos vazios”).

Muitas vezes as ideias surgem de duas coisas separadas que acabam se juntando (“Se uma pessoa mordida por um lobisomem vira um lobo, o que aconteceria se um peixinho dourado fosse mordido por um lobisomem? O que aconteceria se uma cadeira fosse mordida por um lobisomem?”).

Toda ficção é um processo de imaginação: o que quer que você escreva, em qualquer gênero ou meio, sua tarefa é inventar algo convincente, interessante e inovador.

E quando você tem uma ideia, que é, no fim, apenas algo no qual se basear, o que fazer depois?

Bem, aí você escreve. Põe uma palavra atrás da outra até terminar, seja lá o que for.

Às vezes não vai funcionar, ou pelo menos não do jeito que você imaginou. Às vezes não funciona de jeito nenhum. Às vezes é preciso jogar fora e começar de novo.

Lembro de ter tido uma ideia perfeita para uma história de *Sandman* há alguns anos. Era sobre um súcubo que dava a escritores, artistas e compositores ideias em troca de anos de suas vidas. Eu a chamei de “Sexo e violetas”.

Parecia uma história simples, mas, quando fui escrevê-la, descobri que era como tentar tapar o sol com uma peneira: sempre que

achava ter encontrado a solução, ela me escapava por entre os dedos e desaparecia.

Escrevi isto na época:

Comecei essa história duas vezes, e cheguei mais ou menos à metade em ambas, só para vê-la morrer na tela.

Sandman é, às vezes, um quadrinho de terror. Mas nada que escrevi até hoje jamais me deixou tão arrepiado quanto essa história, que devo acabar abandonando (o prazo de entrega já venceu há tempos). Provavelmente por ela me afetar de modo tão íntimo. São as ideias, e a habilidade de botá-las no papel e transformá-las em histórias, que fazem de mim um escritor. Isso significa que não tenho que acordar cedo, sentar em um trem com pessoas que não conheço e ir para um emprego que desprezo.

Minha ideia de inferno é uma folha de papel em branco. Ou uma tela em branco. E eu olhando fixamente para ela, incapaz de pensar em nada digno para escrever, um personagem verossímil ou uma história que não tenha sido contada antes.

Olhar para uma folha de papel em branco.

Para sempre.

Mas consegui sair dessa escrevendo. Fiquei desesperado (essa é outra das respostas verdadeiras e diretas que dou para quem pergunta onde arranjo minhas ideias: “Desespero.” Ele está no topo da lista, ao lado de “Tédio” e “Prazos”. E todas essas respostas são verdadeiras). Tomei meu próprio terror, e a ideia central, e criei uma história chamada *Calíope*, que explica, acho que de modo bem definitivo, de onde os escritores tiram suas ideias. Está em um livro chamado *Terra dos Sonhos*. Você pode lê-la, se quiser. E, enquanto escrevia essa história, parei de ter medo de as ideias desaparecerem.

De onde eu tiro minhas ideias?

Eu as invento.

Na minha cabeça.

AGRADECIMENTOS

PARA COMEÇAR, UM enorme buquê de flores para Nalo Hopkinson, que teve um cuidado especial com os diálogos caribenhos e não só me mostrou o que eu precisava alterar como também sugeriu maneiras de consertá-los. E mais outro para Lenworth Henry, que estava presente no dia em que inventei esta história, e cuja voz eu ouvia lá no fundinho da cabeça enquanto a escrevia (é por isso que adorei saber que ele iria narrar o audiolivro em inglês).

Como no meu último romance adulto, *Deuses americanos*, tive dois esconderijos para escrever *Os filhos de Anansi*. Comecei a escrevê-lo na casa de veraneio de Tori, na Irlanda, onde também o terminei. Ela é uma anfitriã muito simpática. Em determinado momento, quando os furacões permitiram, trabalhei na casa de praia de Jonathan e Jane, na Flórida. É uma boa coisa ter amigos com mais casas do que corpos, especialmente se eles gostam de partilhá-las. O restante eu escrevi na cafeteria perto de casa, e bebi xícaras e mais xícaras de um chá horroroso em uma demonstração bem patética de esperança superando a experiência.

Roger Forsdick e Graeme Baker me ofereceram seu tempo para responder minhas dúvidas sobre polícia, fraudes e tratados de extradição. Roger também me mostrou as celas, me convidou para jantar e leu o manuscrito final. Sou muito grato aos dois.

Sharon Stiteler esteve sempre atenta e garantiu que as aves corretas entrassem no livro, além de responder todas as minhas perguntas avícolas. Pam Noles foi a primeira a ler qualquer linha desta história, e suas reações me estimularam a seguir adiante. Uma pequena multidão me emprestou seus olhos, mentes e opiniões, entre elas Olga Nunes, Colin Greenland, Giorgia Grilli,

Anne Bobby, Peter Straub, John M. Ford, Anne Murphy, Paul Kinkaid, Bill Stiteler e Dan e Michael Johnson. Qualquer fato ou opinião incorretos são de minha responsabilidade, e somente minha.

Agradeço também a Ellie Wylie; a Thea Gilmore; às sras. de Lakeside; à srta. Holly Gaiman, que aparecia para ajudar sempre que achava que eu precisava de uma filha sensata por perto; aos Petes da Hill House Publishers; a Michael Morrison, Lisa Gallagher, Jack Womack, Julia Bannon e Dave McKean.

Jennifer Brehl, minha editora na Morrow, foi a pessoa que me convenceu que a história que contei para ela durante um almoço daria um bom romance. Na época, eu não tinha muita certeza sobre o que seria meu próximo livro, e ela ouviu pacientemente quando liguei para ela uma noite e li o primeiro terço do livro. Só por essas coisas ela já devia ser canonizada. Jane Morpeth, da Headline, é o tipo de editora que os escritores torcem para conseguir se forem bonzinhos e comerem todas as verduras. Merrilee Heifetz, da Writers House, e sua assistente, Ginger Clark, e, no Reino Unido, Dorie Simmonds, são minhas agentes literárias. Tenho sorte por tê-las ao meu lado, e tenho consciência disso.

John Levin me mantém atualizado sobre o mundo do cinema. Minha assistente, Lorraine, me ajudou a continuar escrevendo e fez excelentes xícaras de chá.

Não acho que eu poderia ter escrito sobre Fat Charlie sem ter um ótimo e embaraçoso pai, além de ótimos e embaraçosos filhos. Um viva às famílias.

E um agradecimento final a algo que não existia quando escrevi *Deuses americanos*: aos leitores do site www.neilgaiman.com, que sempre estiveram presentes quando eu precisava de alguma informação e que, até onde sei, juntando todos ali, sabem tudo o que há para saber.

— Neil Gaiman,
junho de 2005

SOBRE O AUTOR

© Kimberly Butler/One Love Productions



Neil Gaiman foi citado no *Dicionário de biografia literária* como um dos dez maiores escritores pós-modernos vivos, tem mais de vinte livros publicados para leitores de todas as idades e já foi agraciado com inúmeros prêmios literários, incluindo o Hugo, o Branstoker e a Newbery Medal. Começou a carreira como jornalista, mas logo seu talento para construir tramas e universos únicos foi levado para o mundo dos quadrinhos, com a aclamada série *Sandman*, e depois para a ficção adulta e a infantojuvenil. Algumas de suas obras foram adaptadas para o cinema e para a tevê. O autor nasceu em Hampshire, Inglaterra, e hoje vive nos Estados Unidos. Pela Intrínseca já publicou também *O oceano no fim do caminho*, *Faça*

boa arte e A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras.

Junte-se aos mais de dois milhões de seguidores de Neil Gaiman no Twitter (@neilhimself) e no Facebook (Facebook.com/NeilGaiman) ou visite seu site: www.neilgaiman.com.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



O oceano no fim do caminho



Faça boa arte



A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras

LEIA TAMBÉM



O torreão
Jennifer Egan



Uma breve história do tempo
Stephen Hawking



Caixa de pássaros
Josh Malerman



A arte de pedir
Amanda Palmer